



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**A LÍNGUA DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE”: UMA ANÁLISE
SOCIODISCURSIVA DAS GÍRIAS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO INTERIOR
DO TOCANTINS**

SOLANGE CAVALCANTE DE MATOS

**BRASÍLIA
2014**

SOLANGE CAVALCANTE DE MATOS

**A LÍNGUA DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE”: UMA ANÁLISE
SOCIODISCURSIVA DAS GÍRIAS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO INTERIOR
DO TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Elizabeth Bortone

BRASÍLIA
2014

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**A LÍNGUA DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE”: UMA ANÁLISE
SOCIODISCURSIVA DAS GÍRIAS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO INTERIOR
DO TOCANTINS**

SOLANGE CAVALCANTE DE MATOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra. Marcia Elizabeth Bortone (UnB/LIP)
Membro Presidente

Prof^ª. Dra. Vera Aparecida de Lucas Freitas (UnB/FE)
Membro Externo

Prof^ª. PhD. Stella Maris Bortoni-Ricardo (UnB/LIP)
Membro Interno

Prof^ª. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP)
Membro Suplente

BRASÍLIA – DF, 21 DE MARÇO DE 2014

Dedico este trabalho

Ao meu anjinho Murilo (*in memorian*),
uma estrela linda a iluminar meus
caminhos... lá do céu onde mora.

Ao novo rebento que está sendo gerado em meu ventre,
que sejas uma estrela na terra
a encher nossas vidas de alegria e sentido.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, pelo fortalecimento nos momentos em que pensei em desistir, pela sabedoria, paciência, e por conceder-me a graça de vencer todas as dificuldades e chegar até aqui.

Ao meu esposo, José Ronilson, pelo apoio, incentivo e compreensão durante esses dois anos. Obrigada por ter suportado minhas ausências e compreendido que os frutos de tal labor colheremos juntos, em um futuro bem próximo.

À professora Marcia Elizabeth Bortone, por ter orientado este trabalho de forma dedicada, sábia e incentivadora, fazendo com que eu acreditasse em minha capacidade.

À professora Marcilene de Assis Alves Araújo, do Centro Universitário Unirg de Gurupi, mestra primeira que “me ensinou a pescar” no tempo da graduação, abrindo horizontes para grandes conquistas profissionais e acadêmicas. Obrigada, minha eterna mestra!

À minha mãe Delzuita, às minhas irmãs, Soraya e Silmara, e a todos os meus amigos por demonstrarem orgulho e satisfação em me ver concluir mais essa etapa da minha vida acadêmica.

Aos meus sobrinhos Kayo César, Grazielle e Letícia; e à minha enteada Isadora (filha do coração), por terem alegrado meus finais de semana, durante essa árdua jornada.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, por ter me concedido horário especial para cursar os créditos do Mestrado na Universidade de Brasília; e por ter autorizado meu afastamento da instituição para concluir a segunda e mais árdua etapa do curso, a escrita da presente dissertação.

Ao colega de profissão e amigo, professor Sérgio José da Costa, que sofreu a espera pelo afastamento junto comigo. Obrigada pelo constante incentivo e pelo exemplo de humildade e dedicação que sempre me transmitiu. Que possas, também, concluir seu doutorado com êxito!

Às minhas “colegas de quarto”, Geruza, Lia e Carina, por compartilharem a kit net e seus sonhos comigo. Em especial, agradeço à amiga Carina pelo constante incentivo e por ter me ensinado a “me virar sozinha na gigante Brasília”.

À Universidade de Brasília, por ter me acolhido durante esses dois anos; e aos professores: Marcia Elizabeth Bortone, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Flávia de Castro Alves, Marina Maria Silva Magalhães, Rozana Reigota Naves, Maria Luiza Monteiro Sales Coroa e Rosineide Magalhães de Sousa, pelos dotos ensinamentos transmitidos durante suas aulas.

À Casa de Prisão Provisória de Gurupi, nas pessoas do senhor diretor, Paulo Sérgio Vieira de Souza, e do Agente Penitenciário, José Ronilson Amancio da Silva; e ao Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, de Cariri, nas pessoas do senhor Daniel Barbosa da Silva Filho, diretor, e do Agente Penitenciário, senhor Antônio Lázaro Lima Sampaio, que abriram as portas das respectivas casas de detenções e não mediram esforços para nos auxiliar em nossa pesquisa, sobretudo, garantindo nossa segurança e conforto durante as entrevistas com os reeducandos.

A todos os reeducandos e policias civis (agentes penitenciários, agente de polícia e delegado) que aceitaram participar dessa pesquisa, concedendo-nos as entrevistas e informações necessárias para o êxito de nosso trabalho. A contribuição de vocês foi essencial! Vocês são coautores deste trabalho!

“É fantástico descobrir que a linguagem é o retrato do falante, do seu modo de pensar e ver o mundo e que, ao se expressar pela linguagem, o indivíduo diz de onde é e quem é, mesmo sem o dizer!”

(Palavras da autora)

RESUMO

A forma como um grupo humano representa sua realidade por meio da língua e da cultura é capaz de revelar um retrato da vida social desse grupo, deixando explícito o que pensam e sentem e o porquê de assumirem determinados comportamentos. Tomando a gíria como um signo de grupo, esta dissertação tem como objetivo o estudo da linguagem do Sistema Penitenciário do interior do Estado do Tocantins, mais especificamente da Casa de Prisão Provisória de Gurupi e do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri. Para nortear nossa pesquisa, optamos pelo modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Interacional (GUMPERZ, 1988), numa abordagem qualitativa, sendo que, para a geração dos dados, utilizamos a observação participante e a entrevista semiestruturada (aplicada a um grupo de reeducandos¹ e policiais), dando à pesquisa de campo uma perspectiva etnográfica. No decorrer da pesquisa, identificamos e analisamos aspectos linguísticos, discursivos, sociais e interativos das gírias utilizadas no sistema penitenciário. As análises, feitas com base principalmente em Bagno (2001), Chauí (1998), Thompson (2009), Gnerre (2009), Preti (2004), Gumperz (1988), Goffman (2012), Lakoff (1985), Lakoff & Johnson (2002) e Remenche (2003), revelaram que o contexto de exclusão social e violência dos apenados contribui para a criação de uma linguagem peculiar, metafórica e restrita, a gíria de grupo, reveladora da visão de mundo do grupo marginal e carregada de marcas ideológicas e identitárias. Com esta pesquisa, esperamos contribuir para os estudos linguísticos, especialmente para a vertente interacional da Sociolinguística, posto que procuramos revelar a força da linguagem como instrumento de poder e como reflexo da cultura e modo de pensar e agir de seus falantes, o que concorrerá para a construção do senso crítico da sociedade a respeito de escolhas linguísticas mais adequadas a cada contexto de comunicação. Ademais, esperamos contribuir para a reflexão a respeito da atual situação das casas de detenções brasileiras, apontando para a necessidade de se repensar o processo de ressocialização e educação nos presídios brasileiros.

Palavras-Chave: Gírias de Grupo. Sistema Penitenciário. Sociolinguística Interacional.

¹ O termo “reeducando” é usado para designar os presos condenados do sistema prisional brasileiro, posto que um dos objetivos do sistema é contribuir para a ressocialização dos apenados, possibilitando que estes se reintegrem à sociedade, após o cumprimento da pena.

ABSTRACT

The way a human group represents your reality through language and culture can reveal a portrait of group's social life, making explicit what they think and feel and why assume certain behaviors. Taking slang as a sign of the group, this dissertation aims to study the language of the Penitentiary System in the state of Tocantins, more specifically the Provisory Prison of Gurupi and the Center for Social Rehabilitation "Light of Tomorrow" from Cariri. To guide our research, we chose the theoretical and methodological framework of Interactional Sociolinguistics (Gumperz, 1988), a qualitative approach, and for generating data, we used participant observation and semi-structured interview (applied to a group of reeducation and police) to give an ethnographic perspective to field research. During the research, we identify and analyze linguistic, discursive, social and interactive aspects of slang used in the prison system. The analyzes, made based primarily on Bagno (2001) Chauí (1998), Thompson (2009) Gnerre (2009), Preti (2004), Gumperz (1988) Goffman (2012), Lakoff (1985), Lakoff & Johnson (2002) and Remenche (2003), revealed that the context of social exclusion and violence by inmates contributes to the creation of a peculiar metaphorical and restricted language, slang group, revealing the worldview of the marginal group and charged ideological and identity marks. With this research, we hope to contribute to linguistic studies, especially for the interactional aspect of Sociolinguistics, because we sought to reveal the power of language as an instrument of power and reflecting the culture and way of thinking and acting of its speakers, which compete for building the critical thinking of society regarding the most appropriate linguistic choices for each communication context. Furthermore, we hope to contribute to the discussion about the current situation of Brazilian arrests homes, pointing to the need to rethink the process of rehabilitation and education in Brazilian prisons.

Keywords: Slang Group. Penitentiary System. Interactional Sociolinguistics.

NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda ... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-as-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. { sexta-feira? A. Fizeram { lá... B. { cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIRA entre nós”...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D².

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá? Você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::... (alongamento e pausa)*
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

Fonte: Preti, 2001, p. 11

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – ABORDAGEM TEÓRICA: A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E O USO DA LÍNGUA NA INTERAÇÃO SOCIAL	17
1.1 INTRODUÇÃO	17
1.2 WILLIAN LABOV E A CONCEPÇÃO SOCIAL E LÍNGUA	18
1.2.1 A heterogeneidade da língua: as variáveis e variantes linguísticas	20
1.2.2 O paradoxo do observador	23
1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, PRECONCEITO E IDEOLOGIA	24
1.4 A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL	27
1.4.1 O objeto de estudo da Sociolinguística Interacional	28
1.4.2 A interação face a face e as estratégias discursivas	31
1.4.3 A preservação da fachada	34
1.4.4 Os <i>footings</i>	36
1.4.5 Linguagem, cultura e identidade social	40
1.5 O ESTUDO DA GÍRIA: CÓDIGO SECRETO E IDENTIDADE DE UM GRUPO ...	42
1.5.1 Breve histórico do estudo da gíria	45
1.5.2 A linguagem dos “filhos errantes da sociedade”: o caráter criptológico da gíria dos sistemas prisionais brasileiros	49
1.6 A METÁFORA COMO UM RECURSO SOCIODISCURSIVO	51
1.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: ABORDAGEM QUALITATIVA NA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA	58
2.1 INTRODUÇÃO	58
2.2 ABORDAGEM QUALITATIVA	58
2.2.1 Etnografia	59
2.3 OS DESAFIOS DA PESQUISA DE CAMPO	63
2.3.1 Métodos de geração de dados: observação participante e entrevista	67
2.3.1.1 Observação participante	67
2.3.1.2 Entrevista	69
2.3.1.2.1 Roteiro das entrevistas	71
2.3.2 Perfil dos colaboradores	73
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE SOCIODISCURSIVA DA LÍNGUA(GEM) DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE”: UM RETRATO DA VIDA NA PRISÃO ..	77
3.1 INTRODUÇÃO	77
3.2 O AMBIENTE PRISIONAL	78
3.3 “QUEM FALA ASSIM É MALANDRO E PRETO”: IDENTIDADE, CULTURA, PRECONCEITO E IDEOLOGIA NA GÍRIA DAS PRISÕES	87
3.4 A PRESERVAÇÃO DA FACHADA DOS REEDUCANDOS	95
3.5 O CARÁTER SECRETO DAS GÍRIAS DOS REEDUCANCOS E A INTERAÇÃO COM OS POLICIAIS	105
3.6 AS CRIAÇÕES METAFÓRICAS DAS GÍRIAS DOS REEDUCANDOS	120
3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
PALAVRAS FINAIS	132

REFERÊNCIAS.....	135
APÊNCIDES	142
APÊNDICE A – GLOSSÁRIO DAS GÍRIAS DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE	143
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS REEDUCANDOS E POLICIAIS	149
ANEXOS	197
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO JUDICIAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO NA CASA DE PRISÃO PROVISÓRIA DE GURUPI – TO (CPPG)	198
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA CHEFIA DO NÚCLEO DO ESTABELECIMENTO PENAL CENTRO DE REEDUCAÇÃO SOCIAL LUZ DO AMANHÃ DE CARIRI – TO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	200

INTRODUÇÃO

A linguagem, que é a essência da sociedade, reflete a cultura, as atitudes, o modo de ser e pensar do grupo a que o falante pertence. Assim sendo, existem práticas de linguagens diferentes, que podem ser privilegiadas em detrimento de outras, gerando, com isso, atitudes e valores, conforme afirma Faraco (1985, apud REMENCHE, 2003).

Os grupos minoritários produzirão, pois, diferentes falas, dentre as quais ressaltamos aqui a *gíria de grupo*, ou *gíria marginal*, que, de acordo com Preti (2004), é usada por falantes que pretendem comunicar-se entre si sem serem compreendidos por outras pessoas que não pertencem ao grupo. A significação dos vocábulos é, desse modo, preservada, tornando a *gíria* uma linguagem secreta, somente compreensível àqueles que pertencem ao grupo específico de falantes. Dentre esses grupos fechados, cujo comportamento se afasta da maioria da sociedade, podemos citar, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, à dança, aos esportes, à universidade; bem como aqueles conflituosos e violentos ligados às drogas e tráfico, à prostituição, ao crime e ao ambiente das prisões. E é exatamente este último que será o objeto de pesquisa da presente dissertação.

Do convívio matrimonial com um Agente Penitenciário da Secretaria de Defesa Social do Estado do Tocantins, desde o ano de 2005, surgiu a curiosidade em estudar a linguagem dos reeducandos, posto que sempre ouvíamos dentro de casa alguns vocábulos bem diferentes como, por exemplo, “*cagueta*”, “*latada*”, “*pela porco*”, dentre outros. E ao perguntarmos o significado dessas palavras, notamos que é interessante a relação semântica/metafórica com o significado original. A expressão *gíria* “*pela porco*”, por exemplo, no contexto do Sistema Penitenciário, significa “*banho de sol*”, ou seja, há uma metáfora ao processo de tirar o *pelo* do porco, quando este é abatido, pois para isso é necessário aquecê-lo, assim como o sol faz aos detentos que, diariamente, são retirados de suas celas para terem contato com o sol, em um pátio dentro dos muros do estabelecimento penal.

Apesar de a linguagem ser considerada um instrumento de comunicação entre as pessoas e, por este motivo, ser usada de forma clara para que haja maior compreensão entre os interlocutores, os “filhos errantes da sociedade”² (presos ou em liberdade) buscam ser compreendidos apenas pelo grupo a que pertencem, criando uma linguagem criptológica

² Essa expressão é usada em referência aos reeducandos e/ou criminosos em geral. Tomamos emprestado aqui a fala do Agente Penitenciário, grande amigo e colaborador desta pesquisa, senhor Antônio Lázaro Lima Sampaio, que assim designou os detentos em seu discurso de posse na Secretaria da Segurança Pública (hoje Secretaria de Defesa Social) do Estado do Tocantins, por acreditar que tais sujeitos são frutos de uma sociedade de oportunidades desiguais.

peculiar. Esse isolamento linguístico está relacionado ao isolamento social em que o grupo se encontra, pois, na maioria dos casos, foi o desamparo econômico e social que o levou à delinquência e, conseqüentemente, à exclusão do convívio social. Dessa forma, esse grupo estigmatizado pela sociedade acaba formando uma comunidade linguística diferenciada, como forma de identificação do grupo e de reação e luta contra a sociedade excludente.

Ao analisar a literatura referente ao tema e o comportamento dos apenados, nota-se que, mais do que simplesmente uma forma criativa e expressiva de linguagem, a gíria que utilizam é uma maneira do grupo falar sem ser compreendido pela sociedade em geral e pela polícia, ou seja, eles usam esse signo de grupo secreto para facilitar a prática de crimes sem serem facilmente descobertos.

De acordo com uma pesquisa realizada na antiga Casa de Detenção de São Paulo, “a gíria, meio de identificação entre os detentos, no interior do presídio, configura um código, muitas vezes desconhecido, quase sempre, até pelos guardas.” (STELLA, 2003, apud PRETI, 2010, p. 164).

O vocabulário desse grupo é tão diferente que, aos ouvidos de pessoas não iniciadas, pode parecer se tratar de outro idioma, uma segunda língua³, uma vez que o grupo cria novas palavras a partir do vocabulário comum, por meio da deformação de significantes, mudanças de categorias gramaticais e da criação de metáforas, metonímias e eufemismos reveladores da visão de mundo do grupo marginal. (PRETI, 2004).

Não há como negar que essa linguagem criptológica desperta nossa curiosidade. E foi justamente essa curiosidade, aliada ao aumento da criminalidade em nosso país e no estado do Tocantins, onde nascemos e residimos, que nos levou a fazer um estudo sociolinguístico e discursivo a respeito da linguagem dos reeducandos da Casa de Prisão Provisória de Gurupi⁴ (CPPG) e do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, de Cariri⁵, ambos localizados no estado do Tocantins.

Cumprе ressaltar que a violência, antes restrita aos grandes centros urbanos, tem aumentado de forma alarmante no interior do estado do Tocantins, principalmente devido ao aumento do tráfico e consumo de drogas entre os jovens. De acordo com dados publicados

³ A estrutura gramatical e textual é praticamente a mesma do português, mas o léxico é bastante alterado a ponto de impedir a compreensão, como será mostrado no decorrer da pesquisa.

⁴ Gurupi é a terceira maior cidade do Estado do Tocantins. Está localizada na região sul, a 250 km da capital Palmas e a 742 km de Brasília. Sua população estimada em 2012 era de 78.525 habitantes. As principais fontes de renda do município são a pecuária e a agricultura. Possui um campus da Universidade Federal do Tocantins (UFT), oferecendo os cursos de Agronomia, Biologia, Engenharia Florestal, Engenharia Biotecnológica e de Bioprocessos e Química Ambiental. Também está presente o Centro Universitário Unirg, contando atualmente com 15 cursos em nível de graduação (em diversas áreas) e um *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFTO), que oferece Ensino Médio profissionalizante, cursos técnicos na área de Edificações e Agronegócios e um curso superior de licenciatura em Artes Cênicas.

⁵ Pequena cidade localizada a cerca de 20 km de Gurupi, cuja população é estimada em 3.100 habitantes.

no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2013, a taxa de homicídios dolosos no Estado cresceu 14,3% entre 2011 e 2012⁶, praticamente o dobro do percentual nacional, que apresentou crescimento de 7,8% no mesmo período. Por sua vez, as ocorrências policiais registradas de crime de tráfico de entorpecentes, no Estado do Tocantins, teve um aumento de 19% entre 2011 e 2012, e os registros de posse e uso de entorpecentes apresentou um aumento de 26,5%, este último também superou a média nacional que foi de 8,5%.

E como a linguagem é o reflexo das práticas sociais, com o aumento da criminalidade tem crescido também o uso da linguagem criptológica entre os marginais do crime. Na edição de novembro de 2012, a revista Língua Portuguesa trouxe uma reportagem sobre a linguagem cifrada de uma facção criminosa de São Paulo, denominada de PCC (Primeiro Comando da Capital), que criou sua própria estrutura de linguagem para ter maior controle sobre suas operações criminosas. Trata-se de uma linguagem cifrada e metafórica que tem relação direta com o poder e, ao mesmo tempo em que visa à comunicação interna, exclui as pessoas que não pertencem ao grupo, uma vez que o vocabulário é bastante alterado por criações metafóricas que expressam a visão de mundo do grupo marginal. Notamos que essa “linguagem especial” é usada também no Estado do Tocantins (com algumas variações), até mesmo porque, de acordo com os noticiários locais e com os próprios policiais sujeitos de nossa pesquisa, há indícios da existência de membros do PCC nas cadeias públicas da Unidade Federativa supracitada. Isso se deve ao fato de os apenados estarem em constante trânsito pelas casas de detenções do país, por meio de transferências e/ou mudanças de endereço quando estão em liberdade.

A partir desse contexto, ao ingressarmos no curso de Mestrado em Linguística na Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2012, procuramos estabelecer uma relação entre os conhecimentos adquiridos e a realidade social descrita acima.

Logo percebemos que a Sociolinguística Interacional, por considerar em seus estudos a estreita relação entre língua, cultura e identidade social, bem como a influência de aspectos ideológicos e contextuais no processo comunicativo, nos permitia responder a alguns questionamentos que formulamos a respeito dos aspectos linguísticos e sociais dos “filhos errantes da sociedade”, quais sejam:

- Os detentos e criminosos em geral utilizam uma linguagem criptológica com a finalidade de planejarem e praticarem crimes sem serem facilmente descobertos pelas autoridades policiais?

⁶ Só na cidade de Gurupi foram registrados 83 casos, entre tentativas e homicídios consumados no Município no ano de 2012, de acordo com reportagem do jornal online Tribuna do Tocantins.

- Os policiais compreendem com facilidade a linguagem dos “filhos errantes da sociedade” ou têm dificuldade em compreendê-la?
- Como é o processo de formação das gírias dos reeducandos? Existem semelhanças metafóricas com o significado original das palavras?
- Essa linguagem hermética está relacionada ao crescimento da criminalidade e a outros aspectos socioculturais de seus falantes?

Responder a essas questões constitui, pois, os objetivos da presente Dissertação de Mestrado. E para tanto, adotamos uma perspectiva etnográfica em nossa pesquisa de campo, uma vez que essa metodologia nos permite a obtenção de dados descritivos a partir do contato direto do(a) pesquisador(a) com os informantes e da observação de sua realidade sociocultural, possibilitando uma análise qualitativa e crítica dos dados gerados, o que se mostra adequado aos objetivos da vertente interacional da Sociolinguística.

Nesse viés, a pesquisa em epígrafe é relevante, pois se insere em um contexto social atual e polêmico, buscando estudar o fenômeno gírio paralelamente ao estudo sociológico da violência e agressividade que tem aumentado significativamente em nosso país e, sobretudo, no Estado do Tocantins. Além disso, a presente pesquisa é academicamente pertinente no que se refere aos estudos linguísticos, especialmente no que tange à Sociolinguística Interacional, posto que ao estudar a linguagem dos “filhos errantes da sociedade” do ponto de vista dessa Ciência, contribuir-se-á para revelar a força da linguagem como instrumento de poder e como reflexo da cultura e modo de pensar e agir de seus falantes, contribuindo, desse modo, para a construção do senso crítico da sociedade a respeito de escolhas linguísticas mais adequadas a cada contexto de comunicação.

Isso posto, seguimos, nesta dissertação, as recomendações de Preti (1984, p.15), para o estudo das *gírias de grupo* ou *gíria marginal*, ou seja, partimos da linguagem a fim de “se chegar à compreensão das variantes socioculturais que a produziram, pois como é a sociedade que determina a linguagem, esta poderá vir a ser ‘um índice sensível de muitos processos sociais’, como se referia Labov.”

Utilizamos, na presente dissertação, a primeira pessoa do plural, pois a mesma foi constituída a partir do diálogo com os informantes e com os estudiosos que nos precederam na investigação da temática aqui abordada. Assim, nosso texto é composto por diferentes vozes, consentâneo ao que postula Bakhtin (2003). Contudo, em alguns momentos, utilizamos a primeira pessoa do singular, a fim de evidenciar algumas motivações pessoais que nos levaram a estudar a “língua dos filhos errantes da sociedade”.

No que concerne à arquitetura, a dissertação em tela divide-se em cinco partes, a saber: introdução, capítulo teórico, capítulo metodológico, capítulo analítico e considerações finais. Além disso, constam, em apêndice, um glossário das gírias mais utilizadas nos ambientes prisionais pesquisados e as transcrições das entrevistas realizadas com os reeducandos e policiais. Também anexamos ao trabalho as autorizações das autoridades competentes para a realização das entrevistas com os reeducandos.

Nesta parte, a introdução, apresentamos nosso objeto de estudo, a *gíria de grupo* dos “filhos errantes da sociedade”, evidenciando, de forma sintética, as motivações para seu estudo, o aporte teórico e metodológico que em nos apoiamos e os objetivos almejados.

No capítulo 1, “Abordagem teórica: a Sociolinguística Interacional e o uso da língua na interação social”, tratamos da vertente teórica que fundamenta a pesquisa, evidenciando os pressupostos teóricos de Labov (1966, 2008), Bagno (2001, 2009, 2010), Gumperz (1988), Goffman (2012), Preti (1984, 2004), Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), dentre outros.

No segundo capítulo, “Procedimentos e princípios metodológicos: abordagem qualitativa na perspectiva etnográfica”, apresentamos uma síntese dessa abordagem metodológica; descrevemos os procedimentos para a entrada em campo e os desafios encontrados para conseguirmos as entrevistas com os reeducandos; apresentamos os instrumentos metodológicos utilizados para a geração de dados; e identificamos os colaboradores da pesquisa.

No capítulo 3, “Análise sociodiscursiva da língua(gem) dos ‘filhos errantes da sociedade’: um retrato da vida na prisão”, descrevemos, analisamos e interpretamos o discurso dos reeducandos e policiais, procurando responder às perguntas desta dissertação, a partir dos pressupostos teóricos abordados no capítulo 1.

Finalmente, nas considerações finais (“Palavras finais”), fizemos um apanhado geral dos pontos apresentados ao longo da Dissertação, que, longe de esgotar o assunto, apresentará algumas observações da pesquisadora sobre os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1

ABORDAGEM TEÓRICA: A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL E O USO DA LÍNGUA NA INTERAÇÃO SOCIAL

1.1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo traz a fundamentação teórica deste trabalho, o qual é pautado nos estudos da Sociolinguística Interacional desenvolvidos, sobretudo, por Gumperz (1988), Goffman (2012) e Schiffrin (1996), tendo inúmeras pesquisas no Brasil na área, como as de Bortone (1993), Bortoni-Ricardo (2005, 2011) e Sousa (2006). A escolha desse pressuposto teórico surgiu da necessidade de explicar o fenômeno de interação entre reeducandos e policiais, que se dá por meio da linguagem gíria do Sistema Penitenciário.

A Sociolinguística Interacional contribui para fundamentar nossa discussão porque nosso objeto de estudo, a gíria dos reeducandos, é explicado considerando-se as experiências adquiridas na interação face a face entre a pesquisadora e seus colaboradores, sendo que os dados são analisados criticamente e a partir da realidade sociocultural, na qual estão inseridos esses detentos.

Sabemos que a Sociolinguística Interacional surgiu no final do século XX como uma nova abordagem da Sociolinguística Variacionista, mais ampla, com uma perspectiva qualitativa. Por isso, julgamos relevante fazer um estudo cronológico desse modelo teórico-metodológico, desde seu surgimento, em 1963, com os estudos do linguista americano Willian Labov, até chegar à Sociolinguística Interacional, a qual surge da necessidade de um conhecimento mais aprofundado do funcionamento do processo comunicativo, procurando explicar questões ideológicas e identitárias não solucionadas pelo modelo anterior.

Desse modo, iniciaremos o presente capítulo falando sobre os estudos de Labov (1966, 2008), marco inicial para uma concepção social da língua; em seguida, abordaremos os tipos de variações linguísticas, com base principalmente em Calvet (2002), Mollica (2012) e Tarallo (2006); seguidas de uma análise sócio-ideológica dessas variações com base, principalmente, nos estudos de Bagno (2001, 2009, 2010), Chauí (1995) e Thompson (1990, 2009); logo depois, falaremos sobre a Sociolinguística Interacional, o modelo teórico-metodológico adotado por nós na presente dissertação, enfatizando, sobretudo, as estratégias

discursivas e as relações entre linguagem, cultura e identidade social (Gumperz, 1988) e os rituais de interação (Goffman, 2012), os quais dialogam com a teoria da enunciação de Bakhtin (2006) ao revelarem que é a sociedade que determina a linguagem; nos deteremos, ainda, sobre a linguagem de grupos específicos – as gírias – com base nos trabalhos de Preti (1984, 2004); e, finalmente, tendo como base os estudos de Sardinha (2007), Remenche (2003), Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), faremos uma breve explanação sobre a metáfora, seu conceito e função no discurso, posto que esta é bastante proeminente na linguagem gíria do submundo do crime.

1.2 WILLIAN LABOV E A CONCEPÇÃO SOCIAL DA LÍNGUA

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em seu contexto social. Essa ciência ocupa um espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando, precipuamente, os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2012).

A Sociolinguística surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos, graças, sobretudo, às pesquisas de William Labov, que veio mostrar que toda língua sofre variações de acordo com o tempo, com o espaço e com a situação social do falante. Seu primeiro estudo data de 1963, cujo objetivo foi estudar as alterações fonéticas dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ do inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos). A pesquisa mostrou que os vineyardenses apresentam um alto grau de centralização dos ditongos supra e que sua utilização está diretamente ligada à estrutura social do falante, pois este procura falar como o grupo, a fim de ser aceito e pertencer ao grupo. Desse modo, “quando um homem diz /rɛɪt/ ou /hæʊs/, está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.” (LABOV, 2008, p. 57).

Na ilha de Martha's Vineyard, Labov estudou três grupos étnicos de vineyardenses nativos endógenos: descendentes ingleses, ascendentes portugueses e remanescentes indígenas de Gay Head, sendo que foi evidenciado que o grupo de portugueses mais jovens apresenta maior centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ porque se identificam mais com a ilha e com o seu modo de vida, mais do que os ingleses que, em sua maioria, deixam a ilha para cursar faculdade e poucos retornam, enquanto a maioria do grupo português permanece. Os índios, cuja língua materna está morta, por sua vez, também apresentam um alto grau de

centralização de /aw/ como forma de dizer que também é um vineyardense e como forma de luta contra a discriminação que sofreram e sofrem pelos outros habitantes da ilha.

Com esse estudo, Labov conclui que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.” (LABOV, 2008, p. 21). Podemos, então, afirmar que a teoria laboviana permitiu chegar ao entendimento de que a variação linguística fônica é passível de sistematização, e que não é caótica, antes apresenta regularidades que não são devidas ao acaso. Existe uma relação intrínseca e inseparável entre a língua e a sociedade, ou seja, a língua possui fatores internos (sistema) e externos. Modesto (2004, p. 1) afirma que a partir dos estudos labovianos, “a língua passou a ser vista como um instrumento social de comunicação, sendo os atos linguísticos eminentemente sociais e pragmáticos; instrumentos para se estabelecer e manter o relacionamento entre os indivíduos em sociedade.”

Além desse estudo realizado em Martha’s Vineyard, Labov desenvolveu vários outras pesquisas relevantes, como o estudo sobre a estratificação social do inglês falado nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque (1966); a hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança linguística, dentre outros, os quais encontram-se reunidos em seu livro “Padrões Sociolinguísticos”, traduzido recentemente (2008) para o português por Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso.

Em todas essas pesquisas o que é comum é o fato de que os fatores sociais influenciam diretamente no uso da língua, ocasionando as mudanças linguísticas. No caso do estudo realizado nas lojas de departamentos em Nova Iorque (1966), por exemplo, foi evidenciado que a loja de maior *status* social apresentou maior porcentagem no uso do /r/ por seus vendedores e clientes, variante linguística que goza de prestígio social. Isso revela que as mudanças linguísticas estão diretamente relacionadas a fatores extralinguísticos, e que quanto maior o prestígio de uma dada classe social, maior será o prestígio da variante linguística por ela adotada, ao passo que as classes que gozam de menor prestígio social terão suas variantes linguísticas desprestigiadas pela classe dominante. Podemos, assim, afirmar que a língua reflete a identidade sociocultural do falante e que seu jeito de falar revela a que grupo ele pertence.

Esse modelo de análise linguística proposto por Labov é chamado de “Sociolinguística Quantitativa”, porque opera com números e com o tratamento estatístico dos dados linguísticos coletados.

1.2.1 A heterogeneidade da língua: as variáveis e as variantes linguísticas e sociais

Todas as línguas apresentam caráter heterogêneo, pois sofrem variações de acordo com o tempo, com o espaço e com a situação social do falante, ou seja, além de uma mudança diacrônica, existe também a sincrônica, pois podem coexistir em uma mesma língua modos diferentes de se dizer a mesma coisa. Tais mudanças ocorrem, sobretudo, na língua falada devido ao seu dinamismo. O português falado no Brasil apresenta vários exemplos de variações linguísticas no campo semântico, morfossintático, fonético-fonológico e pragmático-discursivo.

Dentre esses exemplos, podemos citar a preferência do pronome de tratamento “tu” pelos falantes do sul do país, traço que os diferencia dos falantes das demais regiões do país, evidenciando uma variação geográfica. A presença de marcadores de concordância verbal e nominal como em “os meninos *correm*” podem alternar com a ausência de tais marcadores, podendo ocorrer enunciados do tipo: “os menino ϕ corre ϕ ”. A realização de “*pobrema*”, “*andano*”, “*espaia*”, “*ptá*”, coexistem no português do Brasil com as formas “*problema*”, “*andando*”, “*espalha*”, “*está*”. Com relação à sintaxe, podemos citar a existência das formas “Eu vi *ela* ontem”, “Nós fomos *no* clube”, as quais convivem com os equivalentes semânticos “Eu *a* vi ontem”, “Nós fomos *ao* clube”.

Calvet (2002) cita um exemplo de variação linguística na língua francesa, em que são usadas várias palavras para expressar uma atitude simples do cotidiano que consiste em mexer a salada com um talher para misturar o tempero. Pode-se, em francês, dizer: *la mélanger* (“misturar”), *la touiller* (“mexer”), *la fatiguer* (“cansar”), *la tourner* (“virar”), *la brasser* (“agitar”), *la remuer* (remexer), dentre outras. O autor diz que todas essas formas são regionais: *remuer* e *retourner* são usadas em Paris, *fatiguer* e *tourner* são usadas no sudeste da França, *mélanger* é usada no norte e *brasser* é usado em Saintonge. Assim, quando um falante do francês vindo de Marselha diz *fatiguer la salade*, em Paris, os interlocutores identificam imediatamente a sua origem geográfica. Esse exemplo de Calvet nos remete ao uso de *avexado*, *apressado* e *apurado* no português brasileiro, em que o falante que usar *avexado* será identificado como originário do Nordeste e aquele que usar *apurado* será identificado como sulista.

A partir desses exemplos, conclui-se que todas as línguas naturais humanas apresentam variabilidade linguística. E o objeto de estudo da Sociolinguística é exatamente essa variação, “entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e

analisada cientificamente. Ela (a Sociolinguística) parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” (MOLLICA, 2012, p. 9).

Essas formas linguísticas em variação recebem o nome de “variantes”. “*Variantes linguísticas* são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*.” (TARALLO, 2006, p. 8).

Vejamos um exemplo de variante e variável linguística no português brasileiro:

No português falado no Brasil, a marcação de plural no sintagma nominal [...] encontra-se em estado de variação. Tem-se aqui um exemplo de variável linguística: a marcação do plural no sintagma nominal. A essa variável correspondem duas variantes linguísticas, as adversárias do campo de batalha da variação: a variante (1) é a presença do segmento fônico /s/, e a variante (2), em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma ‘zero’. [...] O plural no português é marcado redundantemente ao longo do sintagma nominal: no determinante, no nome-núcleo e nos modificadores-adjetivos. A variação na marcação do plural no sintagma nominal pode, portanto, tomar as seguintes formas: 1) aS meninaS bonitaS. 2) aS meninaS bonita \emptyset . 3) aS menina \emptyset bonita \emptyset . (TARALLO, 2006, p. 8).

No exemplo acima, notamos que em (1) há o uso da marca de plural em todo o sintagma nominal, revelando que o suposto falante utiliza a norma padrão do português. Já em (2) e (3) a ausência da variante /s/ em alguns dos componentes do sintagma nominal indica que o falante utiliza-se da variante não-padrão do português. A partir dessas variações no vernáculo das comunidades de fala, cabe à Sociolinguística Quantitativa (também chamada Sociolinguística Variacionista) fazer um levantamento exaustivo de dados linguísticos, a fim de verificar quais são mais frequentes e analisar os fatores linguísticos e não linguísticos que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s).

Ao falar em “fatores linguísticos” e “fatores não linguísticos”, fica evidente a existência de “variáveis linguísticas” e “variáveis sociais” na língua. Nesse contexto, Calvet (2002, p. 91) diz que se tem “variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles mantêm têm uma função outra, estilística e social.” O autor toma como exemplo o uso das palavras *toalete*, *reservado*, *banheiro*, *latrina*, *wc* e *sanitário*, as quais são variáveis linguísticas, contudo, cada uma dessas formas é usada com uma função específica pelos falantes. Assim, o uso desses vocábulos pode ser dividido em uma escala de faixas etárias, em que os jovens diriam *banheiro*, seus pais *wc* e seus avós, *reservado*. Mas o uso dessas palavras podem também ser dividido segundo o sexo dos falantes, em que os homens

diriam mais *banheiro* e *wc* e as mulheres, *toalete* e *reservado*. Por último, o autor mostra que essas palavras podem também se dividir segundo uma escala social, com as classes abastadas usando *toalete*, e as classes desfavorecidas usando *latrina*. Isso posto, podemos afirmar que o uso de uma ou outra variável linguística indica a categoria social do falante (mulher, jovem, classe desfavorecida, etc.), ou seja, há uma relação biunívoca entre o conjunto de variáveis linguísticas e o conjunto de variáveis sociais. E cabe à Sociolinguística pesquisar esse tipo de correlação.

Calvet (2002) diz ainda que a língua conhece variações em três eixos: *variações diastráticas* (correspondentes aos grupos sociais); *variações diatópicas* (correspondentes aos lugares) e *variações diacrônicas* (correspondentes às faixas etárias).

Em seu estudo na ilha de Martha's Vineyard, já mencionado nesse capítulo, Labov buscou correlações entre traços linguísticos (a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/) e os traços sociológicos, quais sejam: distribuição da centralização segundo a divisão geográfica (ilha baixa / ilha alta), distribuição segundo os grupos sociais (pescadores, agricultores, outros), segundo a etnia de origem (inglesa, portuguesa, indígena) etc. Não obstante, a explicação para o fenômeno de centralização dos ditongos estava alhures. Ao investigar a vida cotidiana da comunidade, Labov (1966, 2008) descobre que, na época da pesquisa, a população fixa da ilha era de 5.563 habitantes, sendo que nos meses de junho e julho essa população era complementada por mais de 42.000 turistas. Todavia, mesmo com essa invasão de veranistas, os vineyardenses tinham uma taxa de desemprego enorme (o dobro da taxa de desemprego do resto dos Estados Unidos). Diante dessas dificuldades, alguns vineyardenses queriam ir embora à procura de melhores condições de vida; outros, porém, queriam ficar, defender sua ilha. E esse estudo da situação social da ilha permite a Labov chegar a uma conclusão para seus estudos linguísticos: quanto mais gente tem uma atitude positiva em relação à ilha, mais os ditongos são centralizados, ou seja, ao centralizar os ditongos, os vineyardenses revelam que pertencem à ilha, que gostam de viver ali e que não querem ir embora. Por outro lado, aqueles que não centralizam os ditongos têm uma atitude negativa com relação à ilha e, por isso, adotam uma pronúncia continental. Assim, Labov conclui que há uma distribuição social dos ditongos, comprovando-se, desse modo, a relação intrínseca entre variáveis linguísticas e variáveis sociais.

1.2.2 O paradoxo do observador

Conforme já mencionado no presente capítulo, o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua em seu contexto social, ou seja, o uso concreto da língua (o vernáculo), sobretudo na modalidade falada, em situações naturais de interação social.

Desse modo, para a análise Sociolinguística (de base laboviana), é necessária uma grande quantidade de dados linguísticos. No entanto, ao iniciar uma pesquisa nesses moldes, o pesquisador pode se deparar com um paradoxo, qual seja: “como coletar uma vasta quantidade de material, sem que a presença do pesquisador interfira na naturalidade da situação de comunicação?” (TARALLO, 2006, p. 20). Labov (1966, 2008) sugere que um modo de controlar isso é estudar o falante em seu contexto social natural, interagindo com ele, sua família e seus pares. Foi o que fez em sua pesquisa sobre a estratificação social do (r) no inglês falado nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque (1966), em que o entrevistador se aproximava de um vendedor no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento específico da loja, o qual ficava no quarto andar. O objetivo de tal interação era tomar notas, posteriormente e fora da presença do informante, da forma como ele pronunciava a palavra “*fourth floor*”, em estilo monitorado e não monitorado. Destarte, de acordo com Labov (1966, 2008), a interação, do ponto de vista do pesquisador, foi uma maneira de provocar as formas linguísticas desejadas, no contexto desejado e com o contraste estilístico desejado.

Tarallo (2006), ao falar sobre o método da entrevista sociolinguística, diz que a melhor forma de neutralizar a força exercida pela presença do gravador e do próprio entrevistador na comunidade estudada é este assumir “o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem.” (TARALLO, 2006, p. 21). Para tanto, devem-se elaborar módulos (ou roteiros) de perguntas – questionário guia de entrevista –, cujo objetivo é provocar narrativas de experiência pessoal, pois em tais narrativas o falante se envolve emocionalmente *com* o que relata que acaba dando pouca atenção ao *como* relata, ou seja, ele acaba utilizando uma linguagem espontânea e natural, o que é exatamente o foco de estudo do pesquisador-sociolinguista. Tais módulos podem abordar temas como: dados pessoais do informante, jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro, encontros amorosos, etc., cabendo ao investigador adaptá-los de acordo com a realidade da comunidade estudada.

Em seu estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, gueto de Nova Iorque, Labov formulou o módulo “Perigo de morte” para coletar narrativas dos informantes. Veja, a seguir, parte desse módulo, reproduzido por Tarallo (2006, p. 22):

Módulo: Perigo de morte

Pergunta 1: Você já esteve alguma vez em situação em que estivesse correndo sério risco de vida (uma situação em que tenha dito a você mesmo: “Chegou a minha hora!”)?

Pergunta 2: O que aconteceu?

Pergunta 3: Numa situação dessas algumas pessoas dizem: “Bom, seja o que Deus quiser!” O que você acha?

Esse módulo mostrou-se eficaz para o estudo da língua do gueto por Labov e tem sido usado com bastante sucesso por sociolinguistas brasileiros, que, além da tradução acima, têm feito várias outras adaptações de acordo com o grupo estudado.

Julgamos necessário explorar o “paradoxo do observador” postulado por Labov porque, ao longo de nossa pesquisa de campo com os reeducandos do sistema prisional, sentimos de perto tal paradoxo, uma vez que, considerando o estado de reclusão em que os colaboradores se encontravam, era extremamente difícil fazê-los falar espontaneamente sem questionarem se estariam seguros falando, se o material gerado não seria “usado contra eles nos tribunais”. Destarte, conforme explicaremos melhor no capítulo metodológico, seguimos as orientações de Tarallo (2006), assumindo o papel de “aprendiz-interessado” no modo como os reeducandos vivem, ou tentam viver, enquanto cumprem suas penas.

1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, PRECONCEITO E IDEOLOGIA

Já foi mencionado neste capítulo que as línguas naturais são flexíveis, pois sofrem mudanças diacrônica e sincronicamente. Resta-nos aprofundarmos no porquê de tal variação e como essa mudança é vista pelos falantes, pelos ouvintes e pelos estudiosos da linguagem.

Para reforçar a ideia de variação linguística, ressaltamos que a linguagem, essência da sociedade, reflete a cultura, as atitudes, o modo de ser e pensar do grupo a que o falante pertence, consoante ao que já afirmamos alhures. Sem o compartilhamento de um mesmo código linguístico não é possível haver comunicação entre as pessoas e, conseqüentemente, não é possível existir qualquer grupo social. Ora, vivemos em um país estratificado em classes

sociais e, conseqüentemente, concordando com Bagno (2010), não se pode falar em unidade linguística no Brasil, já que não existe igualdade social. Assim, o que ocorre em nosso país é uma espécie de *diglossia*, em que coexistem uma variedade linguística padrão e diversas variedades populares, as quais diferem entre si de acordo com o grupo social do falante.

A variedade padrão e/ou culta da língua é imposta pela ideologia dominante como a “correta”, como a única que goza de prestígio social. Por outro lado, as demais variedades são consideradas “erradas” e “feias”, sendo faladas apenas por pessoas que não têm instrução. Nessa perspectiva, o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Bagno (2010) diz que tais *mitos* geram o chamado *preconceito linguístico* (ou vice-versa), o qual está diretamente associado à ideologia, posto que

a função da ideologia é a de apagar as diferenças como as de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado. (CHAUÍ, 1995, p. 114)

Ao falar sobre a identidade cultural na pós-modernidade, Hall (2006) também enfatiza essa questão ideológica presente na busca por uma identidade nacional, a qual é unificada através do exercício de diferentes formas de poder cultural. De acordo com o autor,

não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-la numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2006, p. 59)

Entretanto, como “as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero” (HALL, 2006, p. 60), em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como “constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p. 61). Todavia, na realidade não é isso o que, de fato, acontece, pois guiados por uma ideologia etnocêntrica, machista e preconceituosa, acabamos concordando com a existência de uma identidade nacional unificadora que anula e subordina as diferenças culturais.

Bagno (2010, p. 53) compartilha desse pensamento ao afirmar que, nesse processo ideológico de apagamento das diferenças socioculturais, toda a sociedade é identificada como

uma única classe social, “o que implica, conseqüentemente, a ideia de que ‘a’ língua é apenas aquela falada por essa mesma classe.”

Nota-se que o preconceito linguístico reflete o preconceito social, já que, na realidade, a sociedade é dividida em classes e, na maioria dos casos, apenas as camadas sociais abastadas têm acesso à variante padrão.

Soares (2006, p. 41) tem a mesma concepção de Bagno, pois afirma que tais atitudes em relação aos dialetos não-padrão não são linguísticas; “são atitudes sociais, culturalmente aprendidas, pois se baseiam em valores sociais e culturais, não em conhecimentos linguísticos. Na verdade, são julgamentos sobre os falantes, não sobre a sua fala.” No caso específico das *gírias de grupo* faladas pelos reeducandos da Casa de Prisão Provisória de Gurupi, Estado do Tocantins, e do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, de Cariri, TO (objeto de estudo da presente pesquisa), esse preconceito linguístico/social é bastante latente, refletindo o medo e a discriminação que a sociedade nutre com relação a esse grupo marginal, conforme analisaremos no Capítulo 3.

Nesse viés, um importante dicionário da língua portuguesa define preconceito linguístico como:

Qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, p. ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos. (HOUAISS, *verbetes preconceito*).

Analisando essa definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Bagno (2009) afirma que o preconceito linguístico pode assumir várias formas e pode ser dirigido a grupos sociais e povos específicos, como no caso dos índios da América, dos negros da África e dos aborígenes da Oceania que, devido à ideologia pregada pelo colonizador europeu, são raças “primitivas” e “inferiores” e, conseqüentemente, usam uma linguagem primitiva e inferior, que não pode ser chamada de língua, recebendo diversos rótulos pejorativos: “*gíria, jargão, caçanje, calão, geringonça, ingresia, charabiá, pretoguês, algaravia*, entre outros. Pode até ser um ‘linguajar’, um ‘falar’ ou mesmo um ‘dialeto’. Mas LÍNGUA nem pensar!” (BAGNO, 2009, p. 16).

Bagno diz que tais ideias é puro etnocentrismo e refletem algumas concepções que vigoravam nos séculos XVIII e XIX, época do colonialismo europeu. Afinal era preciso justificativas “científicas” para a exploração, escravidão e imposição de sua cultura (incluindo a língua) aos povos “selvagens” e não cristãos que habitavam as novas terras conquistadas.

Felizmente, essas ideias retrógradas foram abandonadas pela maioria dos cientistas, graças, sobretudo, aos grandes movimentos políticos e sociais e ao progresso científico. “A antropologia moderna não admite mais que se fale de ‘culturas primitivas’, assim como a linguística moderna rejeita completamente a noção de ‘línguas primitivas’.” (BAGNO, 2009, p. 17). Não obstante, o preconceito linguístico, assim como o social, o racial, o sexual e outros, infelizmente ainda existem no Brasil e em vários outros países, como fruto de uma ideologia etnocêntrica e machista.

Em outro trabalho, Bagno, o grande combatente do preconceito linguístico no Brasil, afirma, de forma quase poética, que considerar uma forma de linguagem mais correta que outra “é a mesma coisa que achar que os homens são mais inteligentes que as mulheres, que os homossexuais são ‘doentes’, ou que os brancos merecem mandar nos negros...” (BAGNO, 2001, p. 25). Nesse ponto, as ideias de Bagno dialogam com Thompson (2009, 1990), posto que fica evidente que se trata de um evento ideológico, em que os sentidos simbólicos (nesse caso a linguagem) servem para manter a dominação, não apenas de classe, mas também de homens sobre mulheres, de um grupo étnico/social sobre outro, ou de estados-nação hegemônicos sobre outros estados-nações localizados à margem do sistema global.

De fato, há uma relação biunívoca entre linguagem e poder, pois, conforme diz Gnerre (2009, 1985, p. 6), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do *poder e da autoridade* que eles têm nas relações econômicas e sociais.” (Grifo nosso). Assim, algumas línguas ou variedades de uma mesma língua serão mais valorizadas do que outras, pois, ideologicamente, a variedade de prestígio é aquela falada pela classe que goza de maior prestígio econômico-social. Diante disso, os falantes em geral terão atitudes, comportamentos e sentimentos em relação a suas línguas, às variedades linguísticas e aos que as utilizam, podendo valorizar sua própria prática linguística ou tentar modificá-la para adequá-la a um modelo prestigioso; ou, por outro lado, julgar os outros falantes segundo seu modo de falar (CALVET, 2002), o que, na verdade, não é um julgamento linguístico, mas social, como temos frisado ao longo deste capítulo.

1.4 A SOCIOLINGÜÍSTICA INTERACIONAL

Ao propormos uma análise dos usos linguísticos sob uma perspectiva social, os pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional são relevantes para as discussões apresentadas na presente dissertação, pois procuramos evidenciar a estreita relação entre

língua e cultura, bem como o papel da linguagem no exercício do poder e controle, na produção e reprodução da identidade social, ou como a ideologia e o contexto discursivo podem afetar o processo comunicativo, gerando interpretações diversas e problemas na comunicação.

Essa vertente sócio-pragmática, que surgiu no final do século XX, tem suas raízes na Sociolinguística laboviana, contudo, apresenta uma abordagem interpretativa, de caráter mais qualitativo. Segundo Schiffrin (1996), a Sociolinguística Interacional é uma perspectiva teórica e metodológica, multidisciplinar, sobre o uso da linguagem que é baseada na linguística, na sociologia e na antropologia. Assim, ela compartilha as preocupações de três campos: o da linguagem, o da sociedade e o da cultura.

1.4.1 O objeto de estudo da Sociolinguística Interacional

Para tentar entender o lugar que a Sociolinguística Interacional ocupa em relação aos demais ramos da disciplina Sociolinguística, bem como o seu objeto de estudo, Bortoni-Ricardo (2005) refere-se à dicotomia entre *teóricos da ação ou conflito* e *teóricos da ordem*, postulada por John Gumperz, principal teórico da Sociolinguística Interacional. Para os teóricos do primeiro grupo, entre os quais está incluído Gumperz, a interação é constitutiva da ordem social; enquanto que para os teóricos do segundo grupo, onde a Sociolinguística Variacionista se enquadra, as normas e categorias gramaticais preexistem, e atuam como parâmetros que influenciam os usos linguísticos.

Desta feita, enquanto a tarefa do pesquisador da Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista é isolar e analisar variáveis linguísticas relacionadas a uma ou mais variáveis extralinguísticas, a tarefa do pesquisador que adota a Sociolinguística Interacional é o estudo profundo de instâncias selecionadas de interação verbal, ou seja, é uma análise mais interpretativa.

Para Gumperz (1988) a abordagem quantitativa é importante no que tange a sua aplicabilidade à análise dos processos reais de comunicação face a face, entretanto, tais pesquisas são generalizações estatísticas que se baseiam em pré-suposições sobre os processos cognitivos de um grupo, os valores partilhados e seu significado social; ao passo que a abordagem interpretativa vai além, procurando explicar devidamente as diferenças nos valores, crenças e atitudes entre os diversos grupos sociais.

A Sociolinguística Interacional considera elementos importantes que vão além da estrutura gramatical, pois em suas trocas verbais, para que a interação se efetive, os interlocutores precisam ser capazes de fazer inferências e não apenas ter competência gramatical necessária para a decodificação de mensagens isoladas, ou seja, precisam, também, da *competência comunicativa*. (GUMPERZ, 1988).

Assim, de acordo com Figueroa (1994, apud Bortoni-Ricardo, 2005, p. 148),

a teoria sociológica de Gumperz fundamenta-se na interação humana: os significados, a ordem, as estruturas não são predeterminadas, mas evoluem, no curso da própria interação, baseados numa ampla gama de fatores, materiais e psicológicos. A linguagem é vista como parte do contexto social. O foco da metodologia se direciona diretamente para as estratégias que governam o uso que o falante faz do conhecimento lexical, gramatical, pragmático e sociolinguístico, e é dada relevância a pistas de contextualização, que permitem aos integrantes fazer inferências sobre como os conteúdos compartilhados devem ser interpretados, identificando a intencionalidade que lhes é subjacente.

Nota-se que a Sociolinguística Interacional preocupa-se com aspectos mais amplos da comunicação humana, incluindo o contexto discursivo e os aspectos psicológicos, culturais, ideológicos e intencionais envolvidos no processo comunicativo. As mudanças linguísticas não são determinadas apenas por variáveis sociais, como sexo, idade, região, classe social, grau de escolaridade, etc., mas também por questões contextuais exigidas no momento da interação verbal. Assim, um falante, em determinada situação de fala, pode alterar sua variante linguística ou seu estilo com a finalidade de ser compreendido por seu interlocutor ou por questões sociais, ideológicas e psicológicas que o faz mudar, intencionalmente, a sua maneira de falar e/ou o curso da conversa, ou seja, as estruturas linguísticas não são predeterminadas, mas são construídas durante a própria interação. Nessa vertente da sociolinguística, portanto, “o objeto de estudo deixa de ser a variação socialmente condicionada *per se* e passa a ser a variação como recurso comunicativo no processo interacional.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 178).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), Gumperz (1996), ao falar sobre a diversidade linguística e cultural na pós-modernidade, enfatiza a influência da comunicação na constituição das relações de poder e dominação, na perpetuação das instituições sociais e na transmissão da cultura:

desde meados dos anos 1960, quando o termo sociolinguística apenas começava a ser aceito, esta disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, [...] converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular com as formas em que a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como com a transmissão da cultura. (GUMPERZ, 1996, apud BORTONI-RICARDO, 2005, P. 148).

Isso posto, para a Sociolinguística Interacional, a língua não é apenas um instrumento de comunicação ou de conhecimento, mas também um instrumento de poder. Com base nos estudos de Bourdieu (1983), Bortoni-Ricardo (2005, p. 178) afirma que “quando falamos, queremos ser compreendidos, mas também ser respeitados e reconhecidos ou até obedecidos.”

A linguagem revela, pois, os papéis sociais que os falantes assumem nos diversos domínios sociais, revelando, assim, a identidade do falante, seus valores, suas crenças e a ideologia que lhe é subjacente.

Para ilustrar esse processo, citamos um exemplo retirado do trabalho de Bortone (2007). Trata-se de uma pesquisa desenvolvida com a comunidade Olhos D’Água, uma região rural localizada na periferia de Uberlândia – MG, composta por trabalhadores rurais iletrados, cujo objetivo era analisar a interação entre essa comunidade e a comunidade letrada, no caso, representada pelas entrevistadoras. Em dado momento das entrevistas, foi evidenciado que os informantes do sexo masculino tinham certa resistência em admitir a incompreensão das perguntas da entrevistadora do sexo feminino. A autora atribuiu tal fato aos papéis sociais dos participantes do evento de fala.

A entrevistadora está em posição de superioridade em relação ao homem, devido ao seu papel de condutora da entrevista. A situação de dominância feminina contrapõe-se aos valores da comunidade, ampliando a insegurança do falante masculino, como se verifica abaixo:

Diálogo nº 5: E: Você tem credibilidade na polícia?
I: Sô tenho?... só tenho só minhas ideias mesmo...
Acho que não tem possibilidade não... (BORTONE, 2007, p. 131)

Nesse diálogo, notamos que o informante masculino não entendeu o que a mulher (entrevistadora) perguntou, mas fingiu que entendeu para não se colocar em posição inferior à da mulher, já que, de acordo com os valores e cultura de sua comunidade, os homens são

superiores às mulheres. Nesse viés, o trabalho de Bortone (2007) nos revela, ainda, dois pontos importantes, considerados pela Sociolinguística Interacional: 1) a ideologia, postulada por Thompson (2009, 1990), está imbricada à linguagem, pois a fala do informante supracitada mostra como os sentidos simbólicos (no caso, a linguagem) servem para manter a dominação de um gênero (masculino) sobre o outro (feminino). 2) nos rituais de interação face a face há a preocupação do interlocutor em preservar a sua face, teoria postulada por Goffman (2012), sobre a qual falaremos mais detalhadamente ainda neste capítulo.

A Sociolinguística Interacional estuda, pois, “o discurso constituído na interação face a face. Preocupa-se em investigar como os integrantes conduzem e negociam a comunicação em diferentes contextos de fala, na prática do dia a dia, valendo-se de sua competência comunicativa, gramatical e lexical.” (MARTINS, 2001, apud SOUSA, 2006, p. 25) A análise da Sociolinguística Interacional revela identidades, crenças e valores das pessoas. Ela abrange, pois, as dimensões da fala, da cultura, da cognição e da interação. (SOUSA, 2006).

1.4.2 A interação face a face e as estratégias discursivas

De acordo com Goffman (1999), a interação face a face consiste na influência recíproca dos indivíduos sobre as ações – linguagem – uns dos outros, quando em presença física imediata.

Concordando com Sousa (2006), a interação face a face é constituída nos diversos domínios: família, escola, trabalho e em diferentes encontros sociais. Em cada domínio, os indivíduos assumem papéis sociais diferentes e, conseqüentemente, uma competência comunicativa adequada que permite a interação (ou não) com o outro em determinada situação.

Gumperz (1988, apud Bortone, 2007), ao analisar os comportamentos comunicativos em interação face a face, enfatiza as dificuldades de comunicação nos eventos intergrupais, conforme já exemplificamos acima, e suas conseqüências na determinação e manutenção das estruturas socioculturais, salientando o importante papel da flexibilidade (interação) comunicativa nesses contatos interculturais. É essa flexibilidade que permitirá a interação entre grupos com padrões culturais diferentes, mas para que a comunicação se efetive, é necessário que os falantes compartilhem as estratégias discursivas (“pistas de contextualização”) usadas na interação. Tais pistas são de natureza sociolinguística e, de acordo com Sousa (2006, p. 30), “as utilizamos para sinalizar as nossas intenções

comunicativas ou para inferir as intenções das conversas entre integrantes.” Gumperz (2002, p. 152) diz que “as pistas de contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais.” De acordo com o autor, essas pistas podem aparecer sob várias manifestações linguísticas, dependendo do repertório linguístico de cada falante, determinado historicamente e, a nosso ver, também culturalmente. Entre os exemplos de pistas contextualizadoras, podemos citar: mudanças de código, dialeto e estilo, fenômenos prosódicos, pausas, tempo de fala, hesitações, possibilidades de escolhas lexicais e sintáticas, distanciamento entre os integrantes, direcionamento do olhar, presença de gestos (essas três últimas de caráter não-vocal).

De acordo com Gumperz (2002, p. 153), “quando um ouvinte não reage a uma das pistas, ou não conhece sua função, pode haver divergências de interpretação e mal-entendidos”, gerando atitudes depreciativas com relação a esse falante, o qual pode receber o rótulo de antipático, impertinente, não-cooperativo, ou que não está entendendo, contudo, na verdade, ele pode apenas não ter percebido uma mudança no ritmo ou uma alteração de pronúncia. Tais falhas de comunicação são consideradas gafes sociais, não podendo ser identificadas como simples erros linguísticos, e podem levar a julgamentos errôneos sobre a verdadeira intenção do falante.

Para ilustrar esses fenômenos de má comunicação dos quais estamos falando e mostrar que existem pressuposições sociais em termos das quais uma mensagem deve ser interpretada, utilizaremos um exemplo usado por Gumperz (2002) em que um aluno negro de pós-graduação em Psicologia da Educação teria que entrevistar uma dona de casa negra, residente em um bairro de baixa renda da cidade. Ao chegar a casa, após ter feito contato anteriormente por telefone, o aluno é recebido pelo marido da mulher que sorri e diz:

Marido: então quer dizer que cê vai dá u'a geral na minha véia, é?
 Entrevistador: ah, não. Eu só vim para obter algumas informações. O pessoal do escritório já ligou para cá.
 (O marido, desfazendo o sorriso, sai sem pronunciar uma única palavra e chama a mulher).

(marido: *so y're gonna check out ma ol lady, hah?*
 entrevistador: *ah, no. I only came to get some information. They called from the office.*) (GUMPERZ, 2002, p. 154)

O autor comenta que esse aluno relatou, posteriormente, que a entrevista foi seca e bastante insatisfatória, pois ele, sendo negro, deveria ter reconhecido o significado do estilo discursivo do marido (pista de contextualização) e ter respondido de maneira mais informal,

utilizando marcas do inglês vernáculo africano-norte-americano, variedade linguística que fora usada pelo marido. Todavia, como utilizou a língua padrão para responder ao questionamento do marido, este entendeu que o entrevistador não era “um deles” e talvez não devesse merecer confiança.

Cumpramos ressaltar que a escolha de estilo feita pelo marido é um marcador de identidade étnica, contudo, o fato de o entrevistador não ter percebido essa pista está mais ligado ao papel social desempenhado por ele no momento da interação, e não a fatores étnicos, já que o entrevistador também era negro.

Essa análise da comunicação verbal de Gumperz nos ajuda a entender como as pessoas podem compartilhar o conhecimento gramatical de uma língua, mas contextualizar de forma diferente o que é dito, de tal forma que várias mensagens diferentes são produzidas e entendidas.

Assim, a tarefa do pesquisador da área da Sociolinguística Interacional é

o estudo profundo de instâncias selecionadas de interação verbal, observando se os atores se entendem ou não, extraindo interpretações sobre o que acontece nesta interação, e, então (a) deduzir suposições sociais que os falantes devem ter feito para agir como agem, e (b) determinar empiricamente como os signos linguísticos se comunicam no processo de interpretação. (GUMPERZ, 1988, p. 36).

Ao falar sobre os conflitos na interação e as estratégias discursivas utilizadas pelos interlocutores para que a comunicação se processe, Bortone (2007, p. 137) ressalta que o discurso está ligado às dimensões sociais dos falantes, uma vez que as estruturas linguísticas utilizadas por eles irão identificá-los como pertencentes a um determinado grupo social, revelando as crenças, os valores culturais e sociais determinados pelo grupo. Desta feita, para que haja compreensão de um diálogo, que representa um determinado discurso, é necessária a compreensão e conhecimento dos valores culturais de quem o produziu. “A inferência errônea, baseada em uma visão de mundo distinta, pode tumultuar o processo de interação comunicativa”. Foi o que ocorreu em sua pesquisa com a comunidade iletrada Olhos D’Água, em que houve incompreensões de itens lexicais, tanto por parte dos informantes quanto por parte das entrevistadoras, devido às divergências culturais. Em sua análise, Bortone (2007) comenta que tanto as entrevistadoras quanto os informantes tentaram solucionar esse problema por meio de pistas contextualizadoras, como, por exemplo, o uso de um sinônimo. Não obstante, nem sempre tais pistas eram percebidas pelos integrantes do diálogo,

ocorrendo, assim, divergências interpretativas ou o uso de respostas genéricas na tentativa de se encaixar na pergunta feita.

No caso da nossa pesquisa com os reeducandos do Sistema Penitenciário do interior do Tocantins, veremos, no capítulo 3, que a principal estratégia discursiva utilizada pelo grupo está relacionada às escolhas lexicais, através do uso de metáforas, metonímias e eufemismos, que garantem a hegemonia do grupo e facilitam suas práticas criminosas.

Tal fato comprova o que o Bortone (2007) diz a respeito de ambientes muito fechados (como é o caso do submundo do crime e das prisões) funcionarem como mecanismo de reforço da norma linguística local. Assim sendo, a distinção entre a linguagem desse *network* e a dos outros grupos tende a se intensificar, como forma de preservar a identidade, a cultura, os valores e também aquilo que Goffman (2012) chama de *fachada* (valor social positivo sobre si mesmo) desses grupos considerados subversivos pela sociedade. Destarte, grupos como esses tendem a usar pistas contextualizadoras bem peculiares, mormente com relação às escolhas lexicais, com a finalidade de não serem compreendidos por pessoas não pertencentes ao grupo. Contudo, tal estratégia facilita a interação entre os comparsas, dado o compartilhamento das estratégias discursivas e da situação contextual e sociocultural que levam os falantes a inferir os significados e a identificar outro falante como pertencente ao grupo, como “um deles”, como alguém que merece confiança.

1.4.3 A preservação da fachada

Goffman (1981, citado por Bortone, 2007, p. 131) argumenta que “toda interação face a face sofre dois tipos de pressões: as comunicativas – que preservam parte da transmissão das informações – e as rituais – que preservam mutuamente a face dos interlocutores”. Assim sendo, o discurso é influenciado por essas pressões, pois o falante pode omitir informações, ou usar estratégias discursivas diversas, em um evento comunicativo, a fim de preservar a sua fachada e a do outro.

O termo *face* ou *fachada* usado por Goffman é definido pelo autor como

o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma. (GOFFMAN, 2012, p. 13)

Segundo a análise de Goffman (2012), a pessoa é pressionada a preservar a fachada ou “salvar a fachada” (*to save face*), expressão que pode ser traduzida para o português como “livrar a cara”, por motivos emocionais, por orgulho ou honra, por causa do poder que ela pode exercer sobre os outros, etc.. Assim, ela tenta manter uma boa imagem do seu eu para não se sentir envergonhada e inferior diante dos outros participantes do evento comunicativo. Para tanto, pode, inclusive, comunicar informações falseadoras. Foi o que aconteceu no exemplo que citamos, na seção 1.4.1, da pesquisa desenvolvida por Bortone (2007) com a comunidade Olhos D’Água, em que o informante masculino fingiu entender o que a entrevistadora perguntou, a fim de não se colocar em posição inferior à da mulher, já que na sua comunidade, ideologicamente, o homem é superior à mulher.

Podemos afirmar que a preservação da fachada revela, de certa forma, preconceitos sociais que o falante tem para com a sua própria maneira de falar e compreender o que é falado, preconceito este que o impede de admitir a incompreensão da fala do seu interlocutor. Além disso, ao preservar a sua fachada, o falante tenta se esconder do outro, por medo de que esse outro possa criticá-lo, caso descubra sua verdadeira identidade.

Em trabalho anterior, Goffman (1963) trata do estigma, definindo-o como um traço (uma diferença física, psicológica ou social) que diferencia determinado indivíduo dos demais, gerando atitudes preconceituosas e discriminatórias por parte das pessoas consideradas normais. O autor diz que:

por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 1963, p. 8)

Nesse contexto, “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão.” (GOFFMAN, 1963, p.15), destarte, procurará encobrir seu estigma, quando em interação face a face com um indivíduo normal. A nosso ver, esse “encobrimento” é outra maneira de se referir ao ritual de preservação da fachada, discutido por Goffman (2012), ou seja, *encobrimento do estigma e preservação da fachada* são termos equivalentes, pois em ambos o objetivo é manter uma boa imagem de si mesmo, a fim de ser aceito pelo outro e não ser vítima de qualquer tipo de

juízo negativo e discriminação (lembrando que no caso do estigma de natureza física – como a cegueira ou a falta de um dos membros, por exemplo – não é possível o encobrimento).

Goffman (2012) argumenta que, além de salvar a sua fachada, a pessoa também pode querer salvar a fachada dos outros, devido a ligações emocionais, ou para evitar hostilidades que podem lhe ser dirigidas pelo outro, caso ele perda sua fachada, ou ainda devido às expectativas do outro com relação a seu comportamento de compaixão e simpatia, assim, ela preserva a fachada do outro para resguardar sua própria fachada.

A nosso ver, há questões ideológicas imbricadas nessa teoria de Goffman sobre a preservação da fachada e o encobrimento do estigma, pois se uma pessoa reivindica determinada imagem positiva para si por meio da linguagem (ou outra forma de expressão) é porque, ideologicamente, “alguém” determinou que existe uma imagem, um comportamento bom, correto, que deve ser adotado por todos os membros da sociedade.

Em nossa pesquisa, veremos que a preservação da fachada é uma estratégia bastante utilizada pelos reeducandos, posto que estes procuram, em sua interação face a face com a pesquisadora, justificativas para a entrada no mundo da criminalidade.

1.4.4 Os *Footings*

Ao estudar o discurso oral e analisar a interação entre integrantes de uma conversa, é fundamental o conceito de *enquadre* e *footing*, desenvolvido por Goffman (2002).

Para viabilizar um ato de fala (oral ou escrito), são necessários recursos comunicativos, gramaticais, lexicais e retórico-discursivos, que facilitem a interação entre os interlocutores, e a noção de *enquadre* e *footing* está entre tais recursos. Consoante Sousa (2006, p. 27), “a interação organiza-se em enquadres, formas como os discursos realizam-se e tornam-se inteligíveis em diferentes contextos.” De acordo com Goffman (2002, p. 107),

O quadro situa a metagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito. Em outras palavras, o quadro formula a metagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem enquanto ação. [...] em qualquer encontro face a face, os participantes estão permanentemente propondo ou mantendo quadros, que organizam o discurso e os orientam com relação à situação interacional. Indagam sempre “onde, quando e como se situa esta interação?”, em outras palavras, “O que está acontecendo aqui agora?”

Ao falar em enquadre, é necessário mencionar a *metamensagem*, como vimos acima, pois esses dois aspectos estão inter-relacionados para que se processe a compreensão da mensagem entre os interlocutores. Consoante Bateson (1972, apud Sousa, 2006, p. 27),

Nenhum enunciado do discurso pode ser compreendido sem uma referência à metamensagem do enquadre (frame). O enquadre contém um conjunto de instruções para que o/a ouvinte possa entender uma dada mensagem (da mesma forma como uma moldura em torno de um quadro representa um conjunto de instruções que indicam para onde o observador deve dirigir o seu olhar). O enquadre delimita, pois, figura e fundo, ruído e sinal [...] o enquadre delimita ou representa 'a classe ou conjunto de mensagens ou ações significativas'.

Como um desdobramento do conceito de enquadre no discurso, Goffman (2002) formula o conceito de *footing*, o qual é definido como o alinhamento, a postura, a posição, a projeção de um participante da interação face a face em relação a outro participante, a si mesmo e ao discurso que se constrói nessa interação. Os *footings* dos integrantes, na interação face a face e na organização de enquadres, gerenciam a produção ou a recepção de elocuições e podem sinalizar, também, aspectos pessoais, papéis sociais e discursivos. Os *footings* são, pois, “estratégias verbais e não-verbais que sinalizam um início, a mudança, e o término de enquadres, isto é, quando começamos e finalizamos um assunto ou, simplesmente, quando mudamos de assunto sem concluí-lo.” (SOUSA, 2006, p. 28). Cumpre ressaltar que os *footings* revelam, ainda, as identidades que os participantes de um evento de fala assumem no momento da interação, sem delimitar os papéis fixos de falante e ouvinte.

Para ilustrar o conceito de *footing* e sua mudança, Goffman (2002) dá um exemplo em que o presidente dos Estados Unidos, Nixon, em reunião com funcionários do governo e representantes da imprensa, reunidos por razões profissionais para testemunhar a assinatura de um documento, resolve, ao final da reunião, caçoar de uma jornalista que usava calças compridas na Casa Branca, deixando bem claro que preferia vestidos. Nesse episódio, houve uma mudança de enquadre do presidente e da jornalista, em que aquele assume um postura menos séria e formal para evidenciar seu poder ao forçar um indivíduo do sexo feminino a passar da sua capacidade profissional para a sexual e doméstica. Além disso, em sua análise, Goffman (2002) afirma que, por trás desse fato ocorrido na Casa Branca, há um pressuposto social contemporâneo (a nosso ver, ideológico) a respeito das mulheres, segundo o qual, estas devem estar sempre prontas a ouvir comentários sobre a sua aparência física, bem como devem estar sempre prontas para que os outros alterem o chão onde pisam, uma vez que estão sempre sujeitas a se transformarem em objeto de atenção e aprovação e não apenas em

assumirem a postura de participante de um dado evento. O autor diz, ainda, que tal episódio pode evidenciar, também, que toda vez que duas ou mais pessoas se encontram para tratarem de assuntos profissionais pode haver uma conversa informal antes ou depois do evento. Podemos dizer que esse deslocamento de Nixon foi intencional, e que ele o fez não apenas para mostrar que a parte séria da reunião tinha acabado, mas para mostrar que era espirituoso e descontraído.

Podemos ilustrar o deslocamento do presidente Nixon com a “alternância de código” (língua ou dialeto). Vejamos um exemplo de Gumperz e Blom (2002), ao estudarem os padrões de fala e das relações sociais dos falantes de uma pequena cidade da Noruega, Hemnesbergt. De acordo com os autores, em um mesmo cenário, quando há uma mudança na definição que os participantes dão ao evento social, essa mudança pode ser sinalizada por pistas linguísticas e não-linguísticas, conforme mostram os exemplos abaixo:

Certa vez quando nós, na condição de forasteiros, nos aproximamos de um grupo de residentes que conversavam, nossa chegada produziu uma alteração considerável na postura descontraída do grupo. As mãos foram retiradas dos bolsos, as expressões faciais mudaram. Como se poderia prever, nossas observações ocasionaram uma mudança de código, marcada simultaneamente por uma alteração nas pistas do canal (ou seja, velocidade de enunciação das frases, ritmo, maior número de pausas de hesitação, etc.) e por uma mudança de (R)⁷ para (B)⁸ em termos gramaticais. Da mesma forma, os professores locais também relatam que as aulas expositivas formais – em que se desaconselham as interrupções – são proferidas na variante (B), mas que, quando querem encorajar a discussão aberta e livre entre os alunos, os palestrantes mudam para a variedade (R). (GUMPERZ; BLOM, 2002, p. 68).

Vimos que a mudança de *footing* está relacionada a aspectos sociais do evento de fala, posto que, nos exemplos acima, os atores alternam o código de acordo com o contexto comunicativo, sendo que em conversas mais informais e/ou entre pessoas do mesmo grupo a variante não padrão é utilizada, e em eventos mais formais e/ou em presença de pessoas de fora optam pela variante padrão. Esse aspecto é vislumbrado na linguagem dos reeducandos e do mundo do crime, já que os falantes assumem (ou dizem assumir) posturas diferentes com relação ao uso das gírias, procurando evitar seu emprego na conversa com a pesquisadora e quando estão fora da prisão, conforme veremos nos exemplos citados no capítulo de análise dos dados.

Podemos afirmar que uma mudança de *footing* implica “uma mudança no alinhamento que assumimos para nós mesmos e para os outros presentes, expressa na maneira

⁷ Dialeto regional do norueguês.

⁸ Norueguês padrão, língua oficial da Noruega.

como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução. Uma mudança em nosso *footing* é um outro modo de falar de uma mudança em nosso enquadre dos eventos.” (GOFFMAN, 2002, p. 113).

Dado o exposto, podemos concluir que, em suas interações face a face, os participantes das conversas mudam constantemente seus *footings*, sendo tais mudanças, conforme afirma Goffman (2002), uma característica intrínseca à fala natural. Essas mudanças de *footings*, como já exemplificamos acima, estão comumente ligadas à linguagem ou a marcadores paralinguísticos.

Goffman (2002) desconstrói as noções clássicas de falante e ouvinte (segundo as quais, em uma conversa só existem duas pessoas), acrescentando que em um evento de fala, ou “encontro social”, podem existir participantes ratificados e não ratificados, sendo os primeiros aqueles para quem é endereçada a enunciação, e os últimos, aqueles ouvintes para os quais a enunciação não é dirigida, mas que acabam ouvindo uma conversa entre participantes ratificados, por acaso ou por intromissão. Tais ouvintes podem ser chamados de “circunstantes”.

Em alguns encontros sociais podem existir, também, mais de dois participantes oficiais (ratificados), sendo que o falante do momento pode se dirigir a todos por meio do olhar, mas pode também, em determinados momentos de sua fala, se dirigir a um ouvinte em especial. Tal direcionamento pode ser feito por meio de pistas visuais ou de vocativos (pistas audíveis). Assim, a partir desse conceito mais abrangente de falante e ouvinte, Goffman (2002) introduz o conceito de “comunicação subordinada”, em que os protagonistas podem interferir, de forma limitada, na “comunicação dominante”. A partir disso, o autor postula que temos “*o jogo paralelo*: a comunicação subordinada entre um subgrupo de participantes ratificados; *o jogo cruzado*: a comunicação entre participantes ratificados e circunstantes [...]; *o jogo colateral*: palavras respeitosamente murmuradas, trocadas entre os circunstantes.” (GOFFMAN, 2002, p. 120).

Nas interações face a face que estabelecemos com os reeducandos em nossa pesquisa de campo, percebemos, conforme mostram as entrevistas apenas a essa dissertação, que os mesmos, devido a sua situação de reclusão, tentavam, quando a oportunidade permitia, incluir participantes não ratificados (servidores da casa de detenção) no evento de fala, a fim de obterem informações sobre o andamento de seus processos ou a respeito de seus familiares.

Parece claro para nós que, consoante a análise de Goffman, falante(s) e ouvinte(s) alteram suas posições constantemente em um evento de fala e, com as próprias palavras do autor: “parece rotina durante a fala o fato de que, enquanto firmemente plantados sobre os dois pés, saltamos para cima e para baixo com outros dois.” (GOFFMAN, 2002, p. 147).

1.4.5 Linguagem, cultura e identidade social

Temos falado, ao longo deste capítulo, que a língua(gem) revela a cultura e a identidade das pessoas, e que a Sociolinguística Interacional se interessa em analisar tais relações. Mas, como a cultura e as identidades são construídas? Como os grupos se tornam coesos por meio da linguagem?

Para responder a esses questionamentos, é preciso revisitar os conceitos de língua⁹, cultura e identidade e compreender que tais conceitos são, consentâneo ao que afirmam Coelho e Mesquita (2013), intrínsecos e interdependentes. É por isso que, ao estudar a língua(gem) de uma comunidade, é imprescindível estudar também a sua cultura, o seu modo de ver o mundo, a sua identidade.

Se a cultura é “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55) e se, ao longo da vida, o indivíduo interage com outros, identificando-se e desidentificando-se com o meio que o cerca, logo, podemos concluir que língua, cultura e identidade são imanentes, visto que “é por meio da língua que a cultura se constrói e é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação.” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 2)

Isso posto, podemos afirmar que a linguagem é um meio que possibilita ao homem comunicar-se com os outros e exercer influência sobre eles, expressar seus pensamentos e sentimentos, conhecer outras culturas e revelar a sua, enfim, por meio da linguagem, o homem constitui-se como ser social, político e ideológico; uma vez que, conforme afirma Bakhtin (2006, p. 36), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...] o modo mais puro e sensível de relação social.”

É fascinante esse poder que a linguagem tem de dizer quem somos, de nos revelar ao mundo. Sim, pois é por meio dela que expressamos todo e qualquer tipo de sentimento e conhecimento, seja verbalmente ou não. E é por meio dela também que conhecemos o outro, seu modo de vida, sua religião, suas ideologias, seus sentimentos, sua formação educacional, sua condição socioeconômica, enfim, sua cultura e identidade. Desse modo, concordamos com Coelho e Mesquita (2013, p. 26) e reconhecemos que a língua(gem) não é apenas um

⁹ Usaremos aqui ora a palavra *língua* ora a palavra *linguagem*, de acordo com cada contexto. Porém, gostaríamos de frisar que há uma distinção entre elas: a *linguagem* é a capacidade natural do ser humano de se comunicar, seja verbalmente ou por meio de gestos, imagens, sons, etc.; e a *língua* é o conjunto sistemático de signos (o idioma), que possui suas regras e convenções, que uma comunidade usa para se comunicar. Em alguns momentos, usaremos também o termo *língua(gem)*, quando o contexto permitir tanto o emprego de língua, quanto de linguagem.

mero conjunto de signos e regras de combinação desses signos, “haja vista ser atravessada por aspectos da ordem do físico, do sociocultural, do psicológico e do linguístico.”

Ora, se a linguagem é uma forma de relação social e se o homem está em constante trânsito dentro da sociedade, se esta é viva e evolui sincrônica e diacronicamente, logo, a língua também é viva e flexível.

Ao se relacionar com os outros por meio da linguagem, as pessoas vão criando sua identidade (ou identidades), a qual passa, primeiro, por um processo de identificação, posto que “a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição, ou seja, uma identidade.” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 29).

Ilari (2013, p. 32) diz que “um dos principais fatores que levam grupos de indivíduos a se identificarem entre si através da língua, são precisamente as representações compartilhadas, pelo peso que tem nelas o vivido”, sendo esse *vivido* as experiências concretas que os falantes tiveram com determinada língua (ou variedade linguística) e com a cultura de seus falantes. Assim sendo, se uma pessoa se identifica com determinado grupo, com sua cultura, devido às experiências vivenciadas com esse grupo, ela acaba assumindo a identidade desse grupo, passando a se expressar linguisticamente da forma como ele se expressa, a fim de mostrar que pertence ao grupo, que é um deles. E ao se expressar por meio da linguagem, deixa evidentes as marcas culturais e ideológicas do grupo. Daí porque não podemos separar língua, identidade e cultura.

Assim como a língua e a cultura são mutáveis e estão em constante processo de construção, a identidade (ou identidades) também é flexível, uma vez que ela “é um significado – cultural e socialmente atribuído”. (SILVA, 2012, p. 89). Ela “não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente [...] tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.” (SILVA, 2012, p. 97). É fácil compreender esse aspecto mutável da(s) identidade(s), pois no decorrer de nossas vidas estamos em constante processo de mudança, sendo que em determinado momento, nos identificamos com certa(s) identidade(s) e em outro momento ou espaço, podemos deixar de nos identificar com aquela(s) identidade(s), passando a nos identificar com outra(s). Isso pode ocorrer até mesmo devido às decisões que tomamos, às nossas atitudes, aos conflitos que podem surgir em nosso meio social.

Dado o caráter etnográfico de nossa pesquisa, gostaríamos de reforçar que existe uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade, pois o homem, sendo um ser social, tem, como afirmam Coelho e Mesquita (2013, p. 33), uma grande necessidade de “interagir com a realidade em que está circunscrito, pois necessita comunicar-se com o outro. Por meio desta comunicação, ele partilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. Portanto, a língua de um grupo é parte de sua cultura”. A

partir dessa assertiva, não podemos separar, por conseguinte, os estudos linguísticos dos estudos socioculturais.

Gumperz (1988) compartilha desse pensamento ao afirmar que o uso da língua em uma comunidade de fala específica não é simplesmente uma questão de conformidade a normas de conveniência, mas uma maneira de transferir informações sobre valores, crenças e atitudes que devem primeiro ser descobertas através da investigação etnográfica, e, em uma pesquisa que adota tal metodologia, a interação face a face é importantíssima, pois é por meio dela que o pesquisador poderá estabelecer uma ligação interpessoal com os informantes, criando uma situação de cooperação para se chegar aos objetivos pretendidos.

Conforme o exposto ao longo dessa seção, os princípios da Sociolinguística Interacional servem aos propósitos de nossa pesquisa, uma vez que não analisa apenas a influência de variáveis sociais isoladas (classe, etnia, profissão, sexo, etc..) no comportamento linguístico, como tem feito as pesquisas sociolinguísticas tradicionais, mas, além dos aspectos socioculturais, considera também as interpretações sobre o processo comunicativo, estereótipos, ideologias, relações de poder e dominação, inferências e estratégias discursivas em sua análise linguística. Assim, o uso de uma variedade onde outra é esperada não é apenas uma questão de mau emprego linguístico, pode ter um significado comunicativo, uma intencionalidade. “O objetivo final desta linha de pesquisa é, então, esclarecer problemas de descrição e mostrar como características sociais de grupos humanos afetam a gramática”. GUMPERZ (1988, p. 35). Nesse sentido, as ideias de Gumperz dialogam com a teoria da enunciação de Bakhtin (2006), posto que este defende que a língua é indissociável da sociedade e que o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas, utilizando formas linguísticas variáveis e flexíveis aos contextos enunciativos, ou seja, é a situação social que determina a linguagem. Por isso, adotamos a Sociolinguística Interacional como base teórica.

1.5 O ESTUDO DA GÍRIA: CÓDIGO SECRETO E IDENTIDADE DE UM GRUPO

Dentre as variações linguísticas estudadas até o momento, podemos citar a *gíria* (variação diastrática), a qual pode ser definida como uma forma peculiar de expressão de grupos específicos, que se diferencia da língua padrão, sobretudo pelo léxico. Cumpre ressaltar que se trata apenas de uma variação linguística, de um vocabulário distinto, não constitui outra língua, pois a estrutura gramatical e sintática é praticamente a mesma da língua

materna, mas o léxico é bastante alterado a ponto de impedir a compreensão, como será mostrado no decorrer dessa dissertação. O vocabulário gírio surge a partir do momento em que determinados grupos se isolam da sociedade como forma de reação à padronização sociocultural imposta pela ideologia da classe dominante e adotam uma *linguagem especial*, opondo-se ao uso comum. Esse comportamento linguístico é, na verdade, reflexo do comportamento social do grupo, o qual não aceita, ou não consegue seguir, os padrões estabelecidos pela sociedade e busca originalidade por meio da linguagem, criando, assim, um vocabulário de *uso restrito*. Preti (1984, p. 4) diz que a gíria é uma forma do pequeno grupo se opor à grande comunidade, pois “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao *uso* aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade.”

Para Pickett e Elson (1973) a gíria é transitória e efêmera no tempo e restrita no espaço. Quando deixa de ser efêmera, ela passa a ser neologismo, incorporando-se ao vocabulário da língua, como é o caso das palavras “legal” e “bacana” que surgiram como gírias e hoje já fazem parte do léxico da língua portuguesa, tendo entrada em vários dicionários do idioma (alguns classificam-nas como “português brasileiro informal”).

Essa definição de Pickett e Elson aproxima-se da distinção que Preti (2004) faz entre “gíria de grupo” e “gíria comum”, pois o autor menciona que a *gíria comum* surge a partir da divulgação das gírias criadas por grupos restritos, passando a fazer parte do vocabulário comum da sociedade, perdendo, assim, seu caráter efêmero e restrito.

O autor diz que a gíria é um fenômeno tipicamente sociolinguístico que pode ser estudado sob duas perspectivas:

a primeira, a de uma linguagem de grupos sociais marginalizados (não devemos entender por estes apenas aqueles ligados à contravenção), com características tipicamente criptológicas, como, por exemplo, o vocabulário gírio dos toxicômanos ou dos estudantes universitários. É a *gíria de grupo* ou gíria no sentido restrito. A segunda, a de um vocabulário surgido pela divulgação dos signos provenientes daqueles mesmos grupos sociais, com perda de seu caráter secreto e diluição na linguagem popular: a *gíria comum*. PRETI (2004, p. 87)

Interessa-nos, nesse trabalho, o estudo da gíria sob a primeira perspectiva, isto é, a da *gíria de grupo*, posto que é nesse contexto que se pode estabelecer as relações entre linguagem e grupo e o papel que esse vocabulário desempenha na interação verbal. Sob o prisma de signo de grupo, a gíria pode ser definida como um vocabulário específico de falantes pertencentes a um mesmo grupo, conforme já mencionado acima, cujo objetivo é

comunicar-se sem serem compreendidos por outras pessoas não pertencentes ao grupo, ou seja, há um caráter secreto nessa linguagem que pode significar a inclusão no grupo ou a exclusão social, por se opor aos padrões linguísticos considerados “normais” pela sociedade. Devido a esse caráter criptológico da gíria de grupo, os falantes estão sempre renovando seu vocabulário secreto, assim que eles se tornam conhecidos por outras pessoas. Ademais, essa linguagem especial é uma forma de identificação do falante que a utiliza, pois cada grupo social restrito pode adotar um vocabulário gírio diferente como forma de marcar seu conflito com a sociedade, assim, teremos, por exemplo, a gíria dos grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos esportes, às universidades, etc.; bem como a gíria de grupos violentos ligados às drogas e ao tráfico, à prostituição, ao roubo e ao crime, aos ambientes das prisões, etc.

A gíria seria, portanto, “uma linguagem que utiliza palavras ou frases não convencionais que expressam coisa nova ou velha, através de uma nova forma de expressão. É irreverente, sutil e até mesmo obscena. As metáforas dão vida e respeitabilidade às expressões.” (REMENCHE, 2003, p. 24).

Para Mello (1975, apud REMENCHE, 2003, p. 24), a gíria de grupo se caracteriza linguisticamente pela “preocupação esotérica, o cuidado que têm os componentes do grupo de criar a sua linguagem, diferente, ininteligível aos estranhos e claríssima a si próprios. A linguagem deles é uma barreira, uma defesa. Logo, as gírias são de formação consciente”.

Diante dessa oposição ao uso, a comunidade pode manter uma postura de crítica e condenação com relação à variante, pois ela infringe os padrões linguísticos, opondo-se à norma mantida, em especial pela escola; mas, por outro lado, essa mesma comunidade pode demonstrar curiosidade com relação ao uso restrito, posto que toda reação às regras sociais vigentes causa admiração. (Preti 1984).

De acordo com Preti (1984, p.13), o estudo dessas variações lexicais pode tomar duas direções: a primeira seria o interesse social pelo fato linguístico, em que a linguagem passa a ser apenas um dos elementos, entre outros, da pesquisa sociológica, podendo ajudar a caracterizar aspectos do grupo social estudado. A segunda seria o interesse linguístico pelo fato social, ou seja, uma perspectiva sociolinguística, em que a sociedade determina a linguagem. Nesse viés, o objetivo da pesquisa, desde o início, seria essencialmente a linguagem, “partindo-se do próprio vocabulário recolhido, de suas variações, do estudo de suas áreas semânticas, dos processos morfológicos de sua formação, para chegar-se à compreensão das variantes socioculturais que o produziram.”

Constatamos que essa segunda perspectiva, a sociolinguística, mostra-se eficiente no sentido de se conhecer determinado grupo social, já que a língua tem o poder de expressar a

realidade dos falantes que a utiliza, pois “a língua engloba a cultura, comunica e transmite-a. Logo, para um real conhecimento de um grupo humano, é necessário observar a forma deste representá-la.” (REMENCHE, 2003, p. 17).

1.5.1 Breve histórico do estudo da gíria

Devido à inegável expansão do vocabulário gírio hodiernamente, os estudos a respeito desse tema têm ganhado força entre os linguistas, até mesmo devido ao desenvolvimento, nas últimas décadas, dos estudos sobre a linguagem falada, com as contribuições da Sociolinguística, da Análise do Discurso e da Análise da Conversação.

Contudo, apesar de só agora ter sido alvo dos estudiosos da linguagem, “a gíria é um vocabulário de todas as épocas e de todos os povos, se lhe atribuirmos o sentido de linguagem de um grupo social determinado.” (PRETI, 2004, p.71). Porém, devido a seu caráter tipicamente oral, não há documentos suficientes para determinar exatamente a data de seu aparecimento.

O que se sabe é que esse tipo de linguagem já existia na França, na Idade Média, mais especificamente no final do século XV, sendo utilizada pelas corporações criminosas que infestaram a nação após a Guerra dos Cem Anos. (PRETI, 2004).

De acordo com Corominas e Pascual (1997, apud REMENCHE, 2003, p. 19),

jerga (gíria) ou *jeringonza* (geringonça), é o termo que aparece em 1734 e significa língua especial, usada por indivíduos de certas profissões e ofícios, de difícil compreensão. O termo deriva do occitano antigo *gergon* que, por sua vez, foi tomado do francês antigo *jargon* ou *gergon*, dialetalmente *gargon*, que significa “gorjeio dos pássaros”, de onde vem a definição de “fala incompreensível”. Essa palavra possui uma raiz onomatopáica: *garg*, que lembra o ruído do gargarejo.

Em Portugal, verifica-se a existência de termos gírios ligados às profissões na obra de Gil Vicente, no século XVI, e na obra do poeta D. Francisco Manuel de Melo (século XVII), intitulada *Feira de Anexins*, na qual o autor lista vários vocábulos da gíria da época. Além dessas obras, tiveram grande relevância em Portugal os estudos da segunda metade do século XIX e primeira do século XX, quando foram publicados ensaios, capítulos de obras,

dicionários ou glossários de autores como J. Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Queiroz Veloso, Alberto Bessa, Almícar Ferreira de Castro e Albino Lapa. (PRETI, 2004).

No Brasil, por sua vez, os primeiros registros de gíria podem ser encontrados na poesia satírica de Gregório de Matos Guerra, no século XVII, porém ainda de forma bastante reduzida, já que os textos desse poeta eram mais carregados de linguagem erótica do que da gíria propriamente dita.

É partir do final do século XIX que, devido ao crescimento dos centros urbanos brasileiros,

vemos que a gíria começa a fazer parte da linguagem dos grupos sociais, que se veem retratados pelo teatro realista e pela prosa dos romancistas do Naturalismo, principalmente Aluísio Azevedo, no romance *O cortiço*, dada a natureza de seu tema. (PRETI, 2004, p. 73).

Mas é em 1903 que é publicado no Rio de Janeiro o primeiro dicionário de gíria brasileira, intitulado *Dicionário Moderno*, o qual é de autoria de José Ângelo Vieira de Brito, escritor de peças teatrais e folhetins do jornal *O Coiô*. Nessa obra, o autor, que assina com o pseudônimo de Bock, registra vocábulos populares da sociedade da época ligados ao tema erótico-obsceno. Um exemplar dessa raridade bibliográfica encontra-se reproduzido na obra *A linguagem Proibida* (Preti, 1983).

Mais tarde, encontraremos autores como Lima Barreto, que nomeia uma de suas obras com uma palavra de uso popular na época, *Os bruzundangas* (1923), com a finalidade de satirizar a confusão política e social do Brasil, já que “bruzundanga” era uma gíria da época que significava “trapalhadas”, “confusões”. (Preti, 2004).

Também merecem destaque obras como *Geringonça carioca – verbetes para um dicionário de gíria*, de Raul Pederneiras (1922); o dicionário de Antenor Nascentes, *A gíria brasileira* (1953) e o recente *Dicionário de Gíria: modismo linguístico, o equipamento falado do brasileiro*, de Serra e Gurgel, cuja primeira edição foi publicada em 1990.

Preti (2004, p. 75) afirma que os dois primeiros textos não apresentam preocupação lexicográfica cientificamente considerada. Contudo, possuem algo em comum no que tange à posição preconceituosa em relação à gíria, “até mesmo na denominação *linguajar*, que nomeiam muitos desses vocábulos.”

O sociólogo e antropólogo Serra e Gurgel, por sua vez, na Apresentação da 7ª edição de seu Dicionário de Gíria, também assume uma postura preconceituosa quanto ao uso dessa

linguagem, o autor diz concordar “com aqueles que afirmam que a gíria empobrece a nossa linguagem e não sublima a nossa língua” (SERRA E GURGEL, 2005, p. 47).

Entretanto, nota-se que essa visão preconceituosa com relação à gíria tem sido quebrada. Isso se deve, sobretudo, ao advento da Sociolinguística como ciência, a partir da década de 60 e com a preocupação dos linguistas em estudar e ensinar as variedades linguísticas existentes na língua. Tanto é que alguns livros didáticos já tratam do assunto sem preconceitos, procurando mostrar aos estudantes da Educação Básica que as gírias existem e podem ser usadas em determinados contextos, a fim de se obter maior interação comunicativa, como é o caso da obra de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, *Português – Linguagens* (2010), atualmente adotada em várias escolas das redes públicas e particulares de ensino brasileiras.

E assim, essa linguagem começa a ser empregada por grande parte da população, sendo divulgada pelos meios de comunicação de massa. Preti (2004, p. 76) lembra que:

a partir da década de 60, a própria evolução da sociedade urbana brasileira propiciaria um crescimento considerável do uso da gíria nas cidades grandes. Não só a música popular, mas também o cinema e o teatro; a imprensa; o rádio e a televisão; a propaganda; os grandes esportes, como o futebol; os centros de diversão como o “mundinho” noturno e as casas de danças criaram seu vocabulário típico, às vezes, verdadeiros códigos fechados, em constante transformação, para manter a originalidade e preservar o signo identificador do grupo social.

Soma-se a esses meios de propagação da gíria a internet que, com o advento das redes sociais, tem sido uma grande divulgadora dessa linguagem. Sem falar do ritmo *funk*, grande propagador da gíria, que tem ultrapassado a barreira das favelas e invadido a classe média, principalmente o público mais jovem, apesar do preconceito dos pais mais tradicionais.

Com isso, tem crescido também o interesse pelo estudo desse fenômeno linguístico. “Além de dicionários, aparecem estudos do fenômeno gírio despojados dos velhos preconceitos, natural consequência, também, das novas correntes linguísticas, em especial, da Sociolinguística, com a teoria referente às variações representadas pelos dialetos sociais” (PRETI, 2004, p. 76).

No que tange ao estudo da gíria de grupo, mais especificamente a gíria utilizada por marginais do crime, objeto de estudo dessa pesquisa, já existem alguns trabalhos relevantes nessa área, como, por exemplo, a Dissertação de Mestrado de Maria de Lourdes Rossi Remenche, intitulada “*As criações metafóricas na gíria do Sistema Penitenciário do Paraná*”

(Universidade Estadual de Londrina, 2003) e de Lea Poiano Stella, “*Tá tudo dominado: a gíria das prisões*”, esta orientada pelo professor Dino Preti, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também em 2003.

É importante acrescentar que o interesse pelo estudo da gíria dos ambientes prisionais não tem sido apenas de pesquisadores da área de Letras, mas também do campo do Direito. Isso se deve ao fato de que essa linguagem, devido ao seu caráter criptológico (conforme explanaremos no item seguinte), tem prejudicado a interação entre autoridades policiais e os criminosos. Louvável é o Trabalho de Conclusão do Curso de Direito de Aderlan Messias de Oliveira (Faculdade São Francisco de Barreiras – BA, 2011), cujo foco foi estudar a influência e significado das gírias de detentos do interior de uma cadeia de Barreiras, Estado da Bahia.

Ao relatar sua experiência com o estudo das gírias em ambientes prisionais, fruto de trabalhos organizados nos cursos de pós-graduação da Universidade de São Paulo – USP, Preti (1984), não aconselha gravações das entrevistas com os detentos, pois esse tipo de informante teme tal situação, controlando sua fala.

Ressaltamos que as pesquisas sobre a gíria das prisões têm evidenciado que o uso de um vocabulário especial é uma forma de os apenados demonstrarem desprezo pela sua própria condição de prisioneiros, depreciando a si mesmos e ao grupo que os isolam. Desse modo, a *cela*, por exemplo, é chamada de *jaula* pelos detentos, revelando as condições não humanas em que o presidiário se encontra, privado de sua liberdade. Essa condição de “animal” é, na verdade, herança das origens da prisão, pois, de acordo com Lyra (2013, p. 39), “a princípio a prisão destinava-se a animais. Não se distinguia, porém, entre irracionais e racionais ‘inferiores’. Prendiam-se homens pelos pés, pelas mãos, pelo pescoço, etc., conforme o medo ou a cólera.” Homens e animais foram (e são) presos e torturados ao longo da história e, no caso humano, as sequelas de tais torturas (físicas e/ou da alma) são expressas por meio da linguagem. Além disso, a linguagem carcerária é uma forma de identificação e cumplicidade entre o grupo, dado o caráter secreto dos vocábulos. E, é claro, como a sociedade determina a linguagem, veremos que o mesmo preconceito que as pessoas nutrem com relação aos detentos é mantido com ralação à sua linguagem, conforme será evidenciado ao longo desse trabalho.

1.5.2 A linguagem dos “filhos errantes da sociedade”: o caráter criptológico da gíria dos sistemas prisionais brasileiros

Na introdução dessa dissertação foi mencionado que o interesse em estudar a linguagem daqueles que nomeio, metafórica e eufemisticamente, como “filhos errantes da sociedade” surgiu a partir de uma curiosidade com relação aos vocábulos que ouvia meu cônjuge, que é agente prisional, pronunciar em casa vez ou outra. Ademais, tal curiosidade foi se ampliando e passei a questionar, por influência do aumento da criminalidade em nosso país e no estado do Tocantins, como essa linguagem criptológica era usada a favor da criminalidade e como se dá o processo de interação verbal entre criminosos e policiais.

Ao fazer leituras sobre o tema, constatamos que entre os “filhos errantes da sociedade”, o uso da gíria é uma forma de planejar e praticar crimes sem serem facilmente descobertos pela polícia, pois, de acordo com uma pesquisa realizada na antiga Casa de Detenção de São Paulo (Stella, 2003, apud PRETI, 2010, p. 164), “a gíria, meio de identificação entre os detentos, no interior do presídio, configura um código, muitas vezes desconhecido, quase sempre, até pelos guardas.” Isso acontece porque os criadores desse código secreto usam a criatividade para formar novas palavras a partir do próprio vocabulário comum, “deformando significantes; truncando ou reduplicando sílabas; mudando categorias gramaticais; criando metáforas e metonímias reveladoras da visão do mundo pelo grupo marginal.” (PRETI, 2004, p. 89). Como exemplo, o autor cita, dentre outras: *malaco* (de *malandro* – deformação de significante); *loteca* (de *loteria* – sufixação pouco comum); *grude* (metáfora de *comida*); *marmita* (metonímia por *almoço*).

O vocabulário desse grupo é tão diferente que, aos ouvidos de pessoas não iniciadas, pode parecer se tratar de outro idioma, uma segunda língua¹⁰. Veja o exemplo abaixo de um diálogo reconstituído por dois detentos na Casa de Detenção de São Paulo, a pedido do pesquisador:

- Oi, meu!
- Oi! Que é que há? Alguma lança quente pra nós?
- Tenho duas, basta ficar na campana. O que falta é as turbinas pra render os loques.
- Máquina é fácil de arrumar. Basta pular no gogó de um mico e pronto: estamos maquinados.
- Nada de micos, vamos de mão grande num napo de firma. Eles sempre têm fogo na cinta.
- Escute, meu: a lança é caxanga, espiano ou mão grande. Precisa ver se o serviço é limpo e não dá tira ou se a barra é suja.
- É mole, meu, só tem paruana e mina na jogada. (PRETI, 2004, p. 90)

¹⁰ A estrutura gramatical e textual é praticamente a mesma do português, mas o léxico é bastante alterado a ponto de impedir a compreensão, como será mostrado no decorrer da pesquisa.

Qualquer pessoa não pertencente ao mundo da criminalidade, ao fazer a leitura desse diálogo, precisaria de um tradutor para compreender o sentido do mesmo, pois as palavras *lança* (furto), *campana* (observação), *turbina* (revolver), *loque* (trouxa), *máquina* (revólver), *gogó* (garganta), *mico* (policial), *mão grande* (assalto), *napo de firma* (guarda particular), *caxanga* (casa), *espianto* (furto), *tira* (policial), *barra suja* (dificuldade), *paruana* (trouxa), *mina* (mulher) dificultam a interação, por se tratar de vocábulos técnicos usados por criminosos que praticam furto e roubo.

E o curioso é que eles acabam utilizando a gíria de grupo até mesmo em situações formais, prejudicando, desse modo, a interação com as autoridades policiais e judiciais. Veja, a título de exemplo, o depoimento do marginal Zé da Ilha, “o Saudoso”, em plena sessão de júri, em que, após sua fala, o juiz, de acordo com Marcuschi (2007), ficou atordoado e mandou chamar um “tradutor”.

Seu doutor, o patuá é o seguinte: depois de um gelo da coitadinha, resolvi esquiar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho de sabão. Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira, e troquei por centavos um embrulhador. Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma pára-queda se abrindo. Eu dei a dica, ela bolou. Eu fiz a pista, colei. Solei, ela bronquiou. Eu chutei. Bronquiou mas foi na despistas porque, muito vivaldino, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando. Morando na jogada, o Zezinho aqui, ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas sem esperar recebi um cataplum no pé do ouvido. Aí, dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muquecada nos amortecedores e taquei os dois pés na caixa da mudança, pondo por terra. Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas. Papai muito rápido, virou pulga e fez a Dunquerque, pois vermelho não combinava com a cor do meu linho. Durante o boogie, uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó. Não tenho vocação pra presunto e corri. Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem vazio, da Lapa, precisamente às quinze para a cor de rosa. Como desde a matina não tinha engulido gordura, o ronco do meu pandeiro estava me sugerindo sarro. Entrei no china pau e pedi um boi à Mossoró com confeti de casamento e uma barriguda bem morta. Engolia a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botá no pindura que depois eu ia esquentar aquela fria. Ia me pirá quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do mangue, foi direto ao médico legal pra me esculachar. Eu sou preto mas não sou o Gato Félix, me queimei e puxei a solingem. Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América. Aproveitei a confusão pra me pirá, mas um dedo duro me apontou aos xipófagos e por isto estou aqui. (MARCUSCHI, 2007, p. 96).

Diante desse caso pitoresco, devemos concordar com Oliveira (2011, p. 59) e afirmar que “seja na investigação policial ou em uma escuta telefônica, os agentes policiais têm dificuldades em decodificar a fala dos criminosos, recorrendo, muitas vezes, a colegas que possam decifrar a linguagem criptológica destes falantes”.

Recentemente, a revista *Língua Portuguesa* trouxe, na edição do mês de novembro de 2012, uma reportagem sobre a linguagem cifrada de um grupo criminoso de São Paulo, denominado de PCC (Primeiro Comando da Capital), que criou sua própria estrutura de linguagem para ter maior controle sobre suas operações criminosas. “Grampos operados pela Polícia Federal têm desde 2006 trazido à tona uma modalidade de linguagem própria da contravenção, antes reservada ao submundo do crime e do meio policial, mas usada até em crimes de colarinho branco.” (LÍNGUA PORTUGUESA, 2012, p. 15). Nesse contexto, podemos denominar essa forma peculiar de expressão como “linguagem especial”, a qual tem relação direta com o poder e, ao mesmo tempo em que visa à comunicação interna, exclui a comunidade linguística externa, consentâneo ao que afirma Gnerre (2009, 1985)

Analisando o vocabulário de grupos como esses, fica evidente que se trata de uma linguagem cifrada, que entra no repertório da contravenção como metáfora, uma vez que transferem o sentido de um termo para outro, com o objetivo de não serem compreendidos por pessoas não pertencentes ao grupo. A reportagem da Revista *Língua Portuguesa* supracitada traz exemplos como: “entregar o travesseiro” (pagamento de propina); “morango” (maconha); “figo” (cocaína); “gravatas” (advogados); “pipa” (informação repassada a um comparsa), dentre outros.

Ao realizarmos uma pesquisa dessa natureza no interior do país, esperamos verificar, por meio de marcas linguísticas, como a criminalidade, comum dos grandes centros urbanos, tem migrado também para as pequenas cidades. Será demonstrado, outrossim, ao longo dessa dissertação, como a linguagem reflete o contexto sociocultural dos falantes e como se dá o processo de interação por meio das gírias específicas do submundo do crime e das prisões.

1.6 A METÁFORA COMO UM RECURSO SOCIODISCURSIVO

Ao analisar as gírias do mundo do crime, vimos que seu estudo perpassa o caminho da metáfora, uma vez que grande parte do vocabulário dos reeducandos é formado pela transformação do sentido original das palavras, dando a estas um sentido figurado. Assim sendo, julgamos necessário dedicar uma seção deste capítulo ao estudo da metáfora, seu conceito e as funções que esse recurso exerce no discurso.

A definição mais antiga de metáfora vem de Aristóteles (século IV a. C.). De acordo com ele, uma metáfora é o uso do nome de uma coisa para designar outra. O vocábulo metáfora vem do grego *metapherein*, que significa *transferência* ou *transporte*.

Etimologicamente, é formada por *-meta*, que significa *mudança* e por *-pherein* que quer dizer *carregar*. “Assim, metáfora seria uma transferência de sentido de uma coisa para outra. Em uma frase como ‘Julieta é o sol’, o sentido de ‘sol’ foi transferido para o de ‘Julieta’.” (SARDINHA, 2007, p. 22).

Remenche (2003) define a metáfora como uma mudança do sentido próprio para o figurado, afirmando que explicá-la seria descobrir o termo próprio ausente, que foi substituído pelo termo figurado. Para Cançado (2007, p. 130), essa mudança de sentido é feita por meio de “uma comparação na qual há uma identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para outro”. É o que ocorre, por exemplo, na linguagem dos reeducandos ora estudada, em que a “cela” é chamada de “jaula” por eles, porque se sentem como um animal enjaulado, privados de sua liberdade, assim, transferem o sentido da palavra *jaula* para *cela*, devido à semelhança existente entre os dois conceitos. Nesse sentido, entendemos que o falante, ao usar a metáfora, pretende causar um efeito emotivo em quem a entende, sendo, pois, esse recurso linguístico um ato voluntário e intencional.

Remenche (2003) destaca, dentre outros, três processos básicos de formações metafóricas, a saber: 1) zoomorfização, em que o humano e o objeto são vistos como animais; 2) reificação, em que o humano é visto como objeto; 3) antropomorfização, em que coisas ou objetos são vistos como humanos.

A teoria tradicional do estudo da metáfora a trata como uma figura de linguagem que serve para embelezar o texto, criar novas palavras e expressar o estilo do escritor, sendo, por isso, também chamada de *figura de estilo*. Assim, ela seria mais utilizada na Literatura, como uma técnica de poetas para expressar sentimentos.

Não obstante, Sardinha (2007) lembra que, atualmente, a metáfora e as demais figuras de linguagem têm sido utilizadas também pela Retórica, sendo bastante ensinadas em cursos de oratória com o objetivo de melhorar o poder de convencimento e a comunicação em geral de pessoas que precisam falar em público.

Cançado (2012) complementa dizendo que essa figura de linguagem é muito comum também em textos publicitários, científicos, jornalísticos e até mesmo em nossa linguagem cotidiana.

Ao falar sobre a metáfora, lembramos de uma outra figura de linguagem denominada *metonímia*, posto que ambas são parecidas, pois relacionam duas coisas semelhantes. Jakobson (1969, apud Fiorin, 2012, p. 74) diz que “toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico.”

Entretanto, há diferenças entre elas, dada as especificidades de cada uma:

A metáfora e a metonímia são tropos diferentes por natureza, pois aquela tem uma identidade construída por transferência de sentido de um lexema para outro, enquanto esta, como o próprio nome já indica, é apenas uma “transnominção” de objetos: uma coisa é designada pelo nome de outra coisa que tem com a primeira uma relação de causa e efeito, de parte pelo todo, de continente e conteúdo, etc. (JAKOBSON, 1977, apud REMENCHE, 2003, p. 45)

Assim, a metáfora é fundamentada na relação de semelhança entre dois conceitos distantes como, por exemplo, a relação entre o ser humano e o cosmo, em “Julietta é sol”; e a metonímia se apoia na contiguidade, ou seja, cria relações entre conceitos que já são próximos, contíguos, como, por exemplo, a relação que já existe entre o escritor e sua obra na frase “Estou lendo Machado de Assis”. Cumpre lembrar que em ambos os casos há uma comparação, pois Julietta é comparada ao sol e a obra do escritor Machado de Assis é comparada ao próprio escritor, porém, no primeiro caso, temos uma comparação entre dois domínios diferentes (ser humano e cosmo), enquanto no segundo, temos uma comparação em apenas um domínio (o domínio das obras de Machado de Assis), em que são comparados dois aspectos desse mesmo domínio, ou seja, o autor e a sua obra. (SARDINHA, 2007).

Na metáfora há, pois, uma mudança total no significado da palavra original, enquanto na metonímia essa mudança é parcial. Para exemplificar melhor, peguemos dois exemplos retirados de nosso *corpus*: “dragão e pano”, em que a primeira é utilizada para *isqueiro* e a segunda para *roupa*. Para compreender o sentido da primeira palavra em um enunciado do tipo “meu *dragão* estragou”, o ouvinte precisa mergulhar profundamente na intuição, bem como compartilhar aspectos culturais entre o falante, para que haja a compreensão, uma vez que os vocábulos *dragão* e *isqueiro*, do ponto de vista denotativo, nada têm em comum, mas, se consideramos o sentido figurado, veremos que *isqueiro* pode ser comparado a *dragão*, pois ambos soltam fogo. Nesse caso, temos uma metáfora. Por sua vez, a compreensão de um enunciado metonímico do tipo “Rasguei meu *pano* na fuga” não exige muito esforço do ouvinte, pois é construído a partir do mesmo campo semântico, já que o significado de roupa está contido em pano, tecido usado em sua confecção, ou seja, ouve apenas uma mudança parcial no significado original da palavra.

Se pensarmos na gíria do Sistema Prisional e do mundo do crime, Werner (1983, apud Remenche, 2003, p. 43) define bem a metáfora, pois, para ele,

essa figura funciona como uma autoproteção intelectual do indivíduo, representando a consequência de duas tendências: a de reprimir uma representação ou uma ideia cuja expressão é tabu em sentido de pecado ou perigo, atitudes corriqueiras na vida das pessoas que compõem esse grupo, e por outra parte, não obstante, fazer possível a comunicação linguística.

Isso posto, destacamos que as metáforas na gíria dos reeducandos podem conter eufemismos e disfemismos, dada a função social dessa linguagem. Desse modo, os falantes podem tentar suavizar ideias tabus ou violentas com eufemismos, utilizando, por exemplo, a expressão metafórica “jogar para trás”, em vez de “matar alguém”; ou, de forma disfêmica, a expressão “demônio”, no lugar de “juiz”.

Para Lakoff e Johnson (2002) a metáfora é mais que uma simples figura de linguagem usada para embelezar o texto e a fala, ela é um processo cognitivo inerente ao sistema conceitual humano e envolve o desenvolvimento de raciocínio analógico e capacidade interpretativa do interlocutor para ser compreendida. Esses autores desenvolveram a teoria da *metáfora conceptual*, que é uma forma convencional de “conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente. Por exemplo, O AMOR É UMA VIAGEM. [...] No caso acima, a metáfora fornece um conceito de amor. [...] amor seria uma viagem. Esse é o conceito metafórico.” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, citados por SARDINHA, 2007, p. 30).

No exemplo supra, temos dois domínios de conhecimento ou experiência humana: AMOR e VIAGEM, sendo *viagem* o domínio-fonte, concreto, a partir do qual conceitualizamos algo; e *amor*, o domínio-alvo, abstrato, aquele que desejamos conceitualizar. Sardinha (2007, p. 32) lembra que, a partir de uma metáfora conceptual, podemos fazer *desdobramentos*, ou seja, inferências, tais como: se o *amor é uma viagem*, logo, “se uma viagem longa é cansativa, então um casal que vive junto há muitos anos pode cansar do relacionamento”. Assim, podemos dizer que as metáforas apresentam sistematicidade.

Lakoff (1985) postula três tipos de conceitos metafóricos, que se concretizam num grande número de expressões linguísticas:

- 1) **Metáforas estruturais** – implicam em estruturar um objeto ou experiência em termos de um tipo de objeto ou experiência diferente, por meio de mapeamentos complexos. Assim, o sujeito conceitua um elemento em termos de outro, demonstrando a sua visão de mundo sobre as coisas. Por exemplo: tempo é dinheiro; discussão é guerra; a vida é um jogo de azar; o amor é uma viagem.
- 2) **Conceitos metafóricos orientacionais** – são aqueles que envolvem uma direção espacial (para cima/para baixo, dentro/fora, perto/longe, frente/trás, fundo/raso, central/periférico, etc.). Exemplo: Saúde é para cima / doença e morte são para baixo (Ele está com a saúde em alta. Ele está no topo da forma. / A saúde dele está em baixa. Sua saúde está declinando.)

3) Metáforas ontológicas – implicam em projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente, ou seja, consiste em concretizar, de forma física, algo abstrato, sem estabelecer os mapeamentos. Consoante Sardinha (2007, p. 35), “essa concretização é expressa em termos de uma ‘entidade’ (uma ‘coisa’) que pode ser contada, medida, fracionada, etc.” Por exemplo: A vitalidade é uma substância (Ele transborda de energia. / Lá pelo fim do dia eu simplesmente fico sem energia.). De acordo com Lakoff & Johnson (2002, apud, Lopes, 2003), nas metáforas ontológicas, os eventos/ações podem ser conceituados como objetos, as atividades como substâncias e os estados como recipientes.

Cumprido ressaltar que, para Lakoff & Turner (1989, apud Remenche, 2003, p. 52), a metonímia, assim como a metáfora, também é classificada como conceitual, pois

ambas têm a capacidade de mapear/estruturar conceitos, fazendo parte de nosso sistema conceitual do dia a dia [...], na metáfora há dois domínios conceituais, sendo um entendido em termos de outro, enquanto que a metonímia envolve apenas um domínio conceitual, ocorrendo o mapeamento dentro desse único domínio, e não através de domínios diferentes. [...] a diferença entre uma e outra categoria resume-se pelo fato de os dois mapeamentos envolverem um único domínio conceitual ou dois domínios conceituais.

De acordo com Sardinha (2007, p. 32), a teoria de Lakoff & Johnson (2002) propõe que não há verdades absolutas pois,

as metáforas são culturais, resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações ou ideologias. Por exemplo, a civilização ocidental entende que ‘tempo é dinheiro’. Essa é uma metáfora conceptual que estrutura o pensamento daqueles que vivem em culturas ocidentais, capitalistas, mesmo que não concordem com ela, mas não influencia pessoas em outras culturas (como a dos povos aborígenes).

Nesse viés, “as metáforas conceptuais são culturais. Elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura.” (SARDINHA, 2007, p. 33). Assim sendo, consentâneo ao que diz Lakoff (1985), para que haja comunicação, é necessário que os interlocutores sejam falantes igualmente competentes do mesmo dialeto e da mesma língua (ou variedade linguística) e compartilhem pressupostos culturais e contextuais, conhecimento relevante de mundo e as mesmas metáforas conceptuais

e teorias populares (senso comum). Mesmo porque, os conceitos que governam o pensamento humano, os quais são expressos por meio da linguagem (metafórica ou não metafórica), não são apenas fruto do intelecto, mas também detalhes do cotidiano, da maneira como cada indivíduo ver e se relaciona com o mundo e com as outras pessoas. Para Lakoff (1985), compreender o discurso de alguém situado numa outra cultura, ou mesmo na nossa, que viva metáforas distintas das nossas, é algo muito complexo. Para compreender o discurso, portanto, é preciso compreender as metáforas e as teorias populares que foram usadas para estruturá-lo. Para exemplificar essa questão, Lakoff cita o seguinte exemplo:

Imagine ter sido arremessado no meio de uma aldeia perdida na Índia rural, onde por acaso se fala inglês. Se você pensa que vai conseguir comunicar-se simplesmente porque você fala a língua, está condenado a um choque. Você não estará compartilhando os pressupostos culturais, o conhecimento relevante do mundo, os pressupostos de fundo, o conhecimento do que é assunto de conversa em que situações e, em particular, você não compartilhará as mesmas teorias populares e pode muito bem não compartilhar as mesmas metáforas conceptuais. Se você tiver que discutir muito sobre relações interpessoais, instituições religiosas e sociais, emoções ou, virtualmente, qualquer conceito abstrato que seja diferente naquela cultura, então a metáfora do CANAL¹¹ não vai ser-lhe muito útil. Não bastará que você coloque pura e simplesmente seus sentidos em palavras e espere que sejam compreendidas. (LAKOFF, 1985, p. 66)

Dado esse aspecto sociocultural e ideológico atribuído à metáfora, a teoria conceptual desenvolvida por Lakoff & Johnson (2002) serve aos propósitos de nossa pesquisa, que tem como principal aporte teórico a Sociolinguística Interacional, uma vez que a linguagem gíria do Sistema Penitenciário e do mundo da criminalidade coloca em evidência a estrutura sociocultural do grupo que a cria e a utiliza, revelando seu modo de ver o mundo, suas transgressões e vícios. Ademais, essa teoria pode explicar, também, porque grande parte dos policiais consegue interpretar facilmente as criações metafóricas do grupo, já que, devido à convivência com a criminalidade e com os reeducandos, as metáforas conceptuais acabam sendo compartilhadas entre os dois grupos (policiais e criminosos).

¹¹ A “metáfora do canal” é um exemplo de conceito metafórico proposto por Reddy (1979, apud Lakoff, 1985), segundo o qual o falante tira as ideias de sua mente, colocando-as em palavras e as envia, por um canal, ao ouvinte, que decodifica os sentidos dessas palavras-recipientes.

1.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo em tela, apresentamos a corrente teórica que sustenta as análises desenvolvidas nessa pesquisa: a Sociolinguística Interacional. Para tanto, fizemos um percurso pela Sociolinguística Laboviana, devido às importantes contribuições de Labov para uma concepção social de língua e suas variações diacrônicas e sincrônicas, e também porque julgamos importante seguir algumas orientações desse linguista, mormente, no que se refere ao paradoxo do observador, em que o autor sugere que se deve estudar o falante em seu contexto social natural, interagindo com ele.

Em nosso percurso, nos apoiamos, também, nos trabalhos de Bagno (2001, 2009, 2010), no que concerne às questões de preconceito e ideologia presentes nas atitudes dos falantes com relação às variedades linguísticas e a seus usuários

Dado nosso objeto de estudo, qual seja: “as gírias de grupo faladas no meio carcerário e no mundo do crime”, a vertente interacionista da sociolinguística se mostra adequada para nossas análises, pois os trabalhos de Gumperz (1988) e de Goffman (2012) nos permitem chegar ao porquê de escolhas lexicais peculiares, e a utilização de outras estratégias discursivas, pelos reeducandos em suas interações com os comparsas e com os policiais; além de revelar a relação imanente entre linguagem, cultura e identidade social.

Julgamos relevante falar, no presente capítulo, sobre os trabalhos de Preti (1984 e 2004) acerca das gírias de grupo, posto que esse linguista foi o primeiro a discutir o tema no Brasil sob uma perspectiva sociolinguística, partindo da linguagem para se chegar à compreensão dos aspectos socioculturais que a produziram. Ademais, esse autor, ao relatar suas experiências de pesquisa em presídios e casas de detenção, nos fornece dicas metodológicas valiosas de como gerar dados mais precisos nesses ambientes fechados.

Finalmente, dado o caráter metafórico da gíria do mundo do crime, decidimos dedicar uma seção ao estudo da metáfora, com base, principalmente, nos trabalhos de Sardinha (2007), Remenche (2003), Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), em que evidenciamos o caráter sociocultural e ideológico subjacente a esse recurso estilístico e, sobretudo, discursivo.

Assim, usando esse aporte teórico, entendemos que será possível responder a vários questionamentos sobre a “linguagem dos filhos errantes da sociedade”.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMENTOS E PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS: ABORDAGEM QUALITATIVA NA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo é dedicado à descrição metodológica da geração dos dados da pesquisa de campo. Mostraremos que utilizamos uma abordagem qualitativa, tendo a etnografia como princípio teórico-metodológico que nos possibilitou o diálogo com os pesquisados para, através do papel de aprendiz-interessado em seus problemas e peculiaridades, chegarmos aos objetivos da pesquisa, qual seja: o estudo das gírias do meio carcerário e do mundo do crime e o papel dessa linguagem nas interações verbais.

Descreveremos, ao longo do capítulo, como foram os procedimentos para a entrada em campo e as dificuldades encontradas para conseguirmos as entrevistas com os reeducandos, dada a situação de reclusão e o grau de periculosidade dos mesmos, o que tornou a presente pesquisa um grande desafio.

Serão descritos, também, os instrumentos metodológicos utilizados para a geração de dados e a identificação dos colaboradores da pesquisa.

2.2 ABORDAGEM QUALITATIVA

O trabalho em tela adota uma metodologia qualitativa, conforme já mencionamos. Optamos por essa metodologia porque esta se mostra mais adequada às especificidades de nossa pesquisa, pois, de acordo com Brisola (2004, apud Costa, 2008, p. 5), esse método difere dos métodos quantitativos porque não apresenta estatísticas, “sendo uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social, tendo como base amostras coletas, e confrontadas com o aporte teórico.” Nesse viés, tal metodologia é adequada para o estudo da linguagem gíria do mundo do crime e das prisões, posto que, consoante Costa (2008, p. 5), o método qualitativo “parte de análises de fenômenos que estão acontecendo, caracterizando-o como análise fenomenológica.”

Segundo Bogdan e Biklen (1982, citados por Lüdke e André, 1986, p. 13), a pesquisa qualitativa ou naturalística “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.”

Assim sendo, como o objetivo de nossa pesquisa é analisar o processo de interação entre os policiais e os reeducandos e destes entre si, que se dá por meio dos usos linguísticos, a abordagem qualitativa é eficaz, uma vez que a mesma tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. Desse modo, os resultados podem ser mais precisos, já que o pesquisador fica bastante tempo em campo, interagindo com os sujeitos pesquisados em seu contexto natural, observando de perto o que se passa na vida social da comunidade estudada. Nesse ponto, a adoção de uma abordagem qualitativa, que permite a imersão do pesquisador no meio social do pesquisado, é importante, pois “é pela observação do comportamento que se descobrem as palavras escritas e faladas que serão estudadas pelo pesquisador. Não há preocupação com números, porcentagens e estatísticas. Importa o que o pesquisador observou e apreendeu em determinado grupo social.” (LOPES, 2003, p. 34)

A pesquisa qualitativa pode assumir várias formas (estudo de caso, etnografia, pesquisa-ação, etc.). Na presente dissertação, optamos pela etnografia, por entendermos que esse método, ao estudar descritivamente vários aspectos sociais e culturais de um povo ou grupo social, poderá responder a muitas interrogações a respeito da linguagem e da forma de vida dos “filhos errantes da sociedade”, nosso objeto de estudo.

2.2.1 Etnografia

O vocábulo *etnografia* é formado por dois radicais de origem grega: *ethnoi*, que significa “os outros”; e *graphos*, que significa “escrita”, “descrição”, “registro”. Destarte, etnografia significa, literalmente, escrever sobre os outros. Esse método qualitativo tem raízes na antropologia, que é definida como a ciência que estuda, descreve, interpreta e classifica culturas ou povos. (SOUSA, 2006)

Inicialmente a etnografia era utilizada apenas por antropólogos, tendo sido os primeiros trabalhos desenvolvidos no final do século XIX e início do século XX. Tais trabalhos tinham como objetivo estudar a cultura de povos específicos, do ponto de vista da antropologia, dando um cunho interpretativista para as análises realizadas. Dentre essas

pesquisas, Sousa (2006) destaca os trabalhos de Bronislaw Malinowski (realizado na Nova Guiné em 1922) e Margareth Mead (realizado em Samoa – Oceania em 1928).

Atualmente, a etnografia é muito utilizada também por sociólogos, educadores e linguistas, pois propõe uma metodologia baseada na observação, descrição, análise e interpretação de aspectos socioculturais de uma determinada comunidade, podendo, pois, servir aos objetivos de todas as áreas supracitadas.

Consoante Wilson (1977, citado por Lüdke e André, 1986), a pesquisa etnográfica fundamenta-se em dois conjuntos de pressupostos sobre o comportamento humano, quais sejam: 1) a *hipótese naturalista-ecológica*, que preconiza que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que está inserido, daí a importância de se estudar o indivíduo dentro de seu ambiente natural; 2) a hipótese *qualitativo-fenomenológica*, que determina ser quase impossível entender o comportamento humano sem tentar entender o quadro referencial no qual as pessoas interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações, nessa perspectiva, o pesquisador deve assumir o papel subjetivo de participante e o papel objetivo de observador, a fim de compreender e explicar o comportamento humano.

De acordo com Erickson (1990, apud Bortone, 1993), na etnografia é crucial que o pesquisador faça uma *observação participante* a fim de ter uma visão holística do contexto pesquisado, ou seja, o pesquisador deve pautar seu interesse na completude da descrição e análise dos diversos aspectos da vida do grupo humano estudado: sua economia, leis, relações familiares, religião, tecnologia, ciência, magia e rituais, artes, bem como a linguagem como reflexo destas práticas sociais; por isso, geralmente, um estudo etnográfico retrata um ciclo anual de atividade na comunidade, incluindo aí os rituais que acompanham suas vidas.

Desse modo, nas pesquisas etnográficas mais antigas, os pesquisadores permaneciam bastante tempo na comunidade pesquisada, a fim de obter todo o conhecimento possível sobre a organização social e a cultura dos indivíduos. Hoje, contudo, os pesquisadores têm permanecido menos tempo em campo. (SOUSA, 2006). No caso específico de nossa pesquisa, frequentamos o ambiente pesquisado por aproximadamente seis meses, conversando com os agentes prisionais, agentes de polícia, delegados, servidores técnicos administrativos e com os reeducandos a respeito da rotina da vida carcerária e do mundo da criminalidade, e observando a interação entre eles por meio da linguagem. Por isso, devido ao tempo de permanência em campo ter sido relativamente curto¹², preferimos utilizar o termo

¹² Esse tempo limitado em campo se deu também devido à situação do contexto pesquisado, pois, na época da pesquisa, o sistema prisional do estado do Tocantins, estava passando por algumas instabilidades, como rebeliões e ameaças de fuga, o que inviabilizou nossa permanência em campo, de forma segura.

“perspectiva etnográfica” e não apenas “etnografia” ao intitularmos o presente capítulo metodológico.

Para a realização da pesquisa de campo de cunho etnográfico, o pesquisador dispõe de vários recursos metodológicos e tecnológicos para a geração de dados. Observação, registros escritos, entrevistas, gravações, fotografias e filmagens, são exemplos de recursos metodológicos. Já os tecnológicos são: gravador, câmera fotográfica, filmadora, blocos de papel ou caderno, caneta, dentre outros. Na realização de nossa pesquisa, utilizamos a observação e a entrevista como recurso metodológico e para registrá-los optamos pelo gravador e blocos de anotações. Cumpre lembrar que, no caso dos reeducandos, só gravamos as entrevistas previamente autorizadas por eles, pois esse público apresenta certo receio com relação à presença do gravador, o que poderia inibir a espontaneidade de suas falas, prejudicando, assim, os resultados da pesquisa. Então, em alguns casos, registramos as entrevistas em blocos de anotações. Além das observações e entrevistas, também solicitamos a alguns reeducandos que fizessem listas das principais gírias (com seus respectivos significados) utilizadas por eles no sistema prisional.

A etnografia pode ser realizada tanto no contexto micro como no macro (SOUSA, 2006). No caso de nossa pesquisa, podemos caracterizá-la como micro, pois focalizamos o trabalho de campo em um contexto menor, dentro do universo do sistema prisional brasileiro, o que não significa que essa escolha por um contexto micro exclua a visão da totalidade.

Um ponto que julgamos relevante mencionar é a questão do papel e da tarefa do observador ao optar por uma abordagem etnográfica. Hall (1978, apud Lüdke e André, 1986, p. 17) cita algumas características essenciais para um bom etnógrafo:

a pessoa precisa ser capaz de tolerar ambiguidades; ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesmo e aos outros, madura e consciente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais. Desde o contato inicial com os participantes, o observador deve se preocupar em si fazer aceito, decidindo quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser identificado com nenhum grupo particular.

No caso da nossa pesquisa com os reeducandos, tais posturas foram fundamentais para obtermos as informações desejadas. Tivemos que assumir um papel de observador-interessado no modo de vida do meio carcerário e, sobretudo, deixar claro para os detentos que não representávamos grupos específicos do judiciário ou da polícia investigativa.

Lopes (2003, p. 36) lembra que “esses princípios etnográficos que evidenciam a necessidade de deslocamento do pesquisador em busca da aproximação e do diálogo com os sujeitos pesquisados é de extrema importância para as pesquisas que lidam com violência.” Embasada nos estudos do antropólogo Luiz Eduardo Soares (1996), Lopes (2003, p. 36) chama a atenção para a responsabilidade ética da etnografia perante a violência, sendo necessário ao pesquisador “metamorfosar-se à procura da perspectiva dos transgressores – aqueles que, por serem designados como dementes, criminosos ou perversos, estão situados à margem das áreas estruturadas da sociedade.”

A nosso ver, a *metamorfose* é tanto um método quanto uma teoria, pois permite ao pesquisador aproximar-se dos sujeitos pesquisados e refletir sobre a violência, que é o oposto da metamorfose, conforme comenta Soares (1996, p. 19):

[...] enquanto pela metamorfose, o homem ousa [...] transformar-se e converter-se em outro, procurando aceita-lo [...] pondo-se, imaginária e afetivamente, em seu lugar, buscando assumir o seu ponto de vista, o exercício da violência visa a mudar o outro, trazê-lo até o domínio da vontade de quem o exercita. [...] a violência procura transformar o outro em si mesmo, busca absorvê-lo à medida que pretende tornar as ações do objeto da violência extensões de sua própria vontade.

Assim, a metamorfose requer um movimento “generoso” do pesquisador, no sentido de se colocar no lugar do outro, de forma imaginária e afetiva. (LOPES, 2003). De certa forma, em nossa pesquisa, procuramos fazer esse movimento de aproximação com os reeducandos pesquisados, com base nesse princípio da metamorfose.

Cumpramos ressaltar que adotamos uma perspectiva etnográfica em nossa pesquisa devido à sua flexibilidade e por oferecer vários recursos de geração de dados; e, principalmente, porque nos permite fazer uma análise mais profunda sobre os fenômenos linguísticos, uma vez que a linguagem é reflexo das ações, do modo de ser e pensar de seus falantes, sendo assim, por meio da investigação etnográfica de uma comunidade é possível compreender aspectos importantes da língua falada pelo grupo, já que esta é uma prática interativa sociocultural e não apenas uma estrutura extracultural localizada na mente humana, como aponta Saussure. (PEREIRA, 2009)

Isso posto, adotamos uma das vertentes da etnografia: a *etnografia da fala*, sobre a qual passamos a discorrer.

Essa vertente usa os mesmos procedimentos da etnografia convencional, já mencionados nesse capítulo, contudo, o foco central é documentar e analisar aspectos

específicos do processo comunicativo (verbal e não-verbal), bem como contextualizar esse processo na cultura do grupo onde ele ocorre. (BORTONE, 1993). A autora diz, com base em Hymes (1972) e Gumperz (1982), respectivamente, que as unidades de observação na etnografia da fala são:

1. *eventos de fala*, os quais ocorrem, praticamente, em qualquer comunidade de fala, como, por exemplo: uma consulta médica, uma entrevista para obter emprego, uma aula.
2. *atividades de fala*, em que o assunto torna-se o ponto central da conversa, tais como: bate-papos sobre futebol, novela, temperatura, etc..

Em nossa pesquisa, observamos *atividades de fala* dos sujeitos pesquisados, pois nas entrevistas e observação participante procuramos instigar os reeducandos e policiais a falarem sobre suas rotinas, sua vida familiar e social, os desafios encontrados no trabalho (no caso dos policiais), os motivos para a entrada no mundo do crime (para os reeducandos), a rotina do ambiente prisional, etc.. Assim, foi possível obter dados mais precisos sobre a linguagem, já que esta é o reflexo dos aspectos socioculturais do falante. Além disso, os pesquisados se sentiram mais à vontade para falar, posto que os temas das conversas eram afins ao que vivenciam no cotidiano. Para alguns reeducandos as conversas com a pesquisadora eram, inclusive, uma forma de desabafar as angústias que sentiam devido à condição de reclusão e exclusão social em que viviam.

Ao adotarmos a etnografia da fala como metodologia de pesquisa foi possível, então, relacionar a variedade linguística do sistema prisional e do mundo do crime às práticas sociais do grupo, revelando identidades, ideologias, estereótipos, empoderamento e marcas de violência e marginalidade por meio da linguagem, conforme mostraremos no capítulo de análise dos dados.

2.3 OS DESAFIOS DA PESQUISA DE CAMPO

Ao ingressar no curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2012, já havia decidido que estudaria a linguagem dos “filhos errantes da sociedade”, uma vez que, conforme mencionado na introdução desta dissertação, convivo com agentes prisionais e de polícia na

família e no ciclo de amizades, o que contribuiu para despertar a curiosidade quanto às gírias faladas no meio carcerário e no mundo do crime.

Assim, logo no início do primeiro semestre de 2012, decidi que faria uma pesquisa com os reeducandos da Casa de Prisão Provisório de Gurupi – TO (CPPG) e do estabelecimento penal Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, localizado no município de Cariri, Estado do Tocantins. Ao procurar a direção da CPPG para falarmos a respeito de nossa intenção em realizar a pesquisa com os reeducandos e agentes penitenciários da unidade, fomos informados que seria preciso enviar pedido oficial, assinado pela pesquisadora e pela professora orientadora da pesquisa, ao Juiz de Direito responsável pela Vara de Execuções Penais e Tribunal do Júri da Comarca de Gurupi. Assim procedemos, e em abril de 2012 obtivemos autorização judicial para realizar a pesquisa na CPPG.

Iniciamos a pesquisa ainda naquele mês, em que as entrevistas com os reeducandos eram previamente agendadas junto à chefia da casa. Visitamos esse ambiente entre os meses de abril a junho de 2012, sendo que conversávamos apenas com dois reeducandos por mês, para não atrapalhar a rotina da casa de detenção e por questões de segurança. Foram entrevistados seis reeducandos durante esse período e três agentes penitenciários. Além das observações e conversas informais com os outros profissionais técnico-administrativos que trabalhavam no local e com os agentes prisionais.

Cumpre lembrar que a Casa de Prisão Provisória de Gurupi abriga, em média, 115 (cento e quinze) presos provisoriamente, até sair o julgamento dos mesmos, quando são transferidos para o Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã em Cariri – TO ou para outra unidade penal do Estado do Tocantins. Contudo, a realidade nem sempre é essa, pois, devido a superlotações nos presídios, a CPPG acaba abrigando também presos condenados ou apenados vindos de outras unidades penais do Estado. Assim, entre os seis reeducandos entrevistados, apenas um ainda não tinha sido condenado, ao passo que os outros cinco já tinham cinco anos ou mais de detenção.

A escolha desses seis reeducandos se deu em parceria com os agentes prisionais, pois conversamos com eles previamente sobre os objetivos da pesquisa, pedindo-lhes que nos indicassem os sujeitos mais abertos ao diálogo e que tivessem mais tempo de detenção, a fim de obtermos dados mais precisos.

Por orientação dos agentes prisionais, não informamos aos reeducandos a nossa ligação pessoal com os agentes, a fim de garantir nossa segurança e também para não inibir os pesquisados, que poderiam esconder informações valiosas, imaginando que seriam delatados. Desse modo, a pesquisadora se apresentou como estudante da Universidade de Brasília interessada em estudar o modo de vida e a linguagem no meio prisional e no mundo do crime.

As entrevistas com os reeducandos, cujo roteiro explicitaremos no próximo tópico, foram realizadas em uma sala reservada, a qual tinha uma porta de vidro que dava para um corredor estreito. A pesquisadora ficava sozinha na sala com o reeducando, sendo que um agente penitenciário ficava montando guarda do lado de fora, olhando através da porta de vidro, de vez em quando. Todos os reeducandos eram trazidos até a entrevistadora com as mãos algemadas e permaneciam assim até o término da conversa. Sentíamos certo constrangimento com aquela situação dos reeducandos e, ao mesmo tempo, tínhamos uma sensação de medo que procurávamos dissimular para que os pesquisados se sentissem mais à vontade. Eram em momentos como este que recorriamos à teoria-método da *metamorfose* para nos aproximarmos dos reeducandos. Não foi possível gravar nenhuma das seis entrevistas realizadas com esse público, pois eles não autorizaram, dizendo que achavam mais cômodo se a pesquisadora apenas escrevesse o que eles diziam. Devido a isso, gastamos muito tempo com cada entrevista, a fim de tomarmos nota de um maior número de informações possível, além daquelas que guardávamos na mente e anotávamos depois. Alguns reeducandos se mostraram bem solícitos conosco, concordando e oferecendo-se para montarem listas com as gírias mais utilizadas no meio carcerário, as quais nos foram entregues pelos agentes prisionais em visitas posteriores, sendo utilizadas na elaboração de um glossário que segue apenso a esta dissertação.

Já as entrevistas com os três agentes penitenciários foram mais tranquilas, tendo sido, inclusive, gravadas.

Feito esse trabalho na CPPG, resolvemos colher mais dados no Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri – TO¹³, pois, por se tratar de um presídio que abriga presos já condenados e que estão há mais tempo detidos, acreditamos que seria relevante para os resultados da pesquisa conversar também com esse público. Procuramos, então, a chefia desse estabelecimento penal em julho de 2012 e, como já tínhamos obtido autorização judicial para a realização da pesquisa na CPPG, foi mais fácil obter autorização para desenvolver a pesquisa também nesse estabelecimento prisional. Assim, no final de agosto de 2012, quando recebemos a autorização oficial da chefia, iniciamos nossa geração de dados naquela unidade, visitando o local, mais ou menos uma vez por semana, até o mês de outubro de 2012, sendo que houve semanas em que não foi possível a nossa presença no local, devido a ameaças de rebelião e outros problemas internos da unidade prisional.

¹³ Doravante passamos a nos referir a esse estabelecimento penal também como “presídio”, pois é assim que o local é denominado pelos agentes penitenciários, pelos reeducandos e pela comunidade em geral.

As dificuldades encontradas para a realização da pesquisa no presídio foram maiores, tanto pela dificuldade de acesso ao local¹⁴, como pelo maior grau de periculosidade dos reeducandos. Assim, por medida de segurança, alguns reeducandos eram trazidos até a pesquisadora com algemas nas mãos e correntes nos pés.

Adotamos a mesma metodologia desenvolvida na CPPG para as entrevistas, sendo que nesse local tivemos também a oportunidade de conversar livremente com alguns reeducandos que estavam cumprindo pena em regime semiaberto, os quais falaram um pouco sobre a rotina do local.

O Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã abriga aproximadamente trezentos reeducandos, entre regime semiaberto e fechado. Em nossa pesquisa só foi possível entrevistar oito reeducandos, pois ocorreram e ocorrem constantes rebeliões e tentativas de fuga no presídio, o que dificultou nosso acesso de forma segura. Inclusive, um dos reeducandos que entrevistamos veio a falecer dentro do presídio, dias depois de nos ter concedido a entrevista. O mesmo foi encontrado morto na cela, com uma corda atada ao pescoço. Ficamos chocados com o ocorrido, contudo, continuamos a pesquisa. Tínhamos a intenção de entrevistar um número maior de reeducandos, contudo, a situação de instabilidade do sistema prisional não nos permitiu.

Das oito entrevistas realizadas com os reeducandos no presídio, seis foram gravadas em áudio, sob a anuência dos entrevistados, e duas foram registradas em blocos de anotações, pois os sujeitos entrevistados não autorizou gravar a conversa. Também conversamos com os agentes penitenciários que estavam de plantão no dia das visitas, os quais não puderam conceder-nos entrevistas face a face em virtude do trabalho que exigia deles constante atenção, assim, repassamos um roteiro de entrevista para três agentes prisionais, que nos foi entregue posteriormente.

Em julho de 2013 tentamos voltar a campo para realizar mais entrevistas com os reeducandos, todavia, isso não foi possível devido à instabilidade do sistema prisional, provocada por constantes rebeliões e ameaças de fuga.

Dados os objetivos de nossa pesquisa, julgamos necessário entrevistar também um delegado de polícia e agentes de polícia, que atuam na investigação dos crimes, a fim de saber como se dá o processo de interação pela linguagem em suas ações investigativas e nos contatos com os “filhos errantes da sociedade”. Assim, entramos em contato com o delegado

¹⁴ Esse estabelecimento penal está localizado na zona rural do Município de Cariri – TO, pequena cidade, com aproximadamente 3.000 habitantes, que fica a cerca de 20 Km da cidade de Gurupi (localizada no sul do Estado do Tocantins). Para chegar ao estabelecimento penal, é preciso percorrer aproximadamente 10 km em estrada sem pavimentação asfáltica.

responsável pela Delegacia Especializada em Investigações Criminais (DEIC)¹⁵ de Gurupi - TO, o qual concordou em nos atender. Desse modo, em agosto de 2013 entrevistamos o delegado mencionado, não sendo possível entrevistar nenhum dos agentes de polícia daquela delegacia, pois os mesmos estavam em diligência, desenvolvendo um trabalho investigativo, não dispondo, pois, de tempo para nos atender. Contudo, conseguimos entrevistar um agente de polícia que atua na Central de Flagrantes, que está localizada ao lado da CPPG e com o qual havíamos conversado na época de nossas visitas àquela casa de detenção, sendo possível, porém, a realização da entrevista formal só em agosto de 2013, em que o agente nos recebeu em sua casa para conversarmos. Para o registro dessas entrevistas foi usado gravador de voz.

Sintetizando, tivemos um total de vinte e dois colaboradores, sendo que, no interstício de abril a outubro de 2012, entrevistamos quatorze reeducandos, dos quais seis eram da CPPG e oito do presídio de Cariri; e seis agentes penitenciários, sendo três da CPPG e três do presídio. Já em meados de agosto de 2013, entrevistamos um delegado de polícia, que atua na Delegacia Especializada em Investigações Criminais (DEIC) de Gurupi, Estado do Tocantins; e um agente de polícia que atua na Central de Flagrantes de Gurupi.

2.3.1 Métodos de geração de dados: observação participante e entrevista

Por adotarmos uma perspectiva etnográfica em nossa pesquisa de campo, optamos pela observação participante e a entrevista como métodos de geração de dados, pois tais métodos permitem a interação do pesquisador com os pesquisados e um conhecimento mais amplo da cultura e das práticas sociais que são reveladas pela linguagem. Assim, foi possível observar os processos de interação verbal *in loco*, tendo uma visão real desses processos.

2.3.1.1 Observação participante

A observação direta (ou participante) pode ser entendida como o levantamento de dados no próprio local em que os fenômenos ocorrem, ou seja, é a observação de fatos tal como ocorrem espontaneamente. (COSTA, 2008)

¹⁵ Delegacia responsável por investigação de crimes relacionados ao tráfico de drogas na região sul do Estado do Tocantins.

Lüdke e André (1986, p. 26), ao falarem sobre o método da observação nas abordagens qualitativas, afirmam que:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e a às suas próprias ações.

Essas autoras dizem também que existem vários tipos de observações, as quais variam de acordo com o grau de envolvimento do pesquisador com a realidade pesquisada. Assim, a escolha pelo grau de envolvimento é feita, geralmente, em termos de um *continuum*, que vai desde uma imersão total do pesquisador na realidade até um completo distanciamento desta.

O pesquisador também precisa decidir de que forma tornará explícito o seu papel e os propósitos do seu estudo. Buford Junker (1971, apud Lüdke e André, 1986) diz que aqui também pode haver variações dentro de um *continuum*, que vai desde a total explicitação até a não-revelação. O autor cita quatro pontos dentro desse *continuum*, quais sejam:

- 1) *Participante total*, em que a identidade e o propósito do estudo do pesquisador não são revelados ao grupo. Nesse caso, ele busca tornar-se um membro do grupo para se aproximar mais da perspectiva dos participantes.
- 2) *Participante como observador*, em que o pesquisador revela apenas parte dos seus objetivos de pesquisa.
- 3) *Observador como participante*, nesse ponto do *continuum* o pesquisador revela sua identidade e os objetivos de seu estudo ao grupo pesquisado desde o início. Assumindo essa postura, o pesquisador pode ter acesso a muitas informações, até mesmo confidenciais, uma vez que pede a cooperação do grupo, porém, pode ser que tenha que aceitar o controle do grupo quanto aos conteúdos que poderão tornar-se público.
- 4) *Observador total*, em que o pesquisador não interage com o grupo observado, desenvolvendo sua observação sem ser visto.

Em nossa pesquisa, assumimos uma postura intermediária quanto ao grau de envolvimento na realidade do grupo, procurando interagir face a face com os sujeitos

pesquisados, em seu ambiente natural, a fim de nos aproximarmos da perspectiva do grupo, deixando, contudo, explícitos quais eram nossos objetivos. Assim, assumimos a postura de “observador como participante”, a fim de obtermos um maior número de informações e também por questões éticas, já que esse ponto do *continuum*, citado acima, nos permite obter informações precisas e com a anuência dos participantes.

Nas observações desenvolvidas na CPPG e no Presídio, procuramos descrever e refletir não apenas a respeito da linguagem dos reeducandos, mas também a respeito do modo de vida no meio carcerário, a estrutura física do local, o modo de os sujeitos se vestirem, a forma como os reeducandos eram trazidos até nós para as entrevistas (com algemas nas mãos e, em alguns casos, até nos pés), a forma como os agentes penitenciários se dirigiam aos reeducandos, o comportamento destes no momento das entrevistas, etc., bem como sobre nossas próprias atitudes e sentimentos com relação àquele ambiente e às mudanças metodológicas que foram necessárias no decorrer da pesquisa, dado o ambiente violento e instável que é meio carcerário.

O registro das nossas observações era feito em blocos de papel e, geralmente, após a observação, fora da presença dos sujeitos observados, a fim de não atrapalhar a interação. Tais anotações constituíram parte de nosso *corpus* de análise, junto com as entrevistas, sobre as quais falaremos a seguir.

2.3.1.2 Entrevista

Além da observação participante, utilizamos também a entrevista, conforme já mencionamos acima, para gerar os dados da pesquisa, pois esse instrumento é permeado pela interação entre pesquisador e pesquisados, mostrando-se mais adequado aos objetivos de nosso estudo, que tem como aporte teórico a Sociolinguística Interacional e como metodologia de pesquisa a Etnografia.

Ademais, esse método de geração de dados pode atingir informantes que não poderiam ser atingidos por meio de outros métodos de investigação, como, por exemplo, a aplicação de um questionário, em que pessoas com pouca instrução formal teriam dificuldades em responder (LÜDKE E ANDRÉ, 1986), como é o caso de alguns dos reeducandos entrevistados por nós.

Concordando com Lüdke e André (1986, p. 34) acreditamos que a técnica da entrevista é mais vantajosa por permitir maior interação entre entrevistado e entrevistador,

além de permitir “correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”.

A entrevista pode ser do tipo estruturada, não-estruturada e semiestruturada. De acordo com Marconi e Lakatos (2006), a entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, ou seja, as perguntas são predeterminadas e o pesquisador não tem liberdade para adaptá-las de acordo com a situação, nem tampouco alterar a ordem dos tópicos ou fazer outras perguntas que não estão no roteiro. A nosso ver, esse tipo de entrevista aproxima-se da aplicação de um questionário, apenas com a vantagem da presença do entrevistador para eventuais esclarecimentos.

Por sua vez, na entrevista não-estruturada o entrevistador tem liberdade para encaminhar a conversa para a direção que achar mais adequada, o que possibilita uma exploração mais ampla da questão pesquisada.

Lüdke e André (1986, p. 34) afirmam que “entre esses dois extremos se situa a entrevista semiestruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.”

Em nossa pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada, posto que essa modalidade nos permite ter um roteiro para nos guiar durante a conversa com o entrevistado, ou seja, tem-se perguntas principais a partir das quais podem ser elaboradas perguntas secundárias, possibilitando, assim, a cobertura dos tópicos principais, bem como o surgimento de assuntos secundários importantes para o esclarecimento de questões básicas relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Para registrar as entrevistas realizadas com os reeducandos e policiais, utilizamos, conforme já adiantamos nesse capítulo, o registro escrito e, quando os entrevistados e a situação permitiam, a gravação em áudio, utilizando um gravador do tipo *MP3*, sendo que as gravações eram transferidas para o computador mediante cabo *USB*, para serem, posteriormente, transcritas¹⁶. Para a transcrição das entrevistas gravadas, foram utilizadas as normas para a transcrição propostas por Preti (2001), retiradas do projeto NURC/SP (Estudo da norma urbana culta da cidade de São Paulo).

No que tange aos registros escritos, em que o pesquisador vai tomando notas no momento da entrevista, as desvantagens é que acabamos perdendo muitas informações ditas pelos entrevistados, além de ter que conciliar a atenção dispensada ao entrevistado com o tempo destinado a escrever, porém, tais notas já representam um trabalho inicial de seleção e interpretação das informações emitidas, pois o entrevistador procura registrar apenas as

¹⁶ Foram realizadas vinte e duas entrevistas, sendo quatorze com os reeducandos e oito com os policiais. Desse total, 11 foram registradas de forma escrita e 11 foram gravadas.

informações que julga mais importantes, além de poder assinalar o que vem acompanhado com ênfase, seja do lado positivo ou negativo. A gravação, por sua vez, apresenta a vantagem de registrar todas as expressões orais, contudo, não registra as expressões faciais, os gestos, as mudanças de postura, além de representar, para alguns entrevistados, uma situação constrangedora, pois nem todos conseguem se manter à vontade enquanto sua fala está sendo gravada. Além disso, as entrevistas gravadas demandam muito tempo para serem transcritas para o papel. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Ao utilizarmos na presente pesquisa tanto o registro escrito quanto a gravação das entrevistas, obtivemos uma gama variada de material para análise, podendo fazer uso das vantagens oferecidas pelos dois tipos de registro, o que é fundamental na etnografia.

Para a nossa análise, procuramos utilizar todas as entrevistas realizadas, contudo, foram feitas seleções das partes das entrevistas mais relevantes para os objetivos da pesquisa. Assim, o *corpus* de nossa pesquisa são os “recortes” das entrevistas realizadas com os reeducandos e policiais, as quais podem ser visualizadas na íntegra no Apêndice B, e das anotações feitas durante a observação participante; além de algumas palavras e expressões constantes no glossário, em anexo, o qual foi elaborado com a ajuda dos reeducandos e agentes penitenciários envolvidos na pesquisa.

2.3.1.2.1 Roteiro das entrevistas

Considerando que o objetivo principal dessa dissertação é explicar o fenômeno de interação por meio das gírias específicas do mundo do crime e das prisões e como essa linguagem reflete o contexto sociocultural dos falantes, revelando identidades, ideologias, preconceitos, dominação, violência e criminalidade, elaboramos um roteiro para as entrevistas que nos possibilitasse ter acesso a essas informações.

Desse modo, as entrevistas com os reeducandos tinham tópicos relacionados aos dados pessoais dos mesmos, ao modo de vida na prisão e à utilização das gírias de grupo. Abaixo descrevemos algumas dessas perguntas feitas aos reeducandos:

- Qual a sua idade?
- Qual seu estado civil?
- Até que série você estudou?
- Há quanto tempo está detido/preso?
- Que tipo de crime você cometeu?

- Como é a sua vida na cadeia? Você gosta da comida? Acha que as condições estruturais são boas ou precisa melhorar?
- O que levou você a praticar o crime que o colocou na cadeia?
- Fale um pouco sobre como era sua vida antes de ser preso (se você trabalhava, se estudava, se tinha família e como era sua condição socioeconômica).
- Você se arrependeu do crime que cometeu? Tem vontade de sair da prisão?
- Diante desse desejo de ser livre, você e outros reeducandos ou colegas já utilizaram a gíria para planejar crimes (dentro ou fora da prisão) ou tentar fugir da cadeia, ou seja, tentaram falar em um código secreto para que os policiais não entendessem o que estivessem falando? Em caso afirmativo, diga como foi a experiência.
- Quando chega um detento novo na cadeia (que vocês chamam de “corró”), os presos mais antigos obrigam-no a aprender a linguagem gíria para poder fazer parte do grupo? Por quê?
- Quando você sair da cadeia continuará utilizando a mesma linguagem que usa aqui? Por quê?
- Você acha que os policiais e a sociedade em geral têm preconceitos com relação à linguagem dos presidiários e criminosos? Por quê? Você se lembra de ter sofrido preconceito por causa do seu jeito de falar? Em caso afirmativo, diga como foi.
- Você já escreveu algum bilhete ou carta utilizando gíria? O que você pretendia com isso, apenas se expressar ou despistar os policiais sobre o verdadeiro assunto da carta ou bilhete?

Com relação às entrevistas com os agentes penitenciários, procuramos montar um roteiro que nos permitisse saber como se dá o processo de interação entre os reeducandos e os agentes e como estes veem a gíria no meio carcerário. Assim, procuramos fazer as seguintes perguntas a esses entrevistados, dentre outras:

- Qual a sua formação acadêmica?
- Qual a sua idade?
- Há quanto tempo atua na profissão?
- Há quanto tempo atua nesta instituição?
- Como o senhor vê ou define a gíria no contexto das prisões?

- O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem? Por quê?
- Os agentes penitenciários conseguem decodificar com facilidade essa linguagem ou apresentam dificuldades em compreendê-la?
- Os agentes sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? Em caso positivo, quais as mais utilizadas?
- O senhor se lembra de algum fato em que o uso das gírias pelos reeducandos tenha prejudicado a ação dos policiais? Relate-o.
- O senhor acredita que a gíria é um mecanismo de defesa do preso? Por quê?

Já para as entrevistas realizadas com o delegado e os agentes de polícia seguimos um roteiro semelhante ao adotado para os agentes prisionais, fazendo apenas algumas adaptações no sentido de descobrir se a linguagem falada no mundo do crime dificulta o trabalho investigativo da polícia ou se esta, devido a sua experiência, consegue decifrá-la com facilidade.

Cumprir lembrar que, como se tratava de entrevistas semiestruturadas, eram feitas alterações de acordo com cada contexto, em que eram acrescentadas ou suprimidas algumas perguntas.

2.3.2 Perfil dos colaboradores

Durante as entrevistas com os reeducandos e policiais, cuja transcrição completa encontra-se no Apêndice B, procuramos traçar um perfil desses colaboradores, a fim de analisarmos a influência desse perfil nos usos linguísticos do grupo. Conforme já mencionamos acima e de acordo com as entrevistas em apêndice, a maioria dos reeducandos entrevistados são oriundos de classe social baixa, possuem baixo nível de escolarização e tratam-se de presos já condenados, que cumpriam pena em regime fechado. Já a maioria dos policiais entrevistados, tanto os agentes penitenciários, quanto o agente de polícia e o delegado, possuem ensino superior completo e atuam na profissão há mais de seis anos.

Com o fito de preservar as identidades dos colaboradores, por questões éticas, bem como para personalizar nosso trabalho, identificamos os entrevistados utilizando pseudônimos, em que nomeamos os quatorze reeducandos e os oito policiais sujeitos da pesquisa por meio de vocábulos gírios, cujos significados constam no glossário em apêndice.

A escolha desses pseudônimos foi feita procurando relacionar alguma característica do entrevistado com o vocábulo gírio, contudo, em alguns casos, essa escolha foi feita sem, necessariamente, ocorrer tal relação.

A seguir apresentamos os vinte e dois colaboradores, explicando o porquê de cada apelido fictício atribuído a eles.

Na CPPG entrevistamos seis reeducandos, aos quais atribuímos os seguintes pseudônimos: Barca, Sete Um, Latada, Caô, Chegado e Feijão. A escolha do termo gírio “Barca” para nosso primeiro colaborador se deu porque, durante a entrevista, esse reeducando de trinta e um anos de idade nos relatou que estava preso há doze anos e, durante esse tempo, já passou por vários presídios e casas de detenções brasileiras. Desse modo, como o vocábulo gírio “barca” significa transferência para outra unidade prisional (vide glossário em anexo), resolvemos dar essa alcunha ao entrevistado. Já o reeducando Sete Um, que estava preso há sete anos e oito meses pelo crime de assalto, recebeu esse nome fictício devido ao fato de possuir fortes argumentos para tentar mostrar à entrevistadora que não é um dos mais “problemáticos” da criminalidade, que não usa gíria em sua linguagem e que tem um bom comportamento dentro da cadeia. Contudo, os agentes penitenciários nos informaram, em conversa informal, que seu perfil é o oposto do que tentou transmitir, desse modo, resolvemos nomeá-lo de “Sete Um”, porque esse vocábulo gírio significa estelionatário ou pessoa que persuade e engana os outros com facilidade (faz referência ao artigo 171 do Código Penal brasileiro, que trata do crime de estelionato). Por sua vez, o reeducando Latada, que estava preso há três anos pelo crime de incêndio/vandalismo, recebeu essa alcunha porque, durante a conversa com a pesquisadora, revelou que só faz coisas erradas, só entra em “latada” (vide glossário) e que por isso estava preso e com as duas pernas quebradas a tiro pelos policiais, resultado de tentativas de fuga. Já o reeducando Caô, preso há cinco anos pelo crime de assalto, recebeu esse pseudônimo pelo mesmo motivo do reeducando Sete Um, pois “caô” na gíria do sistema penitenciário significa “preso que tem lábia para levar todos na conversa” e esse detento, assim como Sete Um, tentou transmitir uma imagem de si mesmo que não condizia com a realidade relatada pelos policiais. Por sua vez, Chegado, nosso quinto entrevistado, estava preso há cinco anos pelo crime de assalto e, em nossa conversa, mostrou-se reservado e tímido, não fornecendo em sua fala nenhuma motivação para o associarmos a alguma das gírias do sistema, assim sendo, resolvemos denominá-lo de Chegado, que significa “amigo”, “colega”. Nosso último colaborador da CPPG estava preso há onze meses pelo crime de assalto e recebeu o nome fictício de Feijão. A escolha desse pseudônimo se deu pelo fato do entrevistado nos relatar que era usuário de maconha antes de ser preso e quando

ligava para um traficante sempre se referia à droga como “feijão” a fim de não ser pego facilmente pelos policiais em uma escuta telefônica.

Passamos agora aos oito reeducandos do presídio de Cariri – TO, que receberam as seguintes alcunhas: Caju, Cospe Fogo, Bimbal, Tereza, Doce Recheado, Pegador, Mano e Correria. Dentre esses colaboradores, os reeducandos Caju e Mano, que significam, respectivamente, “lâmpada” e “amigo/colega”, receberam tais pseudônimos sem ocorrer relação entre o significado do nome e alguma característica dos entrevistados. Já para nomearmos o reeducando Cospe Fogo, levamos em consideração o fato dele está cumprindo pena há quatro anos pelo crime de homicídio, ou seja, associamos o crime ao instrumento utilizado em sua prática, o revólver, que, na gíria do sistema, é denominado de “cospe fogo”. O colaborador Bimbal, que cumpria pena há cinco anos por tráfico de drogas, recebeu esse nome fictício porque nos relatou que escrevia cartas e/ou bilhetes (que no presídio são chamados de “bimbal”) para se comunicar com mulheres que estavam fora da cadeia. Já o reeducando Tereza, que estava preso há um ano e oito meses pelo crime de tráfico de drogas, mas que já era reincidente, recebeu essa alcunha porque foi encontrado morto dentro do presídio alguns dias após nos ter concedido a entrevista; o mesmo enforcou-se com uma corda feita de lençol, a qual é denominada de “tereza” pelos detentos. De acordo com os agentes penitenciários, esse reeducando vinha sofrendo ameaças de grupos rivais dentro do presídio, sendo que sua transferência para outra casa de detenção já estava sendo providenciada, contudo, por medo de ser morto por seus inimigos de forma mais cruel e covarde, resolveu suicidar-se. Resolvemos nomear nosso quinto entrevistado no presídio de Cariri de Doce Recheado porque esse reeducando, que cumpria pena há nove anos pelos crimes de assalto e sequestro, foi um dos que mais falou, revelando detalhes da rotina na prisão e no mundo da criminalidade; então, de acordo com o próprio entrevistado, como o vocábulo gírio “doce recheado” é usado na cadeia para denominar “aparelho celular com chip”, achamos por bem denominá-lo por essa alcunha, uma vez que ele falou tanto quanto se pode falar por meio de um aparelho celular com chip. Por sua vez, o reeducando Pegador, que já cumpria pena em regime semiaberto pelo crime de tráfico de drogas, recebeu esse pseudônimo devido ao fato de nos relatar que um dos motivos para sua entrada no mundo do crime foi para conseguir dinheiro rápido e fácil a fim de manter as “duas ou três namoradinhas” que sempre tinha; daí, como a gíria “pegador” é utilizada para se referir a homens namoradores, que namoram muitas mulheres, resolvemos denominá-lo com esse vocábulo gírio. Por último, temos o reeducando Correria, um senhor de cinquenta e sete anos idade e que cumpria pena há um ano e oito meses pelo crime de assalto. Com relação a esse reeducando, resolvemos chamá-lo de Correria porque o mesmo relatou que gosta de ajudar os outros detentos dentro do presídio,

desse modo, como o termo gírio “correria” significa preso que ajuda os outros, aquele que “faz os corre da cadeia”, resolvemos denominá-lo por esse termo gírio.

No que tange aos policias, estes receberam pseudônimos de acordo com a forma como os reeducandos se dirigem a eles dentro do estabelecimento penal, sem estabelecer uma ligação direta entre o nome fictício e uma característica própria de cada um. Assim, os três agentes penitenciários entrevistados na CPPG receberam os nomes fictícios de Ganso, Gambé e Verme; os três agentes penitenciários do presídio de Cariri foram denominados de Dezoito, Manga Lisa e Pé-preto; o agente de polícia da Central de Flagrantes de Gurupi recebeu o nome de Tira; e, por último, o delegado da Delegacia Especializada em Investigações Criminais de Gurupi (DEIC) foi denominado de Delega. Já para a identificação da fala da entrevistadora, utilizamos a abreviação **E.**

Para maiores explicações com relação aos significados dos termos gírios que os reeducandos utilizam em referência aos policias, veja o glossário no Apêndice A, bem como o item 3.6 do Capítulo 3 desta dissertação, em que analisamos algumas das criações metafóricas das gírias dos reeducandos.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente capítulo descrevemos, de forma minuciosa, os procedimentos metodológicos para a geração dos dados da pesquisa de campo, falando sobre os instrumentos utilizados, a identificação dos colaboradores da pesquisa e as dificuldades encontradas para realizar as entrevistas com os reeducandos, devido a sua condição de reclusão.

Enfatizamos a responsabilidade ética do pesquisador perante a violência, nos pautando no método da etnografia e da metamorfose para buscar o diálogo com aqueles sujeitos que estão à margem da sociedade.

Além disso, procuramos justificar as escolhas metodológicas feitas ao longo da pesquisa, mostrando, também, que muitas delas foram feitas devido ao contexto de violência e criminalidade em que nosso estudo se insere.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE SOCIODISCURSIVA DA LÍNGUA(GEM) DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE”: UM RETRATO DA VIDA NA PRISÃO

*Você nunca vai levantar do mesmo jeito. [...]
 Você vai deitar com uns planos lindo na sua mente:
 sua família, a sua casa, seu lar...
 mas você vai levantar de manhã cedo, você vai ver um cão, o inferno na sua frente. [...]
 Você vai ver a humilhação que você tem todo dia de manhã cedo ao levantar,
 aquele povo chegar, te acordar, às vezes te humilhar, entendeu?
 Então, nunca é perfeito desse jeito...
 cada dia você vai amanhecer com sua mente diferente...
 você vai se expressar de outro jeito.*

(Pegador)

3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo em tela, descrevemos, analisamos e interpretamos o discurso dos reeducandos e policiais, revelando o contexto de produção da linguagem e sua influência nas interações entre os interlocutores.

Fruto de nossas leituras e reflexões a respeito da realidade do meio carcerário e do mundo do crime e ancoradas nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional, as análises se detêm nos seguintes pontos:

- descrição do ambiente prisional;
- questões ideológicas e identitárias presentes na linguagem dos reeducandos, tais como: preconceito linguístico e social, racismo, diferenças de gênero e aspectos socioculturais;
- a preservação da fachada dos reeducandos por meio da linguagem;
- o caráter criptológico das gírias dos reeducandos e a interação com os policiais;
- as criações metafóricas nas gírias do sistema prisional.

Para isso, utilizaremos as anotações feitas durante nossa observação participante e excertos das entrevistas realizadas com os reeducandos e policiais, cuja estrutura e forma de condução foram descritas no capítulo 2.

Ressaltamos que, no decorrer das análises, usamos o método da metamorfose, postulado por Soares (1996) (ver capítulo 2, seção 2.2.1), no sentido de nos aproximarmos da perspectiva dos reeducandos. Assim, ao concordarmos, em alguns momentos, com os entrevistados, não estamos, de forma alguma, fazendo apologia ao crime, mas apenas procurando nos colocar no lugar dos informantes, ainda que de forma imaginária e afetiva, a fim de fazermos uma análise sociolinguística e discursiva que se aproxime, ao máximo, da realidade contextual estudada.

3.2 O AMBIENTE PRISIONAL

Conforme exposto no capítulo anterior, frequentamos o ambiente prisional por aproximadamente seis meses. Durante esse período, além da realização das entrevistas, atuamos como observadora participante, em que tomamos nota de dados relevantes a respeito do ambiente pesquisado, sua estrutura, seu modo de organização interno e a rotina dos detentos e servidores da CPPG e do Presídio de Cariri. E a partir dessas anotações, as quais são fruto também de nossas conversas informais com os agentes penitenciários, passamos a descrever, nesta seção, a vida (ou subvida) que se descortina por trás das grades.

Quem já assistiu ao filme brasileiro “Carandiru”, lançado em 2003, sob a direção de Hector Babenco, baseado no livro “Estação Carandiru”, do médico Drauzio Varella (1999), conhece um pouco da rotina das casas de detenções brasileiras, bem como todo o *stress*, mazelas e violência a que os apenados estão sujeitos. Nesse livro, fruto de um trabalho voluntário que o Dr. Drauzio Varella desenvolveu, durante treze anos, na extinta Casa de Detenção de São Paulo, localizada no bairro Carandiru (razão pela qual o presídio era chamado de Carandiru), o autor aborda o mundo dos detentos, revelando como esses “filhos errantes da sociedade” vivem apinhados, em condições subumanas, esquecidos pelo poder público. O livro é um excelente trabalho etnográfico, em que o Dr. Drauzio Varella fala sobre os detentos a partir do que viu e ouviu naquela casa de detenção, revelando, pela própria voz dos presos, toda a violência, vícios e dissabores vivenciados diariamente por esses personagens reais. Por meio das histórias de vida, Varella recupera muito do cotidiano dos presos, antes e depois de seu encarceramento, incluindo-se planejamentos de roubos, a relação

com amigos e familiares, como os presos gastam seu dinheiro, etc.. Na época em que foi escrito o livro, o Carandiru abrigava mais de sete mil detentos, sendo que sua capacidade era para apenas quatro mil homens. E foi nesse ambiente superlotado que Varella atuou como médico voluntário em uma campanha de combate à AIDS, uma vez que a porcentagem de presos infectados com o vírus HIV era altíssima, seja devido ao compartilhamento de seringas para o uso de drogas injetáveis, seja pelo alto número de parceiros sexuais (na maioria das vezes as relações eram homossexuais, em que alguns travestis presos atendiam aos demais). Além de retratar essa problemática relacionada à AIDS, o livro também descreve a estrutura e organização do presídio, em que fica evidenciado que há um alto grau de autogestão, uma vez que os próprios presos são os responsáveis por todas as atividades cotidianas, tais como: limpeza, preparação das refeições, existindo, inclusive, detentos que praticavam a medicina, realizando com perfeição procedimentos difíceis como, por exemplo, extirpação de tumores, estes detentos “enfermeiros” se interessavam bastante pelas lições de medicina dadas pelo Dr. Drauzio Varella e passavam a auxiliá-lo nos procedimentos médicos dentro da casa de detenção. O autor compara o presídio a uma sociedade primitiva, em que o papel social de “chefe” é ocupado pelos redistribuidores de comida, chamados de “faxinas”, que são também os responsáveis pela limpeza. Esses faxinas são escolhidos pelos próprios presos, sendo que cada pavilhão tem seus faxinas, os quais, por sua vez, têm um “encarregado geral” e “sub encarregados”. O encarregado geral é o líder de todo o pavilhão e exerce função semelhante a de um juiz, pois tem o poder de sentenciar a morte de qualquer preso do pavilhão. De acordo com Varella (1999), tais homens são vítimas de estresse semelhante ao de executivos que estão do lado de fora. O autor fala também sobre a “economia” da casa de detenção, mencionando a produção legal (a costura de bolas de futebol, encomendadas por indústrias), bem como a ilegal (como a bebida destilada “Maria-Louca”, fabricada e vendida dentro do presídio). Além disso, Varella destaca também as trocas, mencionando o pagamento por serviços como a medicina informal, a circulação de produtos legais e ilegais, desde uma lata de doce de goiabada às drogas (que chegam com as visitas, ou por meio de algum funcionário). Chamou nossa atenção o fato de as celas, chamadas de “barraco” ou “xadrez” pelos presos, terem donos e serem alugadas aos novatos, por valores que variam entre 150 a 200 reais. “É a situação do país, doutor, ter que pagar para morar na cadeia” (In: Varella, 1999, p. 36), lamenta um dos presos. Varella descreve minuciosamente tais “barracos”, enfatizando a preocupação dos presos em manter a limpeza e organização dos mesmos; bem como os problemas estruturais, como constantes vazamentos de água. Em alguns casos, havia celas com até vinte e sete homens, que se apinhavam como podiam em beliches, colchões ou, até mesmo, no chão, utilizando chinelos como travesseiro. Varella (1999) relata também, a

partir das narrativas dos presos sobreviventes, o massacre ocorrido em 2 de outubro de 1992, em que a Polícia Militar (PM) invadiu o presídio, a fim de conter uma rebelião que começou, logo após um jogo de futebol realizado no campo do pavilhão Nove, com uma briga entre detentos e acabou envolvendo uma grande quantidade de presos que começaram a quebrar e incendiar o pavilhão Nove, reivindicando melhorias na cadeia, tais como: alimentação decente, liberação de mais visitas, atendimentos aos pedidos de transferências, etc. Oficialmente, foram mortos pela PM 111 (cento e onze) detentos nesse dia, em alguns casos, de forma covarde, mas, de acordo com relato dos presos, esse número é bem maior, chegando a mais de 250 (duzentos e cinquenta), já que muitos feridos foram retirados e não retornaram. A partir desse relato, notamos como, naquela ocasião, os detentos foram tratados como animais, bichos indefesos, acuados e mortos sem chance alguma de defesa. Enfim, o livro de Varella é um excelente trabalho etnográfico da vida (e morte) nas prisões brasileiras, em que a linguagem também é destacada, pois o autor reproduz a fala dos presos, mostrando a “fala da malandragem”, a gíria, utilizada por eles em suas interações e que marca a identidade do grupo, dentro e fora dos muros da prisão.

Fizemos esse pequeno “passeio” pelo livro “Estação Carandiru” e sua adaptação para o cinema, a fim de estabelecermos uma intertextualidade entre essa excelente e realista obra do doutor Drauzio Varella e os ambientes prisionais objetos de pesquisa dessa dissertação. Ao ler o livro e assistir ao filme, constatamos que, apesar de o extinto Carandiru estar localizado em um grande centro urbano, a capital do Estado de São Paulo, sua realidade não difere muito da realidade do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri e da Casa de Prisão Provisória de Gurupi, ambos localizados no interior do Estado do Tocantins, revelando que há certa padronização na estrutura e modo de organização interna das casas de detenções brasileiras. Isso se deve até mesmo pelo fato de alguns detentos transitarem por diversas casas de detenções do país, por meio de transferências, feitas para preservar a vida de reeducandos jurados de morte por facções rivais, para anemizar o problema das superlotações ou por outros motivos. Isso explica porque encontramos no livro de Varella (1999) muitos vocábulos gírios semelhantes ou iguais aos usados pelos reeducandos no interior do Tocantins. Durante nossa pesquisa, verificamos, inclusive, que há, nas casas de detenções pesquisadas, membros do PCC (Primeiro Comando da Capital), grupo criminoso criado em 1993 (um ano após o massacre do Carandiru) por oito presos na Casa de Custódia de Taubaté (SP), o qual tem como objetivo defender os interesses dos presos e criminosos associados ao grupo (e de suas famílias), bem como praticar crimes para o crescimento de sua “economia”.

Conforme consta no capítulo 2, visitamos primeiro a Casa de Prisão Provisória de Gurupi (CPPG). Essa casa de detenção, como o próprio nome já diz, deveria abrigar os

reeducandos apenas provisoriamente, até sair o julgamento dos mesmos, quando deveriam ser transferidos para o presídio de Cariri (Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã) ou para outro presídio do Estado ou do país. No entanto, a realidade não é esta, pois, devido às superlotações nos presídios, os apenados acabam ficando na CPPG por mais tempo, gerando, com isso, superlotação também nessa casa de detenção.

Na época da pesquisa, a CPPG, que está situada no Setor Cruzeiro (bairro próximo ao centro da cidade de Gurupi – TO) abrigava 115 (cento e quinze) presos, distribuídos em 10 celas de 16 metros quadrados, cada uma, as quais contêm um vaso sanitário e uma ducha. Em cada cela, havia, em média, 10 a 12 presos. Tais celas, de acordo com a Lei de Execução Penal nº 7.210/84, têm capacidade para, no máximo, 3 (três) detentos, já que a referida Lei reza, em seu artigo 88, que, além das celas serem individuais, devem ter uma área mínima de seis metros quadrados por preso (BRASIL, 1984). No entanto, a realidade da CPPG, e da maioria das casas de detenções brasileiras, é bem diferente do que preconiza a Lei em comento, pois, devido ao grande número de presos que chegam diariamente às cadeias públicas, bem como à falta de investimento por parte dos governantes, é praticamente impossível seguir os preceitos legais. Assim sendo, o que temos são casas de detenções superlotadas por todo o país, como é o caso da CPPG, a qual acaba abrigando até 115 (cento e quinze) presos, quando sua capacidade máxima é para apenas 30 (trinta) detentos.

E para vigiar esses 115 (cento e quinze) presos, apenas dois policiais militares que ficam de plantão, com arma empunhada, na guarita (pequena cabine situada em um ponto alto e estratégico da cadeia, de onde se tem uma visão geral do local) e cinco agentes penitenciários por plantão.

Por questões de segurança, não entramos nos dois pavilhões que dão acesso às celas, mas tivemos acesso à descrição das mesmas pelos relatos dos agentes penitenciários e dos próprios reeducandos, os quais eram trazidos até nós com as mãos algemadas (vide capítulo 2).

Assim como na extinta Casa de Detenção de São Paulo, descrita por Varella (1999), na CPPG são os reeducandos quem cuidam da cozinha e da limpeza. Os cozinheiros são, contudo, escolhidos pelos agentes penitenciários, dentre os detentos que estão cumprindo pena em regime semiaberto e que apresentam baixa periculosidade. Todo o processo de preparação da comida é supervisionado pelos agentes penitenciários plantonistas, a fim de verificar se não estão ocorrendo ações que prejudiquem o bom andamento da cadeia, tais como: a entrada de armas e/ou drogas através da refeição. De acordo com os agentes penitenciários e com a maioria dos seis reeducandos que entrevistamos nessa casa de detenção, os presos não gostam da comida (chamada de “chepa” ou “grude”) preparada na

cadeia e afirmam que só comem melhor quando os familiares trazem, em dia de visita, alguma “cobal” (sacola de compras), que, após, minuciosa revista, podem entrar nas celas.

Quando necessitam de atendimento à saúde, os reeducandos da CPPG são levados, algemados e sob a escolta dos agentes penitenciários, ao hospital público da cidade, uma vez que a instituição não está aparelhada para prover a assistência médica.

Os reeducandos têm direito a banho de sol diariamente e a visitas semanais. Dentre essas visitas, os presos têm direito ao que eles chamam “tirar uma íntima”, ou seja, receber visita íntima de uma companheira e com ela manter relação sexual dentro da cela. Para tanto, os outros reeducandos da cela são postos no pátio destinado ao banho de sol, para darem privacidade ao casal. Quando, em um mesmo dia, mais de um reeducando da mesma cela recebem visita íntima, são colocados lençóis ao redor dos colchões, formando pequenos quartos, os chamados “empanados”.

Assim como nos relatos de Varella (1999) a respeito do Carandiru, na CPPG ocorrem constantes rebeliões, tentativas de fuga, fabricação de armas artesanais (geralmente facas), entrada e uso de drogas e de aparelhos celulares, trocas de favores entre os detentos, homicídios e suicídios, e demais atos ilegais, os quais, quando descobertos, acabam aumentando a pena dos reeducandos, retardando, assim, a sua saída da cadeia.

Contudo, de acordo com o relato do reeducando Barca, de 31 anos de idade, que já estava há doze anos no sistema prisional, tendo passado por cadeias de vários estados brasileiros, e que cumpria pena na CPPG por assalto, as cadeias do interior são melhores que as dos grandes centros, pois, pelas próprias palavras de Barca:

Excerto 1:

Barca: *as torturas físicas e psicológicas são menores... Aqui é diferente das grandes cadeias... pois os policiais não chegam atirando... você paga sozinho...*

Com relação às trocas de favores, Feijão, um detento de 35 anos, que estava preso há 11 (onze) meses por assalto, disse que quando está sem nenhuma “besteira” para comer, pede aos colegas de cela:

Excerto 2:

Feijão: *[...] “Mano... me arruma aí um caco de telha ((bolacha de sal)) que quando chegar minha cobal eu te pago”...*

No centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, localizado em zona rural do Município de Cariri – TO, a realidade dos encarcerados não é muito diferente daquela encontrada na CPPG, mantendo-se os mesmos critérios com relação ao preparo das refeições, limpeza e visitas. Porém, a quantidade de presos é bem maior. Na época da pesquisa, o total de reeducandos nesse estabelecimento penal era de 314 (trezentos e quatorze) homens, distribuídos em 56 (cinquenta e seis) celas¹⁷. A média de presos por cela é de cinco a seis nas 48 (quarenta e oito) celas menores (16 m²) e de oito nas 8 (oito) celas maiores (23 m²). Se formos levar em conta a LEP (Lei de Execução Penal nº 7.210/84), essa unidade prisional estaria superlotada, pois, considerando sua estrutura física, só teria capacidade para, no máximo, 180 presos.

Cumprir lembrar que esse estabelecimento penal é, em tese, uma colônia agrícola que deveria ser utilizada para o cumprimento de pena em regime semiaberto, onde os reeducandos teriam a oportunidade de receberem educação básica e profissionalizante e de trabalharem no cultivo agrícola ou na fabricação de bola de futebol e outros artefatos, ou seja, essa instituição penal deveria ser um local destinado à ressocialização dos detentos, para que estes, ao saírem da prisão, tivessem oportunidade de se reintegrarem à sociedade, conforme preconiza a LEP (BRASIL, 1984). É por isso, inclusive, que os presos desse estabelecimento são chamados de reeducandos, como já mencionamos na introdução dessa dissertação.

Todavia, a realidade é bem diferente, pois, como no estado do Tocantins só existe uma unidade prisional para cumprimento de pena em regime fechado (Presídio Barra da Grotta, localizado na cidade de Araguaína, na região norte do Estado), a colônia agrícola Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri, assim como a CPPG, abriga, em sua maioria, presos que cumprem pena em regime fechado, uma vez que o presídio de Araguaína não suporta a comunidade carcerária que vem crescendo absurdamente no Estado. Desse modo, com a casa cheia de apenados de alta periculosidade, presos pelos mais diversos tipos de crimes, que variam de assalto a estupro e homicídio, e que cumprem pena em regime fechado, é impossível fazer um trabalho de ressocialização, pois, até mesmo a escola que existia no local foi totalmente depredada pelos presos em momentos de rebeliões, conforme nos relatou Doce Recheado, um dos reeducandos entrevistados. Destarte, o direito da população carcerária de participar em atividades culturais e educacionais, garantido pelas Regras Mínimas para o Tratamento dos Reclusos, das Nações Unidas (1985, apud IRELAND,

¹⁷ No ano de 2010, esse presídio chegou a abrigar quase 500 (quinhentos) reeducandos, quando o presídio de Araguaína – TO foi totalmente depredado pelos presos e passava por reformas, tendo sido os detentos daquela casa distribuídos pelas casas de detenções de todo o Estado.

2010), lhe é negado, dada a falta de investimento governamental em uma estrutura carcerária que permita tal feita.

A assistência à saúde nesse presídio funciona de forma similar à CPPG, apenas com o agravante da distância entre essa casa de detenção e o hospital público onde os reeducandos são atendidos, que está localizado na cidade de Gurupi, a cerca de 20 (vinte) quilômetros do presídio. Contudo, como na cidade de Gurupi existe uma faculdade, o Centro Universitário Unirg, que oferta cursos superiores na área da saúde, tais como: medicina, enfermagem e psicologia; constantemente os estagiários desse centro universitário realizam seus estágios no presídio, em que, sob a supervisão dos professores, atendem aos reeducandos *in loco*.

Para vigiar esses trezentos e quatorze reeducandos, o chefe do estabelecimento penal conta com o apoio de cinco policiais militares, que ficam na guarita, e cinco agentes penitenciários por plantão, que são encarregados de fazerem a contagem diária dos detentos, bem como se revezarem em rondas pelos pavilhões durante a noite, a fim de verificar se tudo está sob controle. O que não é suficiente para intimidar os presos, que constantemente ameaçam fugir, sendo que, em alguns casos, suas tentativas são bem sucedidas. A última fuga, de maior repercussão, ocorreu em março de 2013, em que três reeducandos, de posse de arma de fogo e “chuncho” (faca artesanal) surpreenderam os policiais plantonistas e empreenderam fuga, ameaçando atirar nos policiais que reagissem. Quanto a estes, mesmo armados, não puderam fazer nada para impedir a fuga, afinal, o agente penitenciário é, em meio a tantas mentes criminosas e com sede de liberdade, um “guarda que não guarda e se resguarda” (LYRA, 2013, p. 76).

Mas, não são apenas fugas que ocorrem no presídio de Cariri e na CPPG. Constantemente a mídia local noticia casos de homicídios e suicídios, sem falar nas muitas tentativas frustradas. São brigas entre facções rivais, acertos de contas, rivalidades entre os reeducandos, que acabam culminando em morte. Foi o que ocorreu a um de nossos entrevistados, o reeducando Tereza, que foi encontrado morto na cela com uma corda amarrada ao pescoço, alguns dias após nos ter concedido a entrevista. De acordo com informações dos agentes penitenciários, Tereza vinha sofrendo ameaças de outros presos e sua transferência para outra casa de detenção já estava sendo providenciada, porém, por pressão de seus inimigos, acabou “indo na corda” (enforcando-se), pois, em casos como esse, os ameaçadores pressionam o ameaçado dizendo: “*E aí, vai ser do nosso jeito ou do teu?*”. Então, para evitar uma morte mais dolorosa e covarde, o ameaçado, no desespero, acaba cometendo suicídio.

Outra contravenção que ocorre com frequência no presídio de Cariri e na CPPG é a entrada de telefones celulares e drogas. Na CPPG, por estar localizada dentro da área urbana,

sendo o acesso mais fácil, já foram pegos traficantes e amigos e parentes de detentos jogando drogas e celulares pelo muro. No entanto, esses produtos entram também através das visitas, que acabam encontrando um jeito de burlar a revista feita pelos agentes penitenciários. De acordo com Varella (2012, p. 148),

A criatividade das visitas para ludibriar a fiscalização é diversificada. Cocaína e maconha são escondidas no interior de bolos de aniversário, frangos assados, embalagens de miojo, álbuns de fotografia, fraldas de recém-nascidos, bengalas de senhoras de idade, bíblias ocas, velas de sete dias e em pernas engessadas. A estratégia mais usada pelas visitantes para entrar com celulares e quantidades pequenas de droga é a de envolvê-los em sacos plásticos e ocultá-los na vagina.

Tais estratégias ocorrem com frequência na CPPG e no presídio de Cariri, por isso, as revistas têm sido mais minuciosas, em que as agentes penitenciárias, responsáveis por revistar as mulheres visitantes, acabam invadindo a privacidade destas, solicitando que todas tirem a roupa íntima e se abaixem. Em alguns casos, as mulheres fazem esse “transporte” de drogas e aparelhos celulares por dinheiro, em outros, por envolvimento emocional com o preso, e quando são pegas em flagrante, acabam também detidas.

O que narramos até o momento são apenas pequenos recortes da vida atrás das grades, lugar hostil, ocioso, violento e palco de grandes atrocidades, rebeliões e ameaças de fuga, pois, parafraseando Varella (2012), para o preso, lidar com a perspectiva de passar anos seguidos nos presídios brasileiros nas condições em que estes se encontram é tão insuportável que ninguém admite a possibilidade de permanecer preso até o cumprimento final da pena. Até porque a prisão pode ser comparada ao inferno, consentâneo ao que descreve o padre Arnall, personagem do livro *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce:

O inferno é uma prisão estreita, escura e malcheirosa, a residência de demônios e almas perdidas, no meio de fogo e fumaça... Lá, em virtude do grande número de condenados, os prisioneiros são empilhados em suas celas terríveis, cujas paredes dizem ter 4 mil milhas de espessura: os condenados ficam de tal forma espremidos que [...] não conseguem sequer remover do olho um verme que o aflija. (JOYCE, 1916, apud VARELLA, 2012, p. 128).

Excetuando o fogo e a espessura das paredes, essa descrição serve perfeitamente para grande parte das cadeias brasileiras, sem falar nas marcas negativas e indeléveis que a passagem por uma prisão deixa no indivíduo, pois este, ao sair da cadeia, dificilmente será

aceito pela sociedade e acabará cometendo novos crimes “para sobreviver”, até porque a cadeia é a “escola do crime”, assim, muitos egressos “aderem ao ‘crime que compensa’ porque já não podem ou não querem começar ‘nova vida’. Como fazê-lo se, em regra, só aprenderam o mal na ociosidade?” (LYRA, 2013, p. 95).

Os dados de nossa pesquisa revelam um pouco dessa realidade violenta e infernal da cadeia e as marcas que esta deixa no egresso, como podemos perceber no fragmento, abaixo, de nossa entrevista com Doce Recheado, um reeducando do Presídio de Cariri, de 27 anos, que estava, na época de nossa pesquisa, no sistema prisional há 9 anos, cumprindo pena por assalto e sequestro, tendo já percorrido vários estabelecimentos penais do país:

Excerto 3:

[...]

Doce Recheado: *Basicamente... eu sou um cara discriminado... rejeitado pela polícia... pela sociedade... Venho puxando cadeia aí e é pobrema em cima de pobrema... A polícia chega aí e zinca com a gente aí... Esse dente aqui meu ô ((apontando para o dente)) foi quebrado na taca lá no Barra da Grota... sabe?*

E.: *Você disse... “a polícia zinca”? Como assim?*

Doce Recheado: *((risos)) Zinca é:::... tipo assim:::... como é que eu posso dizer? Éh:::... ela caça pobrema com a gente... ela implica... por qualquer coisinha você acha um pobrema... entendeu?*

E.: *Ah... entendi... Então... você se arrepende desses crimes que você cometeu? Você tem vontade de sair daqui e mudar de vida?*

Doce Recheado: *Minha senhora... eu não vou mentir pra você... eu vou ser basicamente sincero... eu tenho muita vontade de sair desse inferno aqui e chegar do lado de fora desses muro aí... trabalhar e ter uma vida decente... entendeu? Mas... eu também sou sincero... se eu chegar do lado de fora desse muro aí e a sociedade não me dá oportunidade de mudança... se em qualquer lugar que eu bater as porta se fecharem pra mim... eu não vou pedir esmola...*

E.: *Você vai continuar na mesma vida... né? Porque é a própria sociedade que não te aceita... né?*

Doce Recheado: *É... eu sou obrigado a fazer isso... até porque eu acho que o único serviço que eu faço bem é esse ((risos))... A escola que eu tive... infelizmente... foi o crime...*

Pegador, outro reeducando do Presídio de Cariri, de trinta e dois anos de idade, preso em 2009 por suspeita de tráfico de drogas, e que, na época da pesquisa, já estava cumprindo

pena em regime semiaberto, também fala um pouco sobre a dura realidade vivida na prisão. Observe no fragmento abaixo:

Excerto 4:

E.: *Quando chega um detento novo... os outros estimulam esse preso novo a falar a gíria pra ele poder fazer parte do grupo?*

Pegador: *Não... não... Não existe grupo... São todo mundo individual na cadeia... não existe grupo... Nunca existiu grupo na cadeia... são todo mundo individual... Você nunca vai levantá do mesmo jeito... Você vai levantá:::.... Você vai deitá com uns planos lindo na sua mente... a sua família... a sua casa... seu lar... mas você vai levantá de manhã cedo... você vai ver um cão... o inferno na sua frente... Você vai olhar e vai dizer... “ai... ai...” Você vai ver a humilhação que você tem todo dia de manhã cedo ao levantá... aquele povo chegá... te acordá... às vezes te humilhar... entendeu? Então... nunca é perfeito desse jeito... cada dia você vai amanhecer com sua mente diferente... você vai se expressar de outro jeito...*

E é nesse meio “infernai”, vivendo, muitas vezes, em condições subumanas e se diplomando na “escola do crime”, que os reeducandos criam sua própria linguagem como forma de manter a identidade e hegemonia do grupo, linguagem esta, às vezes, cheia de metáforas e eufemismos, para disfarçar a realidade violenta e marginal que os circunda, bem como para esconder suas verdadeiras intenções, conforme demonstraremos no decorrer deste capítulo.

3.3 “QUEM FALA ASSIM É MALANDRO E PRETO”: IDENTIDADE, CULTURA, PRECONCEITO E IDEOLOGIA NA GÍRIA DAS PRISÕES

Já discutimos nessa dissertação, no capítulo 1, a relação imanente entre linguagem, cultura e identidade, em que constatamos que a linguagem é o retrato do falante, do seu modo de pensar e ver o mundo e que, ao se expressar pela linguagem, o indivíduo diz de onde é e quem é, mesmo sem o dizer, ou seja, a linguagem é o reflexo da cultura e da identidade do falante e, conseqüentemente, da ideologia que lhe é subjacente.

Isso posto, analisaremos, nessa seção, os aspectos identitários e ideológicos presentes na linguagem dos reeducandos da CPPG e do Presídio de Cariri, mostrando como o grupo cria uma linguagem peculiar que revela sua condição de marginalidade e exclusão social, linguagem esta que é vista de forma preconceituosa pela sociedade e pelos próprios

reeducandos, cuja maioria afirma que, quando saírem da prisão, não querem mais usar gírias, pois pretendem mudar de vida, assumir outra identidade.

Durante nossas entrevistas com os reeducandos da CPPG e do Presídio de Cariri, percebemos que grande parte dos entrevistados tem consciência de seu estado de exclusão social e culpam a si mesmos e, sobretudo, à própria sociedade que, muitas vezes, não oferece oportunidades de mobilidade social, levando-os às práticas criminosas.

Nesse viés, como a linguagem é o reflexo das práticas sociais, o modo de falar do grupo é marginalizado pela sociedade, refletindo a marginalização em que o grupo se encontra, por isso, ao saírem da prisão, eles não querem continuar usando essa linguagem, a fim de não serem identificados como ex-presidiários e/ou criminosos, conforme afirma o reeducando Doce Recheado:

Excerto 5:

E.: *Quando você sair aqui do presídio... você vai continuar usando essas gírias... ou você pretende parar porque você acha que isso é uma forma de identificar bandi...:do e você não quer mais usar?*

Doce Recheado: *Minha senhora... a gíria ela só é comunicada se você quiser... Se eu tiver no meio da sociedade... de pessoas que eu tiver num convívio social... num tem como eu falar gíria... até porque... se eu falar... eu vou tá automaticamente me queimando...*

E.: *Ah...:... Então você considera que a gíria é uma forma de identificar...:... que o cara veio do sistema prisional... que o cara é...:... é bandido?*

Doce Recheado: *Isso...*

E.: *Então você acredita que a sociedade tem preconceito com relação a essa linguagem?*

Doce Recheado: *Vixi! ((risos)) Num tem nem como não dizer... Existe esse preconceito porque...:... pra sociedade... essa linguagem é uma linguagem específica do crime... Ela é uma linguagem onde você comunica todo tipo de espécie de coisa ruim... entendeu?*

Assim, ao sair da prisão e tentar se reintegrar à sociedade, um ex-presidiário encontrará muitas barreiras. E a sua forma de expressão linguística é uma delas, como podemos perceber no fragmento da entrevista realizada com Mano, um reeducando de 22 (vinte e dois) anos de idade, que cumpria pena, há três anos, no Presídio de Cariri, por tráfico de drogas:

Excerto 6:

E.: *E você acha que a sociedade ela:::... discrimina esse tipo de linguagem? Você se lembra de ter sofrido preconceito por causa do seu jeito de falar?*

Mano: *Rapais... com certeza... O povo da sociedade não gosta disso não... Eles fala que essa linguagem é de maloquero... Teve um dia... quando eu tava lá fora... eu disse pra uma mina... “E aí... mina... como é que faz pra gente dá uns amasso?” Aí ela disse que eu tinha linguagem de malandro e caiu fora...*

Como se pode notar no relato do reeducando acima, “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes” (GNERRE, 2009, 1985, p. 6). Nesse caso, a linguagem “traí” o falante. Por mais que ele tentasse dizer que não é mais “malandro”, as pessoas não acreditariam, a menos que ele mudasse seu jeito de falar, passando a usar a variante padrão, ou, pelo menos, deixasse de usar termos gírios. Com isso, confirmamos a tese de que a linguagem revela a identidade do falante, de onde ele vem, quem ele é, mesmo que ele não diga isso explicitamente.

Para Tereza, um reeducando do Presídio de Cariri, de trinta e sete anos, que cumpria pena por tráfico de drogas há quase dois anos (mas já era reincidente), não é apenas a linguagem verbal que trai o falante, segundo ele, as tatuagens, que a maioria dos presos fazem na pele, de forma leiga, dentro da própria cela, bem como a imagem negativa de todo egresso do sistema prisional, que, em alguns casos, é mostrado pela mídia local, são fatores que contribuem para a identificação de um ex-presidiário e, conseqüentemente, para despertar na sociedade um sentimento de preconceito e repulsa com relação ao sujeito. Esse reeducando foi encontrado morto na cela, com uma corda amarrada ao pescoço, alguns dias após nos ter concedido a entrevista, conforme já relatamos na seção 3.2 deste capítulo. Contudo, vejamos o que ele nos relatou:

Excerto 7:

E.: *Você acha que a sociedade tem preconceito com relação a essa linguagem? De falar assim... “poxa... esse cara tem linguagem de malandro...” Você acha que a sociedade vê dessa forma?*

Tereza: *Vê... eles não gosta não...*

E.: *E as tatuagens? Você acha que também influencia na opinião da sociedade? Você acha que... tanto a tatuagem quanto as gírias... é uma marca de que você é um ex-presidiário?*

Tereza: *É... chama muito a atenção... E o povo já sabe... né? Vê a gente na televisão e tudo... Aí... a hora que sai... já fica todo mundo constrangido de ficar perto... “O traficante saiu de no::vo...” Aí já num vai vê a gente como mudar mais... Já vai vê a gente como aquilo que a gente é... foi... Nem que a gente queira mudar e ser outra pessoa... mas eles vai vê a gente daquele jeito...*

E.: *Ah... sei... já fica marcado... né?*

Tereza: *Ahan...*

Chegado, um reeducando de 31 anos, que cumpria pena na CPPG há cinco anos por furto, também fala sobre essas “marcas” indelévels, sobretudo as linguísticas, que a cadeia deixa no indivíduo, como uma marca identitária do ex-presidiário. Observe:

Excerto 8:

[...]

Chegado: *Na cadeia a gente aprende de tudo e:::... lá fora sempre vai ter a recordação da cadeia... por exemplo... quando eu entrar no banheiro de casa... vou lembrar que ele é o “boi” na cadeia... que a comida é a “chepa”... Na verdade... isso é uma mancha ruim que a gente não esquece mais... E mesmo que eu não queira... acho que vou acabar utilizando lá fora algumas palavra que aprendi aqui dentro... num tem jeito...*

É interessante observar que os próprios reeducandos, utentes das gírias, têm preconceito com relação ao seu modo de falar, pois ao serem questionados se continuarão utilizando esse tipo de linguagem quando saírem da prisão, a grande maioria afirmou que não, pois “*quem fala assim é malandro, criminoso*” e, ao sair da cadeia, eles querem se reintegrar à sociedade e “*na sociedade não existe gíria, só linguagem normal.*”

Cumpramos esclarecer que essa concepção de que “não existe gíria na sociedade” não pode ser verdadeira, se considerarmos também as *gírias comuns*, de que fala Preti (2004), as quais estão presentes nos falares cotidianos de grande parte da população brasileira (ver capítulo 1, seção 1.5). Contudo, devido à ideologia/preconceito de que só existe uma língua correta (seção 1.3, do capítulo 1), os reeducandos sentem que não devem usar qualquer tipo de gíria fora da prisão, caso contrário, não serão aceitos pela sociedade.

Segundo eles, em alguns casos, a própria família não aprova essa variedade linguística, associando-a ao mundo do crime, como podemos perceber na fala seguinte do reeducando Barca:

Excerto 9:

[...]

Barca: *A minha mãe... uma vez eu descuidei e falei “podes crer... véi” e ela disse... “você já tá falando DESSE JEITO... Já aprendeu até linguagem de vagabundo... Não vai querer mudar a sua vida não?”*

Na verdade, nota-se que o problema maior aqui é o falante e não a linguagem em si, pois caso o enunciado “*podes crer, véi*” fosse pronunciado por um jovem, que não apresentasse histórico nenhum de criminalidade, durante uma reunião entre amigos em um jogo de futebol, por exemplo, provavelmente não sofreria nenhum tipo de crítica por parte dos interlocutores, ou até mesmo de seus pais, caso proferisse tais palavras em casa. Isso acontece porque essa expressão faz parte do que denominamos de *gíria comum* e, apesar de não ser aceita em contextos mais formais, é bastante usual em conversas informais, principalmente entre as pessoas mais jovens.

O que ficou evidenciado, por meio das conversas com os reeducandos, é que o preconceito que a sociedade nutre com relação à linguagem deles está atrelado ao preconceito e medo que a sociedade tem com relação aos grupos ligados ao mundo do crime.

O reeducando Feijão também relata que a família, sobretudo a mãe, não vê com bons olhos a linguagem *gíria* e a associa ao mundo da criminalidade. Observe:

Excerto 10:

[...]

Feijão: *minha mãe era muito criquenta comigo... por isso... ela dizia que eu tava usando a forma da malandragem... tava usando muita gíria... Que às vezes eu dizia... “pode crê... mulequi...” Ela brigava também quando eu ia pedi uma bolacha e eu dizia: “mãe... pega esse ‘bagulho’ aí pra mim...” Ela brigava... pois dizia que “bagulho” era a droga... “menino... você já tá mexendo com coisa errada?” E pensar que ela só queria o meu bem... E ela morreu tem três meses... lá em Goiânia... e eu nem pude ir lá no enterro... porque tô aqui preso... ((expressão de tristeza no rosto))*

O *corpus* revela, ainda, outras questões ideológicas e culturais, tais como: o racismo e as diferenças de gênero.

Veja o que diz Bimbal, um reeducando de 29 anos, que cumpre pena, há cinco anos, no Presídio de Cariri, pelo crime de tráfico de drogas:

Excerto 11:

E: *Você acha que a sociedade discrimina quem usa esse tipo de linguagem?*

Bimbal: *Sim... e ainda mais se for preto... né? ((risos))*

E.: *Desculpe... e ainda mais se for o quê?*

Bimbal: *Preto... né? ((risos))*

E.: *Preto?... ((risos)) Então... você acha que se um branco usar a gíria ele não vai ser discriminado?*

Bimbal: *Vai ser normal hoje em dia... Hoje em dia é normal... né? Agora a pessoa vê um preto com uma tatuagem até critica... “aquilo dali foi na cadeia que ele fez...” Mas num branco ele não vê que ele pode ter passado também por uma cadeia... Tem coisa que tem muito racismo... né?*

[...]

E.: *Você alguma vez já escreveu algum bilhete ou carta... pra outro reeducando... usando gíria?*

Bimbal: *É... ((risos)) é o modo de nós aqui dentro escrever... até a escrita é o modo da gíria... Eu já escrevi alguma carta... assim:::... pra mina... pra mulher lá na rua... entendeu? Aqui dentro a gente não tem escrito muito pra vagabundo... um pro outro... porque:::... até porque... a gente se vê todo dia... aí num tem como ficar escrevendo... Agora:::... pra mulher lá rua... aí a gente escreve... chama “as mina” e tudo...*

E.: *Aí você escreve em forma de gíria também? Chama a mulher de “mi:::na”?*

Bimbal: *Dependendo delas... se elas for querer falar na gíria... até porque é MUITO FEIO mulher na gíria... né? Conversando na gíria... né? Mas através de carta a gente entende... é legal...*

E.: *Ah... Então... você acha que mulher falar gíria é feio?*

Bimbal: *Eu acho... com certeza...*

E.: [((risos))

Bimbal: [

E.: *Por quê?*

Bimbal: *Nossa... ((risos)) Num dá certo... entendeu?*

E.: *Mulher é:::... uma coisa delicada... cê acha?*

Bimbal: *É... é mais delicada... com certeza...*

E.: [((risos))

Bimbal: [

Em primeiro lugar, destacamos que esse reeducando é negro e, apesar de não ter sido evidenciado na entrevista que ele já sofreu algum tipo de preconceito racial, percebemos que sua fala reproduz a ideologia de que a etnia branca é superior. Além disso, notamos que esse reeducando faz distinção entre homens e mulheres quanto ao uso da gíria, com isso, ao afirmar que “é muito feio” mulher usar esse tipo de linguagem, Bimbal está reproduzindo a ideologia, culturalmente apreendida, de que os homens são superiores (ou diferentes) às mulheres, já que estas não devem e não podem fazer tudo o que os homens fazem, caso contrário, serão criticadas por seus atos.

Nesse viés, percebemos que a fala do reeducando está em consonância com a definição de ideologia de Thompson (2009), enfatizada por Bagno (2010) e descrita por nós no capítulo 1 (seção 1.3), uma vez que, de acordo com a opinião desse reeducando, os sentidos simbólicos (linguagem e tatuagem) servem para manter a dominação não apenas de classe, mas também de um grupo étnico sobre outro e de homens sobre mulheres.

Alguns reeducandos afirmam que, assim como as tatuagens, o uso da gíria é uma forma de identificação do grupo e que, alguns, sobretudo aqueles que não se arrependeram dos crimes praticados e querem continuar na criminalidade, gostam de usar esse tipo de linguagem para aparecer, para se autoafirmar como alguém perigoso, subversivo e que deve ser temido pela sociedade. É o que podemos perceber nesse excerto da entrevista com Barca:

Excerto 12:

E.: *E quando você sair aqui da cadeia... cê vai continuar utilizando as gírias que usa aqui?*

Barca: *Eu creio que não... Tem pessoas que falam gíria pra botar pano... sabe?*

E.: *“Botar pano”? Como assim?*

Barca: *Pra aparecer... pra mostrar que é “o cara”... Mas eu não sou besta não... Se eu usar gíria ou tatuagem fora daqui... vai ser mais fácil da polícia e a sociedade me identificar... então... eu não vou usar não...*

Questões identitárias e culturais são bem marcadas nas respostas dos reeducandos a perguntas relacionadas ao porquê da utilização da gíria. Alguns associam o uso dessa linguagem à falta de escolaridade, ou seja, para eles, a gíria é uma linguagem “errada” e quem fala assim é porque não tem muito estudo. Desse modo, como a grande maioria dos presos tem baixo nível de escolaridade (metade dos reeducandos entrevistados não chegou a concluir o Ensino Fundamental), os reeducandos acabam utilizando as gírias para facilitar a interação

na cadeia. É o que revelam os dois excertos abaixo, o primeiro, de Cospe Fogo, um reeducando de trinta anos de idade, que cumpria pena no Presídio de Cariri, há quatro anos, por homicídio; e, o segundo, de Caô, um detento de vinte e seis anos, que cumpria pena, há cinco anos, na CPPG, por assalto:

Excerto 13:

E.: [...] eu percebo que::: vocês utilizam uma linguagem diferente que a gente chama de gíria... tanto dentro da cadeia como quando cê tá fora... [...]Então... eu gostaria de saber porque que vocês utilizam essa linguagem... Qual que é o objetivo? É fazer com que a polícia não entenda o que vocês falam? Ou é só mesmo interagir?

Cospe Fogo: Não... num é fazer com que a polícia não entenda não... Acho que é porque::: tipo assim... a maioria das pessoas que estão aqui já num tem um grau de instrução assim::: elevado... né? igual onde possa conversar correto... então... é o meio mais fácil... É uma forma assim... com que::: com que todos entendam o que o outro tá falano... E aí... então... esse é o meio mais fácil...

Excerto 14:

[...]

Caô: Eu acho que vem da forma... éh:::.... desde quando a pessoa entra no mundo do errado... pela convivência... E aqueles que convive e não fala gíria... com três... quatro meses eles acaba aprendendo.... Tem alguns presos que não tem estudo... não sabe nem assinar o nome direito... eu acho que isso contribui também...

A partir das análises feitas nessa seção, podemos afirmar que a linguagem dos “filhos errantes da sociedade” é uma forma de identificação do grupo dentro e fora dos muros das prisões, que reflete as condições socioculturais dos falantes. E, uma vez sendo esses falantes considerados a escória da sociedade, esta, e até mesmo os próprios reeducandos, têm preconceito linguístico/social com relação a essa forma de linguagem.

3.4 A PRESERVAÇÃO DA FACHADA DOS REEDUCANDOS

De acordo com Goffman (1981, apud Bortone, 2007), toda interação face a face sofre pressões comunicativas e rituais, sendo que estas últimas influenciam o discurso, uma vez que o falante pode omitir informações, ou usar estratégias discursivas diversas, a fim de preservar a sua face (fachada) e a do seu interlocutor (ver capítulo 1, seção 1.4.3).

A partir desse argumento de Goffman, e considerando que os sujeitos de nossa pesquisa estão em situação de exclusão social devido a suas práticas criminosas, notamos que os reeducandos acabam utilizando as gírias de grupo para tentar “livrar a sua cara” e a dos comparsas, seja dentro da prisão ou fora dela. Destarte, a opção por utilizar as palavras em sentido figurado, ao, por exemplo, fazer uma ligação para um traficante ou negociar a venda de drogas dentro da própria cadeia, tem como objetivo salvar a fachada dos interlocutores, a fim de que a polícia não descubra o delito que está sendo cometido, como se observa no fragmento seguinte:

Excerto 15:

E.: *É também uma forma:::... Agora não... porque os policiais já sabem que feijão é a maconha... que o arroz é o crack... Mas... assim:::... éh:::... e você disse que vai renovando essa linguagem também... né? Você acha... então... que é uma forma de:::... à medida que vocês vão renovando... é uma forma de vocês falarem sem a polícia entender? Pra:::... poder ficar mais fácil de praticar o crime?*

Pegador: *Não... Assim:::... às vezes não é nem por praticar o crime... né? A gente fala porque:::... a gente nunca pode comprometer o companheiro... por mais que ele seja mau... errado.... Então... se você vê... você vai ter que falá...*

E.: *Ah:::... Pra disfarçar... pro companheiro não ficar em maus caminhos...*

Pegador: *É... você não quer se complicar e nem complicar ninguém... né?*

E.: *Então... usar essa linguagem é uma forma de você:::... éh:::... não prejudicar o seu colega lá... que tá traficando... no caso?*

Pegador: *Isso... No caso... seria uma maneira que a gente:::... pra quem tem interesse de pagar sua cadeia... aí é só você num mexê com o que é errado... sempre ficá no seu canto... tranquilo... sempre que precisá de você... se você puder fazer um a mais que não for te prejudicar... você pode fazer... entendeu? É assim...*

Notamos que no mundo do crime e das prisões, essa questão de salvar a fachada do outro, na maioria das vezes, não é motivada apenas por sentimentos de amizade e companheirismo pelo colega, pois esse mesmo reeducando afirmou, no decorrer de nossa conversa, que na cadeia não existe grupo, não há união, sendo todos individuais, ou seja, numa cadeia não se pode confiar em ninguém, é cada um por si (veja excerto 4, neste capítulo). Isso posto, ao usar termos gírios para tentar salvar a face do outro, um reeducando está, na verdade, tentando salvar a sua própria fachada, pois, caso ele coloque o outro em situação complicada diante da polícia, esse “colega” acabará o entregando também, assim, ele preserva a fachada do outro para resguardar a sua própria fachada. A própria renovação constante do vocabulário gírio, usado dentro da prisão e no submundo do crime, é uma forma de manter a fachada dos falantes, a fim de que sua verdadeira identidade seja preservada, evitando, assim, a punição pelos atos criminosos praticados.

Além disso, notamos que a presença da pesquisadora e do gravador inibiu os reeducandos, o que confirma a questão do *paradoxo do observador*, postulado por Labov (1996, 2008) e discutido por nós no capítulo 1 desta dissertação. Assim, os entrevistados omitiram algumas informações, não só por vergonha da entrevistadora, mas também para preservar a fachada do grupo (e a sua própria fachada), uma vez que algumas palavras utilizadas no sistema carcerário são códigos secretos, utilizados para a prática de crimes e, também, como instrumento de defesa dos falantes, não podendo, pois, serem revelados a terceiros. Veja o que diz Pegador a esse respeito:

Excerto 16:

E.: *E:::... no caso... você já utilizou a gíria... ou conhece alguém... algum reeducando... que já tenha utilizado a gíria pra falar:::... tipo um código secreto prus policiais não entenderem?*

Pegador: *Isso é o código que a gente mais usa... né? Porque a gente nunca pode falar as coisas detalhado... porque sempre eles tão presigüino a gente... eles quer um motivo pra poder atrasar a gente... aí a gente nunca pode discuidar....*

E.: *Aí vocês utilizam:::... Dê um exemplo... assim:::... dum::: dum:::... tipo de linguagem que você utiliza que é diferente da comum...*

Pegador: *Éh:::... aqui a gente tem as maneira de se expressar... Tem o boi que é:::... quando a gente tá lá dentro da cela... o boi é o banheiro.... Aí:::... é:::... aqui a maneira de se expressar quando vem a polícia é dezoito... né... Quando fala “dezoito” é a polícia... e:::... tem outros mais aí... outras coisas que a gente num pode nem tá falando também... né?*

Por mais que a entrevistadora insistisse, dizendo que ele não seria prejudicado se falasse, pois os dados gravados não seriam repassados para a polícia e nem sua identidade revelada, Pegador não quis revelar os códigos mais secretos usados pela população carcerária, ao contrário, mudou imediatamente o seu *footing* (ver Goffman, 2002, seção 1.4.4 do capítulo 1 desta dissertação), repassando-nos apenas aquelas palavras mais triviais, que já são, inclusive, do conhecimento da própria polícia. Ao omitir, portanto, alguns vocábulos gírios, Pegador mantém a sua fachada e a do grupo, como uma forma de proteção e defesa.

Observamos, outrossim, que, durante o ritual de interação face a face entre a entrevistadora e os reeducandos, alguns deles tinham a preocupação em não usar gírias em suas falas, uma vez que, para eles, essa linguagem é feia e identificadora de malandro. Desse modo, como o objetivo da maioria deles, em tese, era cumprir sua pena, sair da cadeia e mudar de vida, não queriam mais fazer uso dessa linguagem, monitorando-se, pois, o tempo todo, para transmitir uma boa imagem de si mesmo à entrevistadora, conforme mostra o excerto seguinte da entrevista com Sete Um, reeducando de vinte e oito anos, que cumpria pena na CPPG, há nove anos, por assalto:

Excerto 17:

[...]

Sete Um: *Como eu já falei... só os mais problemáticos da criminalidade que conversa assim... Eu mesmo já estou evitando falar gíria... Minha família não gosta que eu falo assim... eles falam... “para com isso... falar assim é feio...” Eu quase não falo mais... Éh:::... a senhora observou se eu falei alguma gíria da hora que estamos conversando aqui?*

E.: *Não... acho que num falou não...*

Sete Um: *Ufa... ainda bem...*

E.: [((risos))
Sete Um: [

Essa preocupação de Sete Um em não usar gíria diante da entrevistadora é, na verdade, um ritual de preservação da fachada, o qual reflete o preconceito linguístico-social que os próprios reeducandos têm a respeito de si mesmos. Por meio desse monitoramento linguístico, Sete Um reivindica para si atributos aprovados socialmente. Isso ocorre porque ele está diante de “alguém da sociedade” e tem vergonha de sua situação de marginalidade e reclusão, destarte, ele procura mostrar à entrevistadora que “já está evitando falar gíria”, pois

não é como “os mais problemáticos da criminalidade” e, quando cumprir sua pena e sair da cadeia, mudará de vida, se reintegrará à sociedade, passando a utilizar apenas linguagem “normal”.

Assim, dado os papéis sociais dos participantes do evento de fala, depreende-se que o entrevistado procura repassar uma boa imagem de si mesmo para não se sentir envergonhado e inferior diante da pesquisadora, que está em posição superior, seja devido a seu papel de condutora da entrevista, seja pelo fato de possuir um grau de escolaridade superior ao do reeducando ou por não ser um apenado como ele. Isso posto, podemos dizer que Sete Um muda a sua postura, o seu *footing*, diante da entrevistadora por questões sociais, uma vez que, de acordo com os relatos dos agentes penitenciários da CPPG, esse reeducando costuma utilizar gírias em suas conversas diárias com os outros detentos.

Admitir que é um criminoso, alguém que agiu de forma desonesta com o próximo e cometeu uma contravenção, é muito constrangedor para os reeducandos e constitui uma ameaça à preservação de sua face; é por isso que, no diálogo acima, Sete Um monitora a sua fala e se preocupa com a opinião da entrevistadora a seu respeito, no intuito de preservar sua imagem social.

Além disso, notamos que os reeducandos, no afã de preservar a sua fachada, tentam justificar sua entrada e permanência no mundo do crime. Para tanto, a maioria deles, usam suas condições socioeconômicas como justificativa para a criminalidade ou, até mesmo, transferem a culpa para a sociedade e para o próprio sistema carcerário, afirmando que estes não lhes oferecem oportunidade de mudança de conduta e mobilidade social. Observe:

Excerto 18:

Doce Recheado: [...] *na realidade... eu fui obrigado a cometer esses crimes porque eu me via numa situação precária... minha família passando necessidade... meu filho morreu... sabe? E eu entrei no desespero e acabei me influenciando com o crime e daí:::.... eu pensei... é:::.... eu fui correr atrás...*

E.: *“Fazer os corre”... como vocês dizem... né?*

Doce Recheado: *Isso mesmo... Fazer os corre... Até porque a sociedade ela:::.... ela me:::.... ME OBRIGA a fazer coisas que eu não preciso fazer... porque se eu sair hoje da cadeia pedindo uma oportunidade de serviço... eu acredito que eu não vou encontrar...*

E.: *Isso... Então... você julga que a própria sociedade tem sua parcela de contribuição pra você tá aqui?*

Doce Recheado: *Exatamente... porque a sociedade é que é o foco da nossa ajuda... Porque... se não fosse a sociedade... se a sociedade não discriminasse*

tanto... aqui era pra ter uma fábrica de bola... aqui era pra ter uma horta pra uns e outros presos trabalhar que tão puxando tranca... mesmo com meio mundo de direito semiaberto na mão...

E: *Uma escola...*

Doce Recheado: *Uma escola... A escola tá aí... depois você podia entrar lá pra você ver a escola... Ela tá abandonada... com os vidros tudo quebrado... os doido dormindo lá dentro...*

E.: *Por que:::... assim:::... como é um processo de reeducação... né? Você acha... então... que se tivessem uns cursos profissionalizantes ou ensino regular mesmo seria uma forma de reintegrar os reeducandos na sociedade?*

Doce Recheado: *Com certeza... Porque é o seguinte... cadeia... entendeu? Ela é a escola do crime... mas ela só vira escola do crime com quem tem a mente vazia... se você ocupa sua mente fazendo qualquer outro tipo de função... você não vai ter tempo de ficar pensando maldade... besteira... como é que você vai fazer pra ganhar um dinheiro... como é que você vai fazer pra fumar uma droga... Então... é assim... a sociedade tem que NOS AJUDAR... Entendeu?*

E.: *Sei...*

Essa busca de justificativas para a entrada na criminalidade pode ser uma estratégia do falante para “livrar a sua cara”, transferindo a terceiros a culpa pela sua condição de marginalização. Contudo, sabemos que, de fato, as desigualdades sociais no Brasil são realmente gritantes e que uma parcela significativa da população vive à margem da sociedade, sem condições mínimas de sustento e dignidade; sabemos, outrossim, que a realidade dos estabelecimentos penais em nosso país é lastimável e que estes não oferecem, de fato, oportunidade de ressocialização aos detentos, pelo contrário, só favorecem a sua qualificação para o crime, isso posto, somos tentados a dar razão os reeducandos, quando estes transferem a responsabilidade de seus crimes para a sociedade e para o sistema prisional. Todavia, precisamos ter certo cuidado ao tratar de uma questão tão melindrosa, como é a criminalidade, não é o objetivo dessa dissertação apontar culpados e inocentes, mas, gostaríamos de ressaltar que valores familiares e pessoais também interferem significativamente nas decisões de um indivíduo, assim, há casos em que nem a mais extrema pobreza é capaz de desvirtuar uma pessoa. O que estamos querendo dizer é que o *corpus* de nossa pesquisa revela que há marcas, na linguagem dos reeducandos, de que o perfil socioeconômico e educacional deles e as condições dos estabelecimentos prisionais influenciam a marginalização. Não obstante, com base nos estudos de Goffman (2012), lembramos que tais informações linguísticas podem ser falseadoras (ou não), na medida em que os detentos podem buscar uma forma de manter uma boa imagem de si mesmos, durante o ritual de interação face a face com a entrevistadora.

Podemos perceber essa transferência de responsabilidade também na fala do reeducando Bimbal, abaixo, o qual, apesar de, no meio de sua fala, afirmar que foi ele mesmo quem não quis estudar para ter melhores condições de vida, acaba colocando-se como vítima de sua condição socioeconômica, bem como da sociedade e do preconceito desta, preservando, assim, a sua fachada.

Excerto 19:

E.: *E o que levou você a praticar esse crime que te colocou na cadeia? Foi sua condição social... o que te levou?*

Bimbal: *Bom... foi devido a condição financeira sim... entendeu? Porque se eu tivesse nascido pelo menos assim:::... numa família:::... éh:::... mais estruturada... com certeza eu não taria nessa vida... Porque:::... até porque minha família... mesmo seno pobre... queria botá eu no estudo... eu é que num quis... Vergonha... tipo assim:::... de andar com uma sandália quebrada... ou uma bermuda rasgada... e tal... inveja... entendeu? que a gente tem... todo mundo tem... Então... assim:::... a gente queria ter e a família não tinha condição de::: de mantê a gente... É igual hoje em dia... hoje... Igual hoje... se eu sair hoje em dia pra sociedade e sociedade chegá em mim e me arrumá um emprego... pra mim fruir ali... que eu possa dedicar num serviço... eu não volto pra cadeia... entendeu? Mais... se não tiver como... eu quero ter minha família lá fora... eu quero ter minha esposa... quero:::... apesar que eu não tenho filho... né? que é mais obrigação pra gente... Mas se me dá oportunidade hoje:::... Mas se a sociedade virar as costa pra mim... eu tenho que caçá jeito de sobrevivê...*

E.: *Sei:::... e você trabalhava antes de ser preso? Tinha... assim:::... uma profissão?*

Bimbal: *Bom:::... de tê... tinha uma profissõeszinha que eu arrumei... né? Que é operador de máquina... máquinas pesada e tal... Mas... éh:::... quando a gente se passa pela questão assim:::... quando a gente se passa pela parte carcerária... não dá muita oportunidade pra gente... As veis dá assim:::... um serviço pra gente de um mês... dois mês... não quer nem assinar a carteira... aí:::... termina mandando embora...*

E.: *Quando descobrem também que cê é:::...*

Bimbal: *Ex-presidiário... aí num tem como...*

Nota-se que as justificativas dos reeducandos para a entrada na criminalidade são afins. A maioria deles apontam suas condições socioeconômicas e a falta de uma estrutura familiar sólida como principais razões para a prática de crimes. Assim, ao relatarem suas

sofridas trajetórias de vida, os reeducandos assumem o papel social de vítima, deixando transparecer que a vida não lhes deu outra opção. Veja o que diz Tereza:

Excerto 20:

E.: *E o que levou você a praticar o crime que te colocou na cadeia? Foi condição social baixa... ou foi por influência mesmo dos amigos... da malandragem? O que te levou a cometer esse crime?*

Tereza: *Ah... é:::.... pelo seguinte... é:::.... pelo povo... A gente já num tá num mundo... num meio não confiável... aí o jeito mais fácil de:::.... de ganhar um dinheiro pra sustentar a família... né... e pagar as contas... e eticetera... Aí trabalho num é fácil de arrumá... ainda mais pra quem já passou por:::.... pelo crime... aí... o jeito que escolheu foi vender droga pra ganhar um dinheiro...*

E.: *Certo... Então... o que qui você fazia antes assim:::.... de você começar no mudo do crime? Cê tinha um emprego... cê tinha uma profissão... cê estudava? Ah... é... estudar você já disse que estudou só até a oitava... né? Mas... assim:::.... como era a condição da sua família? Era condição baixa?*

Tereza: *Não:::.... pelo contrário... com onze anos de idade eu fui:::.... fiquei órfão de pai e mãe... vô e vô... Eles entraram debaixo de uma carreta... de Vargem Grande pra Cuiabá... Aí:::.... daí pra cá minha vida foi no mundo... Vivi mais foi no mundo... casei várias vezes... tive vários filhos... e:::.... sei lá... sempre corri atrás...*

E.: *Sei... Você ficou sem uma direção... sem alguém pra te orientar... né?*

Tereza: *Foi... com onze anos de idade eu saí no mundo e tive que corrê atrás de várias formas de sobrevivê...*

Observamos que alguns reeducandos, em determinado momento da entrevista, chegam a assumir que escolheram o crime por vontade própria, como uma maneira de ganhar um bom dinheiro de forma fácil e rápida, a fim de manter um padrão de vida melhor ou, até mesmo, manter “*uma, duas, três namoradinha*”, como afirma o reeducando Pegador, no excerto abaixo. Entretanto, ao perceber que sua fachada está sendo ameaçada, o falante muda imediatamente seu *footing*, passando a apontar sua condição socioeconômica (que não lhe permitiu prosseguir nos estudos), a falta de qualificação profissional e oportunidades de arrumar um bom emprego, como principais motivos para a entrada no mundo do crime. Observe:

Excerto 21:

E.: *O que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui? Assim::: qual foi o motivo? Foi sua condição social... foi por influência?*

Pegador: Às vezes é minha condição e:::... um pouco de incentivo também...

E.: Dos colegas?

Pegador: Às vezes... nem tanto dos colegas... mas incentivo mesmo da precissão... de você vestir uma roupa boa... ter um dinheiro bacana no bo:::lso... Porque sempre você tem uma... duas... três namoradinha... e quem tá no crime num tem menos disso... Então... você tem que fazer:::... praticar o que é errado pra podê mantê aquilo dali... se não:::...

E.: Ah:::... você tem duas... três namoradinha... é? ((risos))

Pegador: ((risos)) É... sempre todos tem... né? ((risos))

E.: ((risos)) É mesmo?... Espero que meu marido num tenha esse tanto... viu?

E.: [((risos))
Pegador: [

E.: Então... quer dizer... que foi pra manter essas namoradinhos ((risos)) que você começou a praticar crimes? Assim:::... pra ganhar um dinheiro mais fácil e ter um padrão de vida melhor?

Pegador: Isso... Quer dizer... eu digo:::... o mercado de trabalho... agora que tá desenvolvendo mais um pouco... mas antigamente só tinha dinheiro que tinha profissão pra ganhar bem... né? Por que quem quer sustentar uma família só fazendo massa de cimento? Quem é que dá conta?

E.: Cê trabalhava:::... de quê?

Pegador: Eu já trabalhei de quase tudo nessa vida...

E.: Cê falou em “massa de cimento”... cê já foi servente... pedreiro... ?

Pegador: Já fui servente... já fui pedreiro... Eu sou:::... mexo com fazenda... essas coisas... esses serviço aí tudo eu faço... né?

E.: Então... aí... você não quis... no caso... estudar mais pra ter uma profissão melhor... ou não teve condições de estudar?

Pegador: Eu não tive condições de me manter onde eu tinha um estudo... né? Porque é difícil estudar e trabalhar ao mesmo tempo... e eu tava fazendo operação também... eu tinha levado um tiro na época... né? Aí... eu peguei e desisti...

Enquanto Pegador afirma que foi sua condição socioeconômica e cultural, aliada a seu desejo de mobilidade social que lhe permitisse manter seus duplos e/ou triplos relacionamentos amorosos, que o levou à prática criminosa, Feijão, um reeducando de 35

anos, que cumpria pena na CPPG há onze meses, por assalto, assume que entrou no submundo da criminalidade por vontade própria, pois sua família tinha uma boa condição financeira e queria que ele estudasse, contudo, ele não quis estudar (só estudou até o 8º ano do Ensino Fundamental) para ter uma boa profissão e acabou optando pelo crime, conforme podemos ver no excerto abaixo:

Excerto 22:

E.: [...] *E o que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui?*

Feijão: *Foi uma grande besteira... Esse foi o meu primeiro 157 ((assalto)). Isso foi por causa de uma menina nova... Eu queria dar do bom e do melhor pra ela e... então... eu trabalhava de servente de pedreiro e o dinheiro não dava... Então... resolvi fazer uns corre pra arrumar dinheiro... entendeu?*

E.: *Sei... E como era a condição social de sua família? Como era sua vida antes de entrar no crime? Você::::... trabalhava... estudava...*

Feijão: *Meus pais tinha uma condição financeira boa... Só eu mesmo que não prestei ((risos))... Minha mãe sempre dizia que toda família tem uma ovelha negra e eu era essa ovelha... Ela sempre quis me dá estudo... se eu tivesse aceitado... estava aí... igual a senhora... atrás da caneta... Mas... hoje eu me arrependo do que fiz... morro de vontade de sai daqui e da::::... da malandragem também.*

Notamos na fala de Feijão acima, que mesmo ele assumindo ter entrado no crime por opção própria, ao demonstrar seu arrependimento e afirmar que tem vontade de “sair da malandragem”, esse reeducando está querendo transmitir uma boa imagem de si próprio, ou seja, temos aqui mais um caso de preservação da fachada, em que o falante assume o papel de “pecador arrependido”, a fim de ser aceito pela sociedade.

Dentre os reeducandos entrevistados, há aqueles também que se dizem inocentes, que estão presos injustamente, pois, segundo eles, não cometeram o crime pelo qual estão cumprindo pena. É o que nos relata Correria, um senhor de cinquenta e sete anos, que estava preso no Presídio de Cariri há um ano e oito meses pelo crime de assalto. Ao longo de nossa conversa, esse reeducando procurou tecer uma boa imagem de si mesmo, afirmando que era réu primário, que tinha Ensino Superior incompleto, tendo cursado o 1º semestre do curso de Licenciatura em Letras e que estava preso injustamente, pois não participou do assalto pelo qual foi condenado, observe o que ele diz:

Excerto 23:

E.: *E o que levou o senhor a praticar o crime que o colocou na cadeia?*

Correria: *Eu acho que foi um momento de fraqueza... e também porque eu tô aqui injustamente... fui acusado por um crime que não cometi... Todos os meus filhos são formados... tenho casa em Taguatinga... Tocantins... fui assessor do prefeito e tinha uma vida boa... um salário bom... Fiz... inclusive... o primeiro semestre do curso de Letras... tenho curso superior incompleto...*

E.: *Nossa... Então... quer dizer que o senhor está aqui injustamente?... Então o senhor tem vontade de sair logo daqui... né?*

Correria: *Exatamente... Eu estava no lugar errado... na hora errada... com a pessoa errada... Então... eu tenho sim vontade de sair daqui... Eu nunca mexi com coisa errada... nunca tive passagem antes....*

É claro que não se pode afirmar, categoricamente, se os reeducandos entrevistados estão falando a verdade ou não, porém, o que o *corpus* revela é que tais sujeitos tentam, por meio de suas falas, preservar suas imagens sociais, reivindicando para si atributos socialmente aceitáveis.

Enfim, com base nas análises realizadas nessa seção, constata-se que os reeducandos, ao utilizarem a gíria do sistema prisional e da criminalidade em geral, pretendem preservar a sua fachada e a de seus comparsas, seja para facilitar a prática de crimes ou como forma de proteção e defesa.

Ademais, alguns não assumem que falam gírias e evitam utilizá-las na interação com a entrevistadora, a fim de manterem uma imagem positiva de si mesmos, já que essa linguagem, assim como seus falantes, é discriminada pela sociedade.

Outra questão relevante apontada pelos reeducandos são as justificativas para suas práticas criminosas e, conseqüentemente, para a utilização das gírias, em que a maioria deles se coloca como produto do espaço sociocultural em que estão inseridos. Nesse viés, os apenados dão uma explicação marxista para a criminalidade, já que, para Marx e Engels (2006, apud Alves et al, 2008, p. 9), “o crime nasceria das condições sociais em que as pessoas eram submetidas na sociedade moderna, ou seja, na sociedade capitalista.”

Todavia, apesar de não discordarmos totalmente dessa teoria marxista, enfatizamos que, dada a pressão ritual sofrida pelos reeducandos na interação face a face com a entrevistadora, essa justificativa marxista pode ser uma estratégia de preservação da fachada dos falantes, consentâneo ao que afirma Goffman (2012), a fim de se sentirem mais à vontade, seguros e aliviados, podendo manter a cabeça erguida e se apresentarem abertamente, apesar da sua condição inferior de apenado.

3.5 O CARÁTER CRIPTOLÓGICO DAS GÍRIAS DOS REEDUCANDOS E A INTERAÇÃO COM OS POLICIAIS

Vimos, na seção 1.5.2, do capítulo 1 desta dissertação, que, com base em Preti (2004), os estudos da linguagem dos sistemas prisionais brasileiros têm demonstrado que o uso da gíria é uma forma de os detentos, e criminosos em geral, planejarem e praticarem crimes sem serem facilmente descobertos pela polícia, uma vez que os falantes criam códigos secretos, por meio da transformação do significado original das palavras, códigos estes que são compreendidos apenas pelos integrantes do grupo marginal.

Com relação a nossa pesquisa, notamos que, apesar de alguns reeducandos não assumirem que usam a linguagem gíria como um facilitador da prática criminosa (até mesmo devido às pressões rituais de preservação da fachada, vistas na seção anterior), parte do nosso *corpus* revela que essa linguagem tem um caráter secreto, sendo criada, intencionalmente, pelos reeducandos e criminosos em geral, como uma forma de autodefesa do falante e como uma maneira de exercer o poder e dominar o submundo do crime, já que conseguem (ou pensam que conseguem) ludibriar a polícia por meio da linguagem. É o que denotam as falas de Pegador e Doce Recheado, nos excertos abaixo:

Excerto 24:

E.: *E:::.... no caso... você já utilizou a gíria... ou conhece alguém... algum reeducando... que já tenha utilizado a gíria pra falar:::.... tipo um código secreto prus policiais não entenderem?*

Pegador: *Isso é o código que a gente mais usa... né? Porque a gente nunca pode falar as coisas detalhado... porque sempre eles tão presigino a gente... eles quer um motivo pra poder atrasar a gente... ((no caso, atrasar a saída deles da cadeia, caso sejam pegos fazendo coisas ilegais)) aí a gente nunca pode discuidar....*

Excerto 25:

E: *[...] Eu gostaria de saber porque vocês utilizam essa linguagem... É um meio de identificação do grupo... ou vocês utilizam pra poder esconder o verdadeiro significado das palavras dos policiais... e acabar praticando um crime com mais facilidade? Qual que é o objetivo?*

Doce Recheado: *O objetivo primeiro é que:::.... éh:::.... é:::.... dentro do crime existe todos os tipo de forma de linguagem... entendeu? Porque você chama um camarada de parceiro... entendeu? Porque você chama um amigo de primo... alguma coisa assim... E muitas vezes a gente usa a linguagem do*

crime pra driblar ((ludibriar)) a polícia... Porque:::... eu vou falar pra você... éh:::... um aparelho desse aí ((apontando para o aparelho celular da entrevistadora)) eu não vou falar pra você... “Manda um aparelho celular pra mim lá”... Não tem como eu falar... então... eu sou obrigadamente a falar o português de dentro do sistema...

E: *E qual é o nome que vocês utilizam pra aparelho celular?*

Doce Recheado: *É:::... deixa eu falar pra você... a gente fala “doce”... a gente fala... “manda um doce recheado”... que é o celular com o chip dentro... “manda o doce” ou “manda o rádio”... entendeu?*

E: *Legal... E... por que você chama o celular de doce?*

Doce Recheado: *Porque... além dele ser pequeno... entendeu? é:::... é como se fosse um doce na cadeia... porque um aparelho no sistema ele tanto ajuda o reeducando... como prejudica ele também... Então... de ambas as formas... ele é um doce... O doce tanto ele faz bem... como ele pode fazer mal... devido à quantidade...*

E: *Pode dar uma dor de barriga... né? ((risos))*

Doce Recheado: *Isso... ((risos))*

Nota-se, por meio das falas dos reeducandos acima, que as gírias do grupo estão carregadas de poder, sendo usadas, também, como proteção e autodefesa, pois os entrevistados afirmam que, muitas vezes, os detentos utilizam essa linguagem metafórica para driblar a polícia e “dominar” o ambiente, tendo maior controle sobre suas operações criminosas, mesmo estando dentro do sistema prisional. Assim, ao utilizar a metáfora “doce” ou “rádio” para aparelho celular, os reeducandos pretendem facilitar a entrada de tal aparelho no sistema (o que é proibido), a fim de contatarem comparsas fora da prisão, para organizarem e executarem ações criminosas ou, também, para manterem contato com os familiares. Nesse ponto, nossa análise se apoia no que Gnerre (2009, 1985) chama de “linguagens especiais”, as quais têm relação direta com o poder e, ao mesmo tempo em que visam à comunicação interna, excluem a comunidade linguística externa, nesse caso, os policiais.

Notamos, outrossim, que o uso da metáfora é uma estratégia discursiva utilizada pelos falantes para dar a seu discurso um caráter criptológico. Esse recurso é bastante produtivo na linguagem gíria dos reeducandos e será abordado por nós, de forma mais detalhada, na seção subsequente deste capítulo.

Os dados também revelam que os reeducandos utilizam as gírias de grupo para planejarem e facilitarem suas fugas das casas de detenções. Observe o que diz Latada, um reeducando de vinte e oito anos, preso há três anos na CPPG, pelo crime de vandalismo (incêndio):

Excerto 26:

[...]

E.: *Sei... E diante desse desejo de ser livre... você e outros detentos já usaram as gírias aqui do sistema pra:::... pra tentar organizar uma fuga... por exemplo... aí vocês falaram em um código secreto prus policiais não entenderem o que vocês estavam planejando... Cê já passou por algum episódio desse tipo aqui dentro?*

Latada: *Já... eu já tentei fugir várias vezes... olha aqui ((apontando para as próprias pernas)) minhas pernas foram quebrada no tiro... como eu já te falei... tentando fugir daqui... Uma vez... em 2005... eu consegui fugi... Nós cavamu um tatu e durante o processo nós falava... “manda a bebê aí pra nós terminar o serviço aqui e olha aí os ganso aí na frente...”*

E: *Bom... “tatu” eu já sei que é um túnel pra fuga... Agora:::... “bebê”:::... O que é “bebê”?*

Latada: *A bebê é o ferro pra cavá... a gente chama ele de bebê porque é pequeno... e tem que ser pequeno mesmo pra esconder melhor da polícia... a gente também chama de “chuncho”... e os “ganso” é a polícia... Então... nós falava nesse código pra facilitar a fuga... prus policiais não perceberem o que tava rolando... entendeu?*

Doce Recheado também fala sobre a utilização das gírias como um recurso facilitador das fugas dos reeducandos:

Excerto 27:

[...]

E.: *E:::... assim... dentro da cadeia? Você já utilizou a linguagem especificamente pra tentar uma fuga? Por exemplo... éh:::... falar nessa linguagem na hora do planejamento da fuga... pra que os policiais não entendessem?*

Doce Recheado: *Já... já muitas vezes... Eu tenho:::... oito tentativa de fuga daqui do presídio... Já fui embora umas duas vezes... Já tomei tiro aqui em cima desse muro... Em dois mil e:::... se não me falha a mente... foi em 2006 ou 2008... nós cavamo um tatu aqui e fomo embora trinta e cinco menino... trinta e cinco pessoa... entendeu? E no momento lá... a gente conversava na*

linguagem de dentro do sistema... né... Porque... muitas vezes... a polícia tava rondando do lado de fora... Ai.. a gente falava... “Ó... os verme tá aí... fica de olho...”

E.: *Os... o que?*

Doce Recheado: *Os verme... ((risos))*

E.: *Ah... os verme era a polícia?*

Doce Recheado: *É... os verme.. entendeu? Esses polícia aí pra mim é tudo verme... sabe? ((risos)) Então nós falava... “ó.. os verme tá aí... então... é o seguinte... manda pra mim lá a bebê”... A bebê é uma:::... é:::... como se diz? É uma chapa... entendeu? Pra você cavá...*

E.: *E por que “bebê”?*

Doce Recheado: *Porque:::... ela é pequena... entendeu? Em vista das outras que tem... ela é a mais menor...*

E.: *Ah:::... Entendi... E aí fica mais fácil de entrar no sistema ((carcerário))...*

Doce Recheado: *Isso... Fica mais fácil... quer dizer:::... não... lá a gente mesmo tira isso aí... Um dia eu conversei com o doutor ((o chefe da unidade prisional)) e ele disse assim... “E aí... bota aquela faca lá pra mim”... Eu falei... “rapais... é o seguinte... irmão... se eu devolver essa faca pra você... eu vou tirar outra”... Então ele disse assim... “Ah... é? E porque você vai tirar outra?” “Porque sua cadeia não é de papelão... é de ferro... é de concreto... Agora:::... se fosse de papelão...”*

Nota-se que, nos dois excertos, os reeducandos usam outras palavras para denominarem “faca”, “túnel” e “policiais”, em que estes são chamados, respectivamente, de “bebê” ou “chuncho”, “tatu”, “ganso” ou “verme”. Segundo os entrevistados, o uso dessas palavras no sentido figurado tem como objetivo disfarçar o que está acontecendo nas celas, a fim de não serem pegos pelos policiais e terem seu plano de fuga frustrado, o que acarretaria em castigos e aumento da pena. Desse modo, os reeducandos usam a linguagem como um escudo, uma autodefesa e como um instrumento de manutenção do poder sobre os policiais, bem como do controle dos presos sobre suas ações criminosas e tentativas de fuga.

Nesse sentido, percebemos que Doce Recheado procura desafiar e intimidar os policiais por meio da linguagem, mostrando que o sistema prisional não é totalmente seguro e que os reeducandos podem sair dali a qualquer momento, já que as próprias celas oferecem matéria prima para a confecção de armas e ferramentas para fuga.

O reeducando Correria também dá um exemplo da utilização de metáforas pelos presos, com a finalidade de disfarçar ações ilegais praticadas dentro das casas de detenções, observe o que ele diz:

Excerto 28:

[...]

Correria: [...] *o cara fala prum parceiro... “Eu tenho um rádio pra vender...” “Quanto é?” “Quinhentos reais...” Então... o rádio é o celular... e os policiais pensam que é um rádio mesmo... o qual tem livre acesso dentro da cadeia...*

Ao ser questionado sobre a utilização de gírias em cartas e bilhetes escritos dentro da prisão, o reeducando Doce Recheado afirmou que não costuma planejar fugas, ou outros crimes, utilizando bilhetes escritos apenas em gírias, pois os policiais já conhecem os códigos do sistema carcerário e, caso o “bimbal” (carta ou bilhete) chegue aos policiais, estes podem decifrá-lo com facilidade. Todavia, o entrevistado nos relatou um fato interessante arquitetado por ele em outro presídio do Estado, o presídio Barra da Grota, localizado na cidade de Araguaína, observe:

Excerto 29:

E.: *Com relação a bilhetes... lá na CPP me falaram que:::... parece que é bimbal que eles chamam os bilhetes... Como é que vocês chamam os bilhetes aqui no presídio?*

Doce Recheado: *Isso... é bimbal... bimbal mesmo...*

E.: *Ah:::... tá... Você já escreveu algum “bimbal” ((risos)) usando gírias é:::... tanto pra uma mina lá fora... como já me falaram... como pra:::... programar alguma coisa com outro detento... pra que os policiais não entendessem... daí... você utilizou só códigos secretos?*

Doce Recheado: *Você já ouviu falar num livro chamado:::... Código da Vinci?*

E.: *Sim... conheço...*

Doce Recheado: *Pera aí:::... não:::... é Código da Vinci... ou é:::... Fortaleza Digital?... é um negócio assim... Não... não... é Fortaleza Digital... de John Browns ((no caso, está se referindo ao autor Dan Brown))*

E.: *Não... esse eu não conheço não...*

Doce Recheado: *Ele fala sobre códigos... entendeu? Através desse livro... Eu li esse livro no Barra da Grota... E através desse livro... eu:::... éh:::... tirei*

desse livro os códigos... entendeu? Os códigos que decifrava as letras e:::... fiz uma ideia dessa aí prum camarada e:::... a gente articulou uma fuga de dentro do Barra da Grota com:::... com esses códigos... E esse bilhete foi pará na mão da polícia e a polícia passou pra outro polícia e entregou prum cara no outro prédio... A própria polícia....

E.: *E eles conseguiram é:::... entend... Ah:::... A própria polícia tava ajudando vocês?...*

Doce Recheado: *Porque... presta atenção... o presídio Barra da Grota são três prédios... entendeu? E pra você ter acesso de um prédio pro outro... e se tem que passar qualquer coisa... passa pela mão da polícia pra ir pro outro prédio...*

E.: *Ah:::... Sim... Aí o bilhete passou porque eles não entenderam o que estava escrito?*

Doce Recheado: *É... passou porque eles não entenderam... Leram... leram... leram... passaram mais de meia hora lendo e não entenderam...*

E.: *Ah:::... Legal... E era um código em que você colocava:::... por exemplo... a letra A tinha um código... a letra B:::...*

Doce Recheado: *Isso... Era um código... era o código em que eu tava explicando pro cara... entendeu? Que esse código lá que era o de nós embora...*

E.: *Ah:::... tá... Mas a gíria específica... você acha que os policiais já conhecem?*

Doce Recheado: *Já... a polícia aí... Tu acha que eles são:::... são besta? Esses cara são malandro...*

E.: *Então... eles já conhecem e vocês acabam tendo que utilizar códigos novos pra poder ludibriá-los?*

Doce Recheado: *Lógico... uai... você acha que um polícia desse aí é certim? Um polícia desse aí... tem uns... que o cara fuma até maconha... entendeu?*

E.: *((risos)) Tá certo... Todo mundo tem um pouco de malandragem... né?*

Doce Recheado: *Exatamente... ((risos))*

Notamos que esse reeducando tem consciência de que os policiais já conhecem os significados dos vocábulos gírios utilizados na prisão e no mundo do crime, diante desse fato, o mesmo procura “qualificar-se” por meio da leitura, a fim de criar novos códigos secretos que garantam a manutenção de sua prática criminosa e lhe permita planejar e executar estratégias de fuga, de forma segura, sem que os policiais desconfiem de seus planos.

Sobre esse assunto, gostaríamos de mencionar que, após a realização de nossa pesquisa de campo, os telejornais locais passaram a noticiar, a partir de setembro de 2013, a ocorrência de constantes rebeliões na Casa de Prisão Provisória de Gurupi, no Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã, de Cariri, e no Presídio Barra da Grotta, de Araguaína, bem como alguns assassinatos de apenados dentro dessas casas de detenções. Tais rebeliões e assassinatos, realizados pelos próprios detentos, tinham como objetivo chamar a atenção do Estado para as reivindicações de melhorias e pedidos de transferências dos autores. De acordo com os noticiários televisivos, havia a possibilidade da existência de facções criminosas, sediadas nos grandes centros urbanos brasileiros, dentro do sistema carcerário tocantinense. Os telejornais divulgaram, inclusive, uma carta de um reeducando do Presídio Barra da Grotta, em que este fazia reivindicações à polícia e ameaçava dizendo que, caso seus pedidos não fossem atendidos, haveria mais “presunto” (cadáveres). O que chamou nossa atenção nessa carta divulgada pela mídia foi a assinatura final, em que o autor, após escrever o seu nome completo, escreveu a seguinte sequência numérica: 1533. De acordo com a reportagem, os policiais afirmaram que essa sequência numérica seria um código, em que cada número representa uma letra do alfabeto, assim sendo, o código “1533” seria a sigla do PCC (Primeiro Comando da Capital), uma facção criminosa sediada na capital paulista, pois o número 15 representava a décima quinta letra do alfabeto, a letra P, e a repetição do número 3 equivaleria, cada uma, à terceira letra do alfabeto, ou seja, a letra C.

A partir desse relato e da fala do reeducando Doce Recheado, no excerto 29, constatamos que o uso de códigos secretos é muito comum no submundo do crime e que tais códigos, bem como as gírias (que também são códigos secretos), são estratégias discursivas para dificultar o trabalho da polícia.

Essa linguagem cifrada é usada também fora dos muros das prisões com o mesmo objetivo, qual seja: o planejamento e a prática de crimes sem serem facilmente descobertos pela polícia. É o que podemos constatar por meio das falas seguintes:

Excerto 30:

[...]

Feijão: *Uma vez eu não tava preso e liguei prum primo meu e perguntei... “mano... onde você tá? Porque eu tô indo lá buscar o feijão...” No caso... “o feijão” é a maconha... E quando eu cheguei liguei novamente e disse... “mano... o feijão tá no fogo... pode vim...” Quer dizer que o cigarro de maconha já tava aceso e que era pra ele ir lá pra casa pra gente fumar um... Entendeu?*

E: *Entendi... mas... por que você não usou a palavra “maconha” mesmo?*

Feijão: *Uai... dona... e o medo do telefone tá grampeado?... A gente num pode dá bobeira não... se não a gente cai... ((risos))*

Excerto 31:

[...]

Doce Recheado: *Minha senhora... deixa eu falá pra você é:::... quando você faz uma ligação prum traficante... logicamente que você num pode chegá nele e fala... “E aí... brow... manda pra mim aí tantos quilos de::: de:::... de pedra... de maconha...” Não tem como você falá isso daí... Até porque... isso aí não é grampeado... ((apontando para o aparelho celular da entrevistadora)) como isso aí pode ser muito fácil de grampear... Eu mesmo grampeio de lá de dentro... se eu quiser...*

E.: *Sei... Aí... que palavras você usa? Você lembra de algum fato em que você ligou e falou?*

Doce Recheado: *Eu acredito que você fala assim... você fala:::... “parceiro... manda pra mim aí:::... éh:::... um quilo de feijão”... que é um quilo de maconha... entendeu? “Um quilo de arroz”... que é a pedra ((crack))... Ou então... você quer comprar uma cocaína... você fala... “manda pra mim lá tantas gramas daquele remédio bom lá...”*

Excerto 32:

[...]

Correria: *Tem uns que falam assim... por exemplo: “Boca... manda pra mim uma ponta... que hoje eu tô de cara...”*

E.: *Eita... você pode traduzir pra mim? ((risos)) Porque eu não entendi nada...*

Correria: *((risos)) Boca é o traficante... entendeu? E a ponta é um meio cigarro de maconha... que::: quando é inteiro... é chamado de perna de grilo... Eles também usam “manda um dólar... ou uma de dez”... que é uma pequena quantidade de maconha... que custa dez reais...*

E.: *Ah:::... entendi... Mas... e a expressão “tô de cara”? O que significa?*

Correria: *Quer dizer que o cara não fumou nenhum no dia... entendeu? Que ele tá::: morrendo de vontade de fumar...*

Notamos, por meio das análises realizadas até o momento, que o discurso dos reeducandos tem a intencionalidade de excluir os policiais da interação verbal, ou seja, a linguagem é usada como uma arma em suas mãos, a fim de facilitar a prática de ações criminosas. Mas, será que essa intencionalidade é, de fato, atingida? Será que os policiais

realmente não compreendem tal linguagem? Como é o processo de interação verbal entre os policiais e os “filhos errantes da sociedade”?

Como já sinalizado na fala do reeducando Doce Recheado, no excerto 29, acima, os policiais, que convivem diariamente com a criminalidade, acabam aprendendo as gírias do sistema prisional e do mundo do crime, a fim de garantirem maior eficiência no desempenho do trabalho de combate à criminalidade. É por isso que os reeducandos, cientes dessa astúcia da polícia, procuram renovar constantemente seu vocabulário gírio, além de utilizar outros tipos de códigos, consentâneo ao que já foi afirmado acima, a fim de manter o caráter secreto de sua linguagem e garantir a hegemonia do grupo e a eficiência de suas ações criminosas.

Desse modo, enquanto alguns reeducandos usam as gírias como um código secreto para, por exemplo, planejarem uma fuga, outros já têm consciência de que os policiais conhecem essa linguagem e evitam utilizá-la na escrita de cartas ou bilhetes mais suspeitos. Veja o que diz o reeducando Pegador:

Excerto 33:

E.: *Com relação a bilhetes... cartas... você já escreveu algum bilhete... que... eles chamam de “bimbal” parece... é... acho que é bimbal... né?*

Pegador: *É isso mesmo... A gente chama “bimbal”... “bimba”...*

E.: *É... né? E você já escreveu algum assim:::... utilizando gíria?*

Pegador: *Já... já...*

E.: *E qual era seu objetivo com esse bilhete? Era só comunicar:::... ou que era?*

Pegador: *Era só comunicar mesmo...*

E.: *Era com outro detento?*

Pegador: *É... de um pavilhão pra outro... às vezes a gente usa o bimbal mesmo pra comunicar... um reeducando com outro...*

E.: *Mas você nunca usou um bimbal pra tentar planejar... por exemplo... uma fuga e:::... daí usou códigos secretos?*

Pegador: *Não... não... porque:::... essas coisas aí é simples... Isso aí é fácil pra polícia... eles já sabem que a gente pode usar um bimbal pra fazer isso...*

E.: *Então... você acha que a polícia já domina essa linguagem?*

Pegador: *Já... essa linguagem aí já há muito tempo eles dominaram ela...*

Assim, notamos que o uso das gírias no sistema carcerário e no mundo do crime é mais bem sucedido como uma forma de identificação do grupo, do que como um código secreto; isso se considerarmos os policiais como interlocutores, porque, com relação a outros ouvintes que não convivem com a criminalidade diariamente, alguns vocábulos gírios são ininteligíveis, como se pode notar ao longo dos excertos das entrevistas expostos nesse capítulo, em que, em alguns momentos, a entrevistadora não compreende o que os reeducandos dizem e pede para que eles esclareçam e/ou “traduzam” o que estão dizendo.

Podemos afirmar, então, que as diferenças culturais existentes entre os reeducandos e a entrevistadora dificultaram a compreensão de alguns vocábulos gírios por esta, durante as entrevistas; ao passo que o conhecimento a respeito do mundo do crime, que os policiais acabam adquirindo pela convivência com os reeducandos e criminosos em geral, concorre para facilitar a compreensão dessa linguagem cifrada. Em outras palavras, devido à experiência profissional dos policiais, estes acabam conhecendo o modo de pensar e agir dos “filhos errantes da sociedade”, o que contribui para que as “pistas de contextualização”, propostas por Gumperz (2002), sejam compartilhadas entre os dois grupos, facilitando, assim, o processo de inferência dos policiais a respeito das intenções comunicativas dos grupos marginais.

O *corpus* revela que a maioria dos policiais, sobretudo os agentes penitenciários, que trabalham diretamente com os reeducandos dentro dos estabelecimentos penais, não só entende, como também acaba utilizando as gírias dos reeducandos dentro do sistema carcerário, nas interações com os presos. É o que demonstram as falas do reeducando Doce Recheado e Caju, abaixo, observe o que eles dizem:

Excerto 34:

[...]

E.: *E os policiais? Eles também têm essa discriminação... ou eles já acostumaram?*

Doce Recheado: *Ah:::... já acostumaram... Tem uns aí que chega gritando... “Óh o dezoito... óh o dezoito...” ((risos))*

E.: *Eles mesmos acabam usando... ((risos))*

Doce Recheado: *É... ((risos))*

Excerto 35:

E.: *Você já escreveu... ou conhece alguém que tenha escrito algum bilhete... éh::: usando... aqui dentro... usando gíria pra tentar... pra comunicar com outro reeducando... éh::: pra que a polícia não entendesse o que eles estão falando? Cê já ouviu falar?... [...] tipo programar uma fu:::ga ou::: ou algum tráfico... alguma coisa dentro da cadeia...*

Caju: *Olha... eles devem usar... mas eu mesmo num usei... que eu num uso droga... num uso nada... Agora:::... que os pessoal daqui mesmo... os agentes... sabem... entendem a gíria do pessoal lá de dentro... Eles convive... eles mesmo fala gíria... tem alguns deles que eles mesmo falam...*

E.: *Ah... então você percebe que há essa interação? Que os policiais eles acabam aprendendo essas gírias?*

Caju: *Acaba... aprende... Eu vejo eles falando aí... eles fala... É questão de tempo... Agora... os policiais novato que chega... eles tão convivendo ali... eles tão convivendo igual os presos... eles vai aprender também falar igual eles... Tem uns que diz... “E aí... seu latada...” Eles chamam o pessoal de latada aqui...*

A partir desses dados, confirmamos que a linguagem é o reflexo das práticas sociais, como foi salientado ao longo do capítulo teórico desta dissertação, pois os agentes carcerários, devido à convivência diária com os reeducandos, acabam sofrendo a influência do seu ambiente de trabalho, no que diz respeito à expressão linguística.

Ademais, alguns agentes carcerários afirmaram que utilizam as gírias dos reeducandos para facilitar a comunicação com estes, dentro do estabelecimento penal. Veja o que dizem os agentes penitenciários Dezoito e Ganso¹⁸, que atuam, ambos, há sete anos na profissão e são bacharéis em Direito:

Excerto 36:

E.: *De forma geral... os agentes penitenciários sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? Em caso positivo... quais as mais utilizadas?*

Dezoito: *Entre si... nem tanto... Contudo... muitas vezes... para serem mais facilmente compreendidos... os agentes se utilizam de algumas gírias para se comunicar com os presos... tais como... “perdeu”... “a casa caiu”... que é quando o preso foi descoberto fazendo alguma coisa errada ou quando a gente... em confrontos com eles durante uma rebelião... acabamos ganhando... A gente também utiliza “tá tirano?”... que significa “tá zombando da minha*

¹⁸ Cumpre lembrar que estamos nomeando os policiais com as denominações (gírias) dadas pelos reeducandos, constantes no glossário anexo, conforme já afirmamos no Capítulo 2 desta dissertação.

cara?”... Também tem “boi”... que é o banheiro... “correria”... que é um preso... geralmente em regime semiaberto... que ajuda os outros... fazendo os “corre” da cadeia... ou seja... entregando pedidos escritos dos presos para os agentes e outras coisas que eles pedem... Também usamos “baseado” para cigarro... “puxar cadeia”... que quer dizer “cumprir a pena”... etc....

Excerto 37:

E.: *Então vocês acabam sofrendo a influência do meio carcerário e utilizando algumas gírias para comunicarem entre si e com os reeducandos... né?*

Ganso: *Sim... a convivência acaba nos influenciando... Além disso... a utilização de gírias facilita a comunicação com os internos...*

E.: *E quais os vocábulos gírios mais utilizados aqui na CPP? O senhor se recorda de algum... no momento?*

Ganso: *As mais utilizadas aqui são “cobal”... que são os alimentos trazidos pelos familiares dos presos... “tatu”... que é um túnel utilizado em fugas... “jack”... que significa estuprador... entre outras...*

Além do uso das gírias pelos agentes penitenciários dentro dos estabelecimentos penais, alguns dos agentes entrevistados afirmaram que, às vezes, acabam utilizando essa linguagem em suas conversas informais, nas interações com outros colegas policiais, fora da cadeia. Não obstante, frisam que seu uso é, na maior parte das ocorrências, restrito a momentos de brincadeiras e cômicos, o que denota certo preconceito dos policiais com relação às gírias dos reeducandos, mesmo apesar de tentarem afirmar o contrário. Nesse ponto, nossa análise se apoia em Bagno (2010), pois notamos que a linguagem dos detentos é, ideologicamente, vista como “inferior”, devendo ser evitada em situações formais de interação verbal. Observe:

Excerto 38:

E.: *O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem?*

Verme: *Não... pois é uma linguagem utilizada pela classe específica de presos... Policiais a utilizam somente em momentos de brincadeira... Particularmente não usaria esse vocabulário no dia a dia... ((risos))*

Excerto 39:

E.: *O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem?*

Ganso: *Bem... éh::: embora tal linguagem não possa ser utilizada em ocasiões formais... não há como deixar de utilizá-la... até mesmo pelo convívio com tal... De certa forma... não há como negar que::: muitas vezes... a sua utilização seja jocosa... o que por si só demonstra certo preconceito...*

E.: *O senhor pode dar um exemplo... assim:::... de uma ocasião em que o senhor estava conversando com um colega e::: utilizou alguma gíria do sistema carcerário?*

Ganso: *Deixa eu ver::: é:::... por exemplo... quando a gente tá reunido num barzinho ou na casa de alguém... conversando... e um colega nos conta algo que fez e não foi bem sucedido... então a gente fala assim... “Cara... tu é latada demais... véi...” Tipo caçoando do cara... entendeu? Querendo dizer que ele é azarado e que só faz besteira... coisa errada... ruim... Daí... todo mundo que tiver na rodinha cai na risada... caçoam também do cara... entendeu? ((risos))*

E.: *((risos)) Entendi... Mas... se for numa situação mais formal... em que a conversa não seja com um colega de profissão... por exemplo... daí você não utilizaria a palavra “latada”... né?*

Ganso: *Não... não... Isso é mais só entre a gente mesmo... até porque... as outras pessoas não conhecem as gírias do sistema....*

Para o agente carcerário Gambé, um senhor de 43 anos de idade e que exerce a profissão há sete anos, essa inclusão de alguns vocábulos gírios na fala cotidiana dos policiais é muito comum, sendo, inclusive, inconsciente:

Excerto 40:

[...]

Gambé: *Não há dificuldade na interpretação desses elementos linguísticos... É comum... inclusive... por parte dos servidores... inconscientemente... a inclusão de alguns desses elementos no vocabulário cotidiano...*

Notamos que, devido à convivência diária dos agentes penitenciários com os reeducandos, aqueles acabam aprendendo com facilidade os vocábulos gírios utilizados por estes, desta feita, o uso das gírias pelos presos, de modo geral, não dificulta o trabalho da polícia que atua dentro dos estabelecimentos penais; ao contrário, acaba sendo um recurso favorável, no sentido de facilitar a comunicação com os presos, já que os próprios policiais fazem uso de gírias em suas interações com os reeducandos.

Por outro lado, foi ressaltado, por alguns dos agentes penitenciários entrevistados, que a utilização de códigos restritos a facções criminosas específicas é o que, às vezes, pode dificultar a compreensão por parte dos policiais. Além disso, o fato de os reeducandos estarem sempre renovando o vocabulário gírio, até mesmo para tentar manter o seu caráter secreto, também pode dificultar a compreensão do discurso. Nesse viés, nossa análise confirma o que Preti (2004) diz a respeito do caráter criptológico das *gírias de grupo*, que são usadas pelos falantes como um instrumento de autodefesa e hegemonia do grupo marginal, o qual tenta excluir os policiais da interação verbal, a fim de facilitar suas práticas criminosas.

Diante dessa realidade, podemos afirmar que a corporação policial tem mais esse desafio em sua árdua profissão: aprender a linguagem criptológica do mundo do crime, a fim de que seu trabalho de combate ao crime seja mais eficaz. A esse respeito, veja o que dizem os agentes penitenciários Ganso e Verme:

Excerto 41:

[...]

Ganso: *Algumas vezes há uma certa dificuldade... As gírias estão sempre se renovando no interior das cadeias... portanto... éh::: a antiguidade na profissão em nada facilita a sua compreensão...*

Excerto 42:

[...]

Verme: *De modo geral... a gente consegue entender a linguagem deles com facilidade... Entretanto... alguns criminosos utilizam palavras ou termos utilizados somente por determinado grupo ou facção... isso sim dificulta o entendimento...*

Essa dificuldade de compreensão da linguagem dos meliantes também atinge a polícia investigativa, sobretudo nas interceptações telefônicas, em que os investigados, cientes de que podem está sendo vigiados, procuram não falar explicitamente o que está sendo programado com o comparsa. É o que revela a fala do delegado, nomeado por nós de Delega, que atua na Delegacia Especializada em Investigações Criminais (DEIC), de Gurupi, a qual é responsável pela investigação de crimes de tráfico de drogas em Gurupi e demais cidades da região sul do Estado do Tocantins. Observe:

Excerto 43:

E.: [...] durante as investigações... o senhor com seus agentes têm percebido que os marginais do crime de forma geral... eles usam algum tipo de linguagem especial... usa uma palavra pra comunicar com um comparsa... uma palavra... às vezes... mudando o sentido dessa palavra ou criando uma palavra nova pra não serem entendidos pelos policiais... o senhor já percebeu isso em algumas de suas investigações?

Delega: Isso é bastante recorrente nas interceptações telefônicas... né... Principalmente quando o investigado já TÁ no sistema penitenciário... ele está preso... Eles utilizam desses artifícios pra... na:::... na opinião deles... tentar suadir a polícia e:::... e tentar dificultar nossa ação...

E.: E o senhor se recorda de alguma palavra que eles usam?

Delega: Uma... assim... várias... né... Por exemplo... drogas... eles nunca se referem à palavra explicitamente “droga”... eles falam “feijão”... “madeira”... “arroz”... “amarelim”...

E.: [...] E assim:::... durante as investigações... né... nas ligações telefônicas éh:::... os policiais têm dificuldade em identificar alguma palavra diferente que foi usada por eles?

Delega: Têm... na maioria das vezes... têm... porque é:::... muitas vezes... no contexto do diálogo sai uma palavra que tá completamente fora daquela:::... da sintonia do que tá sendo escutado... né... Então... a gente tem que se reunir... “O que que esse cara quer falar?” Aí... coloca o áudio de novo... tenta éh:::... decifrar o que tá sendo conversado ali... Isso dificulta bastante nosso trabalho sim...

E.: E os policiais que têm:::... assim:::... mais experiência... o senhor acha que eles têm mais facilidade em decifrar... em entender essas palavras?

Delega: Então... com o dia a dia a gente vai:::... acaba pegando também esses... essas gírias que são utilizadas e:::... isso facilita um pouco nosso trabalho também... então... a experiência conta muito nessa hora...

E.: Mas vocês nunca chegaram a fazer:::... tipo::: glossários com essas gírias? Quer dizer... eu acho que o tempo de vocês é limitado... né? Vocês têm tantas outras ocupações... mas nunca ocorreu assim... “Ah... vamos fazer um glossário com os significados dessas palavras pra facilitar o nosso trabalho...” ?

Delega: Não... assim:::... em especial um glossário não... A gente tem assim... mais ou menos assim... digamos... que um banco de dados... né? Essas informações que surgem a cada dia... a gente éh:::... a partir do momento que elas são repetidas por outros investigados... a gente já sabe mais ou menos do que se trata... mas não assim:::... especificamente um glossário....

Das análises realizadas nessa seção, podemos afirmar que policiais e criminosos são bastante diferentes quanto aos seus papéis sociais, contudo, possuem uma semelhança imanente: são seres humanos. E como tais, são dotados de inteligência e astúcia suficientes para (re)criarem sua linguagem, de acordo com as necessidades contextuais, bem como interpretarem o que o outro diz, a partir do conhecimento a respeito das ideologias e intenções do falante.

Apesar de terem papéis sociais diferentes, pode-se dizer que a linha que separa marginais e policiais é bastante tênue, já que estes convivem diariamente com aqueles, e essa “imersão” no mundo da criminalidade, por meio da metamorfose, é necessária para que o policial adquira pressupostos socioculturais e ideológicos a respeito dos transgressores das leis, que possibilitem interpretar a linguagem dos mesmos e, conseqüentemente, realizar o trabalho de combate ao crime com mais eficiência.

Notamos, outrossim, que há uma constante disputa pelo poder entre os dois grupos (policiais e criminosos), cuja relação é marcada pelo conflito e se assemelha a um jogo, no qual são usados vários artifícios, dentre eles o linguístico, para derrotar o “inimigo”, ou pelo menos dificultar o seu percurso.

Acrescentamos que, considerando que os policiais não dispõem de glossários e outros meios escritos para facilitar a compreensão das gírias, conforme afirmou o delegado entrevistado, o presente trabalho poderá ser-lhes útil no sentido de servir como fonte de pesquisa.

3.6 AS CRIAÇÕES METAFÓRICAS NAS GÍRIAS DOS REEDUCANDOS

É possível vislumbrar, nos excertos das entrevistas transcritos ao longo deste capítulo (e no glossário em anexo), o uso constante de metáforas nos termos gírios criados pelos reeducandos. Notamos, também, nos diálogos que compõem o *corpus* que, durante as entrevistas, nem sempre a pesquisadora compreendia de imediato tais criações metafóricas, sendo preciso solicitar esclarecimentos ao entrevistado a respeito do significado de seus enunciados. Já com relação aos policiais, percebemos que estes apresentam certa facilidade em compreender essas metáforas.

Diante disso, recorreremos a Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002) (ver capítulo 1, seção 1.6) para compreendermos como ocorre esse processo de metaforização do discurso dos

reeducandos e porque os policiais, de forma geral, não têm muitas dificuldades em interpretar tal discurso.

A *priori*, gostaríamos de enfatizar que a utilização das palavras em sentido figurado (em forma de metáforas, metonímias ou eufemismos), faz parte das estratégias discursivas, também chamadas de pistas de contextualização (Gumperz, 2002), utilizadas pelos reeducandos na tentativa de dar a seu discurso um caráter secreto, a fim de garantir a hegemonia do grupo e facilitar suas práticas criminosas, conforme já foi sinalizado na seção anterior.

Contudo, mais do que apenas estratégias discursivas criadas conscientemente para afastar os policiais da interação, se nos apoiarmos no conceito de *metáfora conceptual* formulado por Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), veremos que as metáforas criadas pelos reeducandos são culturais e refletem a ideologia e o modo como o grupo vê e se relaciona com o mundo e com a criminalidade. Nesse sentido, essas criações metafóricas são inconscientes e colocam em evidência a estrutura do grupo marginal que as cria, recria e as utiliza, já que para Lakoff (1985) os conceitos metafóricos são inerentes à mente humana, ou seja, todo ser humano possui, em seu sistema conceitual, conceitos não-metafóricos e conceitos metafóricos, sendo que estes últimos são compreendidos e estruturados em termos de outros conceitos culturalmente apreendidos. Sendo assim, para interpretá-los é preciso conhecer a cultura e o modo de pensar dos falantes que os criam.

Pretendemos, nesta seção, analisar algumas das criações metafóricas criadas pelos reeducandos, a partir da teoria de Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002) e, em alguns casos, recorrendo às análises de Remenche (2003). Para tanto, selecionamos os termos gírios metafóricos que mais nos chamou a atenção durante as entrevistas e/ou aqueles que se enquadram mais aos objetivos de nossa pesquisa. Destarte, constará, no glossário apenso e nas entrevistas, uma gama de criações metafóricas que não foram analisadas, podendo ser exploradas em pesquisas posteriores.

A partir da teoria supracitada, podemos explicar porque os reeducandos e os grupos marginais relacionados ao consumo e ao tráfico de drogas associam-nas a alimentos, denominando, por exemplo, a maconha de “feijão”, o crack de “arroz” e a cocaína de “farinha”. Isso ocorre porque, para a pessoa viciada, a droga é como o alimento, substância essencial para a sua sobrevivência. De acordo com a teoria de Lakoff (1985), essas metáforas podem ser classificadas como estruturais (ver capítulo 1, seção 1.6), pois consistem em conceituar um elemento em termos de outro, por meio de mapeamentos que envolvem a visão de mundo do grupo sobre as drogas. Nos excertos das entrevistas citados ao longo desse capítulo, e no glossário anexo a essa dissertação, notamos também o uso das expressões

“remédio bom” e “sabor de quero mais” para o vocábulo droga. Assim, a droga é vista pelo usuário como alimento e remédio para seu corpo, já que ao fazer uso da mesma, o viciado sente-se saciado e curado dos efeitos negativos que a abstinência lhe proporciona. Além disso, a expressão “sabor de quero mais”, denota a própria situação do viciado, o qual está sempre querendo consumir mais drogas para sentir-se bem.

Conhecendo o universo do mundo das drogas e os sentimentos dos viciados com relação às mesmas, fica fácil para os policiais interpretarem, no contexto das falas dos reeducandos e/ou criminosos sob investigação, que, ao utilizarem nomes de alimentos em frases do tipo: *“Manda pra mim aí um quilo de feijão”* (ver excerto 31, neste capítulo), estão, na verdade, se referindo à droga, que para eles é vital como o alimento.

O *corpus* revela que os reeducandos também utilizam uma metáfora estrutural para designar “aparelho celular”, o qual é chamado de “doce”, pois, de acordo com a explicação do reeducando Doce Recheado, no excerto 25, um aparelho celular no sistema prisional *“[...] é como se fosse um doce na cadeia... porque um aparelho no sistema ele tanto ajuda o reeducando... como prejudica ele também... Então... de ambas as formas... ele é um doce... O doce tanto ele faz bem... como ele pode fazer mal... devido à quantidade...[...]”* Notamos que um aparelho celular para quem está enclausurado é considerado algo positivo, que possui “sabor agradável” como um doce, pois pode lhe proporcionar o contato com o mundo externo e a possibilidade de planejar ações criminosas para satisfazer suas necessidades financeiras, de consumo de drogas, etc. Contudo, caso o preso não saiba utilizar esse “doce” com cautela e moderação, pode ser pego pelos policiais, o que lhe causará sérios problemas, já que o uso de aparelho celular no sistema prisional é proibido, ou seja, o uso incorreto e excessivo do aparelho pode prejudicar o reeducando, assim como o excesso de doce pode fazer mal ao organismo. É interessante que para o aparelho celular com chip eles usam a metáfora “doce recheado”, com a finalidade de enfatizar que um aparelho celular com chip é melhor (e mais útil) que um sem, assim como um “doce recheado” é mais gostoso que um “doce” sem recheio.

Notamos que os reeducandos também utilizam a palavra “rádio” para designar “aparelho celular” (ver excerto 28), com o intuito de enganar a polícia e facilitar a entrada de aparelhos celulares na cadeia. Todavia, ao associar as funções desenvolvidas pelos dois aparelhos, e conhecendo a situação e intenções dos enclausurados, fica fácil para a polícia inferir que o termo “rádio” pode ter sido usado, metaforicamente, com o sentido de aparelho celular, já que ambos têm função afim, qual seja: efetivar a comunicação entre interlocutores que não se encontram no mesmo espaço físico; isso tanto no caso do rádio comunicador (usado, inclusive, pela polícia para comunicarem entre si), quanto do aparelho de rádio

utilizado na comunicação de massa, em que é possível a interação com os ouvintes, por meio de cartas e ligações telefônicas.

Outras criações gírias metafóricas que nos chamou a atenção, durante nossas conversas com os agentes penitenciários e reeducandos, foram os vocábulos utilizados pelos presos para designar o agente carcerário/policial.

Pé Preto, um agente penitenciário de 53 anos, que atuava há sete anos na profissão, nos relatou o seguinte:

Excerto 44:

Pé Preto: *Após alguns anos labutando com eles... só há poucos meses atrás que descobri que dezoito... no jogo do bicho... significa porco... É como... pejorativamente... eles se referem aos agentes penitenciários...*

O reeducando Correria, por sua vez, enfatiza o seguinte:

Excerto 45:

Correria: *[...] quando você chama o policial de dezoito... ele quer dizer “filho da puta”... mas como não pode... então ele chama de dezoito... ((que significa “porco” no jogo do bicho))*

Já o reeducando Doce Recheado, no excerto 27, se refere aos policiais como “verme”, ao passo que Latada denomina-os de “ganso”, no excerto 26.

Com relação ao vocábulo “dezoito”, notamos que se trata de uma metáfora carregada de eufemismo, pois os reeducandos recriam o significado da metáfora zoomórfica “porco” para designar o agente penitenciário, transferindo a este as características negativas de um animal. O uso desse termo reflete como é visto esse guarda, alguém relacionado a tudo que for mal, sujo, no sentido de ruim. Assim, os reeducandos expressam, implicitamente, seu desprezo com relação aos policiais, já que não o podem fazer explicitamente, por medo dos castigos que sofreriam.

Já o termo metafórico “verme”, é disfêmico, pois não suaviza a ideia que os reeducandos têm com relação aos policiais, ao contrário, tenta enfatizá-la e apresenta um tom satírico, revelando o conflito existente entre policiais e detentos, em que estes, ao se referirem àqueles pelo vocábulo “verme”, expressam sua repulsa com relação ao “inimigo”, o qual é visto como algo ruim, como “vermes” que podem prejudicá-los e que, por isso, precisam ser combatidos.

Notamos que, ao se dirigirem diretamente aos agentes penitenciários, os reeducandos preferem utilizar a palavra “dezoito”. Por exemplo: quando os agentes adentram os pavilhões, os reeducandos gritam: “Dezoito! Dezoito!”, a fim de avisarem aos companheiros que a polícia está entrando e que eles devem se precaver para não serem pegos fazendo algo errado. De acordo com os reeducandos e agentes penitenciários, esse termo é, às vezes, utilizado pelos próprios policiais dentro do ambiente prisional, até mesmo de forma cômica. Já o termo disfêmico “verme”, é usado apenas entre os reeducandos para se referirem aos policiais de forma satírica e repugnante, conforme descreve o reeducando Doce Recheado, no excerto 27, na seção anterior deste capítulo.

Outra forma de aludirem aos agentes penitenciários é por meio do vocábulo “ganso”. Nesse caso, tem-se uma metáfora estrutural/zoomórfica em que as características de um animal são transferidas ao policial que vigia os presos. De acordo com Remenche (2003), essa associação ganso/agente carcerário se deve ao fato dessa ave ter um pescoço longo, sendo aproveitada em muitas propriedades rurais como vigia, pois produz um som característico quando avista qualquer elemento estranho, além de elevar a cabeça e fixar o olhar em determinada direção quando caminha e de ser um animal conhecido pela forma agressiva com que defende seu território, sempre disposto a atacar.

Observamos que a utilização das metáforas acima é uma forma de os apenados demonstrarem desprezo pelos agentes carcerários que os vigiam. Mostraremos, na sequência, que tal desprezo se estende aos próprios reeducandos e à situação de exclusão social e humilhação a que estão sujeitos dentro do sistema penal. Assim, eles criam metáforas estruturais/zoomórficas que descrevem detalhes do cotidiano brutal e violento em que estão inseridos, revelando as condições subumanas em que vivem.

Nesse sentido, assim como os agentes carcerários são chamados de “porcos”, pela utilização da metáfora eufêmica “dezoito”, os próprios reeducandos colocam-se na situação desse animal, uma vez que se referem ao “banho de sol” como “pela porco” (ver glossário, em anexo), ou seja, há uma metáfora ao processo de tirar o pelo do porco, quando este é abatido para o consumo humano, pois para isso é necessário aquecê-lo, assim como o sol faz aos detentos que, diariamente, são retirados de suas celas para tomarem banho de sol em um pátio dentro dos muros da cadeia.

A cela, por sua vez, é chamada, metaforicamente, de “jaula”, dando ênfase à situação de animal em que os presos se encontram, privados de sua liberdade, afastados do convívio social por representarem perigo, assim como um animal selvagem e feroz que precisa ser enjaulado para não devorar as pessoas.

Quando chega um preso novato na Casa de Prisão Provisória de Gurupi, principalmente se aquela for a sua primeira passagem pela cadeia, ele é chamado pelos veteranos (e pela própria polícia) de “corró”. Cumpre lembrar que isso só ocorre na CPPG, pois ao Presídio de Cariri só são encaminhados presos já condenados, ou seja, que já passaram por uma casa de prisão provisória e que já têm, portanto, certa experiência de cadeia. De acordo com o Dicionário Houaiss Online, *corró* é a designação comum a pequenos peixes de rios e açudes brasileiros. Tais peixes apresentam pouco valor aos pescadores, devido a seu tamanho pequeno, sendo, muitas vezes, desprezados ou usados como isca para pegar peixes maiores. A partir desse significado denotativo, podemos inferir que os reeducandos, ao se referirem aos presos novatos como “corró”, estão querendo dizer que eles são insignificantes, inferiores, devido a sua pouca experiência na cadeia e na criminalidade.

Outras palavras utilizadas pelos reeducandos que fazem analogias a animais são “tatu” e “mocoçar”. A primeira é utilizada para designar buraco/túnel que os presos fazem para fugir da cadeia. Nesse caso, temos novamente o zoomorfismo, pois ocorre uma analogia com o fato de o tatu, mamífero desdentado da família dos dasipodídeos, fazer buracos e túneis na terra. No sentido utilizado no Sistema Penitenciário, verificamos uma espécie de metonímia que estabelece uma relação do agente pelo seu produto. (REMENCHE, 2003).

Já o verbo “mocoçar” é utilizado pelos reeducandos no sentido de “esconder”. De acordo com a análise de Remenche (2003, p. 92), esse vocábulo é uma metáfora zoomórfica “baseada na analogia com o fato do mocó, roedor carnívoro, viver escondido no meio das rochas com esconder algo que não deve ser encontrado, como, por exemplo, o produto de um roubo, ou mesmo porções de droga dentro da penitenciária.”

Encontramos, também, na gíria dos reeducandos metáforas e metonímias antropomórficas, ou seja, que estabelecem analogias entre objetos e seres humanos (REMENCHE, 2003). Dois exemplos encontrados no *corpus* são “tereza” e “bebê”. A primeira é utilizada para designar uma espécie de corda feita de lençóis amarrados um ao outro, a qual é utilizada pelos presos na prática do suicídio por enforcamento, bem como para fugas (amarra-se a “tereza” em um ponto firme dentro dos muros da cadeia e os presos descem por ela como que fazendo rapel). Neste termo há uma antropomorfização a partir da analogia com o fato da “tereza” ser muito parecida com uma trança, tipo de penteado feminino. É uma metonímia que estabelece uma relação de símbolo, penteado essencialmente feminino (daí o motivo de se chamar “tereza”, que é um nome de mulher), pela coisa simbolizada. (REMENCHE, 2003).

Por sua vez, o termo “bebê” é utilizado, conforme descrito nos excertos 26 e 27, para designar uma espécie de faca artesanal, feita pelos próprios reeducandos a partir de pedaços

de ferro retirados das celas, a qual é utilizada para cavar os túneis para fuga. De acordo com a explicação dos reeducandos, essa faca é chamada de “bebê” porque é menor, em comparação com as outras que eles fazem. Notamos a antropomorfização devido à analogia com um bebê humano, já que ambos são pequenos.

Outro termo metafórico que nos chamou a atenção foi o vocábulo “latada”, usado para designar o reeducando que só faz coisa errada e/ou mal feita, alguém que, mesmo sabendo que algo não vai dá certa, teima em fazê-lo e acaba se prejudicando. O Dicionário Houaiss Online, assim define latada: “s.f. Grade de ripas, varas ou canas, na qual se apoiam trepadeiras, parreiras etc. Bras. (N) Cobertura (em geral de folhas de coqueiro) improvisada para abrigar pessoas.” Notamos, a partir da definição denotativa acima, que uma latada é algo frágil e improvisado e, caso seja usada, por exemplo, para abrigar pessoas por um período maior de tempo, corre o risco de desabar por cima das pessoas, machucando-as. Isso posto, é possível compreender a analogia feita pelos reeducandos, pois uma pessoa que não planeja e executa suas ações de forma segura e eficiente acaba sofrendo consequências desastrosas, assim como uma frágil latada que pode desabar a qualquer momento, devido à falta de uma boa estrutura. Percebe-se que os presos transferem as características negativas do vocábulo *latada* para os companheiros de cela e para si mesmos, colocando-se em situação inferior, já que todos que estão ali foram pegos pela polícia, ou seja, todos são “latadas”, pois não souberam planejar e executar suas ações criminosas de forma eficiente o bastante para não serem descobertos. É por isso, inclusive, que é comum, dentro das casas de detenção pesquisadas, os agentes carcerários chamarem os presos de “latada”, conforme menciona o reeducando Caju, no excerto 35. Temos, nesse caso, um processo de reificação (Remenche, 2003 – ver capítulo 1, seção 1.6) em que o ser humano é comparado a algo inanimado.

Outro caso de reificação é o uso da expressão “sete um” para designar pessoa malandra, que argumenta bem. Essa criação se caracteriza como um empréstimo do Código Penal brasileiro que, em seu artigo 171, classifica o estelionato, crime em que se engana/ludibria as pessoas, abusando da boa fé alheia. Normalmente, o sujeito que comete esse crime argumenta bem, é eloquente e muito simpático. Em algumas cadeias brasileiras, como as do estado do Paraná (Remenche, 2003), os presos utilizam o número completo do artigo, ou seja, a expressão “um sete um”. Verificamos, contudo, que nos estabelecimentos penais do Estado do Tocantins ocorre um processo de redução desse termo, já que o *corpus* de nossa pesquisa traz a expressão “sete um”, com o mesmo sentido da encontrada no trabalho de Remenche (2003), desenvolvido no Paraná. De acordo com essa autora, essa criação metafórica é uma espécie de metonímia, em que se usa o número do artigo do delito, pelo sujeito que o cometeu, desse modo, por meio de uma reificação, estabelece-se uma relação

por dependência de ideia. Cumpre ressaltar que, no contexto de nossa pesquisa, não é só o reeducando que cometeu crime de estelionato que é chamado de “sete um”, mas também aquele que apresenta as características mencionadas acima, isto é, aquele que consegue enganar os outros facilmente, por meio de argumentos fortes e bem estruturados que acabam convencendo o interlocutor, sem que seu ato seja considerado, necessariamente, um crime.

Acrescentamos que a criação e o entendimento dessa metonímia, de matiz metafórico, é possível porque sabemos que o conhecimento das leis faz parte do cotidiano dos que convivem num estabelecimento penal, sejam eles funcionários ou reclusos. Inclusive, durante as entrevistas, percebemos que na maioria das vezes em que perguntávamos aos reeducandos qual o tipo de crime que eles haviam praticado, eles respondiam utilizando o número do artigo do Código Penal que trata de tal crime. A princípio, imaginamos que procediam dessa forma na tentativa de suavizar o ato ilícito praticado, até mesmo pela pressão ritual sofrida na interação face a face com a entrevistadora. Todavia, conversando informalmente com um agente penitenciário, ele nos relatou que isso ocorre porque, dentro do sistema prisional, os apenados são identificados pelo crime cometido, havendo, inclusive, uma separação informal entre eles, em que aqueles que cometeram crimes menos graves são discriminados por aqueles que cometeram crimes mais graves, ou seja, há uma estratificação social dentro da cadeia baseada na gravidade do crime. Assim, quando um reeducando diz que está preso pelo crime “157” (roubo, assalto a mão armada ou latrocínio – assalto seguido de morte), ele está querendo dizer que é superior, mais perigoso, que o reeducando que está preso por “155”, que consiste em furtar algo de alguém escondido, isto é, sem que a pessoa furtada perceba, não sendo praticado, portanto, nenhum ato de violência contra a vítima. Podemos dizer que essa denominação do crime pelo número do artigo do Código Penal que o classifica também é uma criação metonímica/metafórica, pois substitui o nome do delito pelo número do artigo correspondente.

Entre as palavras e expressões metafóricas analisadas, até o momento, percebe-se que há um grande número de processos zoomórficos e de reificação, revelando uma tendência a transformar pessoas em animais ou em coisas. Isso denota o contexto sociocultural do ambiente pesquisado, indicando o *status* do humano, que é relegado a um plano inferior, enquanto as coisas e o mundo animal são mais valorizados por meio da antropomorfização.

Tendo como base a taxonomia das metáforas conceptuais postulada por Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002), podemos atestar que todos os casos analisados acima tratam-se de *metáforas* (ou metonímias) *estruturais*, sejam elas construídas por processos de zoomorfização, reificação ou antropomorfização, pois para estruturá-las e compreendê-las é

necessário um mapeamento a respeito de outros conceitos, baseados na experiência e na visão de mundo dos sujeitos envolvidos.

Passamos agora a analisar outro tipo de metáfora conceptual, as metáforas orientacionais, as quais são construídas na relação entre um determinado conceito e uma determinada orientação espacial, sendo que o que estabelece essa relação é uma base cultural. (LAKOFF & JOHNSON, 2002).

No glossário em apêndice, encontramos a expressão “cair”, usada pelos reeducandos no sentido de “ser preso”, em que eles criam enunciados do tipo: “*Eu caí por 157*”. Essa expressão metafórica revela que os reeducandos veem a prisão como algo que está embaixo, que é ruim e significa descontrole e queda, ou seja, caso suas práticas criminosas não sejam bem planejadas, eles podem “cair na cadeia”.

Outra metáfora orientacional utilizada pelos reeducandos, que também representa descontrole e queda é “a casa caiu”, a qual é usada no sentido de “deu tudo errado”. Essa expressão é utilizada quando os presos são pegos pela polícia em suas tentativas de fuga ou quando suas ações criminosas são descobertas. Assim, notamos que aquilo que é ruim, negativo e que representa perigo, é representado pelos reeducandos como queda, como algo destrutivo, pois se suas ações não derem certo a “casa pode cair” e eles ficam sujeitos à prisão e/ou punições severas, isto é, perdem o conforto e a proteção representados pela casa, a qual desaba, cai, devido ao descontrole e falta de planejamento de suas práticas criminosas.

Também envolve uma orientação espacial para baixo a forma como os reeducandos se referem ao ato de delatar, entregar alguém que fez algo errado, pois, para isso, usam o verbo “derrubar”. É comum, entre os reeducandos e marginais do crime em geral, a produção de enunciados como este: “*Eu derrubei ele, agora o cara tá querendo me jogar pra trás*”. Assim, o ato de delatar um comparsa é comparado ao ato de derrubar, deitar a baixo, fazer cair ao chão, o que tem como consequência o desequilíbrio e a queda da pessoa delatada, já que esta sofrerá consequências negativas em virtude da exposição de suas ações pelo delator, o qual é chamado pelos reeducandos de “cagueta” ou “mínimo dos homens”, sendo que essa última definição também pode ser classificada como uma metáfora orientacional, já que transmite a ideia de que o delator é pequeno (ocupa pouco espaço), inferior, ruim, alguém que não merece consideração alguma e que deve ser morto, como forma de vingança e para não delatar mais ninguém.

No exemplo citado no parágrafo anterior, temos outro caso de metáfora orientacional, indicando a direção para trás e para baixo, simultaneamente, a qual também tem conotação negativa. Estamos nos referindo à expressão “jogar pra trás”, que significa “matar alguém”. Nota-se que, para os reeducandos, o ato de matar uma pessoa é análogo ao ato de

jogar alguém para trás, o qual acaba se desequilibrando e caindo ao solo. Essa metáfora tem matiz eufêmico, pois tenta suavizar uma prática criminosa bastante violenta e grave, o homicídio, além disso, expressa os conceitos orientacionais imanentes à mente humana, os quais, de acordo com a teoria de Lakoff & Johnson (2002), relacionam saúde, vida e tudo o que é bom como algo “para cima” (ou “para frente”); ao passo que doença, morte e tudo que é ruim são “para baixo” (ou “para trás”).

Por outro lado, há também, na linguagem dos reeducandos, expressões metafóricas que expressam a direção para frente, como, por exemplo, “fazer os corre” e “correria”. A primeira significa fazer algo para conseguir dinheiro, como, por exemplo, cometer um crime, mas, dentro do sistema prisional, pode significar também correr atrás de algum direito ou benefício a que o preso faz jus. Já a segunda, é a forma como os presos se referem ao reeducando, geralmente em regime semiaberto, que ajuda os outros, entregando bilhetes à administração da casa com os pedidos dos presos, enviando recados aos familiares, verificando o andamento dos processos judiciais dos detentos, etc. Nesse sentido, os deslocamentos espaciais (“corre” e “correria” são derivados do verbo “correr”, que indica deslocamento para frente) são comparados a atividades destinadas ao ganho de dinheiro, ainda que de forma ilícita, bem como a ações positivas que trarão benefícios aos presos. Nesse viés, o “correria” da cadeia é bem visto pelo grupo, sendo merecedor de confiança, proteção e respeito. Podemos dizer que, nesse caso, temos uma espécie de metonímia que estabelece uma relação da ação pelo agente.

Também foram encontradas no *corpus* metáforas ontológicas (ver capítulo 1, seção 1.6), em que as ações/eventos são transformadas em objetos. Destarte, aparecem, no discurso dos reeducandos, expressões como: “botar pano” (aparecer, mostrar-se – ver excerto 12), “fazer fita” (cometer um roubo) e “cavalo doido” (fuga em massa pela porta da frente). No primeiro caso, o ato de querer aparecer, mostrar-se, é comparado ao uso de uma roupa boa, já que “pano”, na linguagem gíria do ambiente prisional, significa roupa. Desse modo, assim como as pessoas se vestem bem para se mostrar ao outro, um reeducando, ou marginal do crime em geral, pode, consentâneo ao que afirma o reeducando Barca, no excerto 12, falar gíria “*pra botar pano [...] aparecer... pra mostrar que é o ‘cara’...*”

Já a expressão “fazer fita” transforma uma ação ilícita (roubo) em um objeto concreto (fita), eximindo os agentes dessa ação do rótulo de criminosos, que produzem vítimas e atentam contra a sociedade. Assim, para o grupo marginal o roubo é visto como algo positivo e não significa, necessariamente, “tirar” algo de outrem (como define o discurso jurídico), mas sim em “fazer”, “ganhar” algo.

Por último, a expressão “cavalo doido” compara uma ação (a fuga em massa pela porta da frente da cadeia) a um elemento da natureza concreto (cavalo), acrescentando-lhe a ausência de normalidade psíquica (doido), o que denota que tal ato é uma loucura, podendo ou não ser bem sucedido. Esse evento é visto, portanto, como um ato inconsequente e descontrolado, tal qual um “estouro” de uma boiada ou um cavalo não adestrado, os quais são difíceis de serem controlados. Assim, os reeducandos buscam em elementos da natureza uma forma de (res)significar um ato desesperado de busca pela liberdade.

As análises desenvolvidas nesta seção revelam, pois, que a linguagem dos “filhos errantes da sociedade” estão carregadas de criações metafóricas, as quais, além de serem utilizadas como um artifício para tentar excluir os policiais da interação e garantir a hegemonia do grupo, revelam a visão de mundo do grupo e como este se relaciona com o mundo da criminalidade e com o ambiente prisional; (res)significando-o por meio de metáforas conceptuais.

3.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, analisamos e interpretamos o discurso dos reeducandos e policiais, em que foi possível verificar como o contexto sociocultural dos integrantes influencia nas produções linguísticas.

Para tanto, primeiramente, descrevemos os ambientes prisionais pesquisados, dialogando com o trabalho de Varela (1999), em que procuramos retratar como vivem os apenados na CPPG e no Presídio de Cariri. Constatamos, a partir de nossas leituras, observações e conversas com os reeducandos e policiais, que nos estabelecimentos penais pesquisados, bem como na maioria das casas de detenções brasileiras, os presos vivem, muitas vezes, em condições subumanas, em celas superlotadas e mal estruturadas, sujeitos à violência e à diplomacia na “escola do crime”. Vimos que a cadeia é um recinto hostil e carregado de rivalidade entre policiais e reeducandos, e destes entre si, o que gera constantes rebeliões, tentativas de fuga, homicídios e suicídios entre os presos. E esse meio “infernai” propicia a criação de uma linguagem peculiar e restrita, por meio da qual os reeducandos tentam disfarçar (ou enfatizar) a realidade violenta e marginal que os circunda, bem como esconder suas verdadeiras intenções dos policiais e garantirem a hegemonia do grupo, sua autodefesa e a manutenção de suas práticas ilegais.

Em seguida, seguindo os princípios da pesquisa etnográfica e ancorados nos princípios teóricos da Sociolinguística Interacional, mostramos, a partir dos excertos das entrevistas realizadas com os reeducandos, que a linguagem desse grupo marginal reflete a ideologia e a identidade dos falantes, sendo uma marca sociocultural que os diferencia do restante da sociedade. Ademais, a situação de exclusão social em que vivem os reeducandos é um fator determinante para que sua linguagem seja discriminada pela sociedade, por seus familiares e pelos próprios reeducandos, utentes das gírias. Alguns entrevistados apontaram também, conforme mostramos ao longo das análises aqui realizadas, outras questões ideológicas relacionadas ao uso das gírias do sistema prisional, quais sejam: racismo e diferenças de gênero.

Com base nos estudos de Goffman (2012) analisamos, outrossim, os rituais de preservação da fachada dos reeducandos, causados devido às pressões sofridas por estes na interação face a face com a entrevistadora. Além disso, observamos que os apenados, muitas vezes, usam as gírias de grupo para preservar a fachada dos comparsas, bem como sua própria fachada.

Vimos, ainda, que os “filhos errantes da sociedade” (presos ou em liberdade) tentam dar a seu discurso um caráter criptológico, a fim de dificultar a interação com os policiais e facilitar suas práticas criminosas e/ou garantir a segurança e autodefesa do grupo. Entretanto, dada a experiência dos policiais, fruto da convivência diária com a criminalidade, estes conseguem inferir com facilidade o linguajar dos presos e criminosos sob investigação, apresentado algumas dificuldades apenas diante de vocábulos novos e/ou de códigos mais restritos a grupos específicos, sendo necessário constante atualização e reflexão a respeito dessa linguagem e da forma como o grupo vê e representa o mundo do crime.

Para finalizar nosso capítulo de análise, vimos que os reeducandos, na tentativa de dar à sua linguagem um caráter secreto, criam um discurso metafórico, o qual, de acordo com a teoria de Lakoff (1985) e Lakoff & Johnson (2002) é um processo inconsciente e reflete a cultura e o modo como o grupo vê e se relaciona com o meio que o circunda.

A partir das análises linguísticas aqui realizadas, chegamos a um retrato da vida na prisão, dado o caráter imanente entre língua, cultura e identidade social.

PALAVRAS FINAIS

*Eu sou aquilo que consegui fazer
com o que fizeram de mim.*
(Sartre)

Na introdução deste trabalho, apontamos nossas motivações para o estudo da língua dos “filhos errantes da sociedade”, ressaltando nossa curiosidade em desvendar essa linguagem restrita e hermética. Tentamos, outrossim, contextualizar o ambiente pesquisado, apontando índices de aumento da violência e criminalidade no interior do Estado do Tocantins, o que nos levou a fazer alguns questionamentos a respeito dos aspectos linguísticos e sociais dos apenados e dos grupos ligados à prática de crimes em geral. Tínhamos a curiosidade em saber se tais grupos utilizavam essa linguagem criptológica com a finalidade de planejarem e praticarem crimes com mais facilidade; se os policiais compreendiam com facilidade as gírias dos reeducandos e criminosos em geral; como era o processo de formação de tais gírias e se essa linguagem estava relacionada ao aumento da criminalidade e a outros aspectos socioculturais de seus falantes.

A partir de tais questionamentos, buscamos na Sociolinguística Interacional suporte para respondê-los. Assim, nos apoiamos nos pressupostos teóricos de Labov (1966, 2008), Bagno (2001, 2009, 2010), Gumperz (1988), Goffman (2012), Preti (1984, 2004), Lakoff (1985), Lakoff & Johnson (2002), dentre outros, que nos possibilitaram relacionar a linguagem do grupo marginal estudado a aspectos socioculturais, identitários, contextuais e ideológicos que subjazem ao processo comunicativo dos sujeitos envolvidos na interação verbal.

Como metodologia de pesquisa, optamos pela etnografia (ERICKSON, 1988), por se mostrar mais adequada aos objetivos da Sociolinguística Interacional, uma vez que nos possibilita a obtenção de dados a partir do contato direto com os sujeitos pesquisados, revelando aspectos relevantes de sua realidade sociocultural. Ao longo do capítulo metodológico, evidenciamos os desafios da pesquisa de campo e as dificuldades encontradas para conseguirmos as entrevistas com os reeducandos, um grupo marginal considerado a escória da sociedade e que apresenta alto grau de periculosidade. E foi justamente essa dificuldade de acesso aos detentos que não nos permitiu ficar mais tempo em campo e entrevistar um grande número de reeducandos, o que nos levou a adotar o termo “perspectiva etnográfica”, sugerido por Sousa (2006), já que só foi possível visitar os ambientes prisionais por apenas seis meses, devido às constantes rebeliões e tentativas de fuga do grupo.

Cumprir lembrar que, durante as entrevistas com os apenados e as análises destas, adotamos, também, o método/teoria da metamorfose, postulado por Soares (1996), a fim de nos aproximarmos dos sujeitos entrevistados, procurando nos colocar no lugar deles, ainda que de forma imaginária e afetiva, o que não significa que estávamos fazendo apologia ao crime, mas apenas procurando fazer uma análise linguística que se aproximasse da realidade contextual estudada.

Por meio da presente pesquisa, constatamos que o estudo da língua dos “filhos errantes da sociedade”, sob o prisma da Sociolinguística Interacional e da perspectiva etnográfica, possibilitou revelar quem são tais sujeitos, o que pensam, o que sentem e como veem e se relacionam com o mundo e com a criminalidade.

As análises nos permitiram responder às indagações postuladas na introdução desta dissertação e revelaram que as gírias de grupo do sistema carcerário não visam apenas à comunicação secreta, mas se configuram como uma forma de identificar um grupo, tal como as tatuagens e as vestimentas. Em síntese, é a forma desse grupo sair do anonimato, expressando suas crenças, alegrias e mazelas a que estão sujeitos no meio carcerário; é o modo encontrado de ser diferente de alguma forma; além dessa linguagem gíria ser básica para todos que desejam se comunicar no Sistema Penitenciário, por isso todos aprendem cedo e rápido, conforme também concluiu Remenche (2003).

Vimos, por meio das metáforas conceptuais (LAKOFF & JOHNSON, 2002) criadas pelos “filhos errantes da sociedade”, que esses sujeitos veem a si mesmos como animais, colocando-se em condições inferiores e desumanas, o que reflete a exclusão social em que vivem. Por sua vez, seus inimigos, os policiais, também são comparados a animais, revelando o conflito existente entre os dois grupos e o desprezo dos transgressores da lei com relação àqueles que lutam em prol de seu cumprimento.

Foi possível perceber, durante as conversas com os reeducandos, que, em alguns momentos, estes usam a linguagem metafórica e hermética como estratégia discursiva (GUMPERZ, 1988, 2002) para tentar excluir os policiais da interação verbal e facilitar suas práticas criminosas. Todavia, os policiais, que convivem diariamente com a criminalidade, acabam conhecendo a forma de pensar dos grupos marginais, o que os leva a inferir com facilidade os significados dos vocábulos gírios criados. Sendo necessário, não obstante, atualização constante, uma vez que as gírias dos “filhos errantes da sociedade” estão sempre se renovando, a fim de tentar manter seu caráter secreto.

A partir do estudo linguístico das gírias de grupo do mundo do crime e das prisões, foi possível compreender as variantes socioculturais que as produzem (PRETI, 1984), traçando, desse modo, um retrato da vida que se descortina atrás das grades. Notamos que os

reeducandos usam termos gírios como forma de autodefesa e proteção, com o fito de preservar a própria fachada e a do grupo (GOFFMAN, 2012). Ademais, dado o contexto de preconceito linguístico/social (BAGNO, 2010) a que o grupo está sujeito, este procurou, na interação face a face com a entrevistadora, transmitir uma boa imagem de si mesmo, procurando justificativas para a entrada na criminalidade e para o uso de gírias. Assim, o grupo transfere a responsabilidade por seus atos ilegais à sociedade e ao sistema carcerário que não lhes dão oportunidade de mobilidade social e de ressocialização.

Verdade ou não, tais afirmações dos reeducandos (bem como nossa observação dos ambientes prisionais pesquisados), nos leva a refletir sobre a atual situação das casas de detenções brasileiras, que estão aquém do que preconiza a legislação pertinente. Observou-se que não existe, de fato, um processo de ressocialização dos detentos para que, ao saírem da prisão, tenham condições de se reintegrarem à sociedade. Isso posto, acreditamos que os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade premente de se repensar a educação nos presídios, que é um direito dos reeducandos, garantido pela Constituição Federal e pelas Regras Mínimas para o Tratamento dos Reclusos, das Nações Unidas (1985, apud IRELAND, 2010), o que pode vir a ser tema para pesquisas posteriores.

Concluímos com as palavras de Doce Recheado que, verdadeiras ou com matizes falaciosos, transmitem um retrato da vida nas prisões brasileiras e da realidade social dos “filhos errantes da sociedade”:

“Na realidade... eu fui obrigado a cometer esses crimes porque eu me via numa situação precária... minha família passando necessidade... meu filho morreu... sabe? E eu entrei no desespero e acabei me influenciando com o crime e daí:::... eu pensei:::... éh:::... eu fui [...] fazer os corre... Até porque a sociedade ela:::... ela me... ME OBRIGA a fazer coisas que eu não preciso fazer... porque se eu sair hoje da cadeia pedindo uma oportunidade de serviço... eu acredito que eu não vou encontrar... [...] Se a sociedade não discriminasse tanto... aqui era pra ter uma fábrica de bola... aqui era pra ter uma horta pra uns e outros presos trabalhar que tão puxando tranca... mesmo com meio mundo de direito semiaberto na mão... [...] Uma escola... A escola tá aí... depois você podia entrar lá pra você ver a escola... Ela tá abandonada... com os vidros tudo quebrado.. os doido dormindo lá dentro... [...] Porque é o seguinte... cadeia... entendeu? Ela é a escola do crime... mas ela só vira escola do crime com quem tem a mente vazia... se você ocupa sua mente fazendo qualquer outro tipo de função... você não vai ter tempo de ficar pensando maldade... besteira... como é que você vai fazer pra ganhar um dinheiro... como é que você vai fazer pra fumar uma droga... Então... é assim... a sociedade tem que NOS AJUDAR...”

REFERÊNCIAS

ALVES, Sérgio Reis; et al. **Pensando em sociedade**. 2008. Disponível em: <<http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/RevistaCientifica/REVISTA%20CIENTIFICA%202008/9%20PENSANDO%20EM%20SOCIEDADE%20-%20S%C3%A9rgio.pdf>>. Acesso em 30 setembro 2013.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 7. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2013. Disponível em: <<http://www2.forumseguranca.org.br/novo/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/7a-edicao>>. Acesso em 19 nov. 2013.

BABENCO, Hector. **Carandiru** (baseado no livro Estação Carandiru, de Drauzio Varella). [filme-vídeo]. Produção e direção de Hector Babenco. São Paulo: Sony Pictures Classics, 2003. 2h28min. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QZOKwn6GIN0>>. Acesso em: 15 set. 2013.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

_____. **Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Português ou Brasileiro?** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fonte. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina G. G. Pereira, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John. O significado social na estrutura linguística: alternância de código na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002. P. 45 – 84.

BORTONE, Marcia Elizabeth. Comunicação Interdialetal. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.). **Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2007. P. 123 – 142.

_____. **Comunicação interdialetoal:** um retrato de diversidades culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1993. Tese de Doutorado em Linguística.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?:** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Do campo para a cidade:** estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.

BRASIL, Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Institui o Código Penal Brasileiro. Diário Oficial da União: 1940. In: ANGHER, Anne Joyce (org.). **Vade Mecum Universitário de Direito.** 12. ed. São Paulo: Rideel, 2012. P. 353 – 384.

_____, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.

_____, Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília: Diário Oficial da União, 13 de julho de 1984. In: ANGHER, Anne Joyce (org.). **Vade Mecum Universitário de Direito Rideel.** 12. ed. São Paulo: Rideel, 2012. P.879 – 892.

_____, Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm>. Acesso em: 25 março 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANÇADO, Márcia. Protótipos e metáforas. In: CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica:** noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012. P. 123 – 141.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens:** volume 1. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** 39. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. **Língua, cultura e identidade:** conceitos intrínsecos e interdependentes. In: Revista Entreletras, v. 4, n. 1, p. 24-34. Araguaína: Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2013. Disponível em: <www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/02_lingua,_cultura_e_identidade....pdf>. Acesso em: 29 agosto 2013.

COSTA, Sérgio José da. Métodos. In: COSTA, Sérgio José da. **Configurações de transação na produção e comércio de álcool no centro-norte do Brasil.** Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, 2008. P. 5 – 19. Dissertação de Mestrado.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Unesp, 2005.

ERICKSON, Frederick. Ethnographic description. In: ULRICH, Ammon; NORBERT, Dittmar; KLAUS, J. Mattheier (orgs.). **International Handbook of the Science of Language and Society.** Vol. 2. Berlin, New York, Walter de Gruyter. P. 1081-1095. 1988

FIORIN, José Luiz. Metáfora e metonímia: dois processos de construção do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido:** estudos discursivos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. P. 71 – 91.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** 5. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia dos Santos Raposo. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert. Publicação original: 1963. Digitalizado por Coletivo Sabotagem em 2004. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!topic/toussp2009/sEpQVmt9zgo>>. Acesso em 25 março 2014.

_____. Footing. In: In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional.** 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002. P. 107 – 148.

_____. **Ritual de Interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUMPERZ, John. **Discourse Strategies:** studies in Interactional Sociolinguistics 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002. P. 149 – 182.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 (primeira edição em 1992). Disponível em: <<http://www.geoideias.com.br/geo/images/livros/HALL,%20Stuart.%20A%20Identidade%20Cultural%20na%20Pos-Modernidade.pdf>>. Acesso em 25 março 2014.

HOUAISS – **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em 22 outubro 2013.

ILARI, Rodolfo. Reflexões sobre língua e identidade. In: BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Maria Britto (orgs.). **Diálogos entre língua, cultura e sociedade**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. P. 17 – 50.

IRELAND, Timothy D. Anotações sobre a Educação em prisões: direito, contradições e desafios. In: CRAIDY, Carmem Maria (org.). **Educação em prisões: direito e desafio**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. P. 23 – 36.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKOFF, George. **A metáfora, as teorias populares e a possibilidade de diálogo**. Tradução de Rodolfo Ilari e Eric M. Sabinson. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 9, 1985, p. 49 – 68. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3373/2846>>. Acesso em: 02 setembro 2013.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **As metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento, ano: 8, n. 85, nov. 2012.

LOPES, Adriana Carvalho. **Narrativas das adolescentes em conflito com a Lei**. Brasília: Instituto de Letras – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, 2003. Dissertação de Mestrado.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LYRA, Roberto. **Penitência de um penitenciário**. Belo Horizonte: Líder, 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. Resgatando a polêmica: os limites da teoria variacionista. **Revista de Letras**, Nº 26, vol. 1/2 - jan/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl26Art09.pdf>>. Acesso em 24 junho 2013.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Aderlan Messias de. **Influência e significado das gírias de detentos no interior de uma cadeia da cidade de barreiras no oeste da Bahia**. Monografia apresentada ao Curso de Direito da Faculdade São Francisco de Barreiras – FASB, sob orientação do prof. Me. Luiz Antônio Fabro de Almeida. Barreiras: 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecapolicial.com.br/upload/documentos/GIRIA-DE-DETENTOS-DE-BARREIRAS-BA-21069_2011_12_21_29_58.pdf>. Acesso em: 25 julho 2012.

PEREIRA, Éverton Luís. Linguagem e comunicação: revisão dos conceitos centrais de etnografia da fala. **ILHA – Revista de Antropologia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 306 – 312. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/16511>>. Acesso em: 15 agosto 2013.

PICKETT, Velma; ELSON. **Introdução à Morfologia e à Sintaxe**. Petrópolis: Vozes, 1973.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

_____. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

_____. Apresentação. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 07 – 12.

_____. O Vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. Inclusão e exclusão social pela linguagem: a gíria de grupo. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 159 – 167.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. **As criações metafóricas na gíria do Sistema Penitenciário do Paraná**. 2003. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem) – UEL-Londrina. Disponível em: <http://www.direitocapital.com.br/sites/pdf/malu_metaforicas.pdf>. Acesso em: 04 janeiro 2012.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. São Paulo: Humanística, 2002.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCHIFFRIN, Deborah. Interactional Sociolinguistics. In: McKay, S. L.; HORUBERGER, N. **Sociolinguistic and Language Teaching**. New York: Cambridge, 1996, p. 307 – 328.

SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de Gíria: modernismo linguístico, o equipamento falado do brasileiro**. 7. ed. Brasília, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. P. 73 – 102.

SOARES, Luiz Eduardo. **Violência e Política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume, 1996.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SOUSA, Rosineide Magalhães. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica**. (Tese de Doutorado) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

TARALO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRIBUNA DO TOCANTINS (jornal online). Gurupi – TO, 11 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.tribunatocantins.com.br/index.php>>. Acesso em: 20 novembro 2013.

VARELLA, Drauzio. **Carcereiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – GLOSSÁRIO DAS GÍRIAS DOS “FILHOS ERRANTES DA SOCIEDADE”

A casa caiu: deu tudo errado (se referindo a uma fuga da cadeia ou a uma tentativa de crime frustrada pela ação da polícia)

Ajudazinha: suborno

Amarelim: crack

Arroz: crack

Avião: preso que passa droga para os outros

Bagulho: droga; produto de roubo

Barca: transferência para outra unidade prisional

Barriga: bateria de aparelho celular

Baseado: cigarro de maconha

Bate-bate: chip de aparelho celular

Bebê: faca artesanal, de tamanho pequeno, feita com pedaços de ferro retirados das celas

Berro: revólver

Biba: homossexual

Bigorna: porta da cela

Bimbal: bilhete, carta

Bôbo: coração

Bôbo: relógio

Boca: traficante

Boi: banheiro

Boiola: homossexual

Botar pano: aparecer, exhibir-se, mostrar que é melhor que os outros

Brocar: comer

Cabrito berrando: que (ou quem) não saiu do flagrante

Cabrito: carro roubado

Caco de talha: bolacha de sal

Cagueta: delator, preso que entrega o outro

Cair: ser preso

Caju: lâmpada

Caô: preso que tem lábia para levar todos na conversa

Carreta: carro

Cassete: pênis

Catatu: bilhete, carta

Cavalo doido: fuga em massa pela porta da frente da cadeia

Caxanga: casa

Chegado: amigo; colega

Chepa: comida

Chuncho: faca artesanal feita com pedaços de ferro retirados das celas

Cobal: sacolas de compras trazidas por familiares ou amigos em dias de visita

Corda: cordão

Correria: preso que ajuda os outros, aquele que “faz os corre da cadeia”

Corró: o roubo, o objeto que a pessoa vai roubar. Na CPP, significa, também, preso novato, que não tem experiência na criminalidade e na cadeia.

Coruja: cueca

Cospe fogo: revólver

Dá o pinote: fugir

Dá uns amasso: namorar

Delega: delegado

Derrubar: entregar alguém, delatar

Dezoito: agente penitenciário (policial civil)

Doce: aparelho celular

Doce recheado: aparelho celular com chip

Dragão: isqueiro

Empanado: espécie de quarto utilizado para receber visitas íntimas nas celas, cujas “paredes” são feitas com lençóis

Estar com fome: brocado

Estar/ficar de boa: estar/ficar tranquilo

Estar de cara: não consumiu nenhuma droga no dia e está louco para consumir

Farinha: cocaína

Fazer fita: roubar

Fazer uma parada: roubar, praticar um crime

Fazer um corre: cometer um crime; ir atrás de meio de sobrevivência seja por meio lícito ou ilícito. Na cadeia, pode significar, também, correr atrás de seus diretos e de regalias, como, por exemplo, direito a sair da cadeia, temporariamente, em ocasião das festividades natalinas ou do dia das mães.

Feijão: maconha

Feijão tá no fogo: cigarro de maconha aceso, pronto para o uso

Ferro: faca

Filé: mulher bonita

Frutinha: homossexual

Gambé: policial

Ganso: agente penitenciário (policial civil)

Gelo: cerveja

Giz: cigarro

Grude: comida

Ir na corda: enforcar-se

Ir na tereza: enforcar-se (*tereza* é o nome de uma espécie de corda feita de lençóis)

Jacaré: pequeno serrote (segueta) utilizado para serrar as grades da cela para fuga

Jaula: cela

Jega: colchão ou rede para dormir

Jek: estuprador

Jogar pra trás: matar alguém

Kepe: boné

Latada (1): pessoa que só faz coisa errada e/ou mal feita, alguém que, mesmo sabendo que algo não vai dá certa, teima em fazê-lo e acaba se prejudicando

Latada (2): o crime (Ex.: “*Eu preciso largar essas latada.*” Ou seja, parar de praticar crimes)

Latrô: pessoa que cometeu o crime de latrocínio

Leque: baralho

Lobo: estuprador

Madeira: droga

Madeirar: ter relação sexual

Maloqueiro: bandido; criminoso; traficante; maconheiro

Manga lisa: soldado (PM)

Mano: amigo, colega

Mão branca: pistoleiro, aquele que mata pessoas por dinheiro

Marroco: pão

Mina: mulher

Mínimo dos homens: delator, preso que entrega o outro

Moca: café

Mocozar: esconder

Noiado: pessoa drogada; viciado em drogas

Oitão: revólver

Pan: aparelho celular

Pão de fogo: revólver

Papel: dinheiro

Pegador: namorador; aquele que namora muitas mulheres

Pé inchado: viciado em bebida alcóolica

Pé preto: Polícia Militar (PM)

Peita: camiseta

Pela porco: banho de sol

Perdeu: se deu mal (essa expressão é bastante usada quando os presos, em confrontos com a polícia, acabam rendendo os guardas com armas de fogo ou facas e conseguem empreender fuga, então, eles gritam apontando as armas para os policiais: “*Perdeu! Perdeu!*”)

Perna de grilo: cigarro de maconha

Pisante: sapato ou tênis

Pipa: bilhete, carta

Ponta: meio cigarro de maconha

Presunto: cadáver; pessoa morta

Psica: maluco; pessoa que tem problemas psicológicos; viciado em drogas que comete loucuras quando está sob o efeito de drogas

Puxar bigorna: ficar preso, cumprir pena em regime fechado

Puxar cadeia: ficar preso, cumprir pena em regime fechado

Puxar rosa: ficar preso, cumprir pena em regime fechado

Quadrada: pistola

Radar: espelho

Rádio: aparelho celular

Rélri: cachimbo para consumo de crack

Sabor de quero mais: drogas em geral

Sete um: estelionatário ou pessoa que persuade e engana os outros com facilidade (faz referência ao artigo 171 do Código Penal brasileiro, que trata do crime de estelionato)

Soltar o barro: defecar

Sujou: deu tudo errado (se referindo a uma fuga da cadeia ou a uma tentativa de crime frustrada pela ação da polícia)

Tá ligado: está prestando atenção; está entendendo

Tá me tirando: está criticando/zombando de mim

Tatu: buraco/túnel para fuga

Tereza: corda de pano (usada em fugas ou em suicídios por enforcamento)

Tira: agente penitenciário (policial civil)

Tirar a macaca da rua: tomar banho (se referindo a um preso novato)

Tirar o pelo pra lavar: cortar o cabelo

Três oitão: revólver

Trinta e três: traficante (faz analogia ao artigo 33 da Lei nº 11.343/06, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências)

Um dólar: pequena quantidade de maconha que custa em torno de dez reais (Ex.: “*Mano, manda um dólar aí pra mim.*”)

Véi: (de velho) significa “cara”, amigo, colega (Ex.: “*E aí, véi, tudo bem?*”)

Vento: ventilador

X9: delator, preso que entrega o outro

Zincar: implicar, caçar problema para o outro

Zoiúda: câmera

Zuar o plantão: caçar conversa; encher o saco

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS REEDUCANDOS E
POLICIAIS

Entrevista 1: reeducando Barca (CPPG) – forma de registro: escrita

E.: Pois bem... primeiramente... eu gostaria de saber alguns dados pessoais... Pode ser?

Barca: Pode... pode sim...

E.: Então... primeiro eu gostaria de saber qual a sua idade...

Barca: Trinta e um...

E.: Você é natural de onde?

Barca: De Cristalândia... Tocantins...

E.: Qual o seu estado civil?

Barca: Solteiro...

E.: Até que série você estudou?

Barca: Eu fiz o Ensino Médio completo...

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Barca: Há doze anos...

E.: E que tipo de crime você cometeu?

Barca: Assalto...

E.: Bem... éh::: ... Percebemos que os presos... de forma geral... utilizam uma linguagem diferente... que chamamos de gíria... Você pode me dizer porque vocês utilizam esse tipo de linguagem?

Barca: Olha... há coisas que são códigos secretos ou como forma de manifestação cultural éh::: ... ou identificação do grupo...

E.: E você... em particular... já usava esse tipo de linguagem antes de ser preso... ou passou a usar após a prisão... por influência dos outros detentos?

Barca: Olha... pra falar a verdade... eu só uso quando tô preso... :::Mas quando eu tava solto... eu usava algumas vezes sim...

E.: Sei... E::: assim:::... como é a sua vida aqui na cadeia? Gostar eu imagino que você... quer dizer... ninguém deve gostar... né? Mas:::... fale um pouco como é a vida aqui... se a comida é boa... se a estrutura física do local é boa... ou precisa melhorar:::...

Barca: Olha... eu já passei por várias cadeias por esse Brasil afora... e cada unidade prisional tem coisas boas e ruins... em compensação... aqui tem água... as torturas físicas e psicológicas são menores... Aqui é diferente das grandes cadeias... pois os policiais não chegam atirando... você paga sozinho...

E.: Sei:::... E o que levou você a praticar esse crime que te colocou na cadeia?

Barca: Olha... foi o seguinte... eu tava morando com minha família na fazenda e tava fora das drogas e tudo... aí... voltei pra cidade e tava sem dinheiro pras drogas... Daí... éh::: fui preso em uma escuta telefônica... o que gerou minha sentença...

E.: E como era a sua vida antes de você ser preso? Você trabalhava... estudava... como era a condição socioeconômica da sua família?

Barca: Éh:::... minha família tem condição financeira fraca... mas sou açougueiro profissional... e sempre estudava e queria subir na vida... E foi em meio a essa vontade de subir na vida... que resolvi trilhar o caminho do crime...

E.: Sei... Éh::: você se arrependeu do crime que cometeu?... Cê tem vontade de sair daqui?

Barca: Olha... COM CERTEZA... eu me arrependi e tenho sim muita vontade de sair... Inclusive... tô pedindo uma chance de sair daqui... pro juiz...

E.: Sei... E diante desse desejo de ser livre... você... ou outros detentos... já utilizou as gírias aqui do sistema para planejar:::... por exemplo... uma fuga... ou outro tipo de crime?

Barca: Já... já sim... Já utilizei as gírias pra planejar vendas de drogas...

E.: E aqui dentro da cadeia... você:::... se lembra assim:::... de algumas gírias que o pessoal utiliza?

Barca: Olha... eu conheço centenas de gírias... se você quiser eu posso até fazer uma lista pra senhora...

E.: E mesmo? Eu quero sim... pois vai ser muito útil pra minha pesquisa... Depois... então... você poderia fazer uma lista pra mim com essas palavras e passar pra um dos agentes... que depois eu pego com eles... Pode ser?

Barca: pode... pode ser...

E.: Mas... agora... nesse momento... cê já pode me passar algumas palavras... pra eu anotar aqui?

Barca: Uai... éh:::... aqui... quando cavamos um buraco pra fuga... por exemplo... a gente chama de tatu... a segueta pra serrar é jacaré... o celular é pan... o chip é bate-bate... a bateria do celular é barriga... Éh::: deixa eu ver:::... a maconha a gente chama de feijão... a cocaína de farinha... o crack de arroz... um carro roubado a gente chama de cabrito... E tem também cabrito berrando... que é o que não saiu do flagrante... A comida aqui é a chepa... o policial militar é pé preto... e::: enfim... tem palavras demais ((risos)) se eu fosse falar todas... ficaria uns três dias aqui conversando com a senhora e ainda não terminava ((risos))...

E.: ((risos)) Então... eu vou deixar papel e caneta com você... daí... cê faz uma lista pra mim e depois eu pego... ok?

Barca: ok...

E.: Bom... então... vamos continuar nossa entrevista aqui... Quando chega um preso novo... que vocês chamam de corró... né? Os outros presos mais antigos obrigam esse preso novato a aprender a linguagem gíria da cadeia pra:::... pra ele podê fazer parte do grupo?

Barca: Eu não diria... assim::: éh:::... obrigam... né... mas eles têm que se enquadrar às regras... porque tem a regra da polícia e a do preso... e a do preso... os outros presos têm que respeitar... pois estarão juntos pru que for preciso... né?

E.: Sei... E quando você sair aqui da cadeia... cê vai continuar utilizando as gírias que usa aqui?

Barca: Eu creio que não... Tem pessoas que falam gíria pra botar pano... sabe?

E.: “Botar pano”? Como assim?

Barca: Pra aparecer... pra mostrar que é “o cara”... Mas eu não sou besta não... Se eu usar gíria ou tatuagem fora daqui... vai ser mais fácil da polícia e a sociedade me identificar... então... eu não vou usar não...

E.: Ah... então você acha que as pessoas em geral... e os próprios policiais... têm preconceito com relação a esse tipo de linguagem que vocês utilizam aqui?

Barca: Têm sim... Os policiais que trabalha dentro da unidade até que não... pois eles acostuma e até usa essa linguagem... mas os policiais que tão fora... eles tem mais preconceito... entendeu?

E.: Ah::: tá... entendi... E sua família? Eles também têm preconceito com relação ao seu jeito de falar?

Barca: Tem... tem sim... A minha mãe... uma vez eu descuidei e falei “podes crer... véi” e ela disse... “você já tá falando DESSE JEITO... Já aprendeu até linguagem de vagabundo... Não vai querer mudar a sua vida não?”

E.: Ah... então... ela não gosta que cê fala assim... né? Ela já associa a linguagem à criminalidade... né?

Barca: Isso mesmo... ela não gosta não...

E.: Agora... éh:::... uma última pergunta... com relação à cartas... bilhetes... éh:::... você já escreveu algum bilhete ou carta utilizando gíria aqui dentro?

Barca: Olha... quando a gente escreve pra outro preso tem que usar... mas pra outras pessoas não...

E.: Sei... e o que você pretendia com isso? Era apenas se comunicar com outro preso... ou era uma forma de esconder o verdadeiro sentido da carta... pros policiais não entenderem?

Barca: Às vezes é só pra se comunicar mesmo... outras vezes... é pra planejar alguma coisa que os policiais não podem saber...

E.: E você tem algum desses bilhetes aí com você... e pode me mostrar?

Barca: Não... não... não tenho não... pois a gente sempre rasga eles prus policiais não pegarem...

E.: Ah... tá... Então... era só isso que eu queria perguntar mesmo... muito obrigada pela entrevista...

Barca: Por nada... Depois a senhora volta aqui pra pegar a lista das palavras que eu vou fazer... né?

E.: Volto sim... muito obrigada e boa sorte aí no cumprimento da sua pena...

Barca: Brigadu...

Entrevista 2: reeducando Sete Um (CPPG) – forma de registro: escrita

E.: Bom... primeiramente... eu gostaria de saber alguns dados pessoais... Pode ser?

Sete Um: Ok... vamos lá... ((risos))

E.: Quantos anos você tem?

Sete Um: Eu tenho vinte e oito anos...

E.: Você nasceu em qual cidade?

Sete Um: Em Ananás... Tocantins...

E.: Qual o seu estado civil?

Sete Um: Solteiro...

E.: Até que série você estudou?

Sete Um: Eu estudei só até a quinta série do Ensino Fundamental...

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Sete Um: Há nove anos e oito meses...

E.: Que tipo de crime você cometeu?

Sete Um: Um cinco sete... assalto...

E.: Eu percebo que os presos... de um modo geral... utilizam uma linguagem diferente... que a gente chama de gíria... Então... eu gostaria de saber porque vocês utilizam esse tipo de linguagem?

Sete Um: Olha... a gente usa gíria pra gente se adaptar com as pessoas que a gente convive... Então... a gente se acostuma conversar assim...

E.: Você já falava gíria antes de ser preso... ou começou a falar aqui dentro... por influência dos outros detentos?

Sete Um: Não... não... Antes de ser preso eu já falava...

E.: E como é a sua vida aqui dentro? Você acha que a comida... a estrutura... a assistência à saúde é razoável... ou precisa melhorar?

Sete Um: A comida é mais ou menos... mas boa mesmo é a da casa da gente... né? Aqui tem água... tem assistência médica... éh:::... é até mais ou menos...

E.: E::: assim:::... o que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui?

Sete Um: Foi o seguinte... éh:::... quando eu fui preso tava com dezoito anos e por eu ser muito novo e querer saber só de farra... acabei cometendo o crime... pois achava que era normal... não sabia as consequências... Mas hoje já conheço... Inclusive tô escrevendo um livro sobre a vida na prisão...

E.: Sério? Que legal... Quando tiver pronto o livro... eu quero ler... viu?... Agora... você poderia falar um pouquinho sobre como era a sua vida antes de ser preso? Se você trabalhava... estudava e como era as condições socioeconômicas da sua família...

Sete Um: Eu trabalhava e estudava... morava com minha mãe... Trabalhava de servente de pedreiro e estudava... Minha mãe não tinha boas condições financeiras... ela trabalhava de camareira em um motel...

E.: E você se arrependeu do crime que cometeu e tem vontade de sair da prisão?

Sete Um: Com certeza me arrependi demais e quero sair daqui... pois eu ainda sou novo... e a vida me espera lá fora...

E.: E diante desse desejo de ser livre... você alguma vez já utilizou as gírias aqui do sistema pra planejar uma fuga... por exemplo... ou outro tipo de crime? Ou seja... já tentou falar em códigos secretos com outros detentos pra que os policiais não entendessem o que vocês estavam planejando?

Sete Um: Não... não... eu nunca fiz isso não... só linguagem normal mesmo...

E.: E quando chega um preso novo... os outros presos obrigam esse preso novato a aprender a linguagem gíria da cadeia pra ele podê fazer parte do grupo... ou ele acaba aprendendo mesmo com a convivência?

Sete Um: Não obriga não... mas a pessoa mesmo é que se adapta pelo convívio... se acostuma... entendeu?

E.: Ah... entendi... ele aprende com a convivência... E quando você sair daqui... você continuará utilizando a linguagem gíria utilizada aqui dentro?

Sete Um: Não... porque mudei de vida... né? Não vou ser mais o que era antes... meus pensamentos agora são outros... Vou me integrar na sociedade... e na sociedade... não existe gíria... só linguagem normal...

E.: Então... cê acha que a sociedade... ou até mesmo a sua própria família... por exemplo... tem preconceito com relação às gírias?

Sete Um: Têm... por devido a eles serem pessoas diferenciadas... honesto... Só as pessoas que conversa assim são os da criminalidade... Eu mesmo já tô evitando falar assim...

E.: E você já sofreu algum tipo de discriminação de alguém... ou da sua família ou de fora... por causa do seu jeito de falar?

Sete Um: Como eu já falei... só os mais problemáticos da criminalidade que conversa assim... Eu mesmo já estou evitando falar gíria... Minha família não gosta que eu falo assim... eles falam... “para com isso... falar assim é feio...” Eu quase não falo mais... Éh:::... a senhora observou se eu falei alguma gíria da hora que estamos conversando aqui?

E.: Não... acho que num falou não...

Sete Um: Ufa... ainda bem...

E.: [((risos))

Sete Um: [

Entrevista 3: reeducando Latada (CPPG) – forma de registro: escrita

E.: Bem... primeiramente... eu gostaria de traçar um perfil dos colaboradores da pesquisa... então... primeiro... vou fazer algumas perguntas pessoais... Tudo bem?

Latada: Tudo... manda vê ((risos))

E.: Qual a sua idade?

Latada: Vinte e oito anos...

E.: Você é natural de onde?

Latada: Daqui mesmo de Gurupi...

E.: Qual o seu estado civil?

Latada: Eu sô solteiro...

E.: Até que série você estudou?

Latada: Até a quarta séria primária...

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Latada: há três anos...

E.: Que tipo de crime você cometeu?

Latada: Dois cinco zero...

E.: Dois cinco zero? Desculpe... você pode esclarecer que crime é esse? É que não conheço muito bem o Código Penal... ((risos))

Latada: ((risos)) dois cinco zero é:::... incêndio... vandalismo...

E.: Ah... tá... Bom... eu percebi que vocês aqui utilizam muitas gírias... né? Você poderia me dizer porque vocês utilizam esse tipo de linguagem? Assim:::... qual o objetivo de vocês ao falarem gírias?

Latada: É o seguinte... o objetivo é que a gente aprende no mundo do crime... entendeu?

E.: E você já falava gíria antes de ser preso?

Latada: Já... já sim...

E.: Você pode falar um pouco sobre como é a sua vida aqui na CPP? Se a comida é boa... a estrutura da cadeia... o banheiro... enfim... qual é a sua avaliação sobre as condições físicas aqui da cadeia?

Latada: NOSSA... cê não tem noção... aqui é muito ruim... viu? Bom é lá fora perto da família... em liberdade... A comida é PÉssima... a gente come só pra não passá fome... Se deixassem entrar uma comida de fora era melhor... Com relação ao banheiro... é hoRRÍvel... Aqui a gente chama ele ((o banheiro)) de boi... é só um vasilho... é ruim demais...

E.: Éh:::... eu posso imaginar... deve ser muito ruim mesmo...

Latada: Éh:::... é ruim pra caramba... viu?

E.: E:::... assim:::... e o que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui?

Latada: Ah... foi:::... tipo assim... foi numa curtição... que eu tava lá... e uma pessoa me roubou quatrocentos reais e eu entrei em desespero e:::... saí fora de si... e revidei... fui pra cima... e incendiei uma casa inteira...

((Nesse momento da entrevista, entra uma servidora do estabelecimento penal na sala onde estávamos conversando e o reeducando se dirige a ela, pedindo informações sobre procedimentos administrativos de seu interesse))

Latada: E aí? Tudo bem? Você viu aquele negócio lá pra mim?

Servidora: Eita... foi bom te vê aqui... pois tinha esquecido... vou ligar lá no fórum agora e já vejo... pera aí... ((a servidora sai))

Latada: ((se dirigindo à entrevistadora)) Nossa... eu tava mesmo precisando falar com ela... foi Deus quem te mandou aqui pra me tirar lá de dentro... pra eu vê ela... Ela tá vendo uma parada aí pra mim diminuir minha pena e saí logo daqui...

E.: É mesmo?... Tomara que dê tudo certo... né? Mas... vamos continuar nossa conversa aqui?

Latada: Vamos... vamos sim... brigadu... viu? ((risos))

E.: ((risos)) Imagina... Bom... continuando... fale um pouco como era a sua vida antes de ser preso... Cê trabalhava... estudava?... Sua família tem boas condições econômicas?

Latada: Tem... tem... minha família é bem de condição... tenho uma irmã que mora em Barcelona e quer me levar pra lá... Só falta eu largar as latada ((risos))

E.: “As latada”? Não entendi... O que é “as latada”? ((risos))

Latada: ((risos)) As latada é o crime... entendeu?

E.: Ah... tá... entendi... ((risos)) E você estudava lá fora... trabalhava?

Latada: Eu:::... éh:::... estudar... não tava estudando não... mas trabalhar... eu trabalhei ainda umas duas vezes... depois larguei... eu tava querendo era vida boa ((risos))

E.: ((risos)) Ah... éh? E quando você trabalhou... você trabalhou de quê? Cê tinha:::... assim::: uma profissão?

Latada: Tinha nada... Eu trabalhei em lava jato e em oficina... mas... não tinha assim:::... uma profissão não...

E.: Sei... E::: assim:::... pelo que você já me falou... que não gosta daqui... você se arrependeu do crime que você cometeu... né? Cê tem vontade de sair logo daqui... né?

Latada: Arrependi... arrependi sim... ainda mais agora... que eu fui baleado nas duas pernas... por causa de fuga... olha aí como é que eu tô... ((apontando para as pernas parafusadas e engessadas)) Tenho vontade de sair daqui... é o meu sonho... Sonho com minha família... Apesar que eu fui abandonado pela minha esposa... cadeia toma até esposa da gente... sabia? Toma tudo...

E.: Sei... E diante desse desejo de ser livre... você e outros detentos já usaram as gírias aqui do sistema pra:::... pra tentar organizar uma fuga... por exemplo... aí vocês falaram em um código secreto prus policiais não entenderem o que vocês estavam planejando... Cê já passou por algum episódio desse tipo aqui dentro?

Latada: Já... eu já tentei fugir várias vezes... olha aqui ((apontando para as próprias pernas)) minhas pernas foram quebrada no tiro... como eu já te falei... tentando fugir daqui... Uma vez... em 2005... eu consegui fugi... Nós cavamu um tatu e durante o processo nós falava... “manda a bebê aí pra nós terminar o serviço aqui e olha aí os ganso aí na frente...”

E: Bom... “tatu” eu já sei que é um túnel pra fuga... Agora:::... “bebê”:::... O que é “bebê”?

Latada: A bebê é o ferro pra cavá... a gente chama ele de bebê porque é pequeno... e tem que ser pequeno mesmo pra esconder melhor da polícia... a gente também chama de “chuncho”... e os “ganso” é a polícia... Então... nós falava nesse código pra facilitar a fuga... prus policiais não perceberem o que tava rolando... entendeu?

E.: Ah:::... entendi... E quando chega um detento novo... vocês o obrigam a aprender as gírias aqui do sistema... pra:::... pra ele poder fazer parte do grupo?

Latada: Não... não... não obrigamos não... até porque ele mesmo vai vendo a linguagem e vai aprendendo com a cotnviência...

E.: E quando você sair daqui... você vai continuar utilizando as gírias que usa aqui?

Latada: Não... ((risos)) até porque... éh:::... essa linguagem é mais de pessoas que é do crime... então... com as outras pessoa... nós conversa normal...

E.: Então... você acha que as pessoas têm preconceitos com relação a essa linguagem?

Latada: Têm... tem sim...

E.: Você... particularmente... já sofreu algum tipo de preconceito lá fora por causa do seu jeito de falar? A sua família... por exemplo... sua mãe... ela não gosta que você fala gíria... gosta?

Latada.: De jeito nenhum ((risos))... ela não gosta não... Ela já me perguntou por que eu falo assim... mas eu falava pra ela... “deixa disso... mãe... cê sabe que você é meu biscoitinho...”

E.: [((risos))

Latada: [

Latada: Chamo ela de “biscoitinho” porque é uma coisa boa... ((risos)) e já faz mais de um ano que eu não vejo ela... ((expressão de tristeza)) tô com saudades... ela tá morando em Barra do Garça...

E.: Ah:::... ela tá bem longe... né?... Bem... dando continuidade... com relação a bilhetes... que vocês chamam de bimbá... né?

Latada: É... é isso mesmo... Cê já tá ligada aí nas paradinhas das gírias... né? ((risos))

E.: ((risos)) É que eu tô aprendendo com vocês... Então... como eu ia dizendo... com relação a bilhetes... cartas... você alguma vez já escreveu algum bimbá ((risos)) utilizando gírias? Tipo assim:::... éh:::... pra programar alguma coisa com outro detento pra que os policiais não entendessem o que estava escrito?

Latada: Já... várias vezes... Já escrevi vários bimbá... que se a polícia pegar não entende nada...

E.: E você lembra o conteúdo desse bimbá?

Latada: Eita... agora eu não vou lembrar assim de cabeça não...

E.: Tudo bem... mas... será que você poderia me falar::: assim:::... algumas palavras que vocês utilizam aqui?

Latada: Olha... tem muitas... tem o “boi” que é o banheiro... “de boa” que quer dizer tranquilo... “cagueta” que é aquele preso que entrega o outro... “sabor de quero mais” que é a droga... “fazer um corre”... que é ir atrás de algo... E por falar nisso... será que quando a gente

terminar de conversar aqui... eles deixam eu falar com aquela moça que tava fazendo aquele corre lá no fórum pra mim?

E.: Uai... não custa nada tentar... né? Minha parte aqui... já acabou... eu agradeço pela entrevista... vou chamar o agente ali pra vê se você pode falar com a mulher lá...

Latada: Ou... eu é que agradeço... viu? Foi Deus quem mandou você aqui...

Entrevista 4: reeducando Caô (CPPG) – forma de registro: escrita

E.: Bem... é o seguinte... primeiro... eu gostaria de fazer algumas perguntas a respeito de seus dados pessoais... pode ser?

Caô: Pode...

E.: Quantos anos você tem?

Caô: Vinte e seis...

E.: Você é natural de onde?

Caô: De Araguaína... Tocantins...

E.: Qual o seu estado civil?

Caô: Amasiado....

E.: Qual o seu grau de escolaridade?

Caô: Bem... éh:::.... eu estudei até o primeiro ano do Ensino Médio...

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Caô: Já faz cinco anos e cinco meses...

E.: Qual crime você cometeu?

Caô: Um cinco sete...

E.: Um cinco sete é assalto... né?

Caô: É... é assalto...

E.: Certo... Éh:::.... percebemos que os detentos... de forma geral... utilizam muitas gírias... né? Eu gostaria de saber porque vocês utilizam essa linguagem diferente?

Caô: Eu acho que vem da forma... éh:::.... desde quando a pessoa entra no mundo do errado... pela convivência... E aqueles que convive e não fala gíria... com três... quatro meses eles acaba aprendendo.... Tem alguns presos que não tem estudo... não sabe nem assinar o nome direito... eu acho que isso contribui também...

E.: Você já usava gírias antes de ser preso... ou passou a usar depois de preso... devido à convivência com os outros detentos?

Caô: Passei a usar depois de preso... devido à convivência...

E.: E como é a sua vida aqui na cadeia? Você que acha a comida... as condições estruturais são boas... ou precisa melhorar?

Caô: Olha... a comida aqui até que é boa... a estrutura... éh:::.... é boa também... Eu já acostumei... ((risos))

E.: Sei... e:::.... o que levou você a praticar esse crime que te colocou na cadeia? Foi por influência de amigos... ou por falta de dinheiro mesmo?

Caô: Éh:::.... foi com as companhias... as amizades... Não assaltei por falta de dinheiro não... foi só por influência de amizade mesmo...

E.: Então... a sua família tem boas condições financeiras... né? Você pode me falar um pouco sobre como era a sua vida antes de ser preso? Se você trabalhava... estudava e como era a condição econômica da sua família...

Caô: Olha... a condição da minha família era boa... Meu pai tem posto de gasolina e tenho um tio da polícia federal... Eu não trabalhava... ficava mais em casa com minha mulher e meus dois filhos...

E.: Ah... você tem filhos?

Caô: Tenho... tenho um menino de oito anos e uma menina de seis...

- E.:** Então... você deve está com vontade de sair logo daqui... né? Pra poder vê-los...
- Caô:** Sim... com certeza... Tenho vontade de ir embora daqui... desde o dia que eu entrei aqui...
- E.:** E diante desse desejo de ser livre... você e outros detentos já utilizaram as gírias pra tentar fugir ou planejar um crime... seja aqui dentro ou fora daqui... tipo falar em um código secreto... trocando o significado das palavras... prus::: prus policiais não entenderem o que vocês estavam falando?
- Caô:** Já... já usei pra planejar um roubo... Eu falava... “tô indo buscar o corró lá”... No caso... o “corró” significa o roubo... a coisa que você vai roubar... entendeu?
- E.:** Ah::: sim... entendi... E quando chega um preso novo... que vocês também chamam de “corró”... né?
- Caô:** É... a gente também chama de “corró” os preso novato aqui na CPP...
- E.:** Então... quando chega um “corró” aqui... vocês o obrigam a aprender e falar as gírias do sistema... pra ele poder fazer parte do grupo?
- Caô:** Não... ninguém obriga... eles vão aprendendo pela conviência...
- E.:** Sei... e quando você sair daqui... cê vai continuar utilizando as gírias que usa aqui?
- Caô:** Não... quando eu sair daqui... eu vou pra Espanha... tenho minha mãe e uma irmã lá...
- E.:** Ah:::... tá certo... E:::... assim::: com relação aos policiais e a sociedade em geral... por exemplo:::... a sua família... cê acha que eles têm preconceito com relação às gírias dos detentos?
- Caô:** Os policiais... assim::: até eles mesmo costuma... pois eles trabalham no sistema... tem deles que falam gírias também... Então... eu acho que eles num têm preconceito não... Com relação à minha família... meus pais achavam estranho eu falar gírias e brigavam comigo...
- E.:** Agora... uma última pergunta... com relação a bilhetes... cartas... você já escreveu algum bilhete ou carta aqui dentro usando gírias?
- Caô:** Já... já escrevi sim...
- E.:** E qual era o seu objeto? Era só se comunicar... ou era pra planejar algum crime ou fuga... sem que os policiais compreendessem o que estava sendo planejado?
- Caô:** Não... não... não era pra planejar nada não... era só pra se comunicar mesmo com os outros presos...
- E.:** Ok... acho que era só isso mesmo... eu agradeço pela entrevista...

Entrevista 5: reeducando Chegado (CPPG) – forma de registro: escrita

- E.:** Primeiramente... eu gostaria de saber algumas dados pessoais... Tudo bem?
- Chegado:** Tudo...
- E.:** Éh:::...Qual a sua idade?
- Chegado:** Trinta e um anos...
- E.:** Você é natural de onde?
- Chegado:** De Araguaína... Tocantins...
- E.:** Qual o seu estado civil?
- Chegado:** Solteiro...
- E.:** Até que série você estudou?
- Chegado:** Até a segunda série... primário...
- E.:** Há quanto tempo você tá preso?
- Chegado:** Há cinco anos...
- E.:** Que tipo de crime você cometeu?
- Chegado:** Um cinco cinco...
- E.:** Bom... eu percebo que os detentos... de forma geral... utilizam muitas gírias... né? Eu gostaria de saber porque vocês utilizam essa linguagem diferente?

Chegado: Olha... eu mesmo falo gírias... éh:::... devido a influência dos outros detentos...

E.: Então... você começou a usar gírias só depois que foi preso... né? Ou cê já utilizava antes?

Chegado: Não... não... comecei a usar na cadeia mesmo...

E.: Sei... e como é sua a vida aqui na cadeia? Fale um pouquinho assim:::... sobre as condições estruturais aqui da CPP... se a comida... a estrutura... enfim... é boa ou precisa melhorar...

Chegado: Olha... eu não tenho nada a queixar da cadeia não... até porque... a gente que caça por onde tá nesse lugar... né? ((risos))

E.: Sei... E o que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui na cadeia?

Chegado: Olha... eu nem sei dizer direito... Foi de repente mesmo... quando eu vi já tinha feito...

E.: Foi um momento de fraqueza... né?

Chegado: É... foi...

E.: E como era assim:::... sua vida antes de ser preso? Cê trabalhava... tinha uma profissão... como era a condição econômica da sua família?

Chegado: Eu trabalhava na roça mais meu pai...

E.: Seu pai tinha fazenda?

Chegado: Ele tinha as terra... éh:::... como é que dá aquele nome?

E.: Agricultor?

Chegado: É... agricultor...

E.: E hoje você se arrependeu do crime que cê cometeu e:::... tem vontade de sair logo daqui?

Chegado: Olha... com certeza... a maior vontade que tenho é sair daqui e voltar pra casa...

E.: E diante desse desejo de ser livre... você já utilizou as gírias do sistema pra tentar fugir ou planejar um crime... seja aqui dentro ou fora daqui... tipo:::... falar em um código secreto... trocando o significado das palavras... prus::: prus policiais não entenderem o que vocês estavam falando?

Chegado: Não... nunca fiz isso não...

E.: E quando chega um preso novo na cela... que vocês chamam de corró... né?... os outros obrigam esse corró ((risos)) a aprender a linguagem do sistema... pra ele poder fazer parte do grupo?

Chegado: Não... a gente só explica as normas de como convivê na cela... pois como são doze na cela... cada dia um tem que limpar a cela... então... o que a gente passa prus corró é isso... e as normas de convivência... Com o tempo mesmo é que os corró vai aprendendo falar que nem os outros.

E.: Ah:::... Sei... E quando você sair daqui da cadeia... cê vai continuar utilizando as gírias que utiliza aqui?

Chegado: Na cadeia a gente aprende de tudo e:::... lá fora sempre vai ter a recordação da cadeia... por exemplo... quando eu entrar no banheiro de casa... vou lembrar que ele é o “boi” na cadeia... que a comida é a “chepa”... Na verdade... isso é uma mancha ruim que a gente não esquece mais... E mesmo que eu não queira... acho que vou acabar utilizando lá fora algumas palavra que aprendi aqui dentro... num tem jeito...

E.: Sei... e cê acha que os policiais e a sociedade em geral têm preconceito com relação a esse tipo de linguagem? Sua família... por exemplo... alguém já reclamou quando cê fala gíria perto deles?

Chegado: De existir... existe... porque tem muitos pais que não aceita... mas os policial nunca reclamaram não... Minha família também nunca reclamou não...

E.: Agora... uma última pergunta... com relação a bilhetes... cartas... que vocês chamam de bimbá... né? Cê já escreveu algum bimbá aqui na cadeia ou fora dela... utilizando gírias pra:::... se comunicar com outro preso ou colega... daí cê escreveu em gírias pra dar a seu bimbá um caráter secreto pra ficar mais fácil de praticar um crime ou programar uma fuga... por exemplo?

Chegado: Olha... fuga eu nunca tentei não... agora:::... eu já escrevi um bimbá sim... quando tava traficando na cadeia... Daí... usei algumas gírias sim...

E.: E você lembra o conteúdo desse bimbá? Lembra assim:::... de algumas gírias que você utilizou?

Chegado: Vixe... num lembro mais não... já faz tempo...

E.: Ok... então... eu agradeço pela sua entrevista... Acho que era só isso mesmo que eu queria perguntar...

Entrevista 6: reeducando Feijão (CPPG) – forma de registro: escrita

E.: Bom... primeiro eu gostaria de fazer algumas perguntas a respeito de seus dados pessoais... Tudo bem?

Feijão: Tudo... vamos lá...

E.: Quantos anos você tem?

Feijão: Trinta e cinco anos...

E.: Você é natural de onde?

Feijão: De Goiânia... Goiás...

E.: Qual o seu estado civil?

Feijão: Amasiado...

E.: Até que série você estudou?

Feijão: Até a sétima série...

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Feijão: Há onze meses...

E.: Que tipo de crime você cometeu?

Feijão: Um cinco sete...

E.: Bom... eu percebo que os detentos... de forma geral... utilizam uma linguagem diferente... que a gente chama de gíria... Então... Eu gostaria de saber porque vocês costumam utilizar esse tipo de linguagem?

Feijão: Olha... isso já vem das décadas de malandragem... desde que existiu cadeia... existiu gíria...

E.: Sei... E você já usava gíria antes de ser preso ou passou a utilizar apenas após a prisão... por influência dos outros presos?

Feijão: Olha... eu vou falar pra senhora... eu tava no meio da malandragem... então... eu usava...

E.: E:::... cê pode me dar assim:::... um exemplo em que você utilizava esse tipo de linguagem lá fora... tipo pra planejar um crime?

Feijão: Por exemplo... quando eu queria falar “tô indo ali comprar uma droga”... eu dizia “tô indo ali fazer um corre”... Entendeu? ((risos))

E.: Ah... entendi... ((risos)) E:::... como é a sua vida aqui na cadeia? Gostar... eu sei que ninguém gosta... né? Mas... assim:::... você poderia me dizer o que você acha da estrutura física aqui da CPP... se os banheiros são limpos... se a comida é boa... se tem assistência à saúde... enfim... qual a sua avaliação a respeito do local?

Feijão: Olha... a comida é razoável... o banheiro é limpo... pois é nós mesmo que limpa... A única coisa que não tá bom é a assistência à saúde... pois falta remédio...

E.: Sei... E o que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui?

Feijão: Foi uma grande besteira... Esse foi o meu primeiro 157 ((assalto)). Isso foi por causa de uma menina nova... Eu queria dar do bom e do melhor pra ela e... então... eu trabalhava de servente de pedreiro e o dinheiro não dava... Então... resolvi fazer uns corre pra arrumar dinheiro... entendeu?

E.: Sei... E como era a condição social de sua família? Como era sua vida antes de entrar no crime? Você::::... trabalhava... estudava...

Feijão: Meus pais tinha uma condição financeira boa... Só eu mesmo que não prestei ((risos))... Minha mãe sempre dizia que toda família tem uma ovelha negra e eu era essa ovelha... Ela sempre quis me dá estudo... se eu tivesse aceitado... estava aí... igual a senhora... atrás da caneta... Mas... hoje eu me arrependo do que fiz... morro de vontade de sai daqui e da::::... da malandragem também.

E.: E diante desse desejo de ser livre... você já utilizou as gírias do sistema pra tentar fugir ou planejar um crime... seja aqui dentro ou fora daqui... tipo::::... falar em um código secreto... trocando o significado das palavras... prus::: prus policiais não entenderem o que vocês estavam falando... e daí ficar mais fácil de praticar o crime?

Feijão: Uma vez eu não tava preso e liguei prum primo meu e perguntei... “mano... onde você tá? Porque eu tô indo lá buscar o feijão...” No caso... “o feijão” é a maconha... E quando eu cheguei liguei novamente e disse... “mano... o feijão tá no fogo... pode vim...” Quer dizer que o cigarro de maconha já tava aceso e que era pra ele ir lá pra casa pra gente fumar um... Entendeu?

E: Entendi... mas... por que você não usou a palavra “maconha” mesmo?

Feijão: Uai... dona... e o medo do telefone tá grampeado?... A gente num pode dá bobeira não... se não a gente cai... ((risos))

E.: Ah::::... entendi ((risos))... E quando chega um preso novato aqui na CPP... os outros detentos obrigam esse novato a aprender as gírias do sistema pra ele poder fazer parte do grupo... ou ele aprende pela convivência mesmo?

Feijão: Ele aprende pelo convívio na cadeia... Só tem duas coisas que a gente pede pra ele... que é lavar o “boi” ((banheiro)) e “tirar a macaca da rua”... ((risos))

E.: “Tirar a macaca da rua?” ((risos)) O que quer dizer isso?

Feijão: Quer dizer “tomar banho”... entendeu? Pois como são muitos presos na cela... a higiene é muito importante pra cela não ficar fedendo...

E.: Ah::::... tá... entendi... E quando você sair daqui... cê vai continuar falando gírias?

Feijão: Não... não... Quero ser da sociedade... porque essa linguagem é só de criminoso...

E.: Ah... Então... você acha que essa linguagem é só de criminoso e só deve ser usada aqui dentro da cadeia?

Feijão: É... é sim... Aqui dentro a gente sempre usa umas palavras diferente... por exemplo... quando eu tô sem nenhuma besteira pra comer... eu falo prum parceiro... “Mano... me arruma aí um caco de telha que quando chegar minha cobal eu te pago”... No caso... “caco de telha” é bolacha de sal... entendeu? E a “cobal” é como a gente chama as sacolas de compra que recebemos de nossos familiares em dia de visita...

E.: Ah... legal... ((risos)) “caco de telha”... essa eu não conhecia não... é bem interessante... Bom... então... você acha que essa linguagem é de malandro e só deve ser usada aqui na cadeia... né? Conforme cê já afirmou... Então... você acha que a sociedade e::::... até mesmo os policiais... discriminam quem usa esse tipo de linguagem? Cê já sofreu algum tipo de preconceito por causa do seu jeito de falar? Sua família... por exemplo... já te criticou alguma vez porque cê usou gírias?

Feijão: Olha... a sociedade com certeza discrimina sim... já os policiais até que não... pois eles convive aqui dentro com a gente e até falam algumas gírias de vez em quando... Com relação à família... minha mãe era muito criquenta comigo... por isso... ela dizia que eu tava usando a forma da malandragem... tava usando muita gíria... Que às vezes eu dizia... “pode crê... mulequi...” Ela brigava também quando eu ia pedi uma bolacha e eu dizia: “mãe... pega esse ‘bagulho’ aí pra mim...” Ela brigava... pois dizia que “bagulho” era a droga... “menino... você já tá mexendo com coisa errada?” E pensar que ela só queria o meu bem... E ela morreu tem três meses... lá em Goiânia... e eu nem pude ir lá no enterro... porque tô aqui preso... ((expressão de tristeza no rosto)) Minha irmã queria pagar escolta pra mim ir lá... mas eu disse

que não precisava não... porque eu queria ver ela era viva... Agora não tinha mais nada pra fazer...

E.: Nossa... eu posso imaginar a sua dor... Bem... agora... uma última pergunta... Você já escreveu algum bilhete ou carta aqui dentro da cadeia utilizando gírias pra tentar programar um crime... uma fuga... por exemplo... daí cê escreveu só em gírias prus policiais não decifrarem o que cê tava planejando?

Feijão: Não... Isso eu nunca fiz não...

E.: Ok... acho que era só isso mesmo... muita obrigada pela entrevista...

Feijão: De nada... e sucesso lá no seus estudo... lá em Brasília... viu?

E.: Obrigada...

Entrevista 7: reeducando Caju (Presídio de Cariri) – forma de registro: gravação

E.: Bom... estou aqui no:::... presídio de Cariri... com o primeiro reeducando a ser entrevistado... Éh:::... você pode me dizer qual é a sua idade?

Caju: Tenho vinte e cinco anos...

E.: É natural de onde?

Caju: De::: Piauí... Piratininga...

E.: Qual seu estado civil?

Caju: Sou amasiado...

E.: Há quanto tempo você tá::: preso... detido?

Caju: Um ano e quatro meses...

E.: Você já tá no semiaberto... né?

Caju: Já...

E.: Uhn... Até que série você estudou?

Caju: Eu fiz até a quinta... aí fiz o EJA e tô no primeiro ano....

E.: Mas você tá estudando ainda? Aqui tem como estudar... ou não?

Caju: Aqui não tem ainda... mas dizem que vão abrir uma escola aqui...

E.: Ah... legal... Éh:::... e que tipo de crime você cometeu pra tá aqui?

Caju: Eu fui:::... é:::... numa tentativa de homicídio...

E.: Éh:::... Então... agora umas perguntas mais voltadas pra parte da linguagem... né? Éh::: eu através das leituras que eu já fiz e também por meio de observação... eu percebi que os detentos... os reeducandos... como diz o seu Lázaro ((risos)) ((no caso, a entrevistadora estava se referindo ao agente penitenciário, Senhor Lázaro Sampaio, colaborador da pesquisa))... eles utilizam uma linguagem diferente que nós definimos como gíria... né... Por que que::: você acha porque que os presos... os reeducandos... eles utilizam essa linguagem? Não só os detentos... mas o pessoal do grupo da::: da::: do grupo da criminalidade em geral... por que que eles utilizam essas gírias?

Caju: Eu mesmo... eu não sei... que eu passei por lá e eles já usavam essas gírias... os modo de falar... mas eu não sei porque...

E.: Cê não sabe o motivo exato... né?

Caju: Não...

E.: Você especificamente... você usa essa linguagem?

Caju: Depende... tem vezes... lá... quando eu estava lá dentro eu usava... Como o seu Lázaro disse... tem o “bo:::i”... () “boi” é o banheiro... e outras assim:::... Vai do diálogo do dia a dia... vai falando uma coisa... a gente fala...

E.: Uhn... Então... você acha que a convivência com os outros detentos é que estimula você a utilizar essa linguagem ou não?

Caju: É... o ambiente é que estimula a gente a falar do jeito deles... A gente chega... a gente num fala... e quando chega lá dentro e começa a conviver... vai falando do jeito deles...

E.: Tá certo... Éh::: Como que é a sua vida aqui? Acho que agora já tá melhor... né? porque você já tá no semiaberto... Mas antes... Éh:::.... você julga que a estrutura aqui do::: do presídio aqui de Cariri... é uma estrutura bo:::a... na medida do possí:::vel... a questão de banheiro... alimentação... a forma como vocês são tratados... Qual que é a sua análise desse contexto em que vocês vivem?

Caju: Na medida do possível éh::: é boa... assim:::.... entre aspas... né? Quer dizer... assim::: tem lugares piores que aqui... A comida é boa... mas só que quando vem direto a gente abusa... mas é boa... a comida... Os banheiros são limpo...

E.: Os banheiros são os detentos... os reeducandos mesmo que limpam?

Caju: São... os reeducandos que limpam...

E.: Bom... éh:::.... o que levou você a praticar::: éh:::.... esse crime que o colocou aqui no presídio?

Caju: O que levou foi desaforo da pessoa que me agrediu...

E.: Uhn...

Caju: Na hora eu não vi não... na hora que ele me agrediu... () e só vi na hora que eu já tinha feito... Eu nem vi não...

E.: Uhn... Então... assim... no caso... você não se considera como do mundo da criminalidade? Foi apenas um:::.... um acaso que te levou a isso... né?

Caju: Foi... eu não me considero um criminoso não... Foi um acaso mesmo... uma circunstância que a gente tá bebendo... e aí acontece e a gente só vê depois que já fez...

E.: Sei... éh::: e antes de você:::.... Você falou:::.... há quanto tempo que cê tá preso mesmo?

Caju: Um ano e quatro meses...

E.: Sim... Ah... então... antes disso... como que era a sua vida? Acho que você já até adiantou... né? Você estudava... né? Éh:::.... E como que era a sua vida socioeconômica? Cê trabalhava... trabalhava em que? Como que era a vida da sua família... socioculturalmente... né? A condição social...

Caju: A condição financeira da minha família não é muito boa... mas eu trabalhava... meus irmão também trabalhava... né? nós ia ajudando assim::: em casa... Até hoje eu recebo o auxílio reclusão... porque quando eu fui preso eu tava de carteira assinada... aí... como eu tenho filho... () aí eu corri atrás e consegui o benefício do::: do auxílio reclusão...

E.: Ah... tá... Mas você trabalhava em que profissão?

Caju: Eu trabalhava de empacotador na:::.... numa máquina de arroz que tem aqui em Gurupi...

E.: Ah... tá joia... Éh:::..... Então você se arrependeu desse:::.... desse delito que você cometeu e::: tem vontade de sair de vez da daqui?

Caju: Quando a gente vem pra cá a gente se arrepende sim... Eu tô arrependido... podia ter deixado pra lá... eu taria lá fora trabalhando... vivendo minha vida... Hoje fiz aquilo e tô aqui... mas eu tô indo embora... tô louco pra ir embora...

E.: Bom... éh:::.... eu percebo que você é um dos detentos assim::: um dos reeducandos... Eu::: eu tenho que acostumar avfalar reeducandos ((risos))... Éh:::.... que parece que tem um bom comportamento... né? Mas... assim... diante::: do desejo que você teve... principalmente quando cê tava lá dentro mesmo da::: da cela... se você... diante desse desejo de ser livre... ou às vezes até mesmo lá fora... se você já utilizou gíria pra tentar fazer alguma coisa escondido da polícia... tipo programar uma fu:::ga... ou se você sabe de casos de alguns detentos que tenham utilizado as gírias pra::: falar num código secreto pros policiais não entenderem que eles estão programando um... cavar um túnel... vamos supor? Que lá CPP eles me falaram que é “tatu” o túnel... né?

Caju: Anhan...

E.: Então... se você já soube... ou se você já utilizou aqui essa linguagem pra::: tentar ludibriar a polícia pra praticar alguma fuga ou algum crime fora daqui...

Caju: Não... eu mesmo nunca tentei... que eu nunca tentei fugir... nunca tentei fazer nada... Tô aqui simplesmente porque eu fiz o que eu fiz... mas eu nunca tentei fugir não...

E.: E você conhece casos de alguns detentos que tenham utilizado?

Caju: Não... aqueles que tentam::: utilizar eu nem me envolvo com eles... eles fica pra lá e eu pra cá... Eu nem tento saber de nada... porque a gente saber de muita coisa é::: é pior depois...

E.: Ah... tá certo... Éh:::.... Quando chega um detento novo na cadeia... que lá na CPP eles chamam de “coró”... né? Os presos mais antigos... eles obrigam ou estimulam esse preso novo... esse coró... a falar em gíria pra poder fazer parte do grupo... ou ele aprende mesmo só pela convivência?

Caju: Não... ninguém obriga... Eles aprende pela convivência... pelo dia a dia mesmo... no ambiente que a gente tá eles só ouve aquilo... aí... vai aprendendo... aprendendo... aí começa falar...

E.: Anhan... Eu percebi aqui pela nossa interação... que você realmente não utiliza essas gírias... né? Então... essa pergunta que ia fazer aqui... é se você ia continuar utilizando essa gíria daqui lá fora... mas eu percebo que você até mesmo aqui dentro... por já tá no semiaberto... você nem utiliza mais... né?

Caju.: Não... num utilizo e nem quero... As pessoas têm preconceito com certeza...

E.: Ah... Então você acha que as pessoas têm preconceito em relação a essa linguagem?

Caju: Têm... muitas pessoas têm preconceito... A gente chegar num lugar e falar::: a gente chegar num ambiente... tem::: ambiente que a gente num deve falar essas coisas... essas gírias... né?

E.: E essa era justamente a minha outra pergunta... né? Se::: você acha que a sociedade... ela tem esse preconceito com relação a essa linguagem... de falar assim... “Ah... você tá com linguagem de malan:::dro”... né? Eu::: entrevistando uns presos lá na CPP... alguns falaram que a mãe... né? Principalmente a mãe... quando::: eles chegavam em casa... às vezes antes de ser preso... e chegavam falando uma linguagem gíria... né? do mundo do crime::: ou da::: da atualidade... a mãe dele falava... “menino... você tá falando linguagem de malandro... de bandido... para com isso:::”... Então... você acha que isso existe realmente? Que existe essa discriminação com relação a essa linguagem?

Caju: Existe... existe...

E.: Você já escreveu... ou conhece alguém que tenha escrito algum bilhete... éh::: usando... aqui dentro... usando gíria pra tentar... pra comunicar com outro reeducando... éh::: pra que a polícia não entendesse o que eles estão falando? Cê já ouviu falar?... O Daniel ((se referindo ao chefe do estabelecimento penal)) até me falou que::: que guarda alguns bilhetes... que::: eles se comunicam em gírias... Mas eu queria saber assim... se você já utilizou e se você conhece alguém que tenha utilizado com o objetivo específico de comunicar com outro preso pra que os policiais não entendam o que eles estão falando... tipo programar uma fu:::ga ou::: ou algum tráfico... alguma coisa dentro da cadeia...

Caju: Olha... eles devem usar... mas eu mesmo num usei... que eu num uso droga... num uso nada... Agora:::.... que os pessoal daqui mesmo... os agentes... sabem... entendem a gíria do pessoal lá de dentro... Eles convive... eles mesmo fala gíria... tem alguns deles que eles mesmo falam...

E.: Ah... então você percebe que há essa interação? Que os policiais eles acabam aprendendo essas gírias?

Caju: Acaba... aprende... Eu vejo eles falando aí... eles fala... É questão de tempo... Agora... os policiais novato que chega... eles tão convivendo ali... eles tão convivendo igual os presos... eles vai aprender também falar igual eles... Tem uns que diz... “E aí... seu latada...” Eles chamam o pessoal de latada aqui...

E.: Ah... tá... Era só isso mesmo que eu tinha pra perguntar... e eu espero que você tenha sucesso aí... na::: na sua volta à sociedade...

Caju: Tá bom... muito obrigado...

Entrevista 8: reeducando Cospe Fogo (Presídio de Cariri) – forma de registro: gravação

E.: Bom... estou aqui agora com o reeducando dois... aqui no presídio de Cariri... Éh:: e eu gostaria de saber qual a sua idade...

Cospe Fogo: Eu tenho trinta anos...

E.: Cê é natural de onde?

Cospe Fogo: Araguaína... Tocantins...

E.: Qual o seu estado civil?

Cospe Fogo.: Amasiado...

E: Éh:: até que série você estudou?

Cospe Fogo: Médio completo...

E.: Há quanto tempo cê está detido?

Cospe Fogo: Quatro anos... cerca de quatro anos...

E.: Que tipo de crime você cometeu?

Cospe Fogo: Homicídio...

E.: Então... como eu já falei... ((antes de começar a gravação, a entrevistadora conversa um pouco com os reeducandos para explicar os objetivos da entrevista)) Éh:::... através das leituras que eu já fiz... e também por meio de observações... que eu até já comecei a pesquisa lá na CPP... entrevistei alguns reeducandos lá... éh::: eu percebo que::: vocês utilizam uma linguagem diferente que a gente chama de gíria... tanto dentro da cadeia como quando cê tá fora... no meio dos seus amigos... alguns detentos... hoje detentos... eles já utilizam essas gírias... E aí... tem até alguns estudos... oh:::... ((apontando para um dicionário de gíria que está sobre a mesa)) Aqui nós temos até um livro de gíria... mas é gíria no sentido geral...

Cospe Fogo: Sei:::...

E.: E o que eu vou pesquisar é só a gíria de vocês... Então... eu gostaria de saber porque que vocês utilizam essa linguagem... Qual que é o objetivo? É fazer com que a polícia não entenda o que vocês falam? Ou é só mesmo interagir?

Cospe Fogo: Não... num é fazer com que a polícia não entenda não... Acho que é porque::: tipo assim... a maioria das pessoas que estão aqui já num tem um grau de instrução assim::: elevado... né? igual onde possa conversar correto... então... é o meio mais fácil... É uma forma assim... com que::: com que todos entendam o que o outro tá falando... E aí... então... esse é o meio mais fácil...

E.: Então... é só uma forma de interação mesmo... e devido ao nível de escolaridade ser baixo... e vocês não conhecerem umas palavras mais adequadas... então... né?

Cospe Fogo: Sim... é a forma mais fácil que tem... porque o:::... Porque assim... eu acho assim:::... que a língua portuguesa num::: num precisa você saber::: falar ela correta... e tal... A partir do momento que você tá dando um recado e a pessoa vai entender... pra mim... o importante é isso...

E.: Tá certo... Você já usava essa linguagem antes de ser preso ou você passou a usar apenas após a prisão... por influência dos outros detentos?

Cospe Fogo: Eu acho assim... que cada ambiente que você se encontra:::... influência muito no seu comportamento... na sua forma de ser... então... eu acho que foi aqui... nesse ambiente aí...

E.: Éh:::... como que é a sua vida aqui? A gente sabe que não é bom... né? Mas assim:::... de forma geral... da estrutura aqui do presídio... cê acha que tá bom... ou precisa melhorar? Tipo::: comida... banheiro... as estruturas aqui... qual que é a sua avaliação a respeito disso?

Cospe Fogo: Ah... eu acho assim:::... eu acho que::: de certa forma aqui precisava de uma melhoria... como::: porque::: não é só aqui não... o sistema penitenciário inteiro... né? no Brasil todo... porque assim:::... a pessoa recupera... a pessoa lá fora cometeu um crime... o fato dele:::... um exemplo... eu... eu não me considero uma pessoa criminoso... né? bandido...

realmente eu cometi um crime... tô pagano... Mas a senhora acha que:::... pegar uma pessoa lá do seio da sociedade porque:: simplesmente cometeu um crime e aí jogar ali dentro no meio de um monte de bandido ali... cê acha que essa pessoa vai:::... Você acredita na:: na reeducação no Brasil?

E.: Agora cê me pegou... né? ((risos)) Que eu não sou uma estudiosa dessa área... né? Mas... assim:::... é igual você falou... você pega um:: às vezes você cometeu um crime por um deslize... né? Cê não é traficante... você não é um marginal... e aí você vem aqui pra dentro e por meio da influência dos outros criminosos de maior::: peso... né? na criminalidade... você acaba tendo que aprender... né? a ser como eles... Então... de certa forma... essa reeducação::: ela deixa muito a desejar... eu acredito...

Cospe Fogo: Deixa... Num funciona não... O governo... () eu acredito assim... que o governo também não quer que isso funcione não... Aí... então... tipo assim:::... eu acho assim... que a pessoa a partir do momento que cometeu um erro lá fora... a pessoa num é criminoso... aí pega e põe aqui no meio desse monte de criminoso... tá deixando a desejar de ma:::is..... Ainda mais com esse monte de molecada novo aí... né? Que não tem cabeça... deixa se lavar fácil...

E.: Você acha... então... que se tivesse aqui... por exemplo... cursos de capacitação... escola... você acha que seria mais proveitoso? Porque daí... você ia::: se reeducar de fato e quando você saísse você teria uma profissão... uma educação pra poder conseguir um emprego lá fora... Cê acha que isso seria válido?

Cospe Fogo: Pelo meno o papel do governo ele taria fazendo... né? pra::: realmente inserir essas pessoa no seio da sociedade novamente... Uma pessoa com::: pelo menos uma profissão... né? Porque aqui::: oh::: não só aqui... né? () porque eu vim de outra unidade... mas lá tinha curso é::: um tal de profissional a::: eu até fiz esse curso:::.. Tinha até o Ensino Médio também lá... Um bucado de pessoa lá fez... ma:::is num adiantou de nada... chegou lá... acabou... parou...

E.: Era dentro da cadeia que tinham esses cursos?

Cospe Fogo: Dentro da unidade tinha... lá tinha... né?

E.: Onde que era essa unidade?

Cospe Fogo: Araguaína... Barra da Grota...

E.: Ah... tá... certo... Éh::: o que levou... então... você::: a praticar esse crime que te colocou na cadeia? Eu percebo que::: pelo jeito... você não é mesmo do mundo do crime... né? Mas o que levou você a praticar esse delito?

Cospe Fogo: ((risos)) Eu acho assim... que::: todo muito tem um minunto de fúria... né? Acho que foi isso... Esse momento de fúria mesmo que::: falta de pensar também... se eu tivesse pensado... com certeza teria evitado isso...

E.: Ahan... E assim::: éh::: a pessoa te ofendeu e você::: foi revidar?

Cospe Fogo: Tentou me matar... né? tentou me matar e::: eu tive que reagir e::: acabou dando no que deu...

E.: Tá certo... Então... como que era a sua vida::: cê tá aqui há quatro anos... né?

Cospe Fogo: É...

E.: Como que era a sua vida antes? Você trabalhava... estudava? Como que era a condição social da sua família... economicamente?

Cospe Fogo: Éh::: classe::: Cê fala assim::: de classe?

E.: É...

Cospe Fogo: Então... nós era tudo de favela mesmo ((risos))... classe baixa lá... mais dava pra levá a vida de boa... tranquilo...

E.: Cê trabalhava?

Cospe Fogo: Trabalhava...

E.: Qual que é a sua profissão?

Cospe Fogo: serralheiro...

E.: Tá certo... Estudava também? Cê fez até que série... você falou?

Cospe Fogo: Estudei... eu tinha terminado o Ensino Médio... né?

E.: Éh::... Você se arrependeu... então... pelo que você já falou... você se arrependeu desse crime e tem vontade de sair daqui... né?

Cospe Fogo: Tenho... e quero ir bem pra longe desse estado aqui... viu? Pra num ficar nem perto dessa família...

E.: Tá certo... Éh:: e diante assim desse desejo que você tem ser livre... né... você e os outros detentos... ou você já ficou sabendo de algum detento que... com muita vontade de ser livre... que usou a gíria específica deles aqui pra tentar fugir? Eu fiz uma entrevista com um detento lá na CPP e ele falou que foi tentar uma fuga... e foi cavar um “tatu”... ((risos)) E eu:: “o que qui é tatu”? Aí ele... “é o buraco”...

Cospe Fogo: É... é o buraco... ((risos))

E.: E aí no momento da:: da::... que eles estavam cavando esse tatu... eles falavam em gírias prus policiais não entenderem... “Ah... traz a bebê pra eu terminar o serviço aqui::... e olha se os ganso não tão chegan::do”... Então... você já viu aqui se os presos... ou até mesmo se você já utilizou essa linguagem com esse intuito de fazer uma coisa errada prus policiais não entenderem?

Cospe Fogo: Eu:: eu já vi já aí pessoas usando isso aí... mas eu mesmo não... até porque eu tô ali diariamente com eles... convivendo com eles...

E: Então você especificamente nunca utilizou... mas você já viu casos deles utilizando...

Cospe Fogo: Já... já...

E.: Quando chega um detento novo... um reeducando ((risos)) seu Lázaro disse que é REEDUCANDO... novo... que lá na CPP eles chamam de corró... né... não sei se aqui também chama... os presos mais antigos... eles obrigam esse corró a aprender essa língua... ou eles aprendem mesmo pela convivência?

Cospe Fogo: Não... não... isso aí... quando eles chega aqui já chega sabendo... porque aprender mais do que naquela CPP num tem como não... Aí... aqui já chega sabendo...

E.: Você acha que na CPP eles utilizam mais a gíria?

Cospe Fogo: É... porque:: maioria é muleque novo... aí quer ser muito::... quer ser malandro demais... e::... fala demais...

E.: Ah... tá certo... Éh::... quando você sair aqui da cadeia... aqui do presídio... você vai continuar usando essa gíria? Eu percebo que na nossa interação aqui cê usa pouco... né... mas você vai continuar de vez em quando soltando lá fora ((risos)) algumas palavras que cê usa aqui... ou você acha que essa linguagem é só daqui:: e você vai mudar de vida:: e você não vai usar?

Cospe Fogo: Espero num ter que:: ((risos)) num precisar e nem:: utilizar... né... porque pra mim não é nem um pouquim agradável... eu acho feio...

E.: Então você tem preconceito com relação a essa linguagem?

Cospe Fogo: Não... num é preconceito... é que eu num:::...

E.: Você acha assim que essa linguagem é tipo de malandro mês::mo...

Cospe Fogo: É... eu acho que isso aí...

E.: Ahan... E::... Você acha que as outras pessoas lá fora... elas também têm esse preconceito? Tipo:: a sua família... por exemplo... se você chegar utilizando essas gírias... eles te criticam?

Cospe Fogo: Fala NA HORA... moço... E é a sociedade em si... né? é muito preconceituosa... então:::...

E.: Cê acha que a linguagem que tem prestígio então é aquela que é ensinada nas esco::las... aquela mais do português dos livros... da gramática?

Cospe Fogo: Eu acho assim... cada um tem um ponto de vista... né... eu:: eu acho... Isso aí é::: é::... Mais só que hoje em dia o mundo tá virado mesmo... né? tá todo mundo:: ((risos))

E.: É... ((risos)) essas linguagens gírias elas estão se difundindo...né... na sociedade... principalmente os jovens... mesmo aqueles que não são do mundo do crime... eles já têm uma linguagem diferente... da interne::t... então eles já...

Cospe Fogo: Inclusive isso tem se irradiado do sistema penitenciário... eu tenho visto... sabe? Isso tem abrangido a sociedade de uma forma geral... esse dialeto aí... falado aí no presídio... e agora que os jovens tão usando também aí no mundão aí... é isso aí... é aqui de dentro... eu acredito...

E.: Ahan... Certo... Com relação a bilhetes... que lá na::: cadeia...

Cospe Fogo: Catatau...

E.: É... catatu... bimbai... num sei... tem uns três nomes pra bilhete... que eles utilizam ((risos))... Você já escreveu ou conhece alguém que tenha escrito algum bilhete pra outro colega reeducando... em gíria... pra que os policiais não entendesse a mensagem?

Cospe Fogo: Já... já...

E.: Mas... você já escreveu?

Cospe Fogo: Também... ((risos))

E.: ((risos)) Você tem esse bilhete aí?

Cospe Fogo: Não... tem não... porque manda e na hora que recebe já lê e rasga...

E.: Ah... tá... E aí::: éh::: que tipo de linguagem cê utilizou assim::: nesse bilhete?

Cospe Fogo: Ah... é::: gíria local mesmo... né...

E.: E você pode citar algumas?

Cospe Fogo: ((risos)) Agora lembrar... né:::

E.: Lembra não?

Cospe Fogo: Tipo::: tipo o que que você fala assim?

E.: Ah... num sei... alguma palavra que você tenha usado::: pra chamar::: éh::: como é que você chama... por exemplo... o seu cole:::ga... como cê chama o policia:::l...

Cospe Fogo: Dezoito...

E.: Porque dezoito?

Cospe Fogo: É porque é assim... oh::: esse negócio de dezoito aí... eu não chamo... né? Mas aí dentro usa... né... em geral... Dezoito é no jogo do bicho... né... os povo fala... é porco...

E.: Ah::: então tem relação com o jogo do bicho... É porque eu não conheço o jogo do bicho... cê me desculpa ((risos))

Cospe Fogo: Aí dezoito é o número do porco... e aí fala isso...

E.: Ah::: legal... então é fazendo assim::: um analogia... uma comparação do policial com o porco... porque vocês não gostam... porque o porco é nojento... então vocês consideram o policial:::

Cospe Fogo: É... é...

E.: Ah::: bem interessante...

Cospe Fogo: É isso aí... é...

E.: Bom... era só isso mesmo... e eu agradeço a sua participação... tá? E espero que eu tenha sucesso aqui na minha pesquisa e que você também tenha sucesso em sair daqui o quanto antes e::: continuar a vida lá fora...

Cospe Fogo: Tá... brigado e sucesso...

Entrevista 9: reeducando Bimbai (Presídio de Cariri) – forma de registro: gravação

E.: Bom... eu gostaria de saber qual a sua idade...

Bimbai: vinte e nove anos

E.: Você é natural de onde?

Bimbai: De::: daqui do estado do Tocantins... antigo Goiás...

E.: De qual cidade?

Bimbai: De Porto Nacional...

E.: Qual o seu estado civil?

Bimbal: Éh:::... solteiro...

E.: Até que série você estudou?

Bimbal: Até a quarta série do Ensino Fundamental...

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Bimbal: Uns cinco anos e três meses...

E.: E que tipo de crime você cometeu?

Bimbal: Número trinta e três... tráfico de droga...

E.: Então... como eu falei... né... eu percebi através de leituras que eu fiz... e também por meio de observações que os::: detentos... que o seu Lázaro quer que eu fale reeducandos... eu tô aprendendo ((risos))... É::: utilizam uma linguagem diferente... né... tipo::: pra banheiro é boi... policial é dezoito... ou é ganso... então... éh::: a agente percebe que vocês utilizam essa linguagem diferente... Eu gostaria de saber porque que vocês utilizam esse tipo de linguagem... se é só mesmo pra se expressar... ou::: qual é a razão de utilizar?

Bimbal: Bom... eu acredito que esse modo dessa linguagem aí que hoje tem dentro do sistema carcerário... éh::: infelizmente a gente não (apita) muito com o pessoal da sociedade... entendeu? Então... a gíria começa de onde vem a malandragem... que eles diz... né... que é a malandragem... Éh::: sobre esse respeito aqui da gíria:::... é através da cadeia... da população carcerária... entendeu? Num é pra enganar... muitas vezes é muitos que são analfabe:::to... num tem um estudo completo... entendeu? E::: tipo assim... a parte da gíria:::... pede um opinião... tudo através da gíria... num::: nunca se (convêm) com a sociedade...

E.: Ah... tá... Você disse que “a gente num APITA com a sociedade”... seria::: o que significa esse “apita”?

Bimbal: Éh::: seria::: tipo assim:::... eu acho que a sociedade discrimina muito os reeducandos... não é fácil pra gente conviver no meio da sociedade... Eh::: quando a gente se (apita) assim só no meio carcerário... então a gente vai conviver dia a dia com o que tá acontecendo ali... entendeu? A linguagem é dali:::... tipo assim... se a gente tiver uma oportunidade pra sair pra outro estado... outro país... que seja... a gente vai habitar aquela linguagem... nem que a gente num tenha estudo... entendeu? Mas a gente vai querer pelo meno seguir aquele modo de falar...

E.: Sei... Éh::: você já usava... então... essa gíria antes de entrar aqui... ou passou a usar quando você entrou?

Bimbal: Passei a usar quando eu convivi mesmo dentro da::: da população carcerária...

E.: Ahan... Você disse que você tá aqui por tráfico de drogas... né? Quando você tava... por exemplo... programando um tráfico... alguma coisa lá fora... éh:::... você já utilizou essa gíria... por exemplo... pra falar no telefone com alguém?... Eu vi que lá CPP entrevistei um que já usou... ele falou que ligava e chamava a maconha de feijão... e tal... Você já utilizou?

Bimbal: Sobre essa parte aí... não... não utilizei porque antes deu entrar pra carceragem... eu já falava verbalmente com a pessoa o que qui eu queria... entendeu? Então... vai do modo dos traficante que::: () quando eu era comprador... que eu era usuário eu pedia logo... “traz cinquenta grama de maconha pra mim”... entendeu?

E.: Ah... você falava a palavra certa mesmo?

Bimbal: falava a palavra certa... num::: num tinha como falar na gíria...

E.: Tá certo... Éh::: e eu também gostaria de saber sobre como que é a sua vida aqui dentro... e fora também... então... como é a sua vida aqui? Eu sei que vocês não devem gostar... né... Mas... assim:::... com relação à estrutura... à comida... banheiro... atendimento à saúde... qual que é a sua avaliação? É boa a estrutura?

Bimbal: Olha... sobre esse respeito aí... desse tipo de opinião... se falar que é bom... a senhora sabe como é que é... a pessoa não tem mente mais pra voltar pra sociedade não... ele tem que ter bastaste tempo de cadeia pra ele falar que bom... porque aqui é péssimo... é ruim pra CArai... entendeu? Num tem nem comparação daqui com a sociedade... Se eu tivesse minha oportunidade desde quando eu era criança... e entendesse o que já passou pela minha vida... eu

teria tado no mundo da sociedade hoje... entendeu? frequentando o meu estudo... e tê largado essa vida de mão...

E.: Certo... E o que levou você a praticar esse crime que te colocou na cadeia? Foi sua condição social... o que te levou?

Bimbal: Bom... foi devido a condição financeira sim... entendeu? Porque se eu tivesse nascido pelo menos assim:::... numa família:::... éh:::... mais estruturada... com certeza eu não taria nessa vida... Porque:::... até porque minha família... mesmo seno pobre... queria botá eu no estudo... eu é que num quis... Vergonha... tipo assim:::... de andar com uma sandália quebrada... ou uma bermuda rasgada... e tal... inveja... entendeu? que a gente tem... todo mundo tem... Então... assim:::... a gente queria ter e a família não tinha condição de::: de mantê a gente... É igual hoje em dia... hoje... Igual hoje... se eu sair hoje em dia pra sociedade e sociedade chegá em mim e me arrumá um emprego... pra mim fruir ali... que eu possa dedicar num serviço... eu não volto pra cadeia... entendeu? Mais... se não tiver como... eu quero ter minha família lá fora... eu quero ter minha esposa... quero:::... apesar que eu não tenho filho... né? que é mais obrigação pra gente... Mas se me dá oportunidade hoje:::... Mas se a sociedade virar as costa pra mim... eu tenho que caçá jeito de sobrevivê...

E.: Sei:::... e você trabalhava antes de ser preso? Tinha... assim:::... uma profissão?

Bimbal: Bom:::... de tê... tinha uma profissãozinha que eu arrumei... né? Que é operador de máquina... máquinas pesada e tal... Mas... éh:::... quando a gente se passa pela questão assim:::... quando a gente se passa pela parte carcerária... não dá muita oportunidade pra gente... As veis dá assim:::... um serviço pra gente de um mês... dois mês... não quer nem assinar a carteira... aí:::... termina mandando embora...

E.: Quando descobrem também que cê é:::...

Bimbal: Ex-presidiário... aí num tem como...

E.: Sei... Éh:::... Você alguma vez... porque a gente sabe que vocês aqui dentro têm muita vontade de saí:::... e tal... né? Se alguma vez você utilizou as gírias... uma linguagem diferente... pra tentar... por exemplo:::... tentar uma fuga? Eu vi que lá CPP teve um rapaz que relatou... até foi engraçado... que ele tava cavando um tatu ((risos))... que o tatu você sabe o que é... né? é um buraco... e aí ele falava assim... éh:::... “traz a bebê...” Eu falei... “o que qui é bebê?” “É o chuncho...” Aí eu... “o que qui é chuncho?” Então... eles usam umas palavras diferentes... né? E aí eles falavam sempre em código... quando estavam cavando esse tatu pra que os policiais não entendessem que eles estavam planejando a fuga... e aí:::... deu certo... eles saíram... mas... acabaram sendo recuperados... Você já utilizou alguma vez?

Bimbal: Bom... esse modo de linguagem aqui dentro... assim:::... a gente se adapta onde se encontra... muitas vezes chama um chuncho... em casa é uma faca... entendeu? Hoje em dia que tá tendo mais palavra mais certa... que é faca... é um::: é um ferro... que seja... aí é um chuncho... Um “tatu” é quando... raramente... tá rolando um buraco... né... que se torna sendo um “tatu”... que é um túnel... né?

E.: E tem a ver... né? porque o tatu... ele cava um túnel... ((risos))

Bimbal: ((risos)) Cava um túnel... é...

E.: Então... eu percebo que tem uma criatividade... uma relação com o significado original... Por que qui é “tatu”? Porque é um buraco... e o tatu cava um buraco ((risos)) né?

Bimbal: ((risos)) Cava um buraco e chega sair onde que a gente quer...

E.: Os policiais também vocês chamam de outro nome também... né?

Bimbal: Não... até porque... tipo assim:::... deZOItto é porque... () os agente tá entrando ali pra dentro... entendeu? Então tem que chamar pelo dezoito... ou os agente tá entrando... muitas vezes num (apita) chamar pelos agentes... chama dezoito... Chama agente quando chega assim::: verbalmente... quando vem pra tirar alguém:::... aí a gente recebe já como agente... () mas lá dentro... até não saber quem eles vão tirar... chama dezoito...

E.: Ahan... tá certo... Quando chega um detento novo... que eu já vi vocês chamando de corró... ((risos))

Bimbal: ((risos)) É... corró...

E.: Os outros detentos eles estimulam esse detento novo... esse reeducando novo... a usar a gíria daqui ou eles aprendem mesmo pala convivência?

Bimbal: Bom... deixa eu falar pra senhora... esse negócio de corró... em presídio não tem corró... entendeu? tem novato... Agora em CPP se torna corró... porque se torna assim::: isso já vem da geração... muitos tempo... que as pessoas que é chegando é eles já fala... “é corró... corró...” Que vai embora hoje... vai embora amanhã... entendeu? Então... é preso provisório...

E.: Ah... é... porque a CPP é Casa de Prisão Provisória...

Bimbal: É... é Casa de Prisão Provisória... então chama muito de corró... Agora pra nós que estamos aqui no presídio... é novato...

E.: Ah::: tá... e quando chega esse novato... éh::: na verdade ele já vem com essa linguagem... né? porque ele já passou pela CPP... ele já passou por uma cadeia... então... ele já chega com essa linguagem diferente?

Bimbal: Já chega com a linguagem diferente... apesar que eles vai se habituar um pouco no meio dos vagamundo pra::: saber como é que vai ser a linguagem dali...

E.: Porque cada cadeia... no caso... tem uma linguagem diferente...

Bimbal: É... com certeza... que vai dependendo dos presídios... entendeu... cada lugar é um lugar...

E.: Sei... Então... e quando você sair daqui... você acha que pela influência daqui você vai chegar lá e chamar::: por exemplo... a faca de chun:::cho... o banheiro de bo:::i... ou você quer deixar essa linguagem só pra cá mesmo e lá fora cê não quer usar?

Bimbal: Com certeza lá fora é outra vida... nada do que se passa pela aqui dentro eu levo lá pra fora...

E.: E você acha então::: você tem preconceito com relação a essa linguagem?

Bimbal: Bom::: tipo assim né... a influência de um trabalho... no meio da sociedade tem preconceito sim...

E.: Você acha que a sociedade discrimina quem usa essa linguagem?

Bimbal: Sim... e ainda mais se for preto... né? ((risos))

E.: Desculpe... e ainda mais se for o quê?

Bimbal: Preto... né? ((risos))

E.: Preto?... ((risos)) Então... você acha que se um branco usar a gíria ele não vai ser discriminado?

Bimbal: Vai ser normal hoje em dia... Hoje em dia é normal... né? Agora a pessoa vê um preto com uma tatuagem até critica... “aquilo dali foi na cadeia que ele fez...” Mas num branco ele não vê que ele pode ter passado também por uma cadeia... Tem coisa que tem muito racismo... né?

E.: Tá certo... Você... particularmente... já sofreu algum tipo preconceito... depois que você tá aqui... vamos supor... seus parentes vieram te visitar::: e você falando em gírias e eles te criticaram... você já sofreu esse tipo de preconceito... ou não?

Bimbal: Não... até porque minha família assim::: pai e mãe... eu tenho convivido muito pouco com eles... saí de casa com (doze) anos de idade... então::: quando eu tenho a oportunidade de falar com eles é sempre na sociedade... mas sem gíria...

E.: Ahan... tá certo... só mais uma pergunta... Você alguma vez já escreveu algum bilhete ou carta... pra outro reeducando... usando gíria?

Bimbal: É... ((risos)) é o modo de nós aqui dentro escrever... até a escrita é o modo da gíria... Eu já escrevi alguma carta... assim::: pra mina... pra mulher lá na rua... entendeu? Aqui dentro a gente não tem escrito muito pra vagabundo... um pro outro... porque::: até porque... a gente se vê todo dia... aí num tem como ficar escrevendo... Agora::: pra mulher lá rua... aí a gente escreve... chama “as mina” e tudo...

E.: Aí você escreve em forma de gíria também? Chama a mulher de “mi:::na”?

Bimbal: Dependendo delas... se elas for querer falar na gíria... até porque é MUITO FEIO mulher na gíria... né? Conversando na gíria... né? Mas através de carta a gente entende... é legal...

E.: Ah... Então... você acha que mulher falar gíria é feio?

Bimbal: Eu acho... com certeza...

E.: [((risos))

Bimbal: [

E.: Por quê?

Bimbal: Nossa... ((risos)) Num dá certo... entendeu?

E.: Mulher é::... uma coisa delicada... cê acha?

Bimbal: É... é mais delicada... com certeza...

E.: [((risos))

Bimbal: [

E.: Tá certo... ((risos)) Bom:::... eu acho que era só isso mesmo... Acho que você contribuiu bastante aqui com a pesquisa... e eu agradeço...

Bimbal: Opa... ok... então... tenho um bom dia... né... pra senhora...

E.: Pra você também...

Entrevista 10: reeducando Tereza (Presídio de Cariri) – forma de registro: gravação

E.: Bom... estou aqui com mais um reeducando... no presídio de Cariri... e eu gostaria de saber qual a sua idade...

Tereza: Trinta e sete...

E.: É natural de onde?

Tereza: De::: Piauí... Piratininga...

E.: Qual seu estado civil?

Tereza: Amazenado... ((no caso, o reeducando quis dizer “amasiado”))

E.: Até que série você estudou?

Tereza: Oitava....

E.: Há quanto tempo você tá detido?

Tereza: Há um ano e oito meses... e uns dias...

E.: E que tipo de crime você cometeu?

Tereza: Tráfico...

E.: Então... como eu já falei... né... eu fiz alguns estudos e algumas leituras... e elas me mostraram que os presidiários usam uma linguagem diferente... que a gente chama de gíria... né... E eu gostaria de saber porque que:::... dentro da cadeia... ou até mesmo fora dela... esse grupo específico de detentos... reeducandos... ou:::... criminosos... por que qui eles utilizam esse tipo de linguagem?

Tereza: Uai... é uma forma de:::... tipo uma família... né? se tratar... Porque todo mundo entende mais por aquela gíria... não pela forma de chamar... mas:::... o jeito de nós conversar é desse jeito mesmo...

E.: Ahan... E:::... assim:::... você acha que alguns detentos... ou até mesmo você... utilizam essa linguagem:::... além de::: de ser uma forma de integrar uns com os outros... você acha que essa linguagem é utilizada como uma forma de:::... como uma forma não só de expressão... mas também como uma forma de esconder o que você quer falar... pra polícia não entender:::... e você praticar um crime com mais facilidade?

Tereza: Não... não... Isso aí éh:::... desde a infância mesmo... o jeito de tratar as pessoa que tá no crime... é desse jeito mesmo...

E.: E só uma forma de expressão?

Tereza: É:::...

E.: Você já utilizada a gíria antes de você ser preso... ou você passou a utilizar mais depois de preso?

Tereza: Ah... isso daí... desde pequeno convivendo com meio mundo de malandro... de gente que só fala essa língua... né... que a gente vai e acostuma falar só daquele jeito mesmo...

E.: Então... você já chegou aqui conhecendo algumas gírias?

Tereza: Sobre tratar assim... o crime... lá fora e aqui dentro é uma coisa só...

E.: Tá certo... Éh... como é a sua vida aqui? A gente sabe que cadeia não é bom... né? Mas... assim... de forma geral... aqui nessa unidade prisional... a estrutura em si é razoável? Por exemplo... a comida... Como é a sua vida aqui dentro? Você acha que tem o mínimo de conforto possível... tem atendimento à saúde... esse tipo de coisa?

Tereza: Ah... eu acho que aqui é muito sofrimento... Se não for a família pra mandar os mantimento pra gente comer... passa é mal e... a comida é muito ruim... não é boa não...

E.: E o que levou você a praticar o crime que te colocou na cadeia? Foi condição social baixa... ou foi por influência mesmo dos amigos... da malandragem? O que te levou a cometer esse crime?

Tereza: Ah... é... pelo seguinte... é... pelo povo... A gente já num tá num mundo... num meio não confiável... aí o jeito mais fácil de... de ganhar um dinheiro pra sustentar a família... né... e pagar as contas... e etcetera... Aí trabalho num é fácil de arrumá... ainda mais pra quem já passou por... pelo crime... aí... o jeito que escolheu foi vender droga pra ganhar um dinheiro...

E.: Certo... Então... o que que você fazia antes assim... de você começar no mundo do crime? Cê tinha um emprego... cê tinha uma profissão... cê estudava? Ah... é... estudar você já disse que estudou só até a oitava... né? Mas... assim... como era a condição da sua família? Era condição baixa?

Tereza: Não... pelo contrário... com onze anos de idade eu fui... fiquei órfão de pai e mãe... vô e vó... Eles entraram debaixo de uma carreta... de Vargem Grande pra Cuiabá... Aí... daí pra cá minha vida foi no mundo... Vivi mais foi no mundo... casei várias vezes... tive vários filhos... e... sei lá... sempre corri atrás...

E.: Sei... Você ficou sem uma direção... sem alguém pra te orientar... né?

Tereza: Foi... com onze anos de idade eu saí no mundo e tive que corrê atrás de várias formas de sobrevivê...

E.: E você se arrepende dos crimes que você cometeu e tem vontade de sair daqui e mudar de vida?

Tereza: Ah... isso com certeza... com certeza... sair daqui eu já não vou mais cometer os mesmos crime... Vou pra igreja... vou mudar... e cuidar dos meu filho... mulher... e viver a vida em paz... sem problema...

E.: Certo... A gente sabe que quem tá aqui... né... tem muita vontade de sair... de ir embora... e muitos tentam a mesmo fugir... né? Em algum momento... ou aqui dentro ou fora da cadeia... você já utilizou a gíria como um código secreto pra que os policiais não entendessem... ou praticar o crime ou pra tentar fugir? Eu vi que lá na CPP teve um que falou um caso interessante... ele traficando drogas... daí ele ligou pro amigo dele e falou... “mano... eu vou sair para comprar um feijão...” Aí... quando ele chegou... ele ligou de novo e falou assim... “mano pode vim que o feijão tá fervendo...” ((risos)) Aí... éh... esse feijão era a maconha... né? E você? Você já usou esse tipo de linguagem lá fora pra praticar... praticar tráfico? Porque você sabe que tem as escutas... né? Então... eles acabam utilizando códigos... pros policiais não entenderem o que que é o feijão... o que que isso... o que que é aquilo... Cê já utilizou alguma vez?

Tereza: Não... eu não cheguei a fazer esse tipo de negócio não... Eu... eu chegava na pessoa pessoalmente... né... a pessoa escolhia e ia embora...

E.: Ah... tá... cê só tratava pessoalmente...

Tereza: É... é...

E.: E aqui dentro da cadeia... cê já usou essa linguagem pra tentar uma fuga?

Tereza: Não senhora...

E.: Assim... eu tô fazendo essas perguntas e... às vezes... você pode ficar constrangido por causa do:::... do gravador... mas é igual eu falei... eu não sei nem o seu no:::me... não vai ser divulgado de forma alguma... Então... você pode:::...

Tereza: Anhan... ((risos)) E o teu é como?

E.: Anh?

Tereza: Teu nome...

E.: Solange... Bom... Quando chega um detento novo... que não utiliza muito as gírias... vocês costumam incentivá-los a usar essa linguagem?

Tereza: Não... eu mesmo não... Nunca incentivei ninguém a falar desse jeito... Isso vem de mim desde criança de falar gíria... e tal... mas sobre esse negócio aí de ensinar os outro::: não...

E.: Mas eles acabam aprendendo pela convivência?

Tereza: É... porque vê a gente falando toda hora... toda hora... “E aí... véi?” “E aí... fulano?” Aí eles acabam aprendendo...

E.: E quando você sair daqui... você vai continuar usando algumas gírias que cê utiliza aqui dentro? Você vai usar lá fora?

Tereza: Agora assim::: né::: Esse é meu jeito de falar... né? “E aí... véi?” e tal... é uma coisa que derde menino a gente carrega com a gente... Mas... se Deus abençoar que eu tivé firme na igreja... talvez eu não fale mais gíria... né?

E.: Você acha que a sociedade tem preconceito com relação a essa linguagem? De falar assim... “poxa... esse cara tem linguagem de malandro...” Você acha que a sociedade vê dessa forma?

Tereza: Vê... eles não gosta não...

E.: E as tatuagens? Você acha que também influencia na opinião da sociedade? Você acha que... tanto a tatuagem quanto as gírias... é uma marca de que você é um ex-presidiário?

Tereza: É... chama muito a atenção... E o povo já sabe... né? Vê a gente na televisão e tudo... Aí... a hora que sai... já fica todo mundo constrangido de ficar perto... “O traficante saiu de no:::vo...” Aí já num vai vê a gente como mudar mais... Já vai vê a gente como aquilo que a gente é... foi... Nem que a gente queira mudar e ser outra pessoa... mas eles vai vê a gente daquele jeito...

E.: Ah... sei... já fica marcado... né?

Tereza: Ahan...

E.: Com relação a bilhetes... eu tô até com alguns aqui que o diretor me passou... a gente vê que tem uso de gírias nos bilhetes... né... Você já escreveu... ou sabe de algum detento que tenha escrito bilhetes pra comunicar com outro preso mesmo... pra programar uma fuga... ou pra programar um tráfico... usando a gíria específica da malandragem... do tráfico... pra poder::: não ser identificado pela polícia?

Tereza: Não... eu não reconheço esse dado não... porque eu não me envolvo nessas coisas... né? Eu quero é pagar minha cadeia e ir embora sem::: problema com ninguém... Mas mesmo assim ainda sou vítima de algo que arruma problema pra mim sem ter...

E.: Sei... Você se lembra de algum tipo de gíria que vocês utilizam que::: possa me repassar? Tipo::: banheiro é boi... essa aí eu já sei... teria outra que eu não conheça? Alguma do mundo da droga... como é que você chama a maconha... como é que você chama o crack... a cocaína? Tem um nome específico pra cada uma? Você se lembra de alguma gíria?

Tereza: Não... Num sei falar não ((risos))

E.: ((risos)) Então você não usuário muito dessa linguagem?

Tereza: Não::: dessa aí não... a gíria que eu uso é “E aí... véi?” e tal... Essas aí...

E.: Ah... é véi... é mina... pra mulher... Então é uma linguagem que a maioria conhece já... né?

Tereza: É...

E.: Essa linguagem específica do mundo do crime... você não costuma usar muito?

Tereza: Não... não... isso aí eu não conheço não...

E.: Tá certo então... obrigada pela entrevista...

Tereza: Tá... brigadu...

Entrevista 11: reeducando Doce Recheado (Presídio de Cariri) – forma de registro: gravação

E.: Bom:::... eu gostaria de saber... primeiro... qual a sua idade...

Doce Recheado: Tenho vinte e sete anos...

E.: É natural de onde?

Doce Recheado: De Araguaína... Tocantins...

E.: Qual seu estado civil?

Doce Recheado: Solteiro

E.: Até que série você estudou?

Doce Recheado: Terminei o segundo grau....

E.: Há quanto tempo você tá detido?

Doce Recheado: Eu tô:::... vou fazer nove anos e quatro meses no sistema...

E.: E que tipo de crime você cometeu pra está aqui?

Doce Recheado: Assalto e sequestro...

E.: Então... como eu havia falado... a gente percebe que no mundo do crime e:::... do meio carcerário... existe um linguagem diferente que são as gírias... Eu gostaria de saber porque vocês utilizam essa linguagem... É um meio de identificação do grupo... ou vocês utilizam pra poder esconder o verdadeiro significado das palavras dos policiais... e acabar praticando um crime com mais facilidade? Qual que é o objetivo?

Doce Recheado: O objetivo primeiro é que:::... éh:::... é dentro do crime existe todos os tipo de forma de linguagem... entendeu? Porque você chama um camarada de parceiro... entendeu? Porque você chama um amigo de primo... alguma coisa assim... E muitas vezes a gente usa a linguagem do crime pra dibriar ((ludibriar)) a polícia... Porque:::... eu vou falar pra você... é:::... um aparelho desse aí ((apontando para o aparelho celular da entrevistadora)) eu não vou falar pra você... “Manda um aparelho celular pra mim lá”... Não tem como eu falar... então... eu sou obrigadamente a falar o português de dentro do sistema...

E: E qual é o nome que vocês utilizam pra aparelho celular?

Doce Recheado: É:::... deixa eu falar pra você... a gente fala “doce”... a gente fala... “manda um doce recehado”... que é o celular com o chip dentro... “manda o doce” ou “manda o rádio... entendeu?

E: Legal... E... por que você chama o celular de doce?

Doce Recheado: Porque... além dele ser pequeno... entendeu? é:::... é como se fosse um doce na cadeia... porque um aparelho no sistema ele tanto ajuda o reeducando... como prejudica ele também... Então... de ambas as formas... ele é um doce... O doce tanto ele faz bem... como ele pode fazer mal... devido à quantidade...

E: Pode dar uma dor de barriga... né? ((risos))

Doce Recheado: Isso... ((risos))

E.: Bem interessante essa analogia que vocês fazem... Éh:::... você já usava a gíria antes de ser preso... ou você passou a utilizar depois que você foi preso?

Doce Recheado: Olha... eu nasci:::... eu nasci praticamente dentro de uma favela e eu falo gíria:::... eu acredito desde:::... eu acho que a minha primeira palavra foi uma gíria...

E.: Sua família utilizava gíria?

Doce Recheado: Não... éh:::... tipo assim... eu fui criado pela minha vó... não tenho pai nem mãe... meu último irmão que eu tinha morreu num presídio... tentando embora... então... eu nasci basicamente num lugar onde você só vê isso... só gírias... E foi daí então que eu comecei a:::...

E.: Tá certo... E agora eu quero investigar um pouquinho dessa questão cultural que você falou... né... Como que é a sua vida aqui dentro? Você já passou por outros presídios... provavelmente... mas... aqui especificamente como que é a estrutura? Você acha que é uma estrutura que tem as condições mínimas de:::... de vida... por exemplo... atendimento à saúde... alimentação... o banheiro... são decentes ou::: é uma coisa assim:::... que você considera muito negativa?

Doce Recheado: Minha senhora... eu já venho puxando de outros sistema... entendeu? Venho puxando Barra da Grota... que é em Araguaína... Palmas... fui até no Catanduva já... sabe? Rodando aí... perambulando nessas cadeia... Eu acredito que essa cadeia de Gurupi aqui... em forma... em relação a:::... a comida é:::... a comida ela só é boa quando aparece alguém de fora que é pra olhar a comida... sabe?... é o dia que ela vem boa... O resto é:::... só come pra sobrevivê... entendeu? Em relação ao sistema... aqui é uma cadeia... isso aqui num é uma creche... Então... é:::... aqui dentro você tem que:::... falar pouco... ouvir mais... entendeu? e puxar a sua... esquecer a dos outros... Porque automaticamente quando você começa a puxar a sua cadeia e a cadeia do seu irmão... acaba complicando você mesmo...

E.: Tá certo... O que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui na cadeia? Foi a sua estrutura social... econômica... ou foi por influência mesmo das amizades?

Doce Recheado: Minha senhora... foi por questão de obrigado... na realidade... eu fui obrigado a cometer esses crimes porque eu me via numa situação precária... minha família passando necessidade... meu filho morreu... sabe? E eu entrei no desespero e acabei me influenciando com o crime e daí:::... eu pensei... é:::... eu fui correr atrás...

E.: “Fazer os corre”... como vocês dizem... né?

Doce Recheado: Isso mesmo... Fazer os corre... Até porque a sociedade ela:::... ela me:::... ME OBRIGA a fazer coisas que eu não preciso fazer... porque se eu sair hoje da cadeia pedindo uma oportunidade de serviço... eu acredito que eu não vou encontrar...

E.: Isso... Então... você julga que a própria sociedade tem sua parcela de contribuição pra você tá aqui?

Doce Recheado: Exatamente... porque a sociedade é que é o foco da nossa ajuda... Porque... se não fosse a sociedade... se a sociedade não discriminasse tanto... aqui era pra ter uma fábrica de bola... aqui era pra ter uma horta pra uns e outros presos trabalhar que tão puxando tranca... mesmo com meio mundo de direito semiaberto na mão...

E: Uma escola...

Doce Recheado: Uma escola... A escola tá aí... depois você podia entrar lá pra você ver a escola... Ela tá abandonada... com os vidros tudo quebrado... os doido dormindo lá dentro...

E.: Por que:::... assim:::... como é um processo de reeducação... né? Você acha... então... que se tivessem uns cursos profissionalizantes ou ensino regular mesmo seria uma forma de reintegrar os reeducandos na sociedade?

Doce Recheado: Com certeza... Porque é o seguinte... cadeia... entendeu? Ela é a escola do crime... mas ela só vira escola do crime com quem tem a mente vazia... se você ocupa sua mente fazendo qualquer outro tipo de função... você não vai ter tempo de ficar pensando maldade... besteira... como é que você vai fazer pra ganhar um dinheiro... como é que você vai fazer pra fumar uma droga... Então... é assim... a sociedade tem que NOS AJUDAR... Entendeu?

E.: Sei...Então você já a até falou um pouquinho sobre como era a sua vida antes de ser preso... né... Mas... assim... você tinha um profissão? Você já chegou a ter um profissão lá fora?

Doce Recheado: Eu sou piloto de motocross...

E.: Bom:::... e a condição socioeconômica da sua família... você já disse que não era boa... né?

Doce Recheado: Não era boa.. Inclusive eu tô aí:::... há nove anos aí na cadeia e se eu tiver tido visita uma vez na vida... foi muito...

E.: Então... você se sente assim:::... de certa forma... discriminado... e::: e sozinho?

Doce Recheado: É... Basicamente... eu sou um cara discriminado... rejeitado pela polícia... pela sociedade... Venho puxando cadeia aí e é pobrema em cima de pobrema... A polícia chega aí e zinca com a gente aí... Esse dente aqui meu ô ((apontando para o dente)) foi quebrado na taca lá no Barra da Grotá... sabe?

E.: Você disse... “a polícia zinca”? Como assim?

Doce Recheado: ((risos)) Zinca é:::... tipo assim:::... como é que eu posso dizer? Éh:::... ela caça pobrema com a gente... ela implica... por qualquer coisinha você acha um pobrema... entendeu?

E.: Ah... entendi... Então... você se arrepende desses crimes que você cometeu? Você tem vontade de sair daqui e mudar de vida?

Doce Recheado: Minha senhora... eu não vou mentir pra você... eu vou ser basicamente sincero... eu tenho muita vontade de sair desse inferno aqui e chegar do lado de fora desses muro aí... trabalhar e ter uma vida decente... entendeu? Mas... eu também sou sincero... se eu chegar do lado de fora desse muro aí e a sociedade não me dá oportunidade de mudança... se em qualquer lugar que eu bater as porta se fecharem pra mim... eu não vou pedir esmola...

E.: Você vai continuar na mesma vida... né? Porque é a própria sociedade que não te aceita... né?

Doce Recheado: É... eu sou obrigado a fazer isso... até porque eu acho que o único serviço que eu faço bem é esse ((risos))... A escola que eu tive... infelizmente... foi o crime...

E.: Então... e diante desse seu desejo de ser livre.. ou:::... dessa sua “profiSSÃO”... entre aspas... né? de mexer com os mercado aí das drogas... enfim... você já usou de alguma forma a gíria... pra:::... por exemplo... numa ligação com alguém... cê quer oferecer uma droga... e aí você usa outros nomes pras dro:::gas...

Doce Recheado: Já... já sim...

E.: Cê pode me contar alguma situação nesse sentido... usando essa linguagem?

Doce Recheado: Minha senhora... deixa eu falá pra você é:::... quando você faz uma ligação prum traficante... logicamente que você num pode chegá nele e fala... “E aí... brow... manda pra mim aí tantos quilos de::: de:::... de pedra... de maconha...” Não tem como você falá isso daí... Até porque... isso aí não é grampeado... ((apontando para o aparelho celular da entrevistadora)) como isso aí pode ser muito fácil de grampear... Eu mesmo grampeio de lá de dentro... se eu quiser....

E.: Sei... Aí... que palavras você usa? Você lembra de algum fato em que você ligou e falou?

Doce Recheado: Eu acredito que você fala assim... você fala:::... “parceiro... manda pra mim aí:::... éh:::... um quilo de feijão”... que é um quilo de maconha... entendeu? “Um quilo de arroz”... que é a pedra ((crack))... Ou então... você quer comprar uma cocaína... você fala... “manda pra mim lá tantas gramas daquele remédio bom lá...”

E.: E:::... assim... dentro da cadeia? Você já utilizou a linguagem especificamente pra tentar uma fuga? Por exemplo... éh:::... falar nessa linguagem na hora do planejamento da fuga... pra que os policiais não entendessem?

Doce Recheado: Já... já muitas vezes... Eu tenho:::... oito tentativa de fuga daqui do presídio... Já fui embora umas duas vezes... Já tomei tiro aqui em cima desse muro... Em dois mil e:::... se não me falha a mente... foi em 2006 ou 2008... nós cavamos um tatu aqui e fomo embora trinta e cinco menino... trinta e cinco pessoa... entendeu? E no momento lá... a gente conversava na linguagem de dentro do sistema... né... Porque... muitas vezes... a polícia tava rondando do lado de fora... Aí.. a gente falava... “Ó... os verme tá aí... fica de olho...”

E.: Os... o que?

Doce Recheado: Os verme... ((risos))

E.: Ah... os verme era a polícia?

Doce Recheado: É... os verme.. entendeu? Esses polícia aí pra mim é tudo verme... sabe? ((risos)) Então nós falava... “ó.. os verme tá aí... então... é o seguinte... manda pra mim lá a bebê”... A bebê é uma:::... é:::... como se diz? É uma chapa... entendeu? Pra você cavá...

E.: E por que “bebê”?

Doce Recheado: Porque:::... ela é pequena... entendeu? Em vista das outras que tem... ela é a mais menor...

E.: Ah:::... Entendi... E aí fica mais fácil de entrar no sistema ((carcerário))...

Doce Recheado: Isso... Fica mais fácil... quer dizer:::... não... lá a gente mesmo tira isso aí... Um dia eu conversei com o doutor ((o chefe da unidade prisional)) e ele disse assim... “E aí... bota aquela faca lá pra mim”... Eu falei... “rapais... é o seguinte... irmão... se eu devolver essa faca pra você... eu vou tirar outra”... Então ele disse assim... “Ah... é? E porque você vai tirar outra?” “Porque sua cadeia não é de papelão... é de ferro... é de concreto... Agora:::... se fosse de papelão...”

E.: Tá certo... E quando chega um detento novo... vocês influenciam esse novato a falar a gíria... ou ele aprende pelo próprio sistema?

Doce Recheado: Ele aprende pelo próprio sistema... a convivência do dia a dia já faz com que ele aprenda... A única coisa que a gente faz é zuar um pouquinho o plantão dele... ((risos))

E.: “Zuar o plantão”?

Doce Recheado: Tipo assim:::... éh:::... como é que fala? Ficar caçando conversa com o cara...

E.: Ah:::... “zuar o plantão” é caçar conversa? ((risos))

Doce Recheado: É... caçar conversa... encher o saco... ((risos))

E.: ((risos)) Certo... Quando você sair aqui do presídio... você vai continuar usando essas gírias... ou você pretende parar porque você acha que isso é uma forma de identificar bandi:::do e você não quer mais usar?

Doce Recheado: Minha senhora... a gíria ela só é comunicada se você quiser... Se eu tiver no meio da sociedade... de pessoas que eu tiver num convívio social... num tem como eu falar gíria... até porque... se eu falar... eu vou tá automaticamente me queimando...

E.: Ah:::... Então você considera que a gíria é uma forma de identificar:::... que o cara veio do sistema prisional... que o cara é:::... é bandido?

Doce Recheado: Isso...

E.: Então você acredita que a sociedade tem preconceito com relação a essa linguagem?

Doce Recheado: Vixi! ((risos)) Num tem nem como não dizer... Existe esse preconceito porque:::... pra sociedade... essa linguagem é uma linguagem específica do crime... Ela é uma linguagem onde você comunica todo tipo de espécie de coisa ruim... entendeu?

E.: E os policiais? Eles também têm essa discriminação... ou eles já acostumaram?

Doce Recheado: Ah:::... já acostumaram... Tem uns aí que chega gritando... “Óh o dezoito... óh o dezoito...” ((risos))

E.: Eles mesmos acabam usando... ((risos))

Doce Recheado: É... ((risos))

E.: Com relação a bilhetes... lá na CPP me falaram que:::... parece que é bimbal que eles chamam os bilhetes... Como é que vocês chamam os bilhetes aqui no presídio?

Doce Recheado: Isso... é bimbal... bimbal mesmo...

E.: Ah:::... tá... Você já escreveu algum “bimbal” ((risos)) usando gírias é:::... tanto pra uma mina lá fora... como já me falaram... como pra:::... programar alguma coisa com outro detento... pra que os policiais não entendessem... daí... você utilizou só códigos secretos?

Doce Recheado: Você já ouviu falar num livro chamado:::... Código da Vinci?

E.: Sim... conheço...

Doce Recheado: Pera aí:::... não:::... é Código da Vinci... ou é:::... Fortaleza Digita?l... é um negócio assim... Não... não... é Fortaleza Digital... de John Browns ((no caso, está se referindo ao autor Dan Brown))

E.: Não... esse eu não conheço não...

Doce Recheado: Ele fala sobre códigos... entendeu? Através desse livro... Eu li esse livro no Barra da Grota... E através desse livro... eu:::... éh:::... tirei desse livro os códigos... entendeu? Os códigos que decifrava as letras e:::... fiz uma ideia dessa aí prum camarada e:::... a gente articulou uma fuga de dentro do Barra da Grota com:::... com esses códigos... E esse bilhete

foi pará na mão da polícia e a polícia passou pra outro polícia e entregou prum cara no outro prédio... A própria polícia....

E.: E eles conseguiram é:::.... entend... Ah:::.... A própria polícia tava ajudando vocês?...

Doce Recheado: Porque... presta atenção... o presídio Barra da Grota são três prédios... entendeu? E pra você ter acesso de um prédio pro outro... e se tem que passar qualquer coisa... passa pela mão da polícia pra ir pro outro prédio...

E.: Ah:::.... Sim... Aí o bilhete passou porque eles não entenderam o que estava escrito?

Doce Recheado: É... passou porque eles não entenderam... Leram... leram... leram... passaram mais de meia hora lendo e não entenderam...

E.: Ah:::.... Legal... E era um código em que você colocava:::.... por exemplo... a letra A tinha um código... a letra B:::....

Doce Recheado: Isso... Era um código... era o código em que eu tava explicando pro cara... entendeu? Que esse código lá que era o de nós embora...

E.: Ah:::.... tá... Mas a gíria específica... você acha que os policiais já conhecem?

Doce Recheado: Já... a polícia aí... Tu acha que eles são:::.... são besta? Esses cara são malandro...

E.: Então... eles já conhecem e vocês acabam tendo que utilizar códigos novos pra poder ludibriá-los?

Doce Recheado: Lógico... uai... você acha que um polícia desse aí é certim? Um polícia desse aí... tem uns... que o cara fuma até maconha... entendeu?

E.: ((risos)) Tá certo... Todo mundo tem um pouco de malandragem... né?

Doce Recheado: Exatamente... ((risos))

E.: Isso... E também eles acabam aprendendo pela convivência... né?

Doce Recheado: Isso...

E.: E aí... à medida que vocês percebem que eles estão aprendendo essa linguagem... vocês costumam... então... criar códigos novos pra poder fazer com que eles não entendam?

Doce Recheado: Cada vez que passa... o sistema evolui e a gente é obrigado a evoluir com ele...

E.: Ok... era só isso mesmo... obrigada...

Doce Recheado: Ok... obrigado...

Entrevista 12: reeducando Pegador (Presídio de Cariri) – forma de registro: gravação

E.: Bom:::.... estou aqui com o sexto reeducando... aqui no presídio... e eu gostaria de saber qual é a sua idade...

Pegador: Eu tenho trinta e dois anos...

E.: É natural de onde?

Pegador: Sou natural de Gurupi mesmo... Nasci em Porto... mas me criei em Gurupi...

E.: Qual seu estado civil?

Pegador: Solteiro

E.: Até que série você estudou?

Pegador: Até o segundo ano incompleto....

E.: Do Ensino Médio?

Pegador: Isso...

E.: Há quanto tempo você tá detido?

Pegador: Desde o dia:::.... vinte e quatro do:::.... dois mil e nove...

E.: Cê já tá no semiaberto... né?

Pegador: Isso...

E.: Que tipo de crime você cometeu?

Pegador: Eu fui preso por suspeita de tráfico de drogas...

E.: Então... como eu já falei... né... nós percebemos através de leituras e observações... que os reeducandos usam uma linguagem diferente... né... que a gente chama de gíria... Você também usa essa linguagem? E por que qui vocês utilizam?

Pegador: Às vezes... a gente usa porque:::.... a gente tem que usar porque:::.... a gente num convive só no meio de pessoas certas... tem pessoas erradas... pessoas que não é de confiança... Então... a gente usa pra poder se expressá... se esquivá de um problema e sair desses tipo de pessoas...

E.: Ah:::.... tá... Então... você usa também as gírias como uma forma de se enturmar com os outros?

Pegador: É uma maneira de você se sair sem você prejudicar ninguém... e sem você ser prejudicado por ninguém...

E.: E:::.... no caso... você já utilizou a gíria... ou conhece alguém... algum reeducando... que já tenha utilizado a gíria pra falar:::.... tipo um código secreto prus policiais não entenderem?

Pegador: Isso é o código que a gente mais usa... né? Porque a gente nunca pode falar as coisas detalhado... porque sempre eles tão presiguinto a gente... eles quer um motivo pra poder atrasar a gente... aí a gente nunca pode discuidar....

E.: Aí vocês utilizam:::.... Dê um exemplo... assim:::.... dum::: dum:::.... tipo de linguagem que você utiliza que é diferente da comum...

Pegador: Éh:::.... aqui a gente tem as maneira de se expressar... Tem o boi que é:::.... quando a gente tá lá dentro da cela... o boi é o banheiro.... Aí:::.... é:::.... aqui a maneira de se expressar quando vem a polícia é dezoito... né... Quando fala “dezoito” é a polícia... e:::.... tem outros mais aí... outras coisas que a gente num pode nem tá falando também... né?

E.: Ah:::.... mas... assim:::.... seria interessante que você falasse... Assim:::.... eu não passar isso aqui prus policiais... né... Inclusive... eu tô gravando aqui... vou baixar só meu computador... e eu vou fazer essa análise só com a minha professora mesmo... enfim... não vou repassar isso pros policiais em si... E também você não tá falando aqui o seu nome pra ser prejudicado... Cê não tem outras palavras... assim:::.... que você possa me repassar?

Pegador: Ah:::.... a gente tem a jega... tem a:::.... nossa empanada... tudo é um código também:::....

E.: E o que qui é a jega?

Pegador: A jega é onde simplesmente a gente dorme... o nosso lado... Muitas vezes a gente faz fechado com um lençol ou... às vezes... a gente deixa aberto mesmo... tem o seu canto... e tira seu cochilo...

E.: E por que jega? O que qui tem a ver?

Pegador: Tem a ver por causa que:::.... () onde a gente tá... é onde só tem as coisas que nada é normal...

E.: A outra palavra que você falou foi qual mesmo?

Pegador: A outra éh::: tem o boi que é o banheiro... tem a:::.... jega... tem a empanada...

E.: Isso.... a empanada...

Pegador: A empanada a gente usa mais pra tirar as visita íntima da gente mesmo...

E.: Ah:::.... tá... Então... a visita íntima vocês chamam empanada?

Pegador: É... a gente chama empanada...

E.: Ah:::.... tá... Éh:::.... você já usava gíria antes de ser preso ou você passou a utilizar mais aqui dentro?

Pegador: Não... éh:::.... a gíria vem desde assim:::.... porque eu entrei no crime muito cedo... né... Hoje eu:::.... quando eu tentei me resgatar do crime:::.... () me deram um tiro... aí eu tive que retornar:::.... trabalhar:::.... Eu sempre fui trabalhador... O crime cê num vive só do crime... você vive do trabalho também...

E.: Então... você já utilizava antes... a gíria?

Pegador: Já...

E.: Nas ruas:::?

Pegador: Nas ruas:::... hoje é normal as gírias... né? Às vezes chega umas gírias diferente... outros código diferente... né? Hoje os códigos já são tudo moderno... Esses códigos aí... hoje a gente nem usa mais porque já são tudo já conhecido...

E.: Ah:::... Então... a cada dia na cadeia... você acha que há a necessidade de renovar esses códigos?

Pegador: É... sempre vai renovar... nunca para...

E.: Então... essas que você me falou agora... daqui há algum tempo já não vão mais existir... já vão ser substituídas por outras?

Pegador: É... daqui algum tempo elas não existe mais... já vai ter umas palavras novas... outros códigos diferentes...

E.: Justamente pra tentar:::... ludibriar a polícia... pra eles não entenderem...

Pegador: Tudo que vai nos prejudicar ou querer prejudicar alguém... jamais a pessoa quer prejudicar alguém... ou quer prejudicar a sim mesmo...

E.: E como é a vida de vocês aqui no presídio... aqui de Cariri? A estrutura... com relação a comida... o banheiro... a organização... a saúde... eu vejo que tem uns estagiários aí:::... do curso de enfermagem... tem uma médica... Como que é... vocês são bem assistidos... na medida do possível?

Pegador: Não entendi...

E.: Se vocês são bem assistidos aqui? Se vocês têm assistência mé:::dica?

Pegador: Por umas parte sim... por outras... não...

E.: A comida... como é que é?

Pegador: Às vezes tá ótima... às vezes fica ruim... e aí melhora... Quando piora... a gente caça os direitos... e tal...

E.: Ahan... Na CPP teve um detento que disse que só é bom quando vem a cobal... Aí eu... “o que é cobal?” ((risos))

Pegador: A cobal é quando é quando a família da gente coloca lá as coisas pra gente lá e manda uma feirinha aqui pra gente... aí a gente considera como cobal... a gíria da cadeia é essa aí...

E.: Ah:::... sei... O que levou você a praticar esse crime que te colocou aqui? Assim::: qual foi o motivo? Foi sua condição social... foi por influência?

Pegador: Às vezes é minha condição e:::... um pouco de incentivo também...

E.: Dos colegas?

Pegador: Às vezes... nem tanto dos colegas... mas incentivo mesmo da precisão... de você vestir uma roupa boa... ter um dinheiro bacana no bo:::lso... Porque sempre você tem uma... duas... três namoradilha... e quem tá no crime num tem menos disso... Então... você tem que fazer:::... praticar o que é errado pra podê mantê aquilo dali... se não:::...

E.: Ah:::... você tem duas... três namoradilha... é? ((risos))

Pegador: ((risos)) É... sempre todos tem... né? ((risos))

E.: ((risos)) É mesmo?... Espero que meu marido num tenha esse tanto... viu?

E.: [((risos))

Pegador: [

E.: Então... quer dizer... que foi pra manter essas namoradilhas ((risos)) que você começou a praticar crimes? Assim:::... pra ganhar um dinheiro mais fácil e ter um padrão de vida melhor?

Pegador: Isso... Quer dizer... eu digo:::... o mercado de trabalho... agora que tá desenvolvendo mais um pouco... mas antigamente só tinha dinheiro que tinha profissão pra ganhar bem... né? Por que quem quer sustentar uma família só fazendo massa de cimento? Quem é que dá conta?

E.: Cê trabalhava:::... de quê?

Pegador: Eu já trabalhei de quase tudo nessa vida...

E.: Cê falou em “massa de cimento”... cê já foi servente... pedreiro... ?

Pegador: Já fui servente... já fui pedreiro... Eu sou:::... mexo com fazenda... essas coisas... esses serviço aí tudo eu faço... né?

E.: Então... aí... você não quis... no caso... estudar mais pra ter uma profissão melhor... ou não teve condições de estudar?

Pegador: Eu não tive condições de me manter onde eu tinha um estudo... né? Porque é difícil estudar e trabalhar ao mesmo tempo... e eu tava fazendo operação também... eu tinha levado um tiro na época... né? Aí... eu peguei e desisti...

E.: Bom... então... antes de você ser preso... né... você trabalhava... fazias esses bicos e:::... e a sua família em si? Ela tem um condição:::... seu pai... sua mãe... não sei se você tem pai e mãe... mas... assim:::... as pessoas que te criaram... seus familiares... eles tinham condição social boa? Podiam te dar estudo... ou não?

Pegador: Sempre:::... o meu pai:::... até hoje é vivo... graças a Deus... a minha mãe também... Meu pai sempre trabalhou digno... quando a gente fez as coisa errada... ele corrigiu a gente... né... Às vezes ele foi rígido... mas era pra tentar consertar a gente... né... tirar a gente daquele caminho... Mas meu pai sempre foi trabalhador... num tem condição estável... mas... vive tranquilo... ele e a minha mãe... graças a Deus...

E.: Eles vêm te visitar aqui de vez em quando?

Pegador: Não... nunca recebi uma visita deles...

E.: Eles moram longe daqui?

Pegador: Não... meu pai mora daqui uns:::... cento e oitenta quilômetros... mais ou menos... ele mais a minha mãe...

E.: É em qual cidade?

Pegador: Eles moram em:::... perto de São Valério...

E.: Ah:::... sei... sei... Mas eles nunca vieram te visitar?

Pegador: Não... não...

E.: E você se sente mal com isso?

Pegador: Às vezes você se sente sozinho... né? É chato você se sentir sozinho... às vezes você faz besteira porque você se sente abandonado... sem ninguém... Aí você:::... diz... “ah... vou erguer minha cabeça e vou seguir sozinho...”

E.: É difícil... né? Então... você se arrependeu dos crimes que você cometeu e tem vontade de sair daqui?

Pegador: Tenho...

E.: Cê já tá quase saindo... né?

Pegador: Tô... tô... daqui a pouco tempo eu tô saindo... com fé em Deus...

E.: Sei... E diante assim:::... dessa sua vontade de ser livre... ou:::... às vezes lá fora... quando você queria praticar algum crime... no caso... você falou que:::... era com droga... né? você usava... ou já usou aqui dentro... a gíria pra:::... tentar falar num código secreto pra que os policiais não entendessem? Por exemplo... teve um rapaz que relatou pra mim... que::: quando ele ia ligar prum traficante pedindo uma droga... ele falava... “manda o feijão... manda o arroz”... não sei mais o que:::... ((risos)) Você já utilizou?

E.: Já... já... já... Aqui no lugar que a gente tá... o que a gente mais utiliza é esse tipo de conversa... É isso aí que cê tá ouvindo... e sem querer você vai ouvir... né...

E.: É também uma forma:::... Agora não... porque os policiais já sabem que feijão é a maconha... que o arroz é o crack... Mas... assim:::... éh:::... e você disse que vai renovando essa linguagem também... né? Você acha... então... que é uma forma de:::... à medida que vocês vão renovando... é uma forma de vocês falarem sem a polícia entender? Pra:::... poder ficar mais fácil de praticar o crime?

Pegador: Não... Assim:::... às vezes não é nem por praticar o crime... né? A gente fala porque:::... a gente nunca pode comprometer o companheiro... por mais que ele seja mau... errado... Então... se você vê... você vai ter que falá...

E.: Ah:::... Pra disfarçar... pro companheiro não ficar em maus caminhos...

Pegador: É... você não quer se complicar e nem complicar ninguém... né?

E.: Então... usar essa linguagem é uma forma de você:::... éh:::... não prejudicar o seu colega lá... que tá traficando... no caso?

Pegador: Isso... No caso... seria uma maneira que a gente:::... pra quem tem interesse de pagar sua cadeia... aí é só você num mexê com o que é errado... sempre ficá no seu canto... tranquilo... sempre que precisá de você... se você puder fazer um a mais que não for te prejudicar... você pode fazer... entendeu? É assim...

E.: Tá certo... Quando chega um detento novo... os outros estimulam esse preso novo a falar a gíria pra ele poder fazer parte do grupo?

Pegador: Não... não... Não existe grupo... São todo mundo individual na cadeia... não existe grupo... Nunca existiu grupo na cadeia... são todo mundo individual... Você nunca vai levantá do mesmo jeito... Você vai levantá:::.... Você vai deitá com uns planos lindo na sua mente... a sua família... a sua casa... seu lar... mas você vai levantá de manhã cedo... você vai ver um cão... o inferno na sua frente... Você vai olhar e vai dizer... “ai... ai...” Você vai ver a humilhação que você tem todo dia de manhã cedo ao levantá... aquele povo chega... te acordá... às vezes te humilhar... entendeu? Então... nunca é perfeito desse jeito... cada dia você vai amanhecer com sua mente diferente... você vai se expressar de outro jeito...

E.: E essa linguagem de vocês seria uma maneira de vocês jogarem pra fora... essa angústia... essa humilhação? Porque eu vejo eu vejo que:::... pra policial vocês chamam::: já vi chamando de verme... de dezoito... que é o porco no jogo do bicho... Então... é uma forma de vocês expressarem essa angústia... esse ódio que vocês têm por estarem ali::: presos? Seria uma forma de se expressar?

Pegador: Não... não... a gente jamais... acho que:::... isso aí num tem nada a vê... entendeu? Porque:::... o dia que eles chega pra fazer o trabalho deles... é a mesma coisa que a gente tá lá dentro... a gente tá pra cada dia conhecer ali... Então... você nunca sabe como que ele vai chegar... entendeu? Então... é onde que acontece às vezes... você irrita... xinga... por causa disso... Às vezes... eles quer trazer os problema deles e:::... misturar onde eles tá... e onde eles tá num pode misturar...

E.: Ahan... Sei... Então... quando você sair daqui... você vai continuar usando essa linguagem? Eu percebo que na nossa conversa aqui você quase não usou... então... eu percebo que talvez quando você sair daqui... você tem uma tendência a quando você sair daqui... você esquecer essa linguagem...

Pegador: Ahan... eu tenho plano sim...

E.: Então... você acha que essa linguagem é mais pra ser usada aqui dentro?

Pegador: É... ela é um tipo de linguagem pra ser utilizada no ambiente aonde a gente tá... né... Porque no meio da sociedade você jamais vai chegar lá e falar... Às vezes... só se for um malandro... um cara que não tem nada a perder mesmo... ele do jeito que tá aqui ele chega em qualquer lugar... fala do mesmo jeito mesmo... Mas pra quem tem plano na vida... sempre a sociedade como está lá é diferente...

E.: Então... você tem planos de falar uma linguagem mais formal?

Pegador: Tenho... Pretendo terminar meus estudo ainda...

E.: Então você acha que:::... você tem preconceito com relação a essa linguagem?

Pegador: Sim...

E.: E você acha que sociedade também tem?

Pegador: Ah:::... acho que sim...

E.: Quando a sociedade vê:::... por exemplo... uma mãe de família vê o filho dela:::... conversando... por exemplo... com você:::... e depois ele chega falando gíria... de repente ela vai falar... “meu filho... isso é linguagem de malandro”... Você acha que existe isso... dos pais... das mães... da sociedade em si... discriminarem essa linguagem?

Pegador: Sim... Por incentivo... né... Porque só dela passar e ver um ex-presidiário com seu filho ali:::... então... muitas vezes ele não aprendeu nem com aquela pessoa... muitas vezes até na escola mesmo... porque hoje em dia tá geral... em qualquer lugar...

E.: Mas... então... a sociedade discrimina qualquer tipo de gíria?

Pegador: Discrimina... E:::... é o que a pessoa hoje em dia... o jovem... aprende mais cedo... o diálogo das duas formas o português correto e o português da gíria...

E.: É... é verdade... Agora os policiaes em si... eles não têm muita discriminação... né? que eu já vi até eles utilizando... Eles acabam... devido a essa convivência com vocês aqui dentro... eles acabam aprendendo essa linguagem... né? Muitas vezes até mesmo lá fora... eles brincam uns com os outros com essa linguagem... Então... você acha que eles têm discriminação com relação à linguagem de vocês ou não?

Pegador: Não... não... assim:::... aqui é a forma como você lida com as pessoa... Então... assim:::... se você tem planos de:::... você conhece uma pessoa... às vezes você conhece uma pessoa... aí você pode ver ele amanhã... mas:::... pelo que você conviveu com ele aqui... lá amanhã ele pode te ver na boa e falar... “e aí... fulano?” Você vai cumprimentar daquele jeito... foi a maneira que você conviveu com ele aqui... entendeu? Mas nem sempre... às vezes... se encontra... porque na rua já é diferente... né... a gente jamais pode chegar perto deles e eles jamais pode chegar perto da gente...

E.: Dos policiais?

Pegador: É... porque aí:::... não dá certo... né...

E.: Eles vão sempre tá desconfiando de vocês e vocês deles... né?

Pegador: É... desconfiando... e:::... sempre tem aquele dizer que o povo fala... “Ah... o cara errou uma vez... é errado toda a vida”...

E.: “Pau que nasce torto... nunca se endireita”... né? ((risos))

Pegador: Exato ((risos))... A cinza é torna... né? ((risos))

E.: [((risos))

Pegador: [

E.: Com relação a bilhetes... cartas... você já escreveu algum bilhete... que... eles chamam de “bimbal” parece... é... acho que é bimbal... né?

Pegador: É isso mesmo... A gente chama “bimbal”... “bimba”...

E.: É... né? E você já escreveu algum assim:::... utilizando gíria?

Pegador: Já... já...

E.: E qual era seu objetivo com esse bilhete? Era só comunicar:::... ou que era?

Pegador: Era só comunicar mesmo...

E.: Era com outro detento?

Pegador: É... de um pavilhão pra outro... às vezes a gente usa o bimbal mesmo pra comunicar... um reeducando com outro...

E.: Mas você nunca usou um bimbal pra tentar planejar... por exemplo... uma fuga e:::... daí usou códigos secretos?

Pegador: Não... não... porque:::... essas coisas aí é simples... Isso aí é fácil pra polícia... eles já sabem que a gente pode usar um bimbal pra fazer isso...

E.: Então... você acha que a polícia já domina essa linguagem?

Pegador: Já... essa linguagem aí já há muito tempo eles dominaram ela...

E.: Bom... então era só isso mesmo que eu tinha pra perguntar... e eu agradeço a sua participação... tá? Brigada...

Entrevista 13: reeducando Mano (Presídio de Cariri) – forma de registro: escrita

E.: Bom:::... primeiro... eu gostaria de saber qual é a sua idade...

Mano: Vinte e dois anos...

E.: É natural de onde?

Mano: De Gurupi...

E.: Qual seu estado civil?

Mano: Solteiro

E.: Até que série você estudou?

Mano: Até a quinta série....

E.: Há quanto tempo você tá preso?

Mano: Três anos...

E.: Que tipo de crime você cometeu?

Mano: Trinta e três... tráfico...

E.: Percebemos que os reeducandos... de forma geral... utilizam uma linguagem diferente... que a gente chama de gíria... Então... eu gostaria de saber porque vocês utilizam esse tipo de linguagem... Qual é o objetivo?

Mano: Rapais... eu acho que é o jeito mesmo de falar... pra ser entendido entre os reeducando...

E.: Sei... E você já usava gírias antes de ser preso... ou passou a usar depois que foi preso?

Mano: Antes de ser preso eu já usava...

E.: E:::... assim:::... como é a sua vida aqui no presídio? Assim:::... com relação à estrutura do estabelecimento... a comida... Vocês têm assistência à saúde? Tem algumas regras que vocês têm que seguir?

Mano: Rapais... tem que seguir do jeito que eles manda aí... Tem assistência sim... e nós tem que seguir se não nós é castigado...

E.: Sei... E o que levou você a cometer esse crime que ti colocou aqui? Foi sua condição social... ou foi influência dos amigos?

Mano: Foi as influência dos amigo mesmo...

E.: E o que você fazia antes de ser preso? Cê trabalhava?

Mano: Eu trabalhava... mas por influência eu fui pro mundo do crime...

E.: Você trabalhava de quê? Em qual profissão?

Mano: Eu já trabalhei:::... de coveiro...

E.: E você se arrependeu dos crimes que cometeu?

Mano: Rapais... tem dia que arrepende... mas fazer o que... né? ((risos)) Tem que puxar cadeia mesmo assim...

E.: Cê tem vontade de sair logo daqui?

Mano: Ave Maria... tenho vontade sim de sair daqui... não vejo a hora...

E.: E diante desse desejo de ser livre... você e outros detentos já utilizaram as gírias aqui do sistema pra:::... tentar... por exemplo... uma fuga... ou praticar um crime... e na hora vocês utilizaram só as gírias pra disfarçar... pros policiais não entenderem?

Mano: Rapais... já sim... Uma vez quando eu tava lá na CPP... nós cavou um buraco e saímos... aí... quando os home apareceu... nós dizemo... “Óh o dezoito...” e corremo...

E.: E quando chega um detento novo... vocês o obrigam a aprender as gírias da cadeia pra:::... ele poder fazer parte do grupo?

Mano: Não... tem as regra da cadeia... mas eles aprende a falar nossa linguagem com a convivência... vai pegando o ritmo...

E.: Sei... E quando você sair daqui... cê vai continuar falando essas gírias... ou você vai parar porque cê vai mudar de vida e:::... essa linguagem cê acha que é só da malandragem e só deve ser falada aqui dentro?

Mano: Eu penso isso... mas num tem jeito... é o jeito de conversar... eu já acostumei... sei lá... ((risos)) é o jeito de falar...

E.: Sei... já faz parte da sua identidade... né?

Mano: É... já faz parte...

E.: E você acha que a sociedade ela:::... discrimina esse tipo de linguagem? Você se recorda de ter sofrido preconceito por causa do seu jeito de falar?

Mano: Rapais... com certeza... O povo da sociedade não gosta disso não... Eles fala que essa linguagem é de maloquero... Teve um dia... quando eu tava lá fora... eu disse pra uma mina... “E aí... mina... como é que faz pra gente dá uns amasso?” Aí ela disse que eu tinha linguagem de malandro e caiu fora...

E.: E com relação a bilhetes... cartas... você já escreveu algum bilhete ou carta utilizando gíria? O que você pretendia com isso... era apenas se comunicar com outro preso... ou:::... era

pra despistar os policias sobre o verdadeiro assunto? Tipo:::... pra programar uma fuga... ou outro tipo de crime...

Mano: Já... já... era comunicar e também fazer os corre da cadeia...

E.: “Fazer os corre da cadeia?”

Mano: É... fazer os corre é pedir alguma coisa... ou planejar um crime... entendeu?

E.: Ah:::... sim... entendi.. Ok... então... obrigada...

Mano: De nada...

Entrevista 14: reeducando Correria (Presídio de Cariri) – forma de registro: escrita

E.: Primeiro... eu gostaria de saber qual a idade do senhor...

Correria: Eu já tô com cinquenta e sete anos...

E.: É natural de onde?

Correria: De Minas Gerais... Patrocínio...

E.: Qual o estado civil do senhor?

Correria: Eu sou divorciado... mas tenho relação estável com outra...

E.: Qual o grau de escolaridade do senhor?

Correria: Superior incompleto... fiz o primeiro semestre de Letras...

E.: Há quanto tempo o senhor tá preso?

Correria: Há um ano e oito meses...

E.: Que tipo de crime o senhor cometeu?

Correia: Eu fui acusado de um cinco sete...

E.: Percebemos que os reeducandos... de forma geral... utilizam uma linguagem diferente... que a gente chama de gíria... né... O senhor sabe me dizer o porquê da utilização desse tipo de linguagem entre os presos e criminosos em geral? Seria apenas uma forma de comunicação ou é uma forma de esconder dos policiais o verdadeiro sentido das conversas?

Correria: É uma forma de se comunicar entre eles... e é duplo sentido pra que os policiais não entendam... Um exemplo... quando o policial chega... o detento grita... “Dezoito”... que no jogo do bicho significa porco... então... o detento grita pra não ser pego fazendo algo errado... pra avisar os outros...

E.: Ah:::... tá... entendi... E o senhor usa essas gírias? O senhor já usava antes de ser preso... ou aprendeu depois que foi preso... por influência?

Correria: ((risos)) Eu até já passei dessa fase... Alguns até me chamam de professor... Eu uso e entendo... mas fica mais por entender ((risos))... Tem algumas frases que eles acham bonitas... eles usam demais como... por exemplo... “Tá ligado?”... e outras aí...

E.: E antes de ser preso... lá fora... o senhor usava gírias?

Correria: Não... Eu era funcionário público... eu não usava não...

E.: Ah:::... tá... E como é a vida aqui dentro? Assim:::... o relacionamento com os policiais... a estrutura aqui do presídio... Você acha que tem condições de recuperação do detento?

Correria: Olha... essa questão do relacionamento com os policiais... vai muito do detento... Por exemplo... quando você chama o policial de dezoito... ele quer dizer “filho da puta”... mas como não pode... ele chama de dezoito... Com relação à estrutura... aqui deveria ter cursos... fazer tijolos... por exemplo... e os presos saem daqui sem profissão e educação... Eu já tentei arrumar pra dar aula aqui... mas não fui aceito... O que precisa é ter uma escola profissionalizante... mas o Estado não investe...

E.: E o que levou o senhor a praticar o crime que o colocou na cadeia?

Correria: Eu acho que foi um momento de fraqueza... e também porque eu tô aqui injustamente... fui acusado por um crime que não cometi... Todos os meus filhos são formados... tenho casa em Taguatinga... Tocantins... fui assessor do prefeito e tinha uma vida

boa... um salário bom... Fiz... inclusive... o primeiro semestre do curso de Letras... tenho curso superior incompleto...

E.: Nossa... Então... quer dizer que o senhor está aqui injustamente?... Então o senhor tem vontade de sair logo daqui... né?

Correria: Exatamente... Eu estava no lugar errado... na hora errada... com a pessoa errada... Então... eu tenho sim vontade de sair daqui... Eu nunca mexi com coisa errada... nunca tive passagem antes....

E.: E diante desse desejo de ser livre... o senhor... ou outros detentos... já utilizaram as gírias do sistema como um código secreto pra::: planejar... por exemplo... uma fuga ou algum tipo de crime... ou seja... tentaram falar em um código secreto pros policiais não entenderem?

Correria: Olha... há muitas coisas que a polícia já conhece... por exemplo... um tatu é um buraco... o celular é rádio... mas eles utilizam sim essa linguagem aí dentro... por exemplo... o cara fala prum parceiro... “Eu tenho um rádio pra vender...” “Quanto é?” “Quinhentos reais...” Então... o rádio é o celular... e os policiais pensam que é um rádio mesmo... o qual tem livre acesso dentro da cadeia...

E.: Sei... E quando chega um preso novato... os outros o obrigam a aprender e falar as gírias do sistema... pra ele poder fazer parte do grupo?

Correria: Olha... ele vai aprendendo mesmo com a convivência... Eu até incentivo a se tratar melhor os novatos... pois aquele corró que chega já foi tão humilhado... que a gente não o maltrata mais...

E.: E o senhor acha que... devido à convivência aqui dentro... quando o senhor sair daqui... vai continuar utilizando... lá fora... essa linguagem que vocês usam aqui?

Correria: Lá fora... o meu ambiente é outro... eu estarei com pessoas de nível social melhor... então... provavelmente... não utilizarei esse tipo de linguagem...

E.: Então... assim:::... o senhor tem preconceito com relação às gírias?

Correria: Tenho... tenho preconceito sim com relação à gíria...

E.: E a sociedade e::: os próprios policiais... o senhor acha que também têm preconceitos?

Correria: A sociedade tem sim... Agora:::... os policiais não...

E.: E com relação a bilhetes... que aqui vocês chamam de bimbá... né? o senhor já escreveu... ou conhece algum preso que tenha escrito um bimbá aqui dentro pra se comunicar com outro preso... usando gírias... pra que os policiais não entendem conteúdo do bilhete?

Correria: Não... não... eu mesmo não... pois o bimbá que eu mando geralmente é lá pra fora... Mas existe muito isso entre os presos por meio de bilhetes que é entregue ao correira...

E.: “Correria”? O que é correria?

Correria: Eh::: um preso que ajuda os outros... entendeu? que faz os corre da cadeia...

E.: Ah::: tá... entendi... E::: assim:::... o senhor lembra de mais alguma coisa que eles falam ou escreve usando gírias... por exemplo... na hora de negociar drogas... como é que eles falam?

Correria: Tem uns que falam assim... por exemplo: “Boca.. manda pra mim uma ponta... que hoje eu tô de cara...”

E.: Eita... você pode traduzir pra mim? ((risos)) Porque eu não entendi nada...

Correria: ((risos)) Boca é o traficante... entendeu? E a ponta é um meio cigarro de maconha... que::: quando é inteiro... é chamado de perna de grilo... Eles também usam “manda um dólar... ou uma de dez”... que é uma pequena quantidade de maconha... que custa dez reais...

E.: Ah:::... entendi... Mas... e a expressão “tô de cara”? O que significa?

Correria: Quer dizer que o cara não fumou nenhum no dia... entendeu? Que ele tá::: morrendo de vontade de fumar....

Entrevista 15: agente penitenciário Ganso (CPP) – forma de registro: gravação

E.: Bom:::... qual a sua formação acadêmica:

Ganso: Sou formado em Direito...

E.: Qual a sua idade?

Ganso: Vinte e oito anos...

E.: Há quanto tempo você atua nessa profissão?

Ganso: Há sete anos...

E.: E quanto tempo você está nesta instituição?

Ganso: Há um ano e seis meses...

E.: Bom:::... a literatura mostra que os detentos... de modo geral... até mesmo por sua condição social... econômica e cultural... se comunicam através de uma linguagem bastante peculiar... denominada gíria... Como o senhor vê... ou define... a gíria no contexto das prisões?

Ganso: No contexto de unidades prisionais... as gírias refletem... na maioria das vezes... linguagem própria de uma sociedade alheia à sociedade externa... Poderíamos... então... é:::... defini-la como uma linguagem::: alternativa...

E.: O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem?

Ganso: Bem... é::: embora tal linguagem não possa ser utilizada em ocasiões formais... não há como deixar de utilizá-la... até mesmo pelo convívio com tal... De certa forma... não há como negar que::: muitas vezes... a sua utilização seja jocosa... o que por si só demonstra certo preconceito...

E.: O senhor pode dar um exemplo... assim:::... de uma ocasião em que o senhor estava conversando com um colega e::: utilizou alguma gíria do sistema carcerário?

Ganso: Deixa eu ver::: é:::... por exemplo... quando a gente tá reunido num barzinho ou na casa de alguém... conversando... e um colega nos conta algo que fez e não foi bem sucedido... então a gente fala assim... “Cara... tu é latada demais... véi...” Tipo caçoando do cara... entendeu? Querendo dizer que ele é azarado e que só faz besteira... coisa errada... ruim... Daí... todo mundo que tiver na rodinha cai na risada... caçoam também do cara... entendeu? ((risos))

E.: ((risos)) Entendi... Mas... se for numa situação mais formal... em que a conversa não seja com um colega de profissão... por exemplo... daí você não utilizaria a palavra “latada”... né?

Ganso: Não... não... Isso é mais só entre a gente mesmo... até porque... as outras pessoas não conhecem as gírias do sistema...

E.: Então... vocês acabam sofrendo a influência do meio carcerário e utilizando algumas gírias para comunicarem entre si e com os reeducandos... né?

Ganso: Sim... a convivência acaba nos influenciando... Além disso... a utilização de gírias facilita a comunicação com os internos...

E.: E quais os vocábulos gírios mais utilizados aqui na CPP? O senhor se lembra de algum... no momento?

Ganso: As mais utilizadas aqui são “cobal”... que são os alimentos trazidos pelos familiares dos presos... “tatu”... que é um túnel utilizado em fugas... “jack”... que significa estuprador... entre outras...

E.: Sei... e:::... vocês conseguem decodificar com facilidade essa linguagem ou apresentam dificuldades em compreendê-la? E:::... Assim:::... os policiais mais antigos na profissão... têm mais facilidade para compreender essa linguagem do que os novatos? Por quê?

Ganso: Algumas vezes há uma certa dificuldade... As gírias estão sempre se renovando no interior das cadeias... portanto... é::: a antiguidade na profissão em nada facilita a sua compreensão...

E.: Sei... e senhor acredita que a gíria seja um mecanismo de defesa dos presos?

Ganso: Sim... no Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã... por exemplo... todas as vezes que os policiais entram no pavilhão ouvem-se gritos... “Dezoito...” pra avisar aos outros presos que os policiais estão entrando... Os celulares são chamados de “pan”... então eles utilizam dessa linguagem pra sua defesa sim...

E.: A utilização de gírias dificulta o trabalho da polícia como... por exemplo... a compreensão das escutas telefônicas durante o processo investigativo... ou o planejamento de fugas com mais facilidade pelos detentos? O senhor se recorda... assim::... de algum fato em que o uso das gírias tenha prejudicado a ação dos policiais?

Ganso: Olha... com a utilização de tal linguagem... a polícia... durante suas investigações... tem de interpretar a situação de acordo com outros meios probatórios... que não a simples interpretação da linguagem... né... Embora não me recorde de nenhuma situação em que tais gírias tenham atrapalhado as investigações... não há como negar que a polícia tenha de aperfeiçoar-se também diante dessa realidade...

E.: Sei... E::... na sua concepção... há uma preocupação do Sistema Penal com a utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país? O senhor tem conhecimento do desenvolvimento de alguma ação do Sistema Penal com relação a essa questão?

Ganso: Olha... pra falar a verdade... essa é a primeira vez que toco nesse assunto... o que me leva a crer que a utilização dessa linguagem não seja preocupação do Sistema Penal... E nenhuma atitude fora tomada em relação a isso em nenhuma das unidades onde estive...

E.: Os agentes policiais costumam criar glossários... dicionários com as gírias dos presos... pra::... facilitar a compreensão de tal linguagem?

Ganso: Não... A necessidade de tal obra na unidade é pouca... pois a convivência com a linguagem é muita... e tal linguagem não é assim tão extensa... não possui muitos vocábulos...

E.: Ah... então... vocês acabam aprendendo pela convivência mesmo... né? E::... assim:: a polícia costuma arquivar cartas e bilhetes escritos pelos presos... em forma de gíria... quando desconfia da mensagem?

Ganso: Sim... arquivamos sim... Arquivamos pra:: pra proteção da unidade e:: também dos próprios internos... Sem contar também a proteção da própria sociedade... que exclui tais máculas de sua livre circulação justamente pelo risco que tais causavam... né?

E.: Ok... acho que era só isso mesmo... obrigada pela entrevista...

Ganso: Por nada... estamos sempre à disposição...

Entrevista 16: agente penitenciário Verme (CPP) – forma de registro: gravação

E.: Primeiramente... eu gostaria de saber algumas informações a respeito dos dados pessoais do senhor... tudo bem?

Verme: Tudo... vamos lá...

E.: Éh::... qual a sua formação acadêmica?

Verme: Tenho curso superior completo... sou bacharel em Direito...

E.: Qual a sua idade?

Verme: Trinta e dois anos...

E.: Há quanto tempo o senhor atua nessa profissão?

Verme: Há seis anos e sete meses...

E.: E quanto tempo o senhor está nesta instituição?

Verme: Há seis anos e sete meses também...

E.: Ah... tá... o senhor sempre trabalhou aqui... né? Bom::... a literatura mostra que os detentos... de modo geral... até mesmo por sua condição social... econômica e cultural... se comunicam através de uma linguagem bastante peculiar... denominada gíria... Como o senhor vê... ou define... a gíria no contexto das prisões?

Verme: A comunicação através das gírias é:::... é um recurso utilizado pelos detentos como forma de linguagem universal... Todos entendem a mensagem... leigos... novos e velhos...

E.: O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem?

Verme: Não... pois é uma linguagem utilizada pela classe específica de presos... Policiais a utilizam somente em momentos de brincadeira... Particularmente não usaria esse vocabulário no dia a dia...

E.: Sei... E os policiais conseguem decodificar com facilidade essa linguagem... ou apresentam dificuldades em compreendê-la?

Verme: Conseguem... conseguem com facilidade...

E.: E os policiais mais antigos na profissão... eles têm mais facilidade em compreender essa linguagem do que os novatos?

Verme: Sim... pois é necessário um certo tempo pra haver a compreensão dos termos associados às palavras...

E.: O senhor acredita:::... assim:::... que a gíria seja um mecanismo de defesa dos presos?

Verme: Não... pois é um meio seguro de entendimento entre destinatário e emissor do discurso ou fala... Estudado ou não... éh:::... sendo preso... irá compreender o conteúdo da mensagem...

E.: Sei... E a utilização de gírias dificulta o trabalho da polícia como:::... por exemplo... a compreensão das escutas telefônicas durante o processo investigativo... ou o planejamento de fugas com mais facilidade pelos detentos? O senhor se recorda de algum caso em que o uso de gírias prejudicou a ação da polícia?

Verme: De modo geral... a gente consegue entender a linguagem deles com facilidade... Entretanto... alguns criminosos utilizam palavras ou termos utilizados somente por determinado grupo ou facção... isso sim dificulta o entendimento...

E.: O senhor percebe que há uma preocupação do Sistema Penal com a utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país? Que ações o Sistema Penal vem desenvolvendo com relação a essa questão?

Verme: Não há nenhuma preocupação com o uso de gírias... exceto a comunicação com policiais que não a usam...

E.: Os agentes policiais sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? Quais as gírias que vocês mais utilizam aqui?

Verme: Olha... somente em poucas palavras... como:::... por exemplo... “boi”... que significa banheiro... “bigorna”... que é a porta da cela...

E.: Os agentes policiais costumam criar::: assim:::... glossários... ou dicionários com as gírias dos presos... pra facilitar seu trabalho?

Verme: Sim... principalmente os policiais da ação investigativa... e que convive no trabalho com marginais na rua...

E.: A polícia costuma arquivar cartas e bilhetes escritos em gírias pelos presos... quando desconfia da mensagem?

Verme: Sim... e quando a mensagem não é compreendida... é repassada a outros colegas pra tradução...

E.: Bom... era só isso mesmo... Eu agradeço pela sua atenção...

Verme: Ok...

Entrevista 17: agente penitenciário Gambé (CPP) – forma de registro: gravação

E.: Bom... primeiro... eu gostaria de saber algumas informações a respeito dos dados pessoais do senhor... tudo bem?

Gambé: Ok...

- E.:** Éh:::... qual o seu nível de escolaridade?
- Gambé:** Terceiro grau completo....
- E.:** Qual a idade do senhor?
- Gambé:** Quarenta e três anos...
- E.:** Há quanto tempo o senhor atua nessa profissão?
- Gambé:** Há sete anos...
- E.:** E quanto tempo o senhor está nesta instituição?
- Gambé:** Há três anos...
- E.:** Bom:::... a literatura mostra que os detentos... de modo geral... até mesmo por sua condição social... econômica e cultural... se comunicam através de uma linguagem bastante peculiar... denominada gíria.... Como o senhor vê... ou define... a gíria no contexto das prisões?
- Gambé:** Penso que as influências são provenientes exclusivamente do sistema penal... As condições socioeconômicas e cultural podem até ser diferente... mas:::... estes indivíduos acabam por agregar estas gírias ao seu vocabulário...
- E.:** O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem?
- Gambé:** Não... A linguagem está em constante transformação... e o neologismo está diretamente ligado aos mais variados nichos sociais...
- E.:** Os policiais conseguem decodificar com facilidade essa linguagem ou apresentam dificuldades em compreendê-la?
- Gambé:** Não há dificuldade na interpretação desses elementos linguísticos... É comum... inclusive... por parte dos servidores... inconscientemente... a inclusão de alguns desses elementos no vocabulário cotidiano...
- E.:** O senhor acredita que a gíria seja um mecanismo de defesa dos presos?
- Gambé:** Não... não acredito... até porque:::... estas... às vezes... acontecem de forma inconsciente...
- E.:** Sei... E::: assim:::... o senhor acha que há uma preocupação do Sistema Penal com a utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país? O senhor tem conhecimento a respeito de alguma ação do sistema com relação a essa questão?
- Gambé:** Não... não tenho conhecimento de nenhuma ação neste sentido...
- E.:** Os agentes policiais sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? O senhor se lembra agora... de algumas gírias mais utilizadas aqui?
- Gambé:** Olha... não é incomum a utilização de algumas destas gírias... no entanto... não saberia identificar as mais usadas...
- E.:** A polícia costuma arquivar cartas e bilhetes escritos pelos presos... utilizando gírias... quando desconfia da mensagem?
- Gambé:** Não tenho conhecimento desta prática...
- E.:** Ok... obrigada pela entrevista... era só isso mesmo...
- Gambé:** Por nada...

Entrevista 18: agente penitenciário Dezoito (Presídio de Cariri) – forma de registro: escrita¹⁹

E.: Qual a sua formação acadêmica... ou nível de escolaridade?

¹⁹ Cumpre lembrar que, conforme mencionado no capítulo 2, não foi possível realizar as entrevistas com os três agentes penitenciários do Presídio de Cariri face a face, em virtude do constante estado de alerta em que estes se encontravam, devido às ameaças de rebeliões e fugas dos reeducandos daquela unidade prisional. Desse modo, as entrevistas de número 18, 19 e 20 aproximaram-se de um questionário do que de uma entrevista, uma vez que foi repassado um roteiro aos agentes para que eles respondessem e nos entregassem depois.

Dezoito: Bacharel em Direito...

E.: Qual a sua idade?

Dezoito: Vinte e nove anos...

E.: Há quanto tempo atuação nessa profissão?

Dezoito: Há seis anos e oito meses...

E.: Há quanto tempo atuação nesta instituição?

Dezoito: Há três anos...

E.: A literatura mostra que os detentos... de modo geral... por sua condição social... econômica e cultural... se comunicam através de uma linguagem bastante peculiar... denominada gíria... Como o senhor vê... ou define a gíria no contexto das prisões?

Dezoito: No contexto das prisões... a gíria é a linguagem utilizada pelos presos para comunicarem entre si e com os policiais que trabalham diretamente nas unidades prisionais...

E.: O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem? Por quê?

Dezoito: Não... de forma nenhuma... pois... na maioria das vezes... a gíria é utilizada apenas como mera comunicação entre criminosos... embora o vocabulário destes sejam bem típicos...

E.: Os policiais conseguem decodificar com facilidade essa linguagem ou apresentam dificuldades em compreendê-la? Os policiais mais antigos na profissão têm mais facilidade para compreender essa linguagem do que os novatos? Por quê?

Dezoito: Como a gíria dos presos é bem típica... quanto mais tempo se atua na área melhor se conhece as palavras... O que dá uma certa vantagem dos policiais mais antigos em relação aos mais novatos...

E.: O senhor acredita que a gíria seja um mecanismo de defesa dos presos? Justifique.

Dezoito: Sim... pois sempre que estão diante dos policiais... é comum os presos lançarem mão de gírias... a fim de acobertar qualquer ilícito que pretendam ou estejam praticando...

E.: A utilização de gírias dificulta o trabalho da polícia como... por exemplo... a compreensão das escutas telefônicas durante o processo investigativo... ou o planejamento de fugas com mais facilidade pelos detentos? Caso se recorde de algum fato em que o uso das gírias tenha prejudicado a ação dos policiais... relate-o...

Dezoito: Sim... pois... por exemplo... sempre que os policiais iniciam o adentramento nos pavilhões... entre os presos sempre há um designado para avisar aos demais a presença dos policiais no local... Neste caso... então... o preso grita em alto e bom tom... “Dezoito...” que significa a presença de policiais no prédio... E dezoito é o número do porco no jogo do bicho... animal que os presos se referem aos policiais...

E.: Na sua concepção... há uma preocupação do Sistema Penal com a utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país? Que ações o Sistema Penal vem desenvolvendo com relação a essa questão?

Dezoito: Não... Desconheço qualquer preocupação ou ações do Sistema Prisional no que tange à utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país...

E.: De forma geral... os agentes penitenciários sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? Em caso positivo... quais as mais utilizadas?

Dezoito: Entre si... nem tanto... Contudo... muitas vezes... para serem mais facilmente compreendidos... os agentes se utilizam de algumas gírias para se comunicar com os presos... tais como... “perdeu”... “a casa caiu”... que é quando o preso foi descoberto fazendo alguma coisa errada ou quando a gente... em confrontos com eles durante uma rebelião... acabamos ganhando... A gente também utiliza “tá tirano?”... que significa “tá zombando da minha cara?”... Também tem “boi”... que é o banheiro... “correria”... que é um preso... geralmente em regime semiaberto... que ajuda os outros... fazendo os “corre” da cadeia... ou seja... entregando pedidos escritos dos presos para os agentes e outras coisas que eles pedem... Também usamos “baseado” para cigarro... “puxar cadeia”... que quer dizer “cumprir a pena”... etc....

E.: Os agentes policiais costumam criar glossários... dicionários com as gírias dos presos? Em caso positivo... por quê?

Dezoito: Não... pois as gírias são compreendidas informalmente... conhecidas no cotidiano policial... sem que haja uma preocupação em criar dicionário para tratar o assunto...

E.: A polícia costuma arquivar cartas e bilhetes escritos pelos presos... em forma de gíria... quando desconfia da mensagem? Por quê?

Dezoito: Sim... Sempre que uma carta contém conteúdo que representa um ilícito ou risco... ela é confiscada... a fim de que os policiais possam assegurar a segurança e a ordem nas cadeias...

Entrevista 19: agente penitenciário Manga Lisa (Presídio de Cariri) – forma de registro: escrita

E.: Qual a sua formação acadêmica... ou nível de escolaridade?

Manga Lisa: Superior incompleto...

E.: Qual a sua idade?

Manga Lisa: Cinquenta e três anos...

E.: Há quanto tempo atuação nessa profissão?

Manga Lisa: Há dez anos...

E.: Há quanto tempo atuação nesta instituição?

Manga Lisa: Há nove anos...

E.: A literatura mostra que os detentos... de modo geral... por sua condição social... econômica e cultural... se comunicam através de uma linguagem bastante peculiar... denominada gíria... Como o senhor vê... ou define a gíria no contexto das prisões?

Manga Lisa: Normal... pois desde os tempos... todos os povos já usavam a gíria... como até hoje existe... não só nos presídios... mas em todo meio como... por exemplo... televisão... policiais... motoristas... etc....

E.: O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem? Por quê?

Manga Lisa: Não...

E.: Os policiais conseguem decodificar com facilidade essa linguagem ou apresentam dificuldades em compreendê-la? Os policiais mais antigos na profissão têm mais facilidade para compreender essa linguagem do que os novatos? Por quê?

Manga Lisa: Alguns... Quanto ao mais antigo... isso é notório... pois de tanto conviver com a gíria... acabam até mesmo a usá-la involuntariamente...

E.: O senhor acredita que a gíria seja um mecanismo de defesa dos presos? Justifique...

Manga Lisa: Sim... pois é através da gíria que eles conseguem ocultar seus planos ilícitos...

E.: A utilização de gírias dificulta o trabalho da polícia como... por exemplo... a compreensão das escutas telefônicas durante o processo investigativo... ou o planejamento de fugas com mais facilidade pelos detentos? Caso se recorde de algum fato em que o uso das gírias tenha prejudicado a ação dos policiais... relate-o...

Manga Lisa: ((não respondeu))

E.: Na sua concepção... há uma preocupação do Sistema Penal com a utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país? Que ações o Sistema Penal vem desenvolvendo com relação a essa questão?

Manga Lisa: Não...

E.: De forma geral... os agentes penitenciários sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? Em caso positivo... quais as mais utilizadas?

Manga Lisa: Sim... As mais utilizadas são... cara... mano... tá ligado... etc....

E.: Os agentes policiais costumam criar glossários... dicionários com as gírias dos presos? Em caso positivo... por quê?

Manga Lisa: Sim... Também temos que nos proteger e tentar enganá-los...

E.: A polícia costuma arquivar cartas e bilhetes escritos pelos presos... em forma de gíria... quando desconfia da mensagem? Por quê?

Manga Lisa: Pelo menos na unidade que trabalho não usa...

Entrevista 20: agente penitenciário Pé-Preto (Presídio de Cariri) – forma de registro: escrita

E.: Qual a sua formação acadêmica... ou nível de escolaridade?

Pé Preto: Terceiro grau completo... Bacharel em Direito...

E.: Qual a sua idade?

Pé Preto: Cinquenta e três anos...

E.: Há quanto tempo atuação nessa profissão?

Pé Preto: Policial civil... ((no caso, houve uma incompreensão da pergunta por parte do entrevistado))

E.: Há quanto tempo atuação nesta instituição?

Pé Preto: Há sete anos...

E.: A literatura mostra que os detentos... de modo geral... por sua condição social... econômica e cultural... se comunicam através de uma linguagem bastante peculiar... denominada gíria... Como o senhor vê... ou define a gíria no contexto das prisões?

Pé Preto: Como uma linguagem literária e... ao mesmo tempo... de defesa ante o status quo do convívio carcerário... buscando resgatar a sua autoestima e... inconscientemente... provando à sociedade que são capazes de criar sua própria cultura...

E.: O senhor tem algum preconceito com relação a essa linguagem? Por quê?

Pé Preto: De maneira alguma... Devemos respeitar a alteridade... as diferenças do outro... E porque teria?

E.: Os policiais conseguem decodificar com facilidade essa linguagem ou apresentam dificuldades em compreendê-la? Os policiais mais antigos na profissão têm mais facilidade para compreender essa linguagem do que os novatos? Por quê?

Pé Preto: De cara sim... ou seja... os novatos têm... mas... com o passar do tempo... conseguem entendê-los...

E.: O senhor acredita que a gíria seja um mecanismo de defesa dos presos? Justifique...

Pé Preto: Afirmo justamente isso no início do questionamento... Todo povo tem o seu próprio código linguístico de defesa... e a população carcerária não foge à regra...

E.: A utilização de gírias dificulta o trabalho da polícia como... por exemplo... a compreensão das escutas telefônicas durante o processo investigativo... ou o planejamento de fugas com mais facilidade pelos detentos? Caso se recorde de algum fato em que o uso das gírias tenha prejudicado a ação dos policiais... relate-o...

Pé Preto: Após alguns anos labutando com eles... só há poucos meses atrás que descobri que dezoito... no jogo do bicho... significa porco... É como... pejorativamente... eles se referem aos agentes penitenciários...

E.: Na sua concepção... há uma preocupação do Sistema Penal com a utilização de gírias no interior das cadeias e presídios do país? Que ações o Sistema Penal vem desenvolvendo com relação a essa questão?

Pé Preto: O Sistema Penal acha-se falido... sucateado... Nesse caos em que se encontra... não consegue manter o sistema com um mínimo de decência... imagine se se preocupa com o modo de comunicação do “lixo humano” se relacionarem...

E.: De forma geral... os agentes penitenciários sofrem a influência do meio carcerário e acabam utilizando as gírias dos detentos para comunicarem entre si e com os reeducandos? Em caso positivo... quais as mais utilizadas?

Pé Preto: Sim... As mais usadas são... “caô”... que significa aquele que tem lábia para levar na conversa... “dezoito”... tem alguns que usam essa alcunha para se referir aos policiais... “avião”... aquele que passa droga entre eles... “boi”... significa vaso sanitário... “barca”... que significa transferência para outra unidade prisional... “ajudazinha”... suborno... “farinha”... cocaína...

E.: Os agentes policiais costumam criar glossários... dicionários com as gírias dos presos? Em caso positivo... por quê?

Pé Preto: Onde trabalho desconheço essa prática... mas é uma boa ideia colocá-la em prática no futuro...

E.: A polícia costuma arquivar cartas e bilhetes escritos pelos presos... em forma de gíria... quando desconfia da mensagem? Por quê?

Pé Preto: Sim... pois poderá haver uma fuga ou qualquer outra atividade em forma de código...

Entrevista 21: agente de polícia Tira (Central de Flagrantes de Gurupi) – forma de registro: gravação

E.: Bom:::... eu gostaria de saber... primeiro alguns dados pessoais... pra::: pra gente poder traçar um perfil dos colaboradores da nossa pesquisa... Então... qual é a sua idade?

Tira: Quarenta e três anos...

E.: Qual cargo que você exerce na policia civil?

Tira: Agente de Policia...

E.: Há quanto tempo o senhor atua na policia civil?

Tira: 20 anos.

E: Humm... Muito tempo... né? ((risos))

Tira: Éh:::... uns dois dias já... ((risos))

E: Em que tipos de:::... em que locais o senhor já trabalhou durante esses 10 anos? Em que tipos de delegacias:::... ou assim... especializadas?

Tira: Então... já trabalhamos em delegacia de policia... já respondemos pelo expediente da delegacia... né... que faz... praticamente o serviço de delegado... que é quando não tinha esse... delegado.. né! Que faz... praticamente o serviço de delegado... que é quando não tinha... esse delegado... né... a gente fazia todo o serviço do delegado... Éh::: já trabalhei com carceragem também... no presídio de Cariri... quase dois anos... Éh:::... foi a pior experiência que eu tive na::: no serviço policial...

E: Humm:::... Por quê?

Tira: Éh::: é muito::: assim... você:::... a gente lida com o pessoal que está à margem da sociedade... né... E eles ficam o tempo todo pensando em driblar o serviço policial... eles querem tirar vantagem... mesmo ali dentro eles não aceitam o fato de estarem presos... todos eles dizem... e acho que eles imaginam mesmo serem inocentes... então eles:::... são raras exceções eles aceitam estar ali e aceitar a pena como:::... como o pecado... né... pelo crime que ele cometeu... né...

E: Hahan... tá certo...

Tira: Como consequência do pecado.... (não) como consequência do crime... né? ((risos))

E: Ah... sim... ((risos)) Bom... éh::: a literatura... a gente tava falando antes de começar iniciar a gravação... que a literatura atual ela mostra e a mídia também mostra que esses marginais do mundo do crime... éh:::... de modo geral... eles usam uma linguagem diferenciada... que a

gente chama de gíria ou código secreto... né? E como o senhor vê... ou define... essa linguagem no mundo da criminalidade?

Tira: Então... como eles formam um grupo fechado ali entre eles e como... igual você falou... “eles estão à margem”... eles... assim eu não sei nem se seria pra... pra:::... em alguns casos sim... deve ser pra::: pra dificultar o serviço da investigação... né... Mas ali parece que é porque como eles estão em grupo igual um índio... igual um grupo lá... eles cria o próprio código deles... né? E é um código que inclusive termina influenciando muito a gente que trabalha com eles... né... Hora ou outra você tá falando gírias usadas no::: no meio penitenciário né?

E: Então o senhor acha que é uma forma também de identidade desse grupo?

Tira: Ah::: com certeza... com certeza...

E: Éh::: e assim... a gente percebe que a sociedade de forma geral tem um certo preconceito... com relação à essa linguagem... né... Até porque é um preconceito social... porque o preconceito também é pelo indivíduo que fala essa linguagem... né... O senhor de forma particular sente... têm também esse preconceito com relação a essa linguagem? Como é que o senhor se posiciona diante disso?

Tira: Não... quer dizer... a gente como cidadão comum... a gente discrimina o presidiário... né... Já existe essa discriminação... mas a questão do::: da linguagem ali eu não vejo como algo ruim... é igual você falou a pouco... acho que aquilo ali é um forma até de identificação deles... né?

E: Sim... Bom... éh::: os policiais... eles no seu trabalho diário... e você no seu trabalho... já tem dez anos que trabalha como policial... né?

Tira: vinte anos...

E: Ou melhor... vinte anos ((risos)) né? Desculpe... Vinte anos que trabalha como policial... éh::: o senhor já teve alguma dificuldade em decifrar alguma linguagem... de repente fazendo uma investigação... numa escuta telefônica que aí surgiu uma palavra diferente... O senhor se recorda de alguma::: de algum fato... de alguma palavra... de algumas dessas gírias que dificultaram o seu trabalho no decorrer desses vinte anos ou isso é irrelevante... assim pro trabalho da polícia?

Tira: Não... irrelevante não... nós já tivemos dificuldades sim... Éh::: uma vez mesmo... quando a gente trabalhava na especializada... na Delegacia Fazendária... crimes contra a::: a Fazenda Pública Estadual... né... éh::: se bem que ai já não fala... não diz respeito sobre a gíria... né... mas assim a pessoa... o malandro que era 171... estelionatário... ele usou a expressão MAIANA... que era o nome de uma pessoa com quem ele tava falando e a gente entendeu que fosse “mãe Ana”... era numa interceptação... né... Então... “mãe Ana”... a gente trabalhou ali como se ele fosse filho da Ana...

E: Ah::: No sentido de mãe...

Tira: Exatamente... Ele tava falando com uma mulher que se chamava Maiana... que era uma cunhada dele algo::: que inclusive ela era do grupo também... do grupo criminoso... mas assim::: a gíria com certeza a gente já deve ter tido dificuldade pra interpretar... que eu não vou me lembrar especificamente em quais casos... quais palavras... mas com certeza... eu acredito que a gente já vivenciou isso aí sim...

E: Ok... Então assim::: o senhor acha que quando o::: o preso que usa essas gírias... né... dentro do sistema penitenciário... como o senhor já falou... já trabalhou dentro do sistema prisional... o senhor acha que ele usa essa gíria também como mecanismo de defesa... pra::: eu estive na CPP... e... por exemplo... um detento me relatou que planejaram uma fuga e falavam em códigos... chamavam a::: o “chuncho”... que já uma gíria... eles chamavam de “bebê”... que eu achei muito interessante... porque eles falavam... “não... é porque é pequena... então a gente chama de bebê”... então... é uma comparação... uma metáfora que eles fazem... então... o senhor acha que eles realmente podem usar essas gírias... essa linguagem secreta... como uma forma de defesa?

Tira: Ahan::: eu acredito que sim...

E: Deixa eu ver... ((folheando o roteiro da entrevista)) Ah... eu acho que o senhor já me respondeu essa próxima pergunta... que é sobre a questão da influência... o senhor disse que acaba... então... os próprios policiais usando um pouquinho essa linguagem... né?

Tira: É... a gente usa sim no dia a dia ((risos))... não tem como... termina influenciando...

E: ((risos)) Ahan... Ok... eu acho que era só isso mesmo... as perguntas... era só pra ter mesmo essa visão geral sobre a linguagem deles... Algumas palavras... assim... o senhor não lembra... né? Algumas gírias que eles utilizam?

Tira: Éh:::... tem “perdeu”... né...

E.: Que é o que... que eles usam em que contexto?

Tira: Assim:::... quando vai tomar algum objeto de alguém num furto... num roubo... né? que quer dizer que ele tomou a propriedade do objeto do verdadeiro dono... né... “Perdeu”:::... que é pro cara nem reagir porque senão vai perder a vida também... né?

E.: Ah:::... tá certo...

Entrevista 22: delegado de polícia Delega (DEIC – Delegacia Especializada em Investigações Criminais) – forma de registro: gravação

E.: Bom... Doutor... primeiro eu queria traçar um perfil... éh::: de alguns dados pessoais pra gente poder traçar esse perfil do nosso informante... nosso colaborador da pesquisa... né... Qual é a formação escolar do senhor... nível de escolaridade... alguma especialização?

Delega: Eu sou formado em direito... né... bacharel em direito e:::... pós-graduado em Direito Público... e:::... processo penal... ()

E.: Qual a idade do senhor?

Delega: Trinta e cinco anos...

E.: Há quanto tempo o senhor atua nessa profissão?

Delega: Treze anos...

E.: Treze anos como delegado?

Delega: Isso...

E.: É assim:::... durante esse treze anos o senhor já trabalhou em tipos de delegacias?

Delega: Eu trabalhei em todas as delegacias aqui da cidade... trabalhei em plantão... e atualmente na DEIC... especializada em investigações criminais...

E.: Tá... e que tipos de crimes vocês investigam aqui mesmo?

Delega: Com mais frequência... tráfico de drogas...

E.: Tráfico de drogas... né... Ah... eu até assisti a reportagem em que vocês estavam incinerando umas drogas...

Delega: Uhun... pois é...

E.: Bom... éh:::... então... essa delegacia aqui... ela cobre a região sul ((do Estado do Tocantins))?

Delega: Isso...

E.: Então... e nessa região... né... durante as investigações... o senhor com seus agentes têm percebido que os marginais do crime de forma geral... eles usam algum tipo de linguagem especial... usa uma palavra pra comunicar com um comparsa... uma palavra... às vezes... mudando o sentido dessa palavra ou criando uma palavra nova pra não serem entendidos pelos policiais... o senhor já percebeu isso em algumas de suas investigações?

Delega: Isso é bastante recorrente nas interceptações telefônicas... né... Principalmente quando o investigado já TÁ no sistema penitenciário... ele está preso... Eles utilizam desses artifícios pra... na:::... na opinião deles... tentar suadir a polícia e:::... e tentar dificultar nossa ação...

E.: E o senhor se recorda de alguma palavra que eles usam?

Delega: Uma... assim... várias... né... Por exemplo... drogas... eles nunca se referem à palavra explicitamente “droga”... eles falam “feijão”... “madeira”... “arroz”... “amarelim”...

E.: Certo... é:::... e assim:::... o seu posicionamento de forma pessoal... como relação a esse tipo de linguagem... a gente sabe que esse público de forma geral é bastante discriminado pela sociedade... por tudo mundo... né... pela prática dos crimes que eles cometem... e aí... pelo estudo que eu faço... a gente percebe que a língua ela reflete a sociedade... né... é o reflexo do:::... do social... e o senhor acha... o seu posicionamento com relação a essa linguagem... o senhor tem certo preconceito com relação a quem fala assim... ou o senhor acha que eles falam assim apenas pra se identificarem... como o senhor vê a gíria dentro do mundo da criminalidade?

Delega: Não... preconceito não... Eu só visualizo essa intenção deles de propagar a prática de crimes e usando dessa linguagem pra dificultar a ação repressiva do Estado... mas não um preconceito estabelecido com relação a isso não...

E.: Certo... E assim:::... durante as investigações... né... nas ligações telefônicas é:::... os policiais têm dificuldade em identificar alguma palavra diferente que foi usada por eles?

Delega: Têm... na maioria das vezes... têm... porque é:::... muitas vezes... no contexto do diálogo sai uma palavra que tá completamente fora daquela:::... da sintonia do que tá sendo escutado... né... Então... a gente tem que se reunir... “O que que esse cara quer falar?” Aí... coloca o áudio de novo... tenta é:::... decifrar o que tá sendo conversado ali... Isso dificulta bastante nosso trabalho sim...

E.: E os policiais que têm:::... assim:::... mais experiência... o senhor acha que eles têm mais facilidade em decifrar... em entender essas palavras?

Delega: Então... com o dia a dia a gente vai:::... acaba pegando também esses... essas gírias que são utilizadas e:::... isso facilita um pouco nosso trabalho também... então... a experiência conta muito nessa hora...

E.: Mas vocês nunca chegaram a fazer:::... tipo::: glossários com essas gírias? Quer dizer... eu acho que o tempo de vocês é limitado... né? Vocês têm tantas outras ocupações... mas nunca ocorreu assim... “Ah... vamos fazer um glossário com os significados dessas palavras pra facilitar o nosso trabalho...” ?

Delega: Não... assim:::... em especial um glossário não... A gente tem assim... mais ou menos assim... digamos... que um banco de dados... né? Essas informações que surgem a cada dia... a gente é:::... a partir do momento que elas são repetidas por outros investigados... a gente já sabe mais ou menos do que se trata... mas não assim:::... especificamente um glossário...

E.: Bom... eu acho que essa pergunta seria mais pros agentes... mas... assim... o senhor acha que os agentes... pelo menos os penitenciários... eu percebi que sim... eles acabam sofrendo essa influência... e de repente ali entre eles... eles já estão falando nas gírias... né... ((risos)) Lá no presídio é engraçado... que quando chega um preso novo eles falam “corró”... né... aí... às vezes chega um policial novo... eles já tão chamando de “corró” também... Éh:::... o senhor percebe assim... o senhor acha que os policiais eles sofrem essa influência e acabam utilizando também essas gírias no:::... no seu conversar diário?

Delega: Eu não consegui visualizar isso ainda nas equipes que eu trabalhei... mas assim... com relação a agente penitenciário é até mais... mais fácil de se explicar o porquê... é:::... pelo contato direto que ele tem com os presos... então eles ficam mais vulneráveis a absorver essa linguagem... Agora:::... acredito que na... nas investigações a gente consegue separar bem...

E.: Bom... eu acho que era só isso... então...

Delega: Só?

E.: Muito obrigada...

ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO JUDICIAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE
CAMPO NA CASA DE PRISÃO PROVISÓRIA DE GURUPI (CPPG)



Poder Judiciário do Estado do Tocantins
Comarca de Gurupi – Vara de Execuções Penais e Tribunal
do Júri - Gabinete do Juiz
Av. Rio Grande do Norte, entre Ruas 3 e 4 – Centro – CEP 77.410-080 – Gurupi/TO,
fone: (0xx63) 3612-7116

Of. n.º 198/2012 – GAB/VEP

Gurupi, 16 de abril de 2012.

ILMO SR.
PAULO SÉRGIO VIEIRA DE SOUZA
CHEFE DA CPPG
GURUPI – TO

Assunto: Autorização para pesquisa sociolingüística

Senhor Chefe,

Informo a V. Sª. que foi autorizada a realização de pesquisa sociolingüística juntamente aos reeducandos desta casa, bem como junto aos agentes carcerários. Tal pesquisa visa realizar um estudo das gírias faladas pelos presidiários e criminosos, visando saber se esta linguagem é utilizada para prática criminosa, bem como para dificultar as investigações criminais.

Eselareço por fim, que a pesquisa será realizada por Solange Cavaleante de Matos, Mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB), e pela Professora Doutora Adjunta da Universidade de Brasília (UNB) Márcia Elizabeth Bortone, caso que os horários para realização das visitas deverão ser previamente agendados, de acordo com a conveniência do chefe da CPPG.

Atenciosamente


ADEMAR ALVES DE SOUZA FILHO
Juiz de Direito

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA CHEFIA DO NÚCLEO DO ESTABELECIMENTO
PENAL CENTRO DE REEDUCAÇÃO SOCIAL LUZ DO AMANHÃ DE CARIRI – TO
PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

Ao Senhor **Daniel Barbosa da Silva Filho**, Chefe do núcleo do estabelecimento penal Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri, Estado do Tocantins.

Solange Cavalcante de Matos, estudante do Curso de Mestrado em Letras/Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, matrícula nº 12/0004283, vem, por meio deste, solicitar a Vossa Senhoria autorização para desenvolver pesquisa sociolinguística junto aos reeducandos e Agentes Penitenciários do Centro de Reeducação Social Luz do Amanhã de Cariri, Estado do Tocantins.

Ressalta-se que o objetivo da pesquisa é fazer um estudo das gírias faladas pelos presidiários e criminosos, a fim de investigar se essa linguagem de grupo é usada como subterfúgio para dificultar as investigações criminais e facilitar a prática de crimes, sendo que os dados coletados serão utilizados na elaboração de Dissertação de Mestrado para obtenção do título de Mestre em Linguística pela estudante.

Cumprir informar que já foi obtida autorização judicial para a coleta de dados na Casa de Prisão Provisório de Gurupi (CPPG), conforme cópia do ofício em anexo, tendo sido, inclusive, iniciada a pesquisa naquele local. Contudo, conforme o andamento da pesquisa, será necessário e relevante estender a coleta de dados também ao Presídio de Cariri, a fim de obtenção de melhores resultados.

Os dados serão coletados através de entrevistas com os policiais e detentos, sendo que a forma de registro será por meio de anotações e gravações das falas dos entrevistados.

Espera-se poder contar com a colaboração de Vossa Senhoria nessa pesquisa que busca comprovar o papel e força da linguagem como instrumento de dominação e identidade cultural dos falantes.

Nestes termos,
 Aguarda deferimento,


Solange Cavalcante de Matos

Mestranda em Linguística – Universidade de Brasília – UnB

*DEFIRO O PEDIDO
 DE PESQUISA A SER
 REALIZADO NA UNIDADE*

*Daniel Barbosa da Silva Filho
 Chefe de Núcleo de Estabelecimento Penal
 Matr. 875062-9*

23/08/2012

MS 10423



Poder Judiciário do Estado do Tocantins
Comarca de Gurupi – Vara de Execuções Penais e Tribunal
do Júri - Gabinete do Juiz
Av. Rio Grande do Norte, entre Ruas 3 e 4 – Centro – CEP 77.410-080 – Gurupi/TO.
fone: (0xx63) 3612-7116

Of. n.º 198/2012 – GAB/VEP

Gurupi, 16 de abril de 2012.

**ILMO SR.
PAULO SÉRGIO VIEIRA DE SOUZA
CHEFE DA CPPG
GURUPI – TO**

Assunto: Autorização para pesquisa sociolinguística

Senhor Chefe,

Informo a V. Sª. que foi autorizada a realização de pesquisa sociolinguística juntamente aos reeducandos desta casa, bem como junto aos agentes carcerários. Tal pesquisa visa realizar um estudo das gírias faladas pelos presidiários e criminosos, visando saber se esta linguagem é utilizada para prática criminosa, bem como para dificultar as investigações criminais.

Esclareço por fim, que a pesquisa será realizada por Solange Cavaleante de Matos, Mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB), e pela Professora Doutora Adjunta da Universidade de Brasília (UNB) Márcia Elizabeth Bortone, caso que os horários para realização das visitas deverão ser previamente agendados, de acordo com a conveniência do chefe da CPPG.

Atenciosamente


ADEMAR ALVES DE SOUZA FILHO
Juiz de Direito